

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Ana Sofia Boucho Pires

Orientadora: Professora Doutora Teresa Silveira Botelho

Lisboa, julho de 2011



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Teresa da Silveira Botelho ,
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Ana Sofia Boucho Pires
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) em Educação ,
..... Prá - Escolar considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 18 de julho de 2011

O(A) Orientador(a)

Teresa da Silveira Botelho

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Ana Sofia Boucho Pires

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado
em Educação Pré-Escolar, sob a orientação da
Professora Doutora Teresa Silveira Botelho

Lisboa, julho de 2011

Agradecimentos

Finalizado mais um ciclo particularmente importante na minha vida, não poderia deixar de exprimir a minha gratidão em relação a todos aqueles que me apoiaram ao longo deste percurso e que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho.

Começo por distinguir a Escola Superior de Educação João de Deus e o respetivo diretor, Professor Doutor António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, a quem agradeço todas as oportunidades que me foram fornecidas, bem como os desafios que me foram postos ao longo da minha formação. Agradeço a todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus, pois contribuíram imenso para a minha formação, transmitindo conhecimentos úteis. Não poderia deixar de reconhecer toda a disponibilidade que prestaram ao longo destes anos de formação.

Agradeço à Professora Doutora Teresa Silveira Botelho, pela orientação prestada, por todo o apoio, dedicação e paciência que sempre revelou ter. Obrigada pela coragem que me soube transmitir.

Não posso deixar de mencionar o Jardim-Escola João de Deus, da Estrela, onde realizei todo o estágio profissional. Agradeço a todo o corpo docente e não-docente, em particular às Educadoras Ana Rita Costa, Rita Durão e Mónica Gonçalves. Agradeço às mesmas o estímulo e a exigência crescentes ao longo deste período. Todas as críticas assinaladas contribuíram para uma melhor prestação. Às crianças que frequentaram o Jardim-Escola João de Deus, da Estrela, no ano letivo de 2010/2011, obrigada por todos os sorrisos, abraços e carinhos, que fizeram parte do meu dia-a-dia nesta instituição. Todos os momentos e experiências que me proporcionaram foram extremamente gratificantes.

Agradeço às minhas colegas de turma/curso, que partilharam muito do seu saber. Em especial à Ana Mafalda Famalicão, que me acompanhou ao longo de todo o estágio profissional. Obrigada pela sinceridade, companheirismo e amizade. Às minhas amigas, agradeço simplesmente o facto de existirem. Raquel, obrigada por todos os dias, horas e minutos que dispensou do seu tempo para me ajudar.

Por último, e não menos importante, agradeço aos meus pais, por me auxiliarem em todos os aspetos, à minha família, pelo amor incondicional, e ao meu namorado, Tiago Antunes, pela paciência, alegria e confiança que me proporcionou.

Muito obrigada a todos!

Índice

Índice de Figuras	XIII
Índice de Quadros	XV
Introdução	1
1. Organização do Relatório de Estágio Profissional	2
2. Interesse do Relatório de Estágio Profissional	3
3. Local de estágio	4
4. Grupo de estágio	5
5. Metodologia utilizada	7
6. Pertinência do Estágio Profissional	8
7. Cronograma de estágio	10
Capítulo 1 – Relatos Diários	13
1.1. Educação Pré-Escolar	14
1.2. Primeira secção: Bibe Encarnado A	17
1.2.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos quatro anos	18
1.2.2. Caracterização da turma	18
1.2.3. Caracterização do espaço	19
1.2.4. Rotinas	20
1.2.5. Horário	21
1.2.6. Relatos diários	23
1.3. Segunda secção: Bibe Azul A	53
1.3.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos cinco anos	54
1.3.2. Caracterização da turma	54
1.3.3. Caracterização do espaço	55

1.3.4. Rotinas	56
1.3.5. Horário	57
1.3.6. Relatos diários	59
1.4. Terceira secção: Bibe Amarelo A	91
1.4.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos três anos	92
1.4.2. Caracterização da turma	92
1.4.3. Caracterização do espaço	93
1.4.4. Rotinas	94
1.4.5. Horário	95
1.4.6. Relatos diários	97
Capítulo 2 – Planificações	123
2.1. Planificações	124
2.2. Planificação do Bibe Encarnado A	131
2.3. Planificação 1 do Bibe Azul A	133
2.4. Planificação 2 do Bibe Azul A	135
2.5. Planificação 1 da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional	138
2.6. Planificação 2 da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional	141
2.7. Planificação 3 da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional	144
2.8. Planificação 4 da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional	146
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação	149
3.1. Avaliação	150
3.2. Avaliação Diagnóstica	152
3.3. Avaliação Formativa	154
3.4. Avaliação Sumativa	155

3.5. Avaliação na Educação Pré-Escolar	157
3.6. Primeiro dispositivo de avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	160
3.7. Segundo dispositivo de avaliação: Domínio da Matemática	169
3.8. Terceiro dispositivo de avaliação: Área do Conhecimento do Mundo	177
Capítulo 4 – Reflexão Final	183
4.1. Reflexão final	184
4.2. Limitações	187
4.3. Novas pesquisas	188
Referências Bibliográficas	191
• Referências bibliográficas	192
• Referências eletrónicas	197
Anexos	199
• Anexo A – Regulamento: ano letivo 2010/2011	A1
• Anexo B – Plano de aula e proposta de atividade “um bicho estranho”	B1
• Anexo C – Planificação da atividade “o céu está a cair”	C1
• Anexo D – Planos de aula da manhã de atividades e proposta de atividade “a casa”	D1
• Anexo E – Planificação da manhã de atividades e proposta de atividade “a família”	E1
• Anexo F – Plano de aula da atividade “a que sabe a lua?”	F1
• Anexo G – Planificação da aula de 60 minutos alusiva ao “Natal”	G1
• Anexo H – Planificação da manhã de atividades “o dragão barbudo”	H1
• Anexo I – Planificação da aula programada “a tartaruga”	I1

• Anexo J – Planificação da aula de dia inteiro e proposta de atividade “a borboleta”	J1
• Anexo K – Planificação da manhã de atividades e proposta de atividade “o pinguim”	K1
• Anexo L – Plano de aula e proposta de atividade “Blocos Lógicos”	L1
• Anexo M – Plano de aula e proposta de atividade “mamã maravilha”	M1
• Anexo N – Planificação da manhã de atividades e proposta de atividade “os frutos”	N1
• Anexo O – Proposta de atividade referente à Área do Conhecimento do Mundo	O1
• Anexo P – Planificação da manhã de atividades “a praia”	P1
• Anexo Q – Planificação da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional	Q1

Índice de Figuras

Figura 1 – Fachada do Jardim-Escola João de Deus da Estrela	4
Figura 2 – Par de estágio: Ana Mafalda Famalicão e Ana Sofia Pires	6
Figura 3 – Salão do Jardim-Escola João de Deus da Estrela	20
Figura 4 – Representação da roda	21
Figura 5 – Trabalho individual: “Um bicho estranho”	28
Figura 6 – Trabalho de grupo: “O céu está a cair”	30
Figura 7 – Placard da fachada da casa	31
Figura 8 – Proposta de atividade: construção de uma casa	31
Figura 9 – Atividade: os membros da família	41
Figura 10 – Circuito	43
Figura 11 – Atividade: “A que sabe a lua?”	47
Figura 12 – Placard com a decoração de Natal	49
Figura 13 – Placard com votos de Feliz Natal	49
Figura 14 – Presépio construído	50
Figura 15 – Sala do Bibe Azul A	56
Figura 16 – Poema “O dragão”	63
Figura 17 – Tangram: construção da tartaruga	67
Figura 18 – A tartaruga Guidas	67
Figura 19 – Conclusão da atividade relativa aos animais da selva	74
Figura 20 – Exploração da Cartilha Maternal	77
Figura 21 – Atividade com o material Geoplano	79
Figura 22 – Atividade de estimulação à leitura	79
Figura 23 – Localização do lugar onde vivem os pinguins	84

Figura 24 – Medição da altura de um pinguim adulto	84
Figura 25 – Tabela de dupla entrada referente aos Blocos Lógicos	88
Figura 26 – Sala do Bibe Amarelo A	93
Figura 27 – Atividade do Conhecimento do Mundo	103
Figura 28 – Atividade do Domínio da Matemática	103
Figura 29 – Atividade “os frutos”	106
Figura 30 – Atividade “pequeno azul e pequeno amarelo”	109
Figura 31 – Atividade de estimulação à leitura	113
Figura 32 – Atividade de matemática	113
Figura 33 – Jogo “A praia”	115
Figura 34 – Placar relacionado com a história de uma nuvem	116
Figura 35 – Atividade de estimulação à leitura: A quinta do Miguel	118
Figura 36 – Área do Conhecimento do Mundo: O pato Tété	118
Figura 37 – Um modelo de ensino centrado em processos, como desenvolvimento de capacidades e valores	130
Figura 38 – Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	168
Figura 39 – Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	176
Figura 40 – Avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	181

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de estágio	10
Quadro 2 – Cronograma de estágio profissional	11
Quadro 3 – Horário do Bibe Encarnado A	22
Quadro 4 – Horário do Bibe Azul A	58
Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A	96
Quadro 6 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo	131
Quadro 7 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	133
Quadro 8 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	135
Quadro 9 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	138
Quadro 10 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	141
Quadro 11 – Plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo	144
Quadro 12 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Motora	146
Quadro 13 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	163
Quadro 14 – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	164
Quadro 15 – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	165
Quadro 16 – Grelha de avaliação dos parâmetros 3 e 4 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	166
Quadro 17 – Grelha de avaliação do parâmetro 5 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	167

Quadro 18 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	168
Quadro 19 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	172
Quadro 20 – Grelha de avaliação dos parâmetros 1 e 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	173
Quadro 21 – Grelha de avaliação dos parâmetros 3 e 4 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	174
Quadro 22 – Grelha de avaliação dos parâmetros 5 e 6 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	175
Quadro 23 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	176
Quadro 24 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	179
Quadro 25 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	180

Introdução

Este Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II, que teve início a 11 de outubro de 2010 e terminou a 8 de julho de 2011. Realizou-se durante três dias/semana, sendo estes às segundas, terças e sextas-feiras, das 9h às 13h. A partir do dia 28 de março de 2011, passei a realizar o Estágio Profissional às quartas-feiras, das 9h às 11h e das 13h às 15h, e às sextas-feiras das 9h às 18h. Ao longo do período de Estágio Profissional estive presente nos três níveis distintos do Ensino Pré-Escolar.

De seguida, é descrita a forma como o relatório se encontra organizado, referindo o seu interesse. No que diz respeito ao Estágio Profissional, é caracterizado o local assim como o grupo de estágio, depois é referida a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e, por fim, é apresentado o cronograma.

O Relatório de Estágio Profissional será o último momento de avaliação que me habilitará a exercer a docência. Este Relatório de Estágio Profissional foi redigido segundo o novo acordo ortográfico.

1. Organização do Relatório de Estágio Profissional

O Relatório de Estágio Profissional encontra-se dividido em 4 capítulos, com uma introdução. O capítulo 1, é dedicado aos Relatos Diários, onde são registadas as observações mais pertinentes de toda a manhã de estágio. Depois das observações, são apresentadas as inferências, cientificamente fundamentadas. Em cada momento de estágio é realizado um enquadramento teórico.

No capítulo 2, designado por Planificações, são descritas as atividades realizadas. Estas atividades são acompanhadas por uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem, assim como pela fundamentação científica e explicação das metodologias/estratégias utilizadas.

No capítulo 3, denominado Dispositivos de Avaliação, exponho as avaliações que realizei durante as aulas que leccionei no Estágio Profissional, referentes a duas áreas: Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática. Neste capítulo, justifico as estratégias que decidi aplicar juntamente com o suporte de referência teórico. Refiro também a importância da avaliação no Ensino Pré-Escolar.

Por fim, no capítulo 4, será a altura da Reflexão Final, onde exprimo a pertinência do estágio para a minha formação profissional.

2. Interesse do Relatório de Estágio Profissional

Pessoalmente, este trabalho é extremamente importante por diversas razões, de entre as quais destaco três, que considero fulcrais. Em primeiro lugar, o Relatório de Estágio Profissional é um elemento de avaliação essencial para a conclusão do mestrado. Somente com a certificação do mesmo estarei apta a exercer a profissão de Educadora.

O segundo motivo relaciona-se com a elaboração do Relatório de Estágio pois, para a construção do mesmo, é necessário aliar a prática à teoria. Desta forma, para além do Estágio Profissional, é necessário um trabalho de pesquisa e investigação ao nível de conceitos, ideias e processos, que se encontram implícitos na minha área de formação. Todas as pesquisas e descobertas contribuirão para a reflexão, obtendo uma visão mais realista.

Por último, e não menos importante, menciono que a realização deste relatório contribui para a concretização de um sonho. Com a conclusão do mestrado terei as habilitações necessárias para trabalhar com crianças do Ensino Pré-Escolar.

É fundamental que o Educador transmita conhecimentos e estimule as potencialidades de cada criança, visando um desenvolvimento equilibrado e uma estrutura mental eficaz e adequada às exigências da nossa sociedade.

A todas as razões mencionadas anteriormente junta-se a comunidade, à qual prestarei serviços que devem ser obrigatoriamente de qualidade. A partir deste relatório poderei extrair ilações que contribuirão para solucionar problemas e propostas que me poderão auxiliar a construir novos projetos ao nível profissional. Ainda aliado ao factor pessoal e profissional, permanece a oportunidade de consultar o relatório sempre que surja alguma dúvida. Deste modo é pertinente consolidar os conhecimentos e retirar ensinamentos que, futuramente, me ajudem a ultrapassar certas situações.

Em suma, este relatório é essencial para mim enquanto futura profissional, para mim enquanto pessoa, para a comunidade envolvente e espero que seja uma mais-valia para todos os que tiverem a possibilidade de o consultar.

3. Local de estágio

Ao longo do mestrado, estagiei no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Este é apenas um dos vários centros da Associação de Jardins-Escola, espalhados por todo o País. Seguidamente, apresento uma breve caracterização deste Jardim-Escola.

O Jardim-Escola situa-se no centro da cidade de Lisboa, numa zona urbana e residencial, com alguns espaços comerciais. O Jardim-Escola João de Deus da Estrela é o mais antigo Jardim-Escola de Lisboa, foi fundado em 1915 e localiza-se junto à Escola Superior de Educação João de Deus e ao Museu João de Deus. Este Jardim-Escola pertence à freguesia de Santa Isabel, concelho e distrito de Lisboa. Esta instituição situa-se no centro de três bairros, sendo estes: Campo de Ourique, Lapa e São Bento.

Devido ao facto de se localizar no centro de Lisboa, o Jardim-Escola integra-se numa avenida de grande movimento. Próximo do Jardim-Escola localiza-se o jardim da Estrela, repleto de espaços verdes, onde as crianças podem interagir com a natureza. À frente do Jardim-Escola encontra-se uma Escola Secundária (Liceu Pedro Nunes). Esta é uma zona de fácil acesso e existem diferentes meios de transporte, tais como: autocarros, eléctricos e o metropolitano.



Figura 1- *Fachada do Jardim-Escola João de Deus da Estrela*

No que concerne ao espaço exterior do Jardim-Escola, é possível observar duas zonas de recreio: uma destinada aos alunos do 1.º Ciclo e a outra área frequentada por crianças do Pré-Escolar. Em ambos os espaços existe um local de divertimento para as crianças, como por exemplo, o escorrega. Para além desta estrutura, os dois recreios

encontram-se rodeados por canteiros que contêm arbustos e algumas árvores. Desta forma, é privilegiado o contacto com a natureza.

Relativamente ao espaço interior, este Jardim-Escola possui doze salas de aula, um salão, uma sala multiusos, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, um gabinete médico, uma sala de professores, um gabinete de Direção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, três despensas, uma sala de material de Educação Física, um vestíbulo, cinco zonas de casas de banho para crianças, quatro zonas de casas de banho para adultos e dois espaços exteriores.

No Jardim-Escola João de Deus da Estrela as crianças têm a possibilidade de frequentar as seguintes atividades extra curriculares: dança/ballet, xadrez, inglês, taekwondo, teatro, expressão dramática e cinema, cerâmica, hip-hop, ginástica, pequenos jornalistas, sala de estudo e catequese.

As crianças que frequentam o Jardim-Escola possuem idades compreendidas entre os três e os dez anos de idade. Cada turma é composta em média por 28 alunos. No Jardim-Escola da Estrela as turmas são homogéneas relativamente à idade, ou seja, as crianças estão separadas pelas diferentes faixas etárias. Cada faixa etária usa um bibe com uma cor diferente. Na Educação Pré-Escolar, as crianças de 3 anos usam um Bibe Amarelo, as do Bibe Encarnado têm 4 anos e as do Bibe Azul têm 5 anos. No 1.º Ciclo as crianças também usam bibe. As crianças do 1.º Ano do Ensino Básico vestem um Bibe Castanho, os alunos do 2.º Ano do Ensino Básico usam um Bibe Verde, as crianças do 3.º Ano do Ensino Básico vestem um Bibe Azul-claro e os alunos do 4.º Ano do Ensino Básico utilizam um Bibe Azul-escuro.

Neste Jardim-Escola trabalha uma equipa constituída por: uma diretora, seis educadoras, oito professores do 1.º Ciclo, quatro docentes de apoio educativo, dois professores de aulas práticas laborais, três professores de Educação Física, um professor de Educação Musical, uma professora de Inglês e sete professores de atividades extra-curriculares. No que concerne ao corpo não-docente este é formado por uma funcionária administrativa, uma auxiliar de ação educativa, uma cozinheira e doze funcionárias auxiliares.

4. Grupo de estágio

No Estágio Profissional é fundamental existir um grupo com quem se possa partilhar experiências, ideias e opiniões. Ao longo dos três anos da Licenciatura em

Educação Básica, o meu par de estágio foi a Sara Santos. Com ela pude realizar as primeiras observações e foi com ela que lecionei as primeiras aulas. Ao presenciar as suas aulas, pude observar diferentes estratégias, bem como uma diversidade enorme de materiais.

No Mestrado de Educação Pré-Escolar o meu par de estágio foi a Ana Mafalda Famalicão, uma nova colega de turma, dinâmica e trabalhadora. Com este novo par de estágio, foi estabelecida uma relação de amizade e companheirismo. Com a Ana Mafalda foi possível preparar atividades em conjunto, observar novas estratégias e aplicar materiais inovadores. Gostei bastante de trabalhar com ela, pois foi uma pessoa que partilhou sempre a sua opinião sincera e me incentivou a por em prática estratégias distintas.

A partir do dia 14 de março de 2011, devido ao facto de mudarem de curso, a Ana Rita Nunes e a Alexandra Matos passaram a fazer parte do meu grupo de estágio.



Figura 2- Par de estágio: Ana Mafalda Famalicão e Ana Sofia Pires

Segundo Korthagen (2009), “na educação, descobriu-se a importância, tanto para os alunos como para os professores, da aprendizagem cooperativa e da co-criação do conhecimento” (p.44). O mesmo autor refere que é benéfica “a aprendizagem reflexiva assistida por pares”; desta forma “o apoio dos pares é, muitas vezes, mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas dos formadores de professores” (p.51). Em suma, a reflexão assistida por pares é uma preparação para uma “aprendizagem profissional contínua com os colegas, quando se tornam professores” (p.51).

5. Metodologia utilizada

A metodologia que utilizei para a recolha de dados foi a observação e a análise documental.

Afonso (2005) define a observação como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pela opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (p.91).

Segundo Quivy & Campenhoudt (1992), “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis” (p. 155). Os mesmos autores distinguem dois tipos de observação, a observação direta e a observação indireta. Referem que a observação direta “é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela diretamente ao seu sentido de observação” (p.164). Relativamente à observação indireta, mencionam que nesta “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida diretamente, sendo, portanto, menos objectiva” (p.164).

Quivy & Campenhoudt (1992) reforçam que a observação direta é um método “baseado na observação visual”...“os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social, que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho”. Noutros métodos “os acontecimentos, as situações ou os fenómenos estudados são reconstituídos a partir das declarações dos atores, ou dos vestígios deixados por aqueles que os testemunharam, direta ou indiretamente” (p.196).

Lucas (2006) menciona que a observação participante ou observação direta consiste numa “técnica não documental”. Esta também pode ser intitulada por observação naturalista ou descritiva. Segundo este autor, a técnica da observação participante é “caracterizada pelo papel e a postura que o investigador adopta durante a observação, bem como o seu nível de participação e interação com o que observa”.

No que concerne à análise documental, Afonso (2005) refere-se à mesma utilizando o seguinte termo: “pesquisa arquivística ou documental”. O mesmo autor reforça que “a pesquisa arquivística consiste na utilização de informação existente em

documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação.” Assim, “o investigador não precisa de recolher a informação original. Limita-se a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas, em geral, diferentes dos objectivos da pesquisa” (p.88).

Afonso (2005) distingue três tipos de documentos: “documentos oficiais, documentos públicos e documentos privados” (p.89). Para a realização do Relatório de Estágio Profissional consultei diversos documentos, tais como: os dossiês de turma, os horários, as fotografias, o projeto educativo do Jardim-Escola João de Deus da Estrela, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, entre outros.

Metodologicamente este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000), de forma a organizar a construção do trabalho que realizei.

6. Pertinência do Estágio Profissional

O Estágio Profissional é extremamente importante, uma vez que é uma preparação para a vida docente. O Estágio Profissional é relevante para a formação de profissionais de qualquer área. Neste caso, o estágio é o local onde se podem observar diferentes realidades. Não basta aprender a teoria, pois a prática é essencial. O sucesso de qualquer estagiário, enquanto futuro profissional, não está dependente apenas da teoria compreendida durante os tempos de vida académica. De modo a se tornarem bons profissionais, é necessária a prática supervisionada de forma a refletir e melhorar as ações no terreno. É através da prática orientada no Estágio Profissional que se adquire competências que, no futuro, me permitirão atuar autonomamente.

Galveias (2008) declara que na prática pedagógica é necessário construir um conhecimento profissional na interação permanente entre a teoria e a prática.

O Estágio Profissional é ainda essencial para a construção da identidade profissional do docente, na medida em que faculta uma inclusão de conhecimentos teóricos e de procedimentos. É também no Estágio Profissional que decorre uma aproximação das situações que ocorrem no exercício profissional. Desta forma o Estágio Profissional e a orientação presenteada pelos docentes do grupo de supervisão pedagógica, nas reuniões de reflexão e de avaliação, foram imprescindíveis para que a minha formação fosse um desafio de qualidade, preparando-me para um futuro

profissional como Educadora. Korthagen (2009) salienta que, na formação de professores, a articulação contínua entre a prática e a teoria consiste na abordagem realista, onde as suas principais características são:

- “trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontam durante o ensino e que causaram preocupação ao aluno futuro professor;
- reflexão e interação entre os alunos futuros professores” (pp.42-43).

Guimarães e Lopes (2007) defendem que “a formação oferecida em sala de aula é fundamental; contudo, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício da profissão docente” (p.3662). De acordo com Korthagen (2009), para “promover a aprendizagem contínua dos professores, temos de desenvolver a sua competência de desenvolvimento. Por conseguinte, teremos de investir mais no desenvolvimento da sua capacidade para dirigir a sua própria aprendizagem” (p.44).

Estrela *et al* (2002), mencionado por Galveias (2008), apresentam várias recomendações relativas à prática pedagógica, tais como:

(i) “a prática pedagógica deve centrar-se na análise de situações reais do exercício profissional”; (ii) “a prática pedagógica deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia do professor, implicando a tomada de consciência de si e da situação onde age”; (iii) “a prática pedagógica deve focar não apenas a sala de aula, mas toda a actividade do professor, pelo que deve dar-se atenção à variedade de contextos em que aquela pode desenvolver-se”; (iv) “a prática pedagógica deve privilegiar o trabalho em equipa, propiciador de momentos variados de observação, diálogo e de troca” (p.10).

Segundo Day (2001), citado em Flores e Simão (2009), “os professores não podem ser formados (passivamente), eles formam-se (activamente). É, portanto, vital que participem activamente na tomada de decisões sobre o sentido e os processos da sua própria aprendizagem” (p.7). De acordo com Loureiro (2000), “espera-se que a formação inicial possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional” (p.33).

Medina e Domínguez (1989), citados por García (1999), consideram que a formação de professores é como uma “preparação e emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-acção inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projecto educativo comum”

(p.23). Neste contexto García (1999) ainda salienta que “a formação de professores representa um encontro entre pessoas adultas, uma interação entre formador e formando, com a intenção de mudança, desenvolvida num contexto organizado e institucional mais ou menos delimitado” (p.22).

7. Cronograma de estágio

No Estágio Profissional I e II, como foi referido anteriormente, tive a possibilidade de permanecer em três salas do Ensino Pré-escolar. Primeiro estagiei no Bibe Encarnado A (4 anos), posteriormente no Bibe Azul A (5 anos) e, por último, no Bibe Amarelo A (3 anos). Estes diferentes períodos de estágio podem ser observados no quadro 1. Esta é a nomenclatura utilizada para os três níveis do Ensino Pré-Escolar no universo de todos os Jardins-Escolas e Centros Educativos da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus.

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de estágio

Bibe Encarnado A		Bibe Azul A		Bibe Amarelo A	
11 de outubro de 2010	17 de dezembro de 2010	3 de janeiro de 2011	1 de abril de 2011	4 de abril de 2011	8 de julho de 2011

Embora o Estágio Profissional tivesse decorrido até à data de 8 de julho, foi acordado que no capítulo 1, os relatos diários iriam terminar no último dia de estágio do mês de junho. Desta forma, no cronograma construído, os meses vão de outubro a junho.

Em seguida será apresentado o cronograma (quadro 2) onde consta o número total de horas dedicadas às aulas lecionadas por mim. Neste cronograma estão presentes as aulas programadas para a Educadora Cooperante, não só as manhãs obrigatórias como também outras atividades desenvolvidas; as aulas programadas para a equipa de supervisão; as aulas surpresa da Educadora Cooperante; as aulas surpresa da equipa de supervisão; e por fim, a Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional. Todas estas aulas estão assinaladas no mês e no Bibe que ocorreram.

Quadro 2 – Cronograma de estágio profissional

Meses	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	Horas/ minutos
Aulas Programadas (Educadora Cooperante)	22 29	2 26 29	6 14	14	11	3 21 30	27	6 18 27	8 9	36 h
Aulas Programadas (Equipa de Supervisão)				24						1 h
Aulas Surpresa (Educadora Cooperante)		16								30 min.
Aulas Surpresa (Equipa de Supervisão)		12								30 min.
Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional									17	1 h 15 min.
Total de horas										39 h 15 min.

Para além das aulas lecionadas e das atividades desenvolvidas, individualmente ou em grupo durante todo o período de estágio, observei as diversas Educadoras a desenvolverem atividades e assisti às aulas lecionadas pelas minhas colegas que frequentam o mestrado em Educação Pré-Escolar.

Simultaneamente ao período de Estágio Profissional, foi necessário dedicar muito do meu tempo na elaboração do Relatório de Estágio Profissional, através de pesquisas bibliográficas e de reuniões de acompanhamento com a minha orientadora.

Não é de todo possível dizer concretamente o número total de horas utilizadas para a realização do Relatório de Estágio Profissional. A estimativa efetuada no final revelou que foram utilizadas cerca de 940 horas para a construção do Relatório de Estágio Profissional. Realizei, 544 horas no período de estágio, 46 horas a mais no período de estágio e 350 horas na realização do Relatório de Estágio Profissional.

Devido ao facto do Relatório de Estágio Profissional se encontrar relacionado com o ato de ensinar, considero relevante salientar alguns aspectos. Lerbet (1986), citado por Loureiro (2000), identifica na atividade de ensinar duas funções distintas, uma “com a finalidade de informar, isto é, proporcionar os conteúdos aos alunos na situação de aprendizagem”, a outra “tendo como finalidade a relação, consistia em facilitar a aprendizagem a um nível mais afectivo e social” (p.36). Neste sentido é essencial estabelecer uma relação pedagógica com as crianças. Postic (1984) defende que a relação educativa é “o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objectivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afectivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história” (p.12).

Para que todo este processo decorra da melhor forma é essencial na formação inicial os estagiários serem orientados por elementos da supervisão. De acordo com Sá-Chaves (1996), citada por Galveias (2008), o processo de supervisão caracteriza-se por “um relação entre o formador e um elemento em formação, relação essa cuja natureza substantiva se constitui num corpo de saberes que, nessa relação, se (trans)accionam” (p.8). Segundo Jacinto (2004), “no processo de formação, o orientador é considerado um especialista no domínio das técnicas de ensino”, desta forma cria “situações de treino com vista à aquisição por parte do estagiário das técnicas e competências consideradas eficazes” (p.40).

Estrela *et al* (2002), citado por Galveias (2008), mencionam alguns princípios relativos à formação inicial de professores, tais como:

- (i) “a prática pedagógica deve centrar-se na análise de situações reais do exercício profissional”; (ii) “a prática pedagógica deve orientar-se quer para o desenvolvimento da competência técnica quer para o desenvolvimento das competências científicas, éticas, sociais e pessoais”; (iii) “a prática profissional deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia do professor, implicando a tomada de consciência de si e da situação onde age”; (iv) “a prática pedagógica deve focar não apenas a sala de aula, mas toda a actividade do professor, pelo que deve dar-se atenção à variedade de contextos em que aquela pode desenvolver-se”; (v) “a prática pedagógica deve privilegiar o trabalho em equipa, propiciador de momentos variados de observação, diálogo e de troca”; (vi) “a prática pedagógica deve privilegiar espaços que favoreçam a construção de um saber pedagógico como resultado da interacção entre os saberes já adquiridos e o questionamento, provocado pela vivência dos problemas profissionais contextualizados” (p.10).

Capítulo 1

Relatos Diários

Este capítulo encontra-se dividido em três secções, de acordo com os três momentos de estágio. Neste capítulo serão apresentados os relatos das observações realizadas durante o período de estágio no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Cada relato será assinalado com a respectiva data. Após o registo das observações serão expostas as inferências, seguidas de fundamentação científica. Ao longo de cada dia de estágio serão apenas explorados os aspectos mais significativos das situações vivenciadas.

A primeira secção diz respeito ao estágio realizado no Bibe Encarnado A, ou seja, à faixa etária dos quatro anos. A segunda secção refere-se ao estágio efectuado no Bibe Azul A, ou seja, à faixa etária dos cinco anos e a terceira secção remete ao estágio realizado no Bibe Amarelo A, ou seja, à faixa etária dos três anos.

Em cada secção será realizado um enquadramento teórico. Este enquadramento teórico encontra-se antes dos relatos diários e consta de uma caracterização das crianças em cada faixa etária do ensino pré-escolar, da caracterização da turma, da caracterização do espaço, das respectivas rotinas e do horário.

Devido ao facto do meu relatório de estágio profissional incidir apenas na Educação Pré-Escolar, considero pertinente expor uma breve contextualização da mesma.

1.1. Educação Pré-Escolar

A Educação Pré-Escolar é essencial para um desenvolvimento bem-sucedido relativamente ao processo de ensino-aprendizagem de cada criança. Desta forma, quanto mais cedo a criança se familiarizar com os vários domínios, mais cedo a criança compreenderá o mundo que a rodeia. Adquirindo assim literacia, de maneira a ser um bom cidadão para a sociedade de progresso e tecnologia, onde está inserida.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, salienta, no seu artigo 2.º, que a Educação Pré-Escolar é a primeira fase da educação básica no processo de instrução ao longo da vida. Segundo a mesma Lei, a Educação Pré-Escolar é “complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. Zabalza (1992a) refere, em termos genéricos e muito vagos, que a educação infantil “se trata daquele conjunto de intervenções educativas,

realizadas na escola com crianças dos 0 aos 6 anos” (p.9). O mesmo autor revela que “a educação infantil está constituída por um conjunto de factores e agentes que intervêm coordenadamente na, e a partir da, instituição escolar para conseguir certos efeitos educativos” (p.9).

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, menciona, no seu artigo 10.º, os objectivos da Educação Pré-Escolar, sendo estes:

(i) “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania”; (ii) “fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade”; (iii) “contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem”; (iv) “estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas”; (v) “desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo”; (vi) “despertar a curiosidade e o pensamento crítico”; (vii) “proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e coletiva”; (viii) “proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança”; (ix) “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade”.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2001), “mais do que nunca, as crianças despendem parte do seu dia no jardim de infância, na creche ou na pré-escola” (p.339). Estes são locais onde as crianças mais novas aprendem. Segundo os mesmos autores é preciso que estes locais ofereçam às crianças um ambiente no qual possam desenvolver atividades, adaptado aos seus interesses, capacidades e estilos de aprendizagem individuais. É através destas atividades que as crianças experimentam sucessos que promovem a confiança e a auto-estima.

Ainda os mesmos autores defendem que “um bom jardim de infância fornece experiências que levam as crianças a aprender, fazendo” (p.341). Estes locais devem estimular os sentidos das crianças através da arte, música e materiais tácteis, como, por exemplo, a plasticina. É necessário que as crianças sejam encorajadas a falar, observar, criar e resolver problemas. É através da contagem de histórias, do jogo dramático, da conversação e das atividades escritas, que as crianças são auxiliadas a desenvolver as competências de pré-literacia.

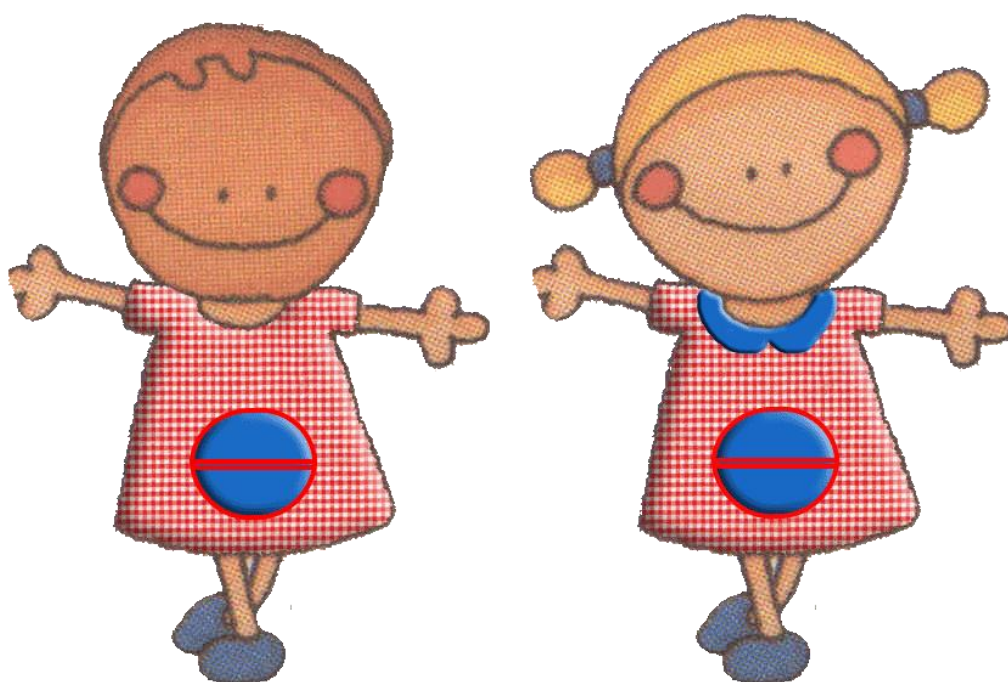
Segundo Piaget, mencionado por Ferreira e Santos (1994), as crianças dos dois aos quatro anos e meio se encontram no estágio pré-operatório. Este estágio é marcado por mudanças significativas ao nível cognitivo, sócio-afectivo e psicomotor. Há uma maior interação com os adultos. Ferreira e Santos (1994) mencionam que “a criança brinca todo o tempo, sendo o jogo uma actividade que envolve e integra muitos aspectos do desenvolvimento” (p.11). Os mesmos autores referem que se assiste a uma diminuição do pensamento egocêntrico, “pois brincando a jogos em pares ou em grupo a criança aprende a esperar a sua vez, a contar com a jogada do outro, a compreender as regras, a partilhar e a confrontar-se com outras visões sobre a mesma realidade” (p.12). Desta forma o desenvolvimento intelectual realiza-se através de sucessivas reconstruções, incorporando as aprendizagens num processo de equilibração progressiva.

Papalia, Olds e Feldman (2001) salientam que as crianças na faixa etária dos 3 aos 6 anos se encontram no período pré-escolar. Os principais desenvolvimentos das crianças nestas faixas etárias são:

- (i) “o crescimento é estável; a aparência torna-se mais delgada e as proporções do corpo mais semelhantes às do adulto”; (ii) “o apetite diminui e problemas de sono são frequentes”; (iii) “surge a lateralidade; as competências motoras finas e grossas e a força progridem”; (iv) “o pensamento é algo egocêntrico, mas a compreensão pela perspectiva dos outros aumenta”; (v) “a imaturidade cognitiva conduz algumas ideias ilógicas acerca do mundo”; (vi) “a memória e a linguagem progridem”; (vii) “a experiência em contextos de educação pré-escolar é frequente”; (viii) “o auto-conceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a auto-estima é global”; (ix) “a identidade de género desenvolve-se”; (x) “o jogo torna-se mais imaginativo, mais elaborado e mais social”; (xi) “aumento da independência, iniciativa, auto-conceito e higiene”; (xii) “o altruísmo, a agressão e os medos são frequentes”; (xiii) “a família continua a ser o centro da vida social, mas as outras crianças tornam-se mais importantes” (p.10).

Zabalza (1992a) salienta que “a acção educativa não é indiferente às características dos sujeitos nem ao marco normativo institucional em que actua, nem ao meio ambiente onde está inserida” (p.10). O mesmo autor reforça que “a criança da pré-escolar tem sentimentos muito intensos que exprime através da sua conduta e da sua forma de estar”, por outro lado “o seu vocabulário é escasso e não é adequado para formalizar esses sentimentos” (p.25).

1.2. Primeira secção: Bibe Encarnado A



Educadora: Ana Rita Costa

Período de estágio: 11 de outubro de 2010 a 17 de dezembro de 2010

1.2.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos quatro anos

De acordo com Cordeiro (2008), as crianças aos quatro anos, regra geral, apresentam determinados parâmetros de desenvolvimento. Ao nível da motricidade grossa, a criança salta e consegue equilibrar-se num só pé durante pelo menos cinco segundos, sobe e desce escadas sem apoio, pontapeia uma bola com direção, atira a bola com a mão, consegue apanhar uma bola lançada na sua direção e consegue andar para a frente e para trás com facilidade.

Relativamente à motricidade fina, a criança desenha formas quadradas ou rectangulares, desenha uma pessoa com duas a quatro partes do corpo, usa uma tesoura e consegue começar a copiar algumas letras maiúsculas, reconhecendo as do próprio nome.

No que concerne à linguagem, a criança entende o conceito de igual ou diferente, sabe usar as regras principais da gramática, fala com frases de cinco a seis palavras, fala suficientemente bem para ser entendido por estranhos e conta histórias.

No campo cognitivo, a criança sabe as cores principais, entende o conceito de contar e sabe alguns números, dá a sua opinião e tem a sua razão, começa a ter uma noção do tempo e suas referências, cumpre ordens com três etapas, lembra-se de partes de histórias e gosta muito do faz-de-conta.

No que diz respeito ao campo social, a criança gosta de desafios e experiências novas, coopera com outras crianças, brinca aos pais e às mães, adiciona pormenores criativos às histórias, sabe fantasiar, veste e despe roupas simples, começa a negociar num conflito e ganha independência.

Na área emocional, a criança vê monstros nas imagens ou representações desconhecidas, vê-se como uma pessoa com corpo, mente e sentimentos e distingue a realidade da fantasia na maior parte das situações.

1.2.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Encarnado A é composta por vinte e oito crianças. Destas vinte e oito crianças, quinze são do sexo feminino e treze são do sexo masculino. Uma das crianças do sexo feminino veio transferida do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e revela ter motivação e interesse pelas várias aprendizagens.

Segundo as informações transmitidas pela Educadora do Bibe Encarnado A, determinados elementos do grupo revelam ter algumas dificuldades ao nível das aprendizagens. Estas dificuldades incidem sobre a alimentação, a autonomia, a motricidade fina e a resolução de problemas que envolvam o cálculo.

Entre estes vinte e oito elementos, há que salientar duas crianças. Uma delas revela ter uma grande falta de concentração, o que prejudica o seu rendimento escolar e o seu nível de aprendizagem é inferior aos restantes elementos da turma. A outra criança demonstra atitudes menos afetuosas para com os colegas. Neste grupo não foi detectada nenhuma criança com Necessidades Educativas Especiais.

1.2.3. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Encarnado está localizada no salão. É neste espaço que as crianças passam a maior parte do tempo. O salão é um local de passagem para os seguintes espaços: portaria, hall de entrada, refeitório, sala do Bibe Castanho A e B, escadas que dão acesso às salas do Bibe Azul Claro e biblioteca. O salão é bastante amplo e está dividido em três espaços: o espaço do Bibe Encarnado A, o espaço do Bibe Encarnado B e um espaço em comum, onde se reúnem as duas turmas. Entre o espaço do Bibe Encarnado A e o espaço do Bibe Encarnado B está um biombo. Este biombo tem diversas utilidades, serve de separador, quadro e as aberturas são o palco onde as crianças podem realizar diversas dramatizações com fantoches ou dedoches. No lado do Bibe Encarnado A estão cinco mesas com a forma hexagonal, uma mesa para a respectiva Educadora e um placard onde são afixados os trabalhos que as crianças realizam em casa. Relativamente ao espaço onde se reúnem os dois bibes, há dois placares temáticos e uma televisão tipo plasma.

Este espaço possuiu alguma luz natural, as janelas são protegidas pelas portadas no exterior, e no interior há cortinados e encontram-se diversos móveis, todos eles encostados às paredes. Uns móveis são de grandes dimensões, outros possuem uma dimensão mais reduzida relativamente à altura. Desta forma, os móveis maiores servem para guardar todo o tipo de materiais, tais como: materiais manipulativos, jogos, puzzles, dossiês e livros. Nos outros móveis, aos quais as crianças têm acesso, estão os materiais que são usados regularmente, como por exemplo: lápis, plasticinas, livros e folhas. Os cabides onde as crianças do Bibe Encarnado A e B colocam os seus pertences encontram-se na portaria. Relativamente à decoração do salão, para além dos placardes

e das pinturas (frescos), são apenas colocados adornos em épocas festivas, como por exemplo no Natal.

Relativamente a este bibe existe uma grande particularidade, uma vez que as duas turmas ocupam o mesmo espaço é fulcral que haja uma grande organização por parte das Educadoras desta valência. Assim, para além do salão, as Educadoras ocupam a sala multiusos ou o espaço da portaria. Todos os espaços com as devidas condições servem de apoio às turmas do Bibe Encarnado. Embora exista esta diferença, o ambiente criado no salão é um ambiente facilitador da aprendizagem.



Figura 3- Salão do Jardim-Escola João de Deus da Estrela

1.2.4. Rotinas

Todos os dias é realizado o acolhimento das crianças no recreio ou no salão. Quando as condições atmosféricas são favoráveis o acolhimento é realizado no recreio, quando as condições atmosféricas são desfavoráveis, o acolhimento é efectuado no salão. Todos os docentes se reúnem, com os respectivos alunos, numa roda. Aqui cantam diversas canções durante aproximadamente quinze/vinte minutos.

A roda é constituída por todos os alunos do Jardim-Escola, com uma disposição específica. No centro da roda ficam as crianças do Bibe Amarelo, depois as do Bibe Encarnado e posteriormente as do Bibe Azul. Relativamente ao 1.º Ciclo, ficam os alunos do Bibe Castanho, logo depois os alunos do Bibe Verde, seguidos dos alunos do Bibe Azul-claro e, por último, os alunos do Bibe Azul-escuro. Tanto no pré-Escolar

como no 1.º Ciclo os docentes acompanham os alunos nas canções, situando-se nas respetivas posições, de acordo com a figura 4.



Figura 4 – Representação da roda

Logo após a conclusão da roda, as crianças do Bibe Encarnado dirigem-se à casa de banho. As idas à casa de banho realizam-se sistematicamente depois da roda, antes do almoço, após o almoço e antes do lanche, para além das ocasiões onde vão por vontade própria.

A meio da manhã de atividades as duas turmas do Bibe Encarnado reúnem-se no salão para realizar um lanche. Aqui comem bolachas, pão com manteiga e por vezes fruta. No final das atividades, antes do almoço, existe sempre um momento de expressão livre, onde as crianças brincam no recreio e quando chovia permaneciam na portaria.

Depois do almoço, a Educadora Ana Rita Costa ou a Educadora Mariana Dutschke, realizam jogos com as crianças ou contam histórias para as mesmas. De seguida, se o tempo assim o permitir, vão para o recreio onde realizam alguns jogos orientados antes das crianças brincarem livremente. Sempre que não é possível ir para o recreio as crianças permanecem na portaria ou no ginásio.

1.2.5. Horário

Como é visível no horário apresentado seguidamente, as crianças desta faixa etária realizam atividades orientadas no âmbito do Conhecimento do Mundo, da Estimulação à Leitura e no Domínio da Matemática. Praticam ainda atividades no âmbito da Educação Física, da Educação Musical e da Informática/Biblioteca. À tarde as atividades realizadas pelas crianças vão de encontro ao desenho, à modelagem, ao corte, à colagem, às dobragens, à dramatização, ao desenho livre, entre outras.

Quadro 3 – Horário do Bibe Encarnado A

Bibe Encarnado A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00 / 9.30	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30 / 10.00	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Educação Musical 9h45m / 10h15m	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10.00 / 10.30	Educação Física		Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10.30 / 11.00	Recreio	Recreio	10h15m / 11h00m	Recreio	Recreio
11.00 / 11.30	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Recreio	Informática/Biblioteca	Estimulação à Leitura
11.30 / 12.00					Iniciação à Matemática
12.00 / 14.30	Almoço e recreio				
14.30 / 15.30	Desenho / Corte / Colagem	Modelagem / Dobragens	Dramatização / Fantoches	Pintura / Desenho	Expressão Plástica
15.30 / 16.00	Trabalho de Grupo	Estimulação à Leitura	Desenho Livre	Modelagem / Dobragens	Assembleia de Alunos
16.00 / 16.30	Jogos livres de desenvolvimento da motricidade global				
16.30 / 17.00	Lanche e saída				

Educadora: Ana Rita Costa

Horário sujeito a alterações

1.2.6. Relatos diários

segunda-feira, 11 de outubro de 2010

O primeiro dia de estágio começou com uma reunião que decorreu no museu João de Deus. Nesta reunião esteve presente a equipa de supervisão. Para além do esclarecimento de dúvidas, foi-nos entregue o regulamento relativo ao ano lectivo 2010/2011; este regulamento encontra-se no **Anexo A**. Foi neste encontro que obtivemos as informações necessárias relativas à organização do estágio profissional, bem como à realização do relatório de estágio profissional.

Inferências/fundamentação teórica

Estas reuniões são extremamente importantes para que os alunos possam ficar esclarecidos relativamente ao Estágio Profissional. Guimarães e Lopes (2007) defendem que é fulcral que as práticas de formação inicial “criem contextos significativos para aprender a pensar criticamente” (p.3666). Neste sentido, tanto os elementos da equipa de supervisão, como as Educadoras cooperantes, possuem um papel fundamental na formação inicial.

De acordo com Alarcão (1996), “o papel do formador não consiste tanto em ensinar como em facilitar a aprendizagem, em ajudar a aprender” (p.18). Neste contexto a mesma autora refere que “não se pode ensinar ao aluno aquilo que ele vai ter necessidade de saber, embora se possa ajudá-lo a adquirir esse conhecimento” (p.18).

Segundo Loureiro (2000), “a formação inicial deve permitir uma análise mais teórica das situações pedagógicas e experiências de aprendizagem, as quais devem ter logicamente um carácter mais simulado” (p.33). Desta forma é essencial a realização do Relatório de Estágio Profissional.

terça-feira, 12 de outubro de 2010

A Educadora depois de ler uma história às crianças, solicitou às mesmas para se dirigirem para os seus lugares. Após as crianças estarem sentadas a Educadora distribuiu o material 3.º Dom de Fröebel e com este explorou alguns exercícios de cálculo mental. Nesta atividade foram realizadas duas construções, o muro alto e o cadeirão. No final as crianças puderam manipular o material livremente, realizando as suas próprias construções. As crianças à medida que iam manipulando o material referiam o que estavam a construir. Algumas construções que os alunos realizaram foram: uma garagem aberta, um robô e uma torre alta.

Seguidamente a Educadora realizou com as crianças uma roda onde cantaram, jogaram e dançaram ao som de uma música de hip-hop. Um dos meninos fez uma demonstração deste estilo de dança para os colegas.

Inferências/fundamentação teórica

Ao utilizar o 3.º Dom de Fröebel as crianças desenvolvem a motricidade fina, a lateralização e a criatividade. Quando os alunos realizaram construções livremente, voltaram a utilizar todas as peças deste material. Caldeira (2009) salienta que o 3.º Dom “é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo. Estes pequenos cubos (8) estão dispostos de forma organizada e dão origem a regras de execução do “jogo” que deverão ser cumpridas” (p.248).

O momento de dança de hip-hop foi interessante no sentido em que uma criança, sem qualquer inibição e por sua livre e espontânea vontade, levou todas as outras a dançarem também. Segundo Fröebel, citado por Caldeira (2009), “o feliz desenvolvimento da actividade lúdica da criança, influencia o seu futuro carácter de homem, por isso nunca deverão ser impostos, nem o jogo, nem qualquer outra atividade educativa” (p.239).

Segundo o Ministério da Educação (2007), vulgarmente referido como As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), reforça que “a exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas potencialidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal” (p.58). Neste dia foi possível observar que algumas crianças imitaram o colega, enquanto outras se expressaram livremente.

sexta-feira, 15 de outubro de 2010

Neste dia as duas turmas do Bibe Encarnado reuniram-se no salão para visualizarem uma apresentação em PowerPoint. Esta apresentação estava relacionada com um tema de Conhecimento do Mundo, o sistema solar. As crianças puderam ver imagens dos planetas e as Educadoras, intercaladamente, falavam um pouco sobre cada um. As crianças permaneceram colaborativas respondendo a algumas questões que lhes eram colocadas.

De seguida, as crianças realizaram uma atividade de expressão plástica. Numa folha de papel manteiga de formato A₃, as crianças tinham de pintar o planeta Terra. Na folha já se encontrava uma circunferência desenhada, as crianças com tinta castanha e azul representavam os continentes e os oceanos.

Inferências/fundamentação teórica

Nos primeiros tempos de vida e, posteriormente, de uma forma mais significativa, o educador deve despertar para a curiosidade da criança, transmitindo alguns conhecimentos sobre o mundo que nos rodeia. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem que “mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilização que desperta a curiosidade e o desejo de aprender” (p.85). Fumagalli (1998), mencionado por Martins *et al* (2007a), defende que “todas as crianças têm o direito de aprender” (p.14). Desta forma é tão importante que seja aplicado o ensino das ciências às crianças da Educação Pré-Escolar.

segunda-feira, 18 de outubro de 2010

Inicialmente, a Educadora contou uma história às crianças. Esta era a história de uma menina chamada Camila, que tinha tido pesadelos. A Educadora incentivou as crianças a falar sobre as suas experiências pessoais e com o que é que elas tinham pesadelos. Após as crianças terem conversado um pouco sobre o tema “pesadelos”, foram para a ginástica. Depois da ginástica, as crianças lancharam e foram para o recreio.

Posteriormente a Educadora pediu para as crianças fazerem um comboio e conduziu as mesmas até ao Museu João de Deus. Neste museu, as crianças assistiram a uma palestra e conheceram uma escritora chamada Manuela Barbosa. Esta escritora publicou um livro denominado “O balão do menino Jesus”. Contou um pouco da história deste livro e partilhou o texto, lendo-o para as crianças.

Inferências/fundamentação teórica

Neste dia as crianças tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente uma escritora. Lopes (2006) definem, entre outros, que os objetivos para o final da pré-escolaridade são: “ouvir atentamente os livros que o professor lê para a turma” e “ser capaz de dizer os títulos e autores de alguns livros” (p.16). Neste sentido é factível transmitir estes conhecimentos às crianças, como também é possível levá-las ao encontro de um escritor, de forma a incentivá-las à leitura.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitem às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores” (p.68).

Neste sentido as crianças podem ser levadas a bibliotecas e outros locais, onde o contacto com os livros seja privilegiado.

terça-feira, 19 de outubro de 2010

Neste dia eu, a minha colega de estágio e a Educadora ensinámos algumas lengalengas às crianças. Incentivámos as mesmas a repeti-las e a realizar gestos em simultâneo. Após a repetição de algumas lengalengas, a Educadora utilizou o material Blocos Lógicos, de forma a explorar alguns conteúdos no Domínio da Matemática. Nesta atividade a Educadora começou por perguntar o nome daquele material. Posteriormente, explorou, com a linha fronteira, a teoria de conjuntos.

A Educadora reviu com as crianças o que era um conjunto vazio, um conjunto singular e o conjunto universal. Seguidamente, a Educadora colocou em cima de uma mesa quatro cubos. Cada um destes cubos fazia referência a um dos atributos das peças dos Blocos Lógicos, desta forma um cubo fazia referência à cor, outro à forma, outro à espessura e, por último, era referenciado o tamanho. O cubo das cores tinha a cor amarela, azul e encarnada representada por uma mancha. O cubo da forma tinha desenhado o triângulo, o quadrado, o rectângulo e o círculo. O cubo da espessura tinha a representação de um pincel fino e outro grosso. O cubo do tamanho apresentava imagens de dois animais, o rato e o elefante, que representavam o tamanho pequeno e grande.

A Educadora pediu às crianças para lançarem os cubos e verificarem se tinham uma peça com todos aqueles atributos. Sucedeu por diversas vezes não haver peças iguais para todas as crianças. Por último, a Educadora recolheu as linhas fronteiras e permitiu que as crianças explorassem livremente o material.

Inferências/fundamentação teórica

Inicialmente foi possível estarmos com as crianças a ensinar-lhes lengalengas que elas ainda não conheciam. Desta forma, incentivámos as crianças a repetir as lengalengas e os gestos, para que pudessem interiorizar as mesmas. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “as rimas, as lengalengas, as travalínguas e as adivinhas são aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar” (p.67).

Relativamente à atividade do Domínio da Matemática com o material Blocos Lógicos, a educadora realizou diversos exercícios onde as crianças puderam manipular o material e verificar os seus atributos. As normas do Conselho Nacional de Professores

de Matemática dos Estados Unidos (2000), citadas por Alsina (2004), indicam que as crianças da educação de infância e do ensino básico devem contemplar, entre outros, os seguintes aspetos: “analisar as características e propriedades das formas geométricas a duas e três dimensões e desenvolver argumentos matemáticos sobre as relações geométricas; especificar as posições e descrever relações espaciais usando sistemas de coordenadas e outros sistemas de representação” (p.67).

Caldeira (2009) menciona que num primeiro contacto com o material Blocos Lógicos “a criança usa-os como jogos de construção, tomando como referência a experiência que tem da realidade. Ao proceder assim a criança enriquece o campo da percepção estruturando o espaço na horizontal e na vertical, descobrindo certas leis do equilíbrio, etc.” (p.364). Esta foi uma aula bastante completa pois, para além das crianças reverem os quatro atributos das peças dos Blocos Lógicos, ainda puderam trabalhar a teoria de conjuntos.

sexta-feira, 22 de outubro de 2010

Eu e a minha colega de estágio reunimos as crianças na portaria do Jardim-Escola. Começámos por cantar uma música que fazia referência aos animais do jardim zoológico e, de seguida, lemos às crianças a história “Um bicho estranho”, de Mon Daporta e Óscar Villán. Ao longo da história as crianças iam realizando gestos e no final falaram sobre animais que conheciam.

Após a exploração da história, a Educadora conduziu as crianças até à sala multiusos. Aqui a Educadora trabalhou com o material Tangram. Após ter distribuído os sacos individuais a cada criança, a Educadora reviu a lenda do Tangram e realizou a construção do espelho. No quadro, a Educadora utilizou umas peças grandes e as crianças realizaram, individualmente, com as peças mais pequenas. Posteriormente a esta construção, a Educadora aproveitou a história que tinha sido contada anteriormente e construiu, com as peças do Tangram, a casa do bicho estranho. Por último, as crianças realizaram diversas construções com o Tangram tais como: o palhaço, o morcego e o polvo.

Depois do lanche as crianças sentaram-se nos respectivos lugares e realizaram a proposta de atividade, em que tinham de desenhar e pintar um animal a partir da forma de um ovo. A planificação desta aula, bem como a respetiva proposta de atividade encontram-se no **Anexo B**.

Inferências/fundamentação teórica

A passagem entre as duas atividades foi um momento interessante de interdisciplinaridade. A Educadora deu continuidade à atividade realizada anteriormente, utilizando um material manipulativo, de forma a trabalhar alguns conceitos matemáticos. De acordo com Alsina (2004), “o jogo do tangram é um recurso lúdico-manipulativo muito útil” (p.82).

Santos (2008), citado por Caldeira (2009), diz que o Tangram “possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explicações” (p.391). Através das peças que compõem o Tangram, a Educadora explorou as formas geométricas, o tamanho e a construção de uma figura.

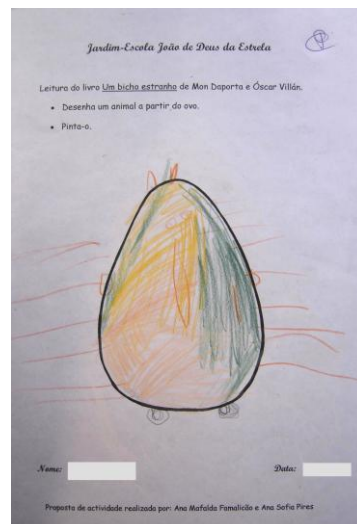


Figura 5 – Trabalho individual:
“Um bicho estranho”

segunda-feira, 25 de outubro de 2010

Antes da aula de Educação Física a Educadora contou uma Fábula de João de Deus às crianças. Esta fábula falava sobre dois animais, a cigarra e a formiga. Depois mostrou à turma os trabalhos realizados por algumas crianças no fim-de-semana.

Mais tarde, a Educadora trabalhou com o material Geoplano, incentivando as crianças a construírem um quadrado com quatro espaços e um triângulo dentro do quadrado. Seguidamente, as crianças fizeram representações livres, tais como uma pista de cavalos e um estábulo.

Inferências/fundamentação teórica

Esta foi a primeira vez que observei as crianças a explorar o material Geoplano. Caldeira (2009) refere que “o Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas” (p.409). Já Alsina (2004) menciona que o Geoplano é um recurso manipulativo bastante útil, sobretudo para a exploração das figuras geométricas: “as propriedades de cada figura (número de lados, diagonais, etc.); as relações que se estabelecem entre as diferentes figuras (composição e decomposição, etc.); as relações espaciais, usando sobretudo sistemas de coordenadas (posição, distância, etc.); a aplicação de algumas transformações; etc.” (p.70).

O facto de as crianças poderem explorar o material livremente permite que realizem novas descobertas e apela à imaginação das mesmas. De acordo com Caldeira (2009), “os alunos livremente tomam conhecimento do material através da sua manipulação e exploração e descobrem a utilidade dos pregos, manipulando os elásticos” (p.409). Neste sentido, é essencial que as crianças manipulem os materiais livremente e não realizem apenas aquilo que lhes é solicitado.

terça-feira, 26 de outubro de 2010

Inicialmente as duas turmas do Bibe Encarnado juntaram-se no salão e ambas as Educadoras contaram a história da castanha e do medronho. Esta história encontrava-se em suporte digital e desta forma foi projetada numa tela, para que todas as crianças pudessem ver. De seguida, a turma do Bibe Encarnado A foi dividida em dois grupos. O primeiro grupo foi para a Cerâmica e o segundo grupo ficou no salão com a Educadora.

No salão, a Educadora trabalhou com o material Cuisenaire, as crianças realizaram a escada crescente e, por fim, realizaram um jogo. Para realizar este jogo, a Educadora colocava as peças do Cuisenaire dentro de um saco de feltro azul e as crianças, sem ver, tinham de adivinhar a cor e o valor da peça. Primeiro, com o grupo que ficou no salão, a Educadora utilizou as peças do Cuisenaire de tamanho normal, com as quais as crianças estão habituadas a manipular. Com estas peças nem todas as crianças conseguiram adivinhar.

Com o segundo grupo que ficou no salão, a Educadora repetiu o mesmo jogo, contudo com as peças grandes do material Cuisenaire. Com estas peças todas as crianças conseguiram acertar. No final as crianças exploraram livremente o material, realizando diversas construções, tais como: a garagem, um lagarto, uma parede, uma ponte cor de rosa, uma nave espacial, entre outras.

Inferências/fundamentação teórica

Ao manipularem as peças maiores do material Cuisenaire as crianças obtiveram uma noção maior do que com as peças de tamanho normal. De acordo com Caldeira (2009), “para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação” (p.126).

Segundo Alsina (2004), o Cuisenaire é “um material muito conhecido e bastante utilizado, ainda que não tanto quanto seria desejável, em muitas escolas” (p.34). A

mesma salienta que “as barras de cor são formadas por um conjunto de pequenas régua de madeira (ou plástico) de diferentes tamanhos e cores. Cada número é 1 cm mais comprido que o anterior” (p.34). A partir da atividade realizada pude constatar que as crianças reconhecem as peças deste material, uma vez que, sem utilizar o sentido da visão e utilizando apenas o tato, a maioria das crianças conseguiu dizer a cor e o valor da peça que manipulou.

sexta-feira, 29 de outubro de 2010

Neste dia eu e a minha colega de estágio conduzimos as crianças até ao ginásio do Jardim-Escola, onde as dispusemos em semicírculo. Contámos a história denominada “O céu está a cair”, de Luísa Ducla Soares. A planificação da atividade realizada situa-se no **Anexo C**. Nesta atividade apresentámos a história num livro que tinha o formato de uma galinha. Conforme as personagens iam surgindo ao longo da história, nós íamos mostrando as mesmas numa imagens fora do livro. As crianças imitavam os sons das personagens que, neste caso, eram animais. Exploramos um pouco as imagens dos animais e demos continuidade a esta atividade na sala multissos.

No quadro desta sala colocámos as imagens das personagens, posteriormente formámos quatro grupos de crianças, com seis elementos cada. Cada criança pintou uma personagem da história. Depois, todos os elementos de cada grupo coloriam a imagem de uma cama que estava desenhada numa folha em formato A₃. Um dos resultados deste trabalho pode ser observado na figura 6.



Figura 6 – Trabalho de grupo: “O céu está a cair”

Inferências/fundamentação teórica

A partir da atividade realizada foi possível aferir alguns conhecimentos que as crianças já possuem. Outro aspeto interessante foi observar o modo como as crianças desta faixa etária trabalham em grupo. Bartolomeis (1999) defende que o trabalho de grupo “é uma outra preciosa fonte de obtenção de dados para uma mais completa avaliação dos alunos. Existem já muitos professores que consideram o trabalho de grupo um dos principais meios para renovar os métodos de ensino e de aprendizagem” (p.75).

terça-feira, 2 de novembro de 2010

Esta manhã foi destinada às atividades por mim propostas. Os planos de aula relativos às atividades desenvolvidas neste dia encontram-se no **Anexo D**. Durante toda a manhã realizei diversas atividades que se relacionavam com a temática da casa. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita contei a história “Os três Terríveis Porquinhos”, de Liz Pichon. Ao longo da história interagi com as crianças e no final explorei a história, colocando questões à turma. De seguida realizei um jogo denominado Casinhas. Para a realização deste jogo utilizei um Cd com músicas e almofadas que espalhei pelo salão. As crianças sempre que a música parava tinham de saltar para a almofadinha mais próxima que simbolizava uma casa.

Posteriormente ao jogo, realizei uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo. Aqui explorei a definição de casa. Seguidamente mostrei uma fotografia da fachada do Jardim-Escola João de Deus da Estrela. De forma a abordar o conteúdo da construção de uma casa, utilizei um placard onde ia sobrepondo imagens até obter a fachada de uma habitação. Nesta atividade explorei também as profissões que contribuem para a construção de uma casa, tais como: o arquiteto, o pedreiro, o carpinteiro, o vidreiro e o pintor.

Depois do recreio realizei uma atividade no Domínio da Matemática. Nesta atividade explorei as figuras geométricas, o tamanho, a cor e a lateralidade. As crianças começaram por explorar as cartolinas que se encontravam em cima da mesa. E verificaram a diferença entre as cartolinas e o papel. Seguidamente, fui contando uma história para que as crianças construíssem uma casa com algumas cartolinas. Desta forma, as crianças tiveram de selecionar apenas as cartolinas com as características que eu pedia. No final realizaram uma proposta de atividade, onde tinham de colar a construção da casa anteriormente realizada. Esta proposta de atividade encontra-se no **Anexo D**.



Figura 7 – Placard da fachada da casa



Figura 8 – Proposta de atividade:
construção de uma casa

Inferências/fundamentação teórica

Inicialmente, na atividade de estimulação à leitura, foi bastante interessante verificar que as crianças conseguiram identificar, mesmo sem ser solicitado, as diferenças entre a história apresentada e o conto tradicional dos três porquinhos. Segundo Barros (2008), “o “final feliz” que alguns adultos consideram irreal e falso, parece ser uma ótima contribuição que estes contos fornecem às crianças, encorajando-as a lutar por valores amadurecidos e a construir um sentimento positivo em relação à vida”. Tanto no conto tradicional como na história apresentada, os porquinhos acabam felizes, contudo no conto tradicional o lobo acaba por cair no caldeirão, enquanto na história apresentada o lobo permanece com os porquinhos a comer a sopa. Ambas as versões transmitem uma moral.

Relativamente ao jogo, a Educadora, ao fazer uma análise crítica do mesmo, referiu que, desde muito cedo, as crianças permaneceram sentadas no chão. Desta forma, o efeito pretendido na passagem de uma atividade para a outra, não foi verificado na totalidade. Winnicott (1971), citado por Alsina (2004), refere que “através do jogo se cria um espaço intermédio entre a realidade objectiva e a imaginária que permite realizar actividades que na realidade não se poderiam levar a cabo” (p.6).

No que concerne à atividade no Domínio da Matemática, considero que as cartolinas de cores com diferentes formas foram uma boa solução para realizar o trabalho pretendido. De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “a geometria é um meio para a criança conhecer o espaço no qual se movimenta, sendo muito importante que a aprendizagem se faça partindo do seu conhecimento informal, com base na manipulação e na experimentação” (p.77). Desta forma, através de um material não estruturado pude explorar conteúdos como a lateralização, o tamanho, a cor, a forma, entre outros.

sexta-feira, 5 de novembro de 2010

Nesta manhã foi a minha colega de estágio que orientou as atividades com as crianças do Bibe Encarnado A. De forma a dar continuidade ao tema da habitação, a Mafalda explorou as divisões da casa. Na Área do Conhecimento do Mundo mostrou uma casa com cinco divisões: um sótão, um quarto, uma casa de banho, uma sala e uma cozinha. Nesta casa, as crianças tiveram de colocar as mobílias nas respectivas divisões.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a estagiária contou a história “Caracóis de ouro e os três ursinhos”. Ao longo da história, as crianças iam

realizando gestos que correspondiam aos tamanhos: grande, médio e pequeno. No final colocou algumas perguntas à turma.

Depois do lanche, a Mafalda conduziu as crianças até ao recreio onde cantou uma canção que estava relacionada com a casa. De seguida, realizou um jogo com as crianças. Neste jogo as crianças espalhavam-se pelo recreio enquanto a pandeireta tocava; quando a Mafalda dizia um número, as crianças tinham de formar grupos com o número de elementos dito anteriormente.

Quando regressaram ao salão a Estagiária distribuiu o material, que consistia numa folha A4 com a planta do quarto dos ursos e quatro tampas com a imagem de uma menina, uma cama grande, uma cama média e uma cama pequena. No decorrer desta atividade as crianças colocavam as tampas segundo as indicações da Mafalda. Desta forma foi explorada a lateralidade e o conceito de médio.

Inferências/fundamentação teórica

De todas as atividades realizadas pela minha colega, aquela que despertou mais a minha atenção foi o facto de a Mafalda se dirigir com as crianças para o espaço do recreio, com o intuito de efetuar um jogo. De acordo com Alsina (2004), “as crianças jogam porque o jogo é um prazer em si mesmo, mas a sua maior importância radica no facto de que ele permite resolver problemas simbolicamente e mobiliza vários processos mentais” (p.6). Neste contexto, o local para a realização do jogo foi pertinente, pois as crianças tiveram de se movimentar e de se organizar em grupos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “o espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças” (p.39).

De acordo com Gaspar (1996), “a planificação de uma aula no exterior (recinto escolar, mata, praia,...), requer a formulação de objectivos muito concretos e as tarefas a realizar devem ser variadas e pouco morosas” (p.27). As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) salientam ainda que “o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior” (pp.38-39). Neste contexto o espaço exterior deve ser aproveitado, não só para a expressão livre das crianças, como também é importante que se desenvolvam aqui atividades planeadas.

segunda-feira, 8 de novembro de 2010

A Educadora conversou um pouco com as crianças sobre como tinha corrido o fim-de-semana de cada uma. Depois mostrou alguns dos trabalhos realizados pelas crianças, em casa com o auxílio dos pais. Estes trabalhos consistiam na construção de pequenos móveis com molas de madeira.

Depois do lanche realizei uma atividade com as crianças e utilizei as palhinhas como material. Através das palhinhas explorei diversos conteúdos no Domínio da Matemática, tais como: a adição, a subtração, as contagens e a lateralização. Os exercícios realizados com as crianças foram envoltos numa pequena história. No final, permiti que as crianças brincassem livremente com as palhinhas.

Inferências/fundamentação teórica

Neste dia quis realizar uma atividade com as crianças no Domínio da Matemática. Para tal, a Educadora disponibilizou-me as palhinhas para desenvolver esta atividade. Como é referido por Caldeira (2009) as palhinhas são um material alternativo industrializado. A mesma autora defende que “é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça” (p.317). No final desta atividade detetei que algumas crianças estavam com dificuldades em contar a quantidade de dez palhinhas e, mesmo ao brincar livremente com as mesmas, não conseguiam agarrar em grandes quantidades.

terça-feira, 9 de novembro de 2010

Neste dia, a pedido da Educadora, a minha colega de estágio leu a história “O casamento da gata”, de Luísa Ducla Soares. No final, a Mafalda dinamizou a história utilizando um fantoche de uma gata branca e colocou questões à turma.

Posteriormente, eu realizei uma atividade no Domínio da Matemática, que também não tinha sido planeada. Utilizei as tampas como material e pedi a colaboração de três crianças para distribuírem as mesmas. Cada criança tinha três tampas, uma amarela, uma branca e uma encarnada. Efetuei alguns exercícios que envolviam a adição e a lateralização. Realizei igualmente uma situação problemática que, no seu enunciado, continha informações a mais e no final deixei as crianças brincarem livremente.

Inferências/fundamentação teórica

Um aspeto a melhorar na atividade que realizei é a contextualização dos exercícios numa história. Considero que é fundamental que as crianças estejam

envolvidas num enredo de ações, tal como é essencial que o docente faça uma boa condução dos exercícios a realizar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), é fundamental que o “educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outra criança, num pequeno grupo ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicação do porquê da resposta” (p.78). Neste sentido é também importante que o docente permita que todas as crianças possam participar no processo de reflexão.

sexta-feira, 12 de novembro de 2010

Este foi o dia em que decorreu a minha aula surpresa. Nesta aula tive de realizar uma estimulação à leitura. O livro foi cedido pela Professora Orientadora Paula Colares Pereira, que assistiu à minha aula. O nome da história selecionada foi “O pavão pavoneado”. Inicialmente explorei a capa do livro, onde as crianças identificaram o papagaio presente e comparavam os bicos das aves relativamente ao tamanho. Li a história com algumas interrupções, solicitei a colaboração das crianças para realizarem alguns gestos e sons e, de seguida, analisei a ilustração presente na história de apenas uma página. As crianças identificaram alguns animais presentes na ilustração, imitando os respectivos sons. Fiz uma comparação entre o pavão e o rato, e a partir de um rato de peluche realizei alguns jogos orientados com as crianças.

No final, esta aula foi discutida com as Professoras Orientadoras da Prática Pedagógica, com a Educadora da sala e com as estagiárias que assistiram.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula houve aspetos positivos e aspetos negativos. Nem sempre o conteúdo da história foi perceptível, uma vez que realizei diversas interrupções, não existindo, desta forma, um fio condutor. Pela minha expressão, o momento de contar a história não foi interessante nem motivador. A presente história possuía uma linguagem que não era ajustada à faixa etária. Alguns dos aspetos positivos assinalados foram o facto de ter recebido todas as crianças e não ter desistido da aula, realizando posteriormente um jogo. Insisti com uma criança, que permanecia constantemente mal sentada, chamando a atenção da mesma.

A realização da reunião com as Professoras Orientadoras da Prática Pedagógica é essencial, principalmente quando é realizada uma aula que não foi programada. Neste sentido, e com todos os elementos que assistiram à aula presentes, cria-se um momento de reflexão. Vieira (1993) reforça que a supervisão, “no contexto da formação do

professor” é “como uma actuação de monitoração sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação” (p.28). Segundo Alarcão (1996), “o supervisor surge como alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor” (p.93). Desta forma, é essencial a presença de um elemento da equipa de supervisão.

segunda-feira, 15 de novembro de 2010

Depois da aula de Educação Física onde as crianças realizaram diversos exercícios utilizando os bancos suecos, a Educadora desenvolveu uma atividade na sala multiusos. Esta atividade estava relacionada com o Domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita e com o Domínio da Matemática. A Educadora contou a história “Todos no Sofá”, de Luísa Ducla Soares. Conforme ia contando a história, a Educadora colocava as imagens das respectivas personagens no quadro, desta forma associava a quantidade de personagens que estavam no sofá e ao lado escrevia o número correspondente.

Inferências/fundamentação teórica

Enquanto a Educadora realizou esta atividade, existiu um momento de interdisciplinaridade, onde o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi relacionado com o Domínio da Matemática. Pombo, Guimarães e Levy (1994) referem que o significado da palavra interdisciplinaridade varia entre “a simples coordenação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum” (p.10). Os mesmos autores referem que “a interdisciplinaridade é fenómeno largamente generalizado cujo sentido deverá ser entendido como uma tentativa de resposta à necessidade actual de reestruturação da instituição escolar face às determinações históricas, civilizacionais e epistemológicas que caracterizam o estado actual dos saberes” (p.19). Neste contexto, é fundamental aproveitar todas as oportunidades para relacionar áreas e conteúdos.

terça-feira, 16 de novembro de 2010

Após a roda, a turma do Bibe Encarnado A foi dividida em dois grupos. Um grupo foi para a Cerâmica e o outro ficou no salão. A pedido da Educadora, eu realizei um jogo com as crianças que permaneceram no salão. Fiz com estas uma roda e expliquei o jogo a realizar. Todas as crianças fechavam os olhos, eu retirava uma

criança da roda e, no final, pedia às crianças para abrirem os olhos e dizerem o nome do menino que se encontrava ausente. Repeti este exercício algumas vezes e, posteriormente, realizei um exercício diferente. Em vez de ser uma criança a sair da roda, enquanto as crianças tinham os olhos fechados eu colocava um objecto no centro da roda. As crianças tinham de dizer a quem pertencia o objecto. Os objetos utilizados foram: um gancho roxo, uma bandolete, um sapato, um laço, um lenço e uns óculos.

Quando os grupos trocaram, a minha colega de estágio, a pedido da Educadora, realizou uma atividade no âmbito da Matemática. Nesta atividade, a Mafalda utilizou as peças dos legos. Com as peças em cima das mesas, a estagiária referiu que não eram peças, mas sim rebuçados, que estavam em cima da mesa. Desta forma a Mafalda explorou as sequências, o cálculo mental a adição e a lateralidade. Nesta atividade as peças de cor amarela correspondiam a rebuçados de ananás e as peças de cor encarnada a rebuçados de morango. No final as crianças brincaram livremente com as peças.

Inferências/fundamentação teórica

O jogo realizado foi interessante, uma vez que as crianças tiveram de observar com atenção os colegas presentes na roda e os seus objetos. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007),

“as actividades inerentes à organização do grupo como, saber quem está e quem falta, preencher um quadro de presenças ou de actividades relacionam-se com a matemática, assim como arrumar os materiais, pôr a mesa e outras actividades que impliquem classificação, seriação, formação de conjuntos e contagem” (p.75).

Devido ao facto de estarem poucas crianças na roda, o exercício teve um grau de dificuldade menor do que se estivessem todos os elementos da turma presentes.

Relativamente à atividade desenvolvida pela minha colega de estágio, foi curioso observar as crianças a explorar os legos imaginando que fossem rebuçados de vários sabores. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “também os materiais de construção usados na educação pré-escolar permitem uma manipulação dos objectos no espaço e uma exploração das suas propriedades e relações em que assentam aprendizagens matemáticas” (p.75). No final da atividade, enquanto as crianças brincavam livremente, referiam que aquela peça era um rebuçado de banana, entre outros sabores.

sexta-feira, 19 de novembro de 2010

Neste dia, as Educadoras do Bibe Encarnado decidiram realizar uma atividade em conjunto. Juntaram as duas turmas no salão e auxiliaram as crianças a fazer um bolo. Depois de colocadas as toucas e de terem à mão todo o material que necessitavam, as Educadoras chamaram as crianças, uma a uma, para que todas colaborassem na realização do bolo de iogurte de morango.

Mais tarde, na aula de Educação Física a Educadora Lúcia Santos realizou diversos exercícios com as crianças e utilizou os arcos e um Cd de música como material. Ao longo da aula a Educadora inverteu o seu papel com o de uma criança, desta forma e durante alguns minutos foi um menino a conduzir a aula de Educação Física.

Inferências/fundamentação teórica

A Educadora ao trocar de posição com o aluno criou um momento de brincadeira, levando a criança a ter de pensar nos exercícios que ia propor à turma. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “a brincadeira educativa tem como objetivo primário a aprendizagem”; neste sentido as brincadeiras educativas “servem um propósito pedagógico, ao mesmo tempo em que se mantém sua função de satisfação pessoal” (p.215). Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “todas estas situações permitem que a criança aprenda a utilizar melhor o seu corpo e vá progressivamente interiorizando a sua imagem. Permite igualmente que vá tomando consciência de condições essenciais para uma vida saudável” (p.59). Este tipo de exercícios pode ser realizado em diversos contextos.

segunda-feira, 22 de novembro de 2010

A Educadora, depois da roda, pediu para as crianças deixarem os bibes nos respectivos lugares. Depois de formar um comboio a Educadora conduziu as crianças até à sala de informática. Foi neste espaço que a minha colega de estágio desenvolveu uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Inicialmente, sentou as crianças em semicírculo, perguntou onde é que se utilizava o nabo e de seguida contou a história “O nabo gigante”. As crianças mostravam interesse e iam repetindo o nome das personagens conforme estas apareciam ao longo do texto, as crianças repetiam também algumas expressões presentes na história. No final, a Mafalda explicou às crianças a sua proposta de atividade. Esta consistia na realização de um ditado gráfico. Esta atividade foi realizada depois da aula de Educação Física.

Inferências/fundamentação teórica

A estagiária ao realizar a atividade do ditado gráfico foi uma forma de consolidar conhecimentos relativos à história apresentada. Desta forma, ao pedir para as crianças desenharem determinados elementos e os colocarem de uma determinada ordem, foi possível observar como cada criança regista o mesmo elemento. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) mencionam que o desenho, por ser de acesso facilitado, é realizado frequentemente; desta forma “não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa” (p.61). Neste sentido é importante realizar exercícios de desenho livre, desenho orientado e desenhos de série.

terça-feira, 23 de novembro de 2010

Quando iniciei o estágio no Jardim-Escola as crianças do Bibe Encarnado A encontravam-se encostadas à parede do corredor. Aquelas que iam chegando eram recebidas pela Educadora, que ordenava para irem à casa de banho. Após a ida à casa de banho todas as crianças tinham os casacos vestidos e a cabeça protegida por um gorro, chapéu-de-sol ou o capuz do casaco. A Educadora formou um comboio e dirigiu-se até à saída do Jardim-Escola. Eu encarreguei-me de ir buscar as bolachas para o lanche, enquanto a minha colega auxiliava o grupo até à entrada, onde o autocarro que já se encontrava à espera.

Após todas as crianças estarem sentadas no autocarro com os cintos postos, o autocarro partiu. Até chegar ao Mosteiro dos Jerónimos o grupo cantou diversas canções. Quando chegámos, as crianças formaram um comboio e a Educadora encaminhou as crianças até à entrada do monumento. Aqui tivemos de aguardar pela guia. Quando esta chegou apresentou-se ao grupo e revelou um pouco da história do monumento, apoiando-se em imagens de formato A₄.

Tanto no exterior como no interior do mosteiro a guia solicitou para as crianças descobrirem os animais que se encontravam esculpidos. Sempre que a guia parava, as crianças identificavam um animal e, posteriormente, era realizada uma pequena contextualização. A guia abordava as características gerais desse animal, dizia a que continente pertencia e mostrava imagens desses mesmos animais. Após as crianças terem visualizado os vários animais, o grupo dirigiu-se para uma sala onde já se

encontrava uma animadora com um jogo preparado. Neste espaço, a turma foi dividida em quatro grupos, cada grupo era formado por seis crianças.

À frente de cada grupo estava um tabuleiro com as imagens dos animais que tinham sido explorados anteriormente. A animadora tinha uma bolsa com imagens mais pequenas dos mesmos animais e um elemento de cada grupo ouvia a adivinha que era colocada e assim que dissessem a resposta correta a animadora contava até três e cada elemento de cada grupo corria e retirava um paralelepípedo, que tinha representado a imagem daquele animal. Quando se dirigiam para os seus lugares as crianças tinham de colocar o paralelepípedo no sítio correspondente. Este exercício foi repetido diversas vezes até o tabuleiro ficar completo. Cada aluno teve a oportunidade de jogar duas vezes.

Depois de comerem a bolacha, as crianças foram para uma sala onde já se encontravam crianças de outras escolas. Nesta sala, a turma foi dividida em dois grupos. A animadora e a guia distribuíram suportes em madeira, lápis de cor e uma folha que continha imagens para colorir. Na viagem de regresso as crianças conversaram sobre o que tinham visto no museu.

Inferências/fundamentação teórica

Esta foi a primeira visita de estudo que realizei com as crianças ao longo de todo o estágio. O grupo que acompanhei teve um comportamento exemplar e não revelou qualquer situação de indisciplina. Segundo Varela (2009), antes da visita de estudo é necessário verificar as expectativas dos alunos, de forma a não existir um grande fosso entre as suas expectativas e a realidade que vão encontrar. Desta forma, quanto mais familiarizados estiverem com as tarefas a realizar e com o local, mais produtiva será a visita de estudo. A mesma autora defende que, durante a visita de estudo, é fulcral que o docente fomente a interação entre pares e entre as crianças e os guias. No final da visita, de regresso à escola, é essencial discutir as experiências vivenciadas durante a visita e permitir que os alunos reflitam sobre as suas aprendizagens.

Almeida (1998) sistematiza que uma visita de estudo é “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p.51). Para Krepel (1981), mencionado por Almeida (1998), uma visita de estudo é “uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais” (p.51).

De acordo com Varela (2009), o termo “visita de estudo” refere-se a uma saída do recinto escolar com objectivos educativos. Estas saídas podem ocorrer em diversos locais que não ao ar livre, tais como: museus, planetários, centros de ciência, jardins zoológicos, jardins botânicos, hospitais, indústrias ou centros de investigação. Brehm (1969), referido por Almeida (1998), defende que uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola que “não tem obrigatoriamente de se realizar a um local distante, pois pode visitar-se o meio envolvente à escola” (p.51). Ainda Mouro (1987), referido por Almeida (1998), salienta que “a planificação das visitas tem de passar por uma escolha criteriosa dos locais a visitar” (p.51). Segundo Almeida (1998), “os locais a visitar podem ser variados, dando-se como exemplo parques naturais, zonas de paisagem protegida e locais classificados, jardins e parques urbanos, percursos urbanos, museus, monumentos, institutos de investigação e fábricas, podendo por isso decorrer em locais abertos ou fechados” (p.51). Para além do espaço escolhido ter sido muito agradável e enriquecedor, o trabalho realizado pela guia e pela animadora foi bastante bom. Tanto a duração da visita de estudo como os conteúdos abordados estavam ajustados à faixa etária e às características do grupo.

sexta-feira, 26 de novembro de 2010

Este dia foi reservado para a minha segunda manhã de atividades. As planificações referentes a esta manhã de atividades situam-se no **Anexo E**. Todas as atividades realizadas estavam relacionadas com o tema da família. Inicialmente desenvolvi uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo, onde os conteúdos abordados foram os membros da família, como se pode observar na figura 9.

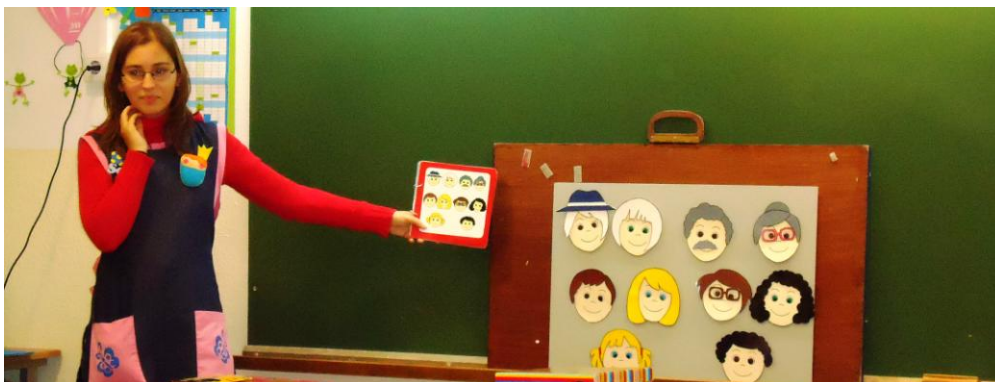


Figura 9 – Atividade: os membros da família

Com o auxílio das crianças montei uma família, num placard, através da sobreposição de imagens. De seguida, a atividade foi interrompida para os ensaios de Natal com o professor Paulo Viana.

Depois dos ensaios conduzi as crianças até à sala multissensória, onde conversei sobre cada membro da família. No final revi a família construída. A atividade seguinte foi realizada no Domínio da Matemática. Distribui o material e permiti que as crianças explorassem o mesmo. Cada criança tinha um tabuleiro dividido em três quadrados de cores diferentes e uma caixa com flores de papel com cores distintas. Eu tinha o mesmo material em tamanho maior. Os exercícios realizados permitiram-me explorar diversos conteúdos, tais como a lateralidade, a contagem e o cálculo mental. As flores de papel auxiliavam os cálculos que envolviam a adição e a subtração. No final, as crianças contaram o total de flores utilizadas e, posteriormente, brincaram livremente com o mesmo material.

Seguidamente, encaminhei as crianças para a sala de informática onde realizei um jogo. Neste dia não foi possível realizar a proposta de atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, pois o tempo destinado a esta foi ocupado pelos ensaios das músicas para a festa de Natal. Esta atividade foi realizada no dia 29 de novembro.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula foi curioso observar o modo como as crianças agarravam no material aplicado. Foi notório que todas as crianças manuseavam as flores de cartolina com imenso cuidado. Utilizar as flores e as bases com três cores diferentes foi o modo que encontrei para explorar diversas situações no âmbito da matemática. As flores auxiliaram sempre as crianças na resolução dos exercícios. De acordo com Caldeira (2009), “o material manipulativo, através de diferentes atividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem” (p.15). Reys, mencionado por Caldeira (2009), refere o termo materiais manipuláveis como “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia” (p.16). Assim, é essencial que a criança trabalhe com este tipo de materiais manipuláveis, no sentido de ser um auxiliar da sua aprendizagem.

segunda-feira, 29 de novembro de 2010

Depois da roda, a Educadora dirigiu as crianças para a sala de informática. Aqui conversou um pouco com as mesmas sobre o fim de semana. Seguidamente, eu sentei as crianças em semicírculo e contei a história “O livro da Família”. Esta história fazia referência a famílias que eram muito diferentes umas das outras. No final, levei as crianças a falarem um pouco das suas famílias. Com o auxílio da Educadora foram mencionados alguns casos particulares de pais separados.

Posteriormente, as crianças foram para a aula de Educação Física. Aqui a Educadora Lúcia tinha preparado um circuito (Figura 10). Nesta aula, para além da música, foram utilizados colchões, arcos e um banco. No final da aula não foi realizado nenhum jogo, como é habitual.

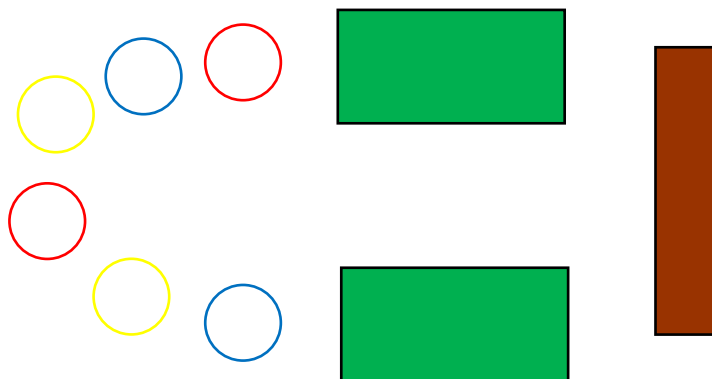


Figura 10 – Circuito

Depois da aula de Educação Física as crianças lancharam e realizaram alguns jogos orientados. Seguidamente as crianças sentaram-se nos respetivos lugares. Eu elegi um chefe em cada mesa e as crianças escolhidas ajudaram-me a distribuir o material. Após o material distribuído, as crianças realizaram uma proposta de atividade relacionada com a história lida anteriormente. No âmbito da Expressão Plástica as crianças desenharam e pintaram a sua família. Algumas propostas realizadas encontram-se no **Anexo E**.

Inferências/fundamentação teórica

Na proposta de atividade realizada as crianças tiveram de representar a sua família. Neste sentido, e através da representação gráfica, as crianças desenharam livremente alguns elementos. Algumas crianças não se incluíram no retrato de família, outras desenharam os avós e os tios, uma criança ainda desenhou um amigo, enquanto outra desenhou a irmã bebé dentro da barriga da mãe. De acordo com Rodrigues (2002), “o realismo intelectual ou ideografismo leva a criança a fazer transparências, ao

representar, nos seus desenhos, o que não se vê, mas que ela sabe que existe, como por exemplo, o que está no interior de uma casa” (p.78).

Nestas representações foi possível observar que as crianças nesta faixa etária representam a figura humana com a forma de “girino” ou “cabeçudo”. Segundo Rodrigues (2002), “a criança de 4/5 anos ainda não distingue a cabeça do tronco. Na evolução gráfica da criança, só quando surgem, mais tarde, outras formas diferenciadas, como triângulos, quadrados e rectângulos, é que o círculo passa a representar a rotundidade” (p.27). Já Cordeiro (2008), refere que “aos 4 anos a figura humana é bem desenhada, com alguns pormenores e adereços (roupa, brincos) e procurando jogar com as cores para definir o que quer expressar” (p.36). Ao ver todos os trabalhos realizados pude verificar que as crianças representavam a família, algumas com muitos pormenores, outras nem tanto. De qualquer forma a representação da figura humana foi perceptível, algumas crianças colocaram mais cor no seu trabalho, enquanto outras desenharam os elementos da família de tamanhos diferentes.

terça-feira, 30 de novembro de 2010

Este dia foi destinado à segunda manhã de atividades da minha colega de estágio. Esta começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Apresentou a história “Dantes havia gigantes” num PowerPoint. As crianças identificaram as personagens e fizeram contagens a partir dos elementos presentes nas figuras expostas. No final a estagiária colocou algumas questões relacionadas com a história. De seguida, enquanto distribuía o material, a Mafalda cantou algumas canções. Foi através das palhinhas, dos algarismos móveis e de um instrumento musical que a estagiária explorou alguns conteúdos no Domínio da Matemática, tais como as contagens, a adição, a subtração e a relação quantidade/algarismo.

Sempre que a Mafalda dava indicações, as crianças colocavam a quantidade de palhinhas em cima de uma cartolina com a forma rectangular e posteriormente colocavam o algarismo correspondente. Todos os exercícios foram envolvidos numa história que deu continuidade à atividade realizada anteriormente. Nestes exercícios as palhinhas representavam balões.

Depois do recreio a Mafalda realizou um jogo com as crianças. Seguidamente ao jogo, a estagiária solicitou a algumas crianças para colocarem alguns acessórios. Estes acessórios caracterizavam os elementos da família “Pimpão”. A Mafalda falou um

pouco da família que as crianças estavam a representar e, progressivamente, explorou as relações de parentesco existentes em todas as famílias.

Inferências/fundamentação teórica

Esta foi a primeira vez que a Mafalda apresentou uma história em suporte digital. Foi através do PowerPoint que a estagiária apresentou a história às crianças. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “as fotografias estimulam discussões e oferecem informação”, neste sentido as imagens devem “ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter excesso de detalhes, para que elas possam se concentrar no que é importante” (p.335).

Mena *et al* (1996), citados por Silveira-Botelho (2009), referem que “as novas tecnologias, são meios electrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos” (p.114). Ainda a mesma autora salienta que as tecnologias de informação e comunicação são “mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual...) e um novo ambiente social” (p.114). Assim, é essencial que o docente utilize este tipo de meios, de forma a desenvolver determinadas capacidades nas crianças.

sexta-feira, 3 de dezembro de 2010

Inicialmente a Educadora encaminhou as crianças para a sala multiusos, onde desenvolveu uma atividade. Para esta atividade, a Educadora utilizou umas imagens impressas em madeira que colou no quadro. Estas imagens consistiam em várias figuras/personagens, tais como: a princesa, a fada madrinha, o dragão, o príncipe a cavalo e o castelo. A Educadora introduziu todas estas figuras numa história com a colaboração das crianças. Posteriormente, através das mesmas imagens, realizou alguns exercícios no Domínio da Matemática. Todos os exercícios estavam envolvidos na história. Através destes exercícios a Educadora explorou alguns conteúdos, como o cálculo mental, a adição, a subtração, a dezena e a meia dúzia. No final o príncipe casou com a princesa e todos cantaram a música do casamento.

Ao dirigirmo-nos para o salão a Mafalda teve a sua primeira aula surpresa. Quem assistiu a esta aula foi a Professora Filomena Caldeira que solicitou à estagiária que explorasse as imagens de um livro, criando uma história. As imagens presentes neste livro pareciam saltar do mesmo, pois ao virar as páginas as personagens mexiam-

-se. Neste livro existiam dez personagens, que consistiam em animais. Estes animais eram a borboleta, a minhoca, a joaninha, o escaravelho, a abelha, a libelinha, a lagarta, a aranha, o caracol e o gafanhoto. A partir do livro, a minha colega de estágio explorou as imagens, alguns movimentos, lengas-lengas e realizou interdisciplinaridade com a Matemática ao realizar contagens. No final realizou um jogo onde as crianças tinham de imitar os movimentos dos animais da história.

Inferências/fundamentação teórica

Esta foi mais uma aula assistida pelas professoras da prática pedagógica. Alarcão (1996) defende que “a reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para a aquisição do saber profissional. Esta abordagem permite uma integração entre a teoria e a prática e desafia a reconsideração dos saberes científicos com vista à apresentação pedagógica” (p.154).

Ao realizar a reunião foram apontados diversos aspectos à estagiária, nomeadamente poderia ter mudado de estratégia ao longo do jogo e não ter incutido medo às crianças relativamente a alguns animais, como por exemplo no caso do escaravelho. De acordo com Agüera (2008), “é importante tudo o que possa provocar medos, más recordações, etc.” (p.35). No que concerne ao jogo, Spodek e Saracho (1998) referem que “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir atividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções” (p.223).

Dolto (1999) ainda menciona que “o jogo está pois estreitamente associado à aprendizagem da linguagem, e não somente no sentido de «falar», mas do código de significação dos gestos e dos comportamentos” (p.132). Desta forma é importante que os jogos não se tornem repetitivos e que alcancem os objectivos estipulados para na realização dos mesmos.

segunda-feira, 6 de dezembro de 2010

Neste dia a Educadora conversou com as crianças, na sala de informática, sobre o fim de semana. Seguidamente eu realizei uma atividade com as mesmas. A planificação desta atividade encontra-se no **Anexo F**. Mostrei o livro “A que sabe a lua?” de Michael Grejniec e conversei um pouco sobre o título da história que eles já conheciam. Como não tinha tempo suficiente para completar a atividade, não respeitei o plano e comecei por ensinar e cantar a canção referente à lua. As crianças foram para a aula de Educação Física e depois dei continuidade à atividade planeada. Dispus as

crianças em semicírculo, as crianças cantaram novamente a canção da lua e realizámos uns exercícios de relaxamento.

Li a história para as crianças e, consoante as personagens iam aparecendo na história, eu pedia às crianças para irem buscar as personagens da história e colocarem no chão, pela respetiva ordem, como se pode observar na figura 11.



Figura 11 – Atividade: “A que sabe a lua?”

Relacionei o final da história com a canção que tinha ensinado. Posteriormente realizei dois jogos de memória distintos, utilizando as imagens das personagens. Primeiro as crianças fechavam os olhos, eu retirava uma imagem e as crianças tinham de descobrir qual era o animal que faltava. No jogo seguinte, sem as crianças verem, trocava a ordem de alguns animais e as crianças tinham de os colocar novamente nos locais certos. De seguida juntaram-se as duas turmas do Bibe Encarnado e realizaram-se os primeiros ensaios para a festa de Natal.

Inferências/fundamentação teórica

As crianças neste dia aderiram bastante ao jogo solicitado por mim. Nesta atividade as crianças relacionaram o jogo com a sequência da história e puderam trabalhar a memória. DeVries e Kamii (1980), citadas por Spodek e Saracho (1998), “afirmam que os jogos pedagógicos úteis devem: 1. sugerir algo interessante e desafiante para as crianças descobrirem como fazer; 2. possibilitar que as próprias crianças avaliem seu sucesso; 3. permitir que todos os jogadores participem ativamente em todo o jogo” (p.223). Cordeiro (2008) ainda refere que se diz muitas vezes que brincar é o trabalho das crianças. Este autor defende que a altura em que a palavra brincar tem mais significado é entre o 1 e os 5 anos.

Assim, é fundamental relacionar as atividades propostas com jogos lúdicos, para que as crianças se sintam motivadas e desenvolvam determinadas competências.

terça-feira, 7 de dezembro de 2010

Neste dia a turma foi dividida em dois grupos. O primeiro foi para a Cerâmica e o segundo ficou no salão a pintar uma imagem relacionada com o Natal. Entretanto os grupos trocaram e, quando o segundo grupo regressou, as crianças lancharam.

Depois do lanche as crianças viram uns desenhos animados na televisão, enquanto se tratava da decoração natalícia.

Inferências/fundamentação teórica

Neste dia as crianças viram televisão, o que não é uma atividade muito frequente. Cordeiro (2008) menciona que a televisão faz parte da nossa vida. O mesmo autor indica alguns aspetos positivos relativamente à televisão, tais como: é uma fonte de informação e de entretenimento, é fator de ampliação dos horizontes e de multiculturalidade, auxilia na formação cultural e científica e é fator de democratização e de garantia da democracia. Para além de durante esta manhã as crianças visualizarem desenhos animados, é importante referir que as rotinas foram sempre respeitadas, uma vez que esta é considerada uma atividade benéfica para as crianças.

sexta-feira, 10 de dezembro de 2010

Depois da Educadora contar uma história às crianças, estas tiveram um ensaio para a festa de Natal com o Professor Paulo. Neste ensaio, as crianças cantaram várias canções e o Professor aferiu aquelas que as crianças mais gostavam e que cantavam melhor. Enquanto as crianças cantavam, as estagiárias colocavam num placard os trabalhos relativos à época natalícia.

Os dois placardes do salão foram preenchidos com vários trabalhos. Num placard, as estagiárias colocaram os trabalhos realizados pelas crianças dos dois bibes. No outro placard construímos letras com as peças do Tangram e formámos as palavras Feliz Natal. Depois de construídas, foram coladas bolinhas de papel de seda da cor verde e encarnada. As educadoras construíram uma árvore com copos de iogurte e, no final, colocaram uma fotografia das duas. No espaço restante colocámos as fotografias das crianças de ambas as turmas. Por último foram colocadas luzes à volta dos placardes. O resultado final dos dois placardes pode ser observado na figura 12 e 13.



Figura 12 – Placard com a decoração de Natal



Figura 13 – Placard com votos de Feliz Natal

Enquanto as estagiárias construía estes placardes, as crianças permaneciam na aula de Educação Física. Quando as fomos buscar para almoçar, a reação das mesmas foi muito positiva. Algumas crianças referiram que estava lindo, outras disseram que gostavam muito. Ao almoço, muitas crianças continuavam fascinadas com os placardes, procurando a sua fotografia.

Inferências/fundamentação teórica

Embora parte da decoração tivesse sido construída com trabalhos realizados pelos alunos, outra parte foi algo preparado para as crianças. O placard com votos de Feliz Natal foi composto pelas fotografias de todas as crianças do Bibe Encarnado.

Agüera (2008) diz “pouco material e muito entusiasmo. Peçam fotografias às crianças e exponham-nas à vista de todos. Desencadear-se-á a expressão oral e, obviamente, a observação, a atenção... e o conhecimento” (p.9). A mesma autora refere que “uma das coisas que me surpreendeu e, de algum modo, activou os meus alarmes técnicos, foi comprovar como as crianças mais pequenas gostam do tema das fotografias, como este as diverte e ensina” (p.9).

De acordo com Spodek e Saracho (1998), as fotografias podem ser mostradas às crianças “em discussões de grupo ou afixá-las nos muros da sala. Se optarem pelos muros, os professores devem cuidar para que a forma como forem dispostas ajude as crianças a verem o que é importante” (p.335). Com os placardes concluídos todas as crianças puderam observar os seus trabalhos e olhar para as suas fotografias.

segunda-feira, 13 de dezembro de 2010

Inicialmente a Educadora mostrou os trabalhos realizados no fim de semana pelas crianças e respectivos familiares. Alguns trabalhos eram relativos à construção da árvore genealógica, contudo houve um trabalho que consistia num presépio. Este era constituído por figuras de barro, pintadas à mão e uma cabana feita de pauzinhos. A

criança explicou aos colegas como é que tinha feito, referindo que tinha tido a ajuda da mãe. Enquanto as crianças permaneciam na aula de Educação Física, eu e a minha colega de estágio iniciámos os cenários para a festa de Natal. Depois do lanche a Educadora realizou uma proposta de atividade com as crianças, enquanto as estagiárias permaneciam na elaboração dos adereços de cena.

Inferências/fundamentação teórica

Ao ver os trabalhos que as crianças realizaram em casa com os pais foi possível constatar que para além de estes terem uma grande carga sentimental, podem ser um grande contributo para o educador ou para a instituição. Segundo Spodek e Saracho (1998), “a participação dos pais requer que eles estejam ativamente envolvidos no funcionamento da escola ou da turma” (p.170).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (p.43). Neste sentido é essencial que exista uma boa comunicação entre os pais e os profissionais de educação.

terça-feira, 14 de dezembro de 2010

Neste dia preparei uma aula com a duração de sessenta minutos. A planificação da mesma encontra-se no **Anexo G**. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita li o poema “Menino Jesus”, de Luísa Ducla Soares. Explorei o poema com as crianças e solicitei a colaboração das mesmas para realizar a interpretação do poema. Comparei o Natal do menino Jesus com o Natal vivenciado pelo grupo. No final, construímos um presépio (Figura 14). Foi através do presépio que fiz a transição para a atividade seguinte.



Figura 14 – Presépio construído

Na Área do Conhecimento do Mundo referi como é que celebro o meu Natal e pedi às crianças para partilharem também as suas vivências. Posteriormente, mostrei uma caixa que continha diversos objetos no seu interior. Todos os objetos eram utilizados na quadra natalícia, como por exemplo: uma árvore de Natal, uma vela, um sino, uma estrela, os postais, entre outros. Explorei cada objeto e, no final, dei um doce tradicional do Natal às crianças.

Seguidamente pedi para as crianças se sentarem nos respetivos lugares. Permiti que as crianças explorassem e identificassem o material, que já se encontrava em cima das mesas. Este material consistia num tabuleiro com a forma de um retângulo de cor encarnada. As peças utilizadas eram estrelas, círculos e pinheiros pequenos construídos em massa fimo. Nesta atividade explorei alguns conteúdos, nomeadamente as sequências, as cores, as formas e a lateralidade. Realizei exercícios com graus diferentes de dificuldade. Todos os exercícios realizados foram envolvidos numa história onde, nas fitas encarnadas para colocar no pinheiro, estavam alguns desenhos repetidos. Desta forma as crianças construíram as sequências segundo as indicações dadas. No final expressavam oralmente a sequência realizada. Todos os exercícios foram realizados por mim numa superfície do biombo, com as mesmas peças e formas, contudo construídas em dimensões maiores. Ulteriormente realizei um jogo. Espalhei pelo chão presentes de Natal, todos com a mesma forma e tamanho. No final todas as crianças contaram os presentes, até descobrirem qual tinha sido o colega que tinha conseguido recolher mais presentes.

Inferências/fundamentação teórica

Relativamente ao Domínio da Matemática foi possível constatar que as crianças não costumam fazer este tipo de exercícios. Segundo Moreira e Oliveira (2003), na educação pré-escolar deve desenvolver-se “o sentido do número e das operações, dar atenção aos padrões, símbolos e modelos, considerar a geometria e o sentido espacial bem como a organização e análise de dados” (p.57). As mesmas autoras ainda defendem que se devem valorizar os processos matemáticos, principalmente “resolver problemas e investigar, comunicar, representar e relacionar” (p.57).

Ao longo desta atividade verifiquei que no primeiro exercício nem todos conseguiram realizar o que era pretendido, contudo, ao realizar o segundo exercício as crianças tiveram mais facilidade na resolução do mesmo. Observei que as crianças trocaram por diversas vezes a esquerda e a direita, fazendo uma leitura errada da sequência presente no tabuleiro. Moreira e Oliveira (2003) referem que a inclinação

para “desenvolver actividades envolvendo padrões e pavimentações aumentou nos últimos anos porque elas permitem desenvolver o aspecto intuitivo e informal da geometria. Nos padrões geométricos existe um motivo e cópias dele, com uma ou mais cores, sobre um fundo uniforme” (p.93). Nesta aula teria sido importante ter feito uma sequência inicial para mostrar às crianças como se realizam este tipo de exercícios.

quarta-feira, 15 de dezembro de 2010

Neste dia, embora não fosse dia de estágio, dirigi-me ao Jardim-Escola com o intuito de concluir os cenários para a festa de Natal. Não observei nenhuma atividade realizada pela Educadora, pois permaneci com a minha colega de estágio e com as estagiárias do terceiro ano na portaria a construir os adereços de cena.

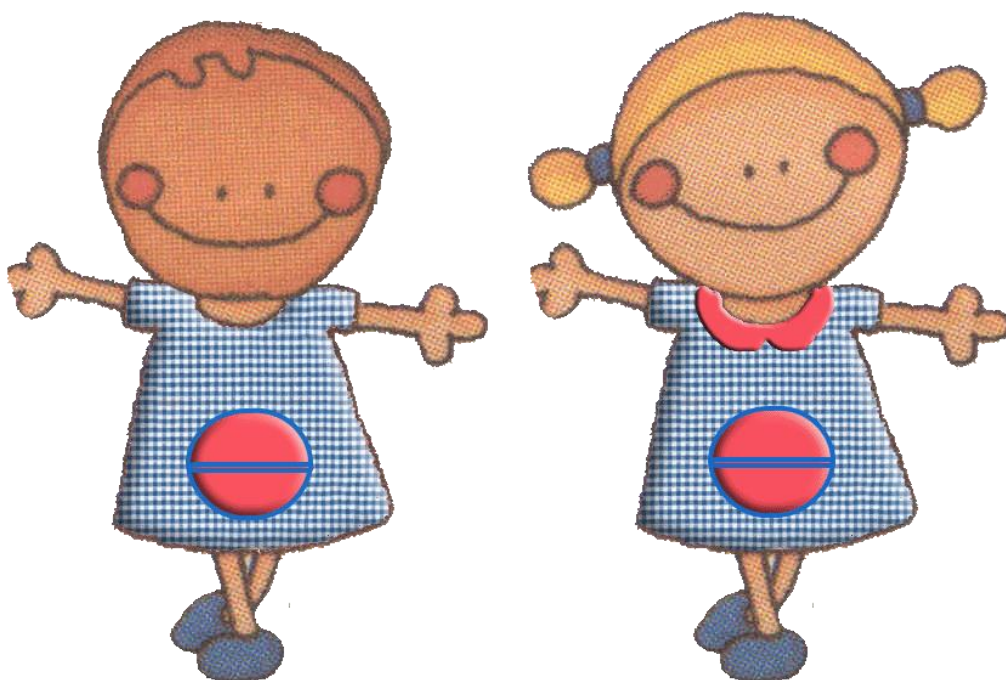
sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Neste dia realizou-se a festa de Natal, que decorreu no ginásio da Escola Superior de Educação João de Deus. Inicialmente, eu e a minha colega de estágio, recebemos as crianças que iam chegando e, de seguida, auxiliámos as crianças do Bibe Amarelo, a vestir e a despir os respetivos fatos. Depois participámos na festa do Bibe Encarnado, onde montámos os cenários e encaminhámos as crianças para os respetivos lugares. No final levámos as crianças até ao Jardim-Escola e, no salão, as crianças viram os seus dossiês com os seus familiares.

Inferências/fundamentação teórica

Na festa de Natal do Bibe Encarnado as crianças cantaram algumas músicas e realizaram três dramatizações. Segundo Aguëra (2008), “as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças” (p.73). A mesma autora defende que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de acções nas quais as crianças podem e devem participar” (p.73). Foi interessante ver o entusiasmo das crianças bem como dos pais que assistiam a este pequeno espetáculo.

1.3. Segunda secção: Bibe Azul A



Educadora: Rita Durão

Período de estágio: 3 de janeiro de 2011 a 1 de abril de 2011

1.3.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos cinco anos

De acordo com Cordeiro (2008), as crianças aos cinco anos, regra geral, apresentam determinados parâmetros de desenvolvimento. Ao nível da motricidade grossa, a criança equilibra-se num só pé durante pelo menos dez segundos, salta em comprimento e altura, dança, trepa e salta nos dois pés.

Relativamente à motricidade fina, a criança desenha um triângulo e outras formas geométricas, desenha a pessoa com corpo, sabe algumas letras e desenha-as, veste-se e despe-se, usa a colher, o garfo e, por vezes, a faca e usa a casa de banho.

No que concerne à linguagem, a criança sabe recordar partes de histórias, fala com frases de mais de cinco palavras, usa os verbos no futuro, conta histórias longas e sabe o nome completo e a morada.

No campo cognitivo, a criança sabe contar até dez, sabe pelo menos quatro cores, sabe bem o conceito de tempo e sabe distinguir grupos de ações e objetos: dinheiro, comida, brincar e higiene.

No que diz respeito ao campo social, a criança gosta de agradar, gosta de copiar os amigos, aceita regras, gosta de atuar, dançar e cantar, é muito independente e gosta de fazer as coisas sozinha.

Na área emocional, a criança tem noção da sexualidade, sabe distinguir a fantasia da realidade, exige, mas sabe cooperar e partilhar.

1.3.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Azul A é composta por vinte e oito crianças, das quais quinze são do sexo feminino e treze são do sexo masculino. Três destas crianças frequentam, pela primeira vez, o Jardim-Escola. Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola, que fomenta a organização do ambiente educativo de modo a que a criança se relacione consigo própria, com o mundo e com os outros. São também tidos em conta o desenvolvimento de valores e atitudes, favorecendo a formação e a inserção da criança na sociedade como ser livre, autónomo e solidário.

Ao nível afectivo-emocional, a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, extrovertido, expansivo, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de corresponder a trocas afectivas. No geral, as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito

participativas, interessadas, colaborativas e algumas crianças possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

Segundo as informações fornecidas pela Educadora, estas crianças gostam de atividades de cooperação em grupo, embora surjam algumas vezes atritos egocêntricos. As crianças do Bibe Azul A revelam ter grande força de vontade quando iniciam uma tarefa, esforçando-se para a conseguir concluir. Contudo, existem três crianças mais introvertidas, que demonstram receio em se expandir, principalmente no contexto de sala de aula. No que diz respeito à capacidade de concentração, este grupo de crianças concentra-se com alguma facilidade. No entanto, oito crianças revelam falta de concentração da atenção, conseguindo concentrar-se, apenas, por curtos espaços de tempo.

Relativamente aos aspectos cognitivos, o grupo revela estar estimulado e incentivado a realizar os seus trabalhos, o que permite que tenham facilidade em aprender. Muitas destas crianças são cuidadosas na apresentação e arrumação dos seus trabalhos, possuindo uma boa capacidade de memorização e um razoável cálculo mental. Outras crianças revelam ter dificuldades nas diferentes áreas de aprendizagem, nomeadamente ao nível do Domínio da Matemática, o que faz com que tenham um ritmo de trabalho um pouco lento.

Entre as vinte e oito crianças há que salientar duas crianças. Uma revela muitas dificuldades em todas as áreas de aprendizagem, apresenta uma motricidade fina pouco desenvolvida e um ritmo de trabalho muito lento. A outra criança requer constante atenção da Educadora para si, pois mesmo quando está a realizar um trabalho individual revela alguma instabilidade ao nível comportamental e da concentração da atenção. Neste grupo de crianças não foi detectado nenhum caso de Necessidades Educativas Especiais.

1.3.3. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul A possui passagem para a sala do Bibe Azul B, entrada para a casa de banho, acesso ao exterior e tem também uma porta que dá acesso a um espaço utilizado pelas auxiliares de ação educativa. Esta sala é espaçosa mas, devido ao facto de serem muitos alunos, as carteiras ocupam grande parte da sala. A sala do Bibe Azul A tem catorze mesas todas com forma rectangular, estas são juntas, duas as duas, e estão

dispostas todas no mesmo sentido, de frente para o quadro. Na sala existe algum espaço para a realização de outras atividades, como se pode ver na figura 15.



Figura 15 – Sala do Bibe Azul A

Esta sala tem uma boa iluminação e há entrada de luz natural. Os materiais existentes nos móveis da sala estão ao nível das crianças. Assim, as crianças podem ter acesso aos livros, dossiês e materiais didáticos. Para além do quadro de ardósia, que é utilizado pela Educadora e pelas crianças na realização de algumas tarefas, também existe nesta sala um quadro de cortiça, que é utilizado pela Educadora, para expor os trabalhos realizados. Por baixo do quadro de cortiça existem cabides, um para cada criança, onde estas colocam os seus pertences.

Nesta sala existe um quadro onde estão afixadas as datas de aniversários dos alunos. Espalhados pela sala encontram-se trabalhos realizados pelas crianças, uma faixa decorativa, a Cartilha Maternal está sempre presente, há também uma representação das peças do material Cuisenaire, um computador, a secretária da Educadora entre outros objetos.

1.3.4. Rotinas

As rotinas das crianças desta faixa etária são muito semelhantes às rotinas descritas na secção anterior. Após a roda, as crianças dirigem-se para a sua sala onde vão à casa de banho. Como é possível observar no horário do Bibe Azul A (Quadro 4), inicialmente as atividades baseavam-se na leitura e na escrita. A Educadora organizava

grupos de crianças, que de seguida, iam a um grande livro denominado Cartilha Maternal, com o intuito de as auxiliar na leitura. Aquelas que permaneciam sentadas nos lugares realizavam trabalhos de escrita.

Nesta faixa etária dá-se muita importância, nos Jardins-Escola João de Deus, à aplicação do Método João de Deus. Segundo Ruivo (2009), “nos Jardins Escolas as educadoras desenvolvem as competências linguísticas das crianças porque estão sensibilizadas para a importância da linguagem no desenvolvimento humano” (119).

O Método João de Deus é caracterizado por algumas linhas de força. De acordo com o Guia Prático da Cartilha Maternal, as linhas de força que caracterizam este método são: o uso correto do ponteiro, regulando desta forma a leitura durante o estudo feito na Cartilha Maternal; deve-se apresentar uma letra por dia; todos os dias as crianças devem ir à Cartilha, onde a Educadora tem de proporcionar uma lição curta com noções bem claras; as crianças devem ser auxiliadas, sempre que necessário, através de regras que satisfaçam o raciocínio e o pensamento lógico; sempre que a criança lê uma palavra, deve inserir a mesma numa frase; este método estimula as capacidades metacognitivas, respeita o ritmo individual de cada criança e fomenta a autocorreção.

De acordo com Ruivo (2009), a Cartilha na sala de aula “é efectivamente um suporte físico visível e em tamanho grande” (p.119). Segundo Viana (2001), citado por Ruivo (2009), “a utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontar com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura” (p.119).

1.3.5. Horário

A meio da manhã as crianças iam ao recreio. Para além da leitura e da escrita as crianças realizavam atividades no âmbito do Conhecimento do Mundo, Matemática, Educação Física, Educação Musical, biblioteca e informática. Antes do almoço todas as crianças iam à casa de banho.

Depois do almoço, a Educadora Rita Durão ou a Educadora Susana Costa, contavam histórias. De seguida, as crianças brincavam no recreio. Depois do recreio voltavam para a sala e realizavam atividades no âmbito do Inglês, da Matemática, desenhos de série, dramatizações, entre outras. À sexta-feira era realizada a assembleia de turma, onde as crianças dialogavam sobre o seu comportamento (Quadro 4).

Quadro 4 – Horário do Bibe Azul A

Bibe Azul A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00 / 9.30	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30 / 10.00	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10.00 / 10.30					
10.30 / 11.00	Recreio	Educação Física	Recreio	Recreio	Recreio
11.00 / 11.30	Conhecimento do Mundo	Recreio	Informática / Biblioteca	Educação Física	Conhecimento do Mundo
11.30 / 12.00	Dobragens / Fitas	Iniciação à Matemática		Conhecimento do Mundo	Educação Musical
12.00 / 14.30	Almoço e Recreio				
14.30 / 15.00	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Desenho / Pintura	Iniciação à Matemática
15.00 / 15.30	Aula de Inglês 15h20m / 16h10m	Pintura / Modelagem	Histórias / Línguas-Línguas / Destrava-Línguas	Iniciação à Matemática	Dobragens / Fitas
15.30 / 16.00		Desenhos de Série	Iniciação à Matemática	Desenho de Série	Iniciação à Matemática
16.00 / 16.30	Histórias / Línguas-Línguas / Destrava- Línguas	Dramatização	Iniciação à Matemática	Pintura / Modelagem	Assamblea de Grupo
16.30 / 17.00	Lanche e saída				

Educadora: Rita Durão

Horário sujeito a alterações

1.3.6. Relatos diários

segunda-feira, 3 de janeiro de 2011

Após as crianças irem à casa de banho, a Educadora Rita Durão pediu que se sentassem no chão e conversou com as crianças sobre as férias de Natal. De seguida, a Educadora definiu novos lugares para os seus alunos; após estarem todos sentados escreveu o cabeçalho no quadro e pediu para duas crianças distribuírem os Calculadores Multibásicos. A Educadora fez uma revisão oral das operações de adição e subtração e respectivos sinais. Para a primeira placa a Educadora registou o número no quadro, para a segunda placa a Educadora ditou as peças a colocar. Posteriormente fez uma analogia entre o jogo das torres e o jogo das bases, explicando as suas diferenças. A Educadora referiu as regras deste jogo e por último realizaram uma adição.

No final do exercício a Educadora pediu para uma criança ler o resultado por cores e ainda explicou o porquê daquele material se chamar “Calculadores Multibásicos”, referindo que era um material que ajudava a fazer cálculos/operações em diferentes bases.

Inferências/fundamentação teórica

Ao utilizar este material a Educadora está a preparar as crianças para realizarem no futuro exercícios de cálculo mental. De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “o pensamento e conhecimento matemático realiza-se, de um modo geral, quando existem desafios plausíveis e com significado e se procura compreendê-los ou dar-lhes resposta, desenvolvendo estratégias, falando com os outros, relacionando ideias e inquirindo” (p.57). Segundo Damas *et al* (2010), os Calculadores Multibásicos são um material manipulável estruturado composto por “placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor, que resultam dos agrupamentos efectuados, atendendo ao código de cores negociado entre o Professor/Educador e os alunos” (p.40). Deste modo é fulcral que com a utilização dos diversos materiais, as crianças compreendam o sistema de numeração decimal e as estruturas que envolvem as operações aritméticas.

terça-feira, 4 de janeiro de 2011

Neste dia, a Educadora explorou com as duas turmas do Bibe Azul o livro, denominado “Bichos, bichinhos e bicharocos”, de Sidónio Muralha. A Educadora mencionou o título do livro, o nome do autor, do ilustrador e do compositor, explicando,

por fim, que este livro tinha sido escrito por seis mãos. Posteriormente, leu o poema da estrelinha, com o mesmo explorou as rimas existentes e as crianças nomearam outras rimas que não estavam presentes no poema.

Inferências/fundamentação teórica

Ao dizer às crianças o nome do livro, do autor, do ilustrador, onde se situa a capa, a contracapa e a lombada, a Educadora está a explorar os elementos para-textuais. De acordo com Lopes (2006), “é muito importante referir expressamente o nome do livro, o autor e eventualmente a editora. Deve de igual modo deixar-se claro para as crianças o que é a “capa”, a “contracapa” e que elementos contêm” (p.68). Neste sentido não interessa somente o conteúdo, uma vez que podem ser explorados outros elementos do livro.

Segundo Magalhães (2008), os diversos “Bichos, bichinhos e bicharocos (bichos-de-conta, joaninhas, grilos, sapos, papagaios, patos, macacos, ou mesmo um cãozinho de corda), sem deixarem de reenviar para o mundo das brincadeiras infantis, apresentam preocupações sociais não alvitadas anteriormente na poesia portuguesa para a infância” (p.161). Desta forma o educador deve ler às crianças diferentes livros de literatura infantil.

sexta-feira, 7 de janeiro de 2011

A Educadora realizou algumas perguntas referentes ao material Tangram, explorando a forma das peças. De seguida efetuou duas construções. A primeira construção foi a do pato que foi envolta numa situação problemática que envolvia a adição. A segunda construção foi o prédio, a Educadora deu continuidade à história anterior e desta forma as crianças tiveram de realizar a operação da subtração.

Depois da aula de Matemática, os alunos arrumaram o material Tangram. Posteriormente comeram a bolacha e cantaram a músicas dos Reis. Seguidamente a Educadora leccionou a Cartilha às crianças, enquanto eu e a minha colega de estágio retirámos as decorações de Natal.

Inferências/fundamentação teórica

O Tangram é um material manipulativo estruturado com o qual se podem realizar diversas atividades. Alsina (2004) refere que a utilização do Tangram no ensino da Matemática é muito interessante para explorar as formas geométricas, “tanto no que se refere às suas propriedades (lados formados por linhas rectas ou curvas, número de lados de cada figura, etc.), como nas relações que se podem estabelecer entre as

diferentes figuras (composição e decomposição de figuras, etc.)” (p.82). Segundo Moreira e Oliveira (2003), “os puzzles, como o tangram, ou peças coloridas em plástico constituem bons recursos para desenvolver ideias geométricas. As crianças do jardim de infância evidenciam capacidades para realizar transformações. Quando brincam com essas peças, elas movem-nas dando origem a diversos arranjos”, tal facto pode auxiliar as crianças a desenvolver a orientação visual e espacial (p.93). Para além de realizarem construções e serem trabalhadas as formas geométricas, é essencial que as crianças explorem o material de forma a fazerem novas descobertas.

segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

No início da manhã de atividades uma criança distribuiu os estojos e eu e a minha colega de estágio distribuímos o material Blocos Lógicos e as fronteiras. A Educadora, ao princípio, realizou algumas perguntas relativas a este material e de seguida explorou os quatro atributos: cor, forma, espessura e tamanho. Posteriormente a Educadora trabalhou a teoria de conjuntos utilizando a linha fronteira; nesta atividade abarcou o conjunto vazio, o conjunto universal, o nome, o cardinal de cada conjunto e os sinais de maior, menor e igual. Por último, a Educadora desenhou no quadro uma tabela de dupla entrada, onde as crianças foram colocar as peças no quadro nos locais corretos.

Inferências/fundamentação teórica

O material Blocos Lógicos é um material com o qual podem ser explorados diversos conteúdos, nas diferentes faixas etárias. Este é um material muito particular pois as peças que constituem este material possuem quatro atributos. De acordo com Damas *et al* (2010), os Blocos Lógicos são um material manipulativo estruturado formado por 48 peças lógicas distintas, sendo que “cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho. O uso destas peças lógicas permite a realização de actividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica” (p.13).

Moreira e Oliveira (2003) referem que “os conceitos sobre as formas geométricas começam a formar-se durante o período pré-escolar e estabilizam por volta dos seis anos, sendo, por isso, oportuno trabalhar sobre formas entre os três e os seis anos de idade” (p.45). É essencial que o docente transmita conceitos básicos às crianças, e que estas os consolidem através da experimentação e manipulação de materiais estruturados e não estruturados.

terça-feira, 11 de janeiro de 2011

Nesta manhã de atividades a Educadora, para explorar conteúdos do Domínio da Matemática, utilizou o 3.º e 4.º Dons de Fröebel. Inicialmente a Educadora reviu algumas regras para utilizar este material, tais como: utilizar os dedos em pinça, a forma de abrir e fechar as caixas de madeira e não destruir nenhuma construção. De seguida, a Educadora utilizou os Dons de Fröebel num formato maior e realizou as construções por cima de uma superfície mais alta do que as mesas das crianças. A Educadora deu continuidade à história da aula anterior e realizaram as construções do poço e da camioneta. Ao longo desta atividade, para além da realização das construções, a Educadora explorou com as crianças diversas situações problemáticas, algumas que envolviam o cálculo mental, e noutras os alunos realizaram o algoritmo da adição no quadro. A subtração foi apenas trabalhada através do cálculo mental.

Inferências/fundamentação teórica

Quando o docente explora um material é essencial que as crianças saibam as regras básicas para a utilização do mesmo. Neste sentido, as crianças ao realizarem as atividades propostas estão a desenvolver diversas capacidades. Segundo Moreira e Oliveira (2003), o terceiro e o quarto Dons eram conjuntos complexos de blocos geométricos, “com as actividades realizadas que envolviam construções específicas, pretendia-se que as crianças explorassem as propriedades de objectos a três e a duas dimensões, bem como a linha e o ponto, fazendo assim uma progressão na sua aprendizagem matemática” (p.33). De acordo com Caldeira (2009), com este material estão predefinidas 13 construções, sendo estas: as mobílias de sala e de quarto; pontes baixa e alta; poço; camionetas; cadeira; lareira; templos da cruz baixa, alta e sem cruz; helicóptero e estátua. É necessário que o Educador crie um ambiente estimulante e propostas alicientes que os alunos tenham gosto em realizar.

sexta-feira, 14 de janeiro de 2011

Este dia foi destinado à minha primeira manhã de atividades com as crianças da faixa etária dos cinco anos. As planificações desta manhã de atividades encontram-se no **Anexo H**. Comecei pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde apresentei o poema intitulado “O dragão”, de Luísa Ducla Soares. Ao longo do poema pedi a colaboração das crianças para lerem algumas imagens e palavras presentes no poema (Figura 16). No final coloquei algumas questões à turma relativas aos dragões.



Figura 16 – Poema “O dragão”

Foi através desta conversa que passei para a Área do Conhecimento do Mundo. Nesta área abordei o conteúdo dos répteis, especificamente o dragão barbudo. Conversei com as crianças sobre este animal, mostrei o dragão barbudo vivo e pedi às mesmas para descreverem o animal. Mostrei também algumas imagens de forma a explorar as características gerais do animal e no final contei às crianças algumas curiosidades sobre os dragões barbudos, particularmente sobre os seus comportamentos.

De seguida realizei um jogo com as crianças. Este foi um jogo de exploração, onde as crianças tiveram de utilizar o corpo e a voz. Aqui pedi a algumas crianças para representarem, através de gestos ou sons, um animal. Depois do jogo as crianças foram ao recreio. Quando regressaram, sentaram-se nos respectivos lugares e eu realizei uma atividade no Domínio da Matemática, onde explorei diversos conteúdos, nomeadamente os sólidos geométricos, e os algoritmos da adição e da subtração. Nesta atividade utilizei o 3.º e o 4.º Dons de Fröebel. À tarde as crianças realizaram uma proposta de atividade no Domínio da Expressão Plástica, onde tinham de pintar um dragão e colar areia à sua volta.

Inferências/fundamentação teórica

No que remete ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças para além de lerem imagens também leram palavras. Realizando no final uma interpretação do poema. Segundo Agüera (2008), “a poesia é um bem necessário por muitas razões” (p.24). Esta autora salienta vários motivos para se trabalhar a poesia com as crianças do Ensino Pré-Escolar, nomeadamente o facto de o ambiente da criança desde que nasce é envolto pela poesia, pelo ritmo e pela música, presentes nas canções de embalar e nas lengalengas.

Esta foi uma aula muito enriquecedora para as crianças, uma vez que estas nunca tinham visto um dragão barbudo. Nesta aula as crianças realizaram várias perguntas e também fizeram especulações sobre a existência dos dragões. De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “as crianças pequenas formulam com naturalidade questões sobre o que observam” e “querem saber muitas coisas sobre aquilo que as rodeia” (p.61). Neste sentido é fundamental que o docente contribua para um enriquecimento cultural das crianças.

segunda-feira, 17 de janeiro de 2011

Neste dia a minha colega de estágio deu uma aula no Domínio da Matemática. Utilizou o material Calculadores Multibásicos, realizou uma adição na base 5 e fez a leitura da placa do resultado por cores e da esquerda para a direita. De seguida, a Educadora da sala, com o mesmo material, introduziu a divisão.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula foi possível verificar que com explicações simples e com materiais adequados é possível introduzir novos conceitos/conteúdos. Segundo Moreira e Oliveira (2003) a resolução de problemas é umas das principais finalidades na educação matemática, desta forma é também “um meio de construção de conhecimento e, por isso, não deve ser entendida como mais um tópico a explorar, mas como um processo presente nas experiências a desenvolver com as crianças” (p.62).

De acordo com Caldeira (2009), “nesta atividade desaparecem algumas convenções próprias deste material, nomeadamente a correspondência furo/cor. As crianças podem utilizar as cores que quiserem e numa fase posterior devem utilizar outras placas unidas pelas extremidades” (p.224). Assim, com o material Calculadores Multibásicos pode-se realizar a leitura de números inteiros, efetuar operações aritméticas e explorar diversas situações problemáticas.

terça-feira, 18 de janeiro de 2011

A Educadora iniciou a manhã de atividades explorando o material Cuisenaire. Falou sobre a peça branca e as crianças realizaram a escada por ordem decrescente, ou seja, da peça maior para a peça mais pequena. Posteriormente, os alunos leram a escada por cores, por valores, só as peças pares por ordem decrescente e as peças ímpares também. Ao introduzir uma situação problemática, a Educadora desenhou as peças no quadro com as cores correspondentes. Realizaram dois exercícios que envolviam a

adição e um exercício onde os alunos tinham de completar com os sinais de maior ($>$), menor ($<$) e igual ($=$). Por último, as crianças brincaram livremente com as peças do material Cuisenaire, fazendo várias construções.

Inferências/fundamentação teórica

É possível realizar diversas explorações através do material Cuisenaire. De acordo com Damas *et al* (2010), as Barras Cuisenaire são um material manipulativo estruturado constituído por uma série de barras paralelepípedicas, com tamanhos e cores diferentes simbolizando, cada uma, os números naturais de 1 a 10.

Alsina (2004) enumera algumas atividades que podem ser realizadas com o material Cuisenaire, tais como: para favorecer a passagem para o cálculo mental, as barras devem ser lisas, sem as unidades marcadas; mostrar uma barra determinada e questionar as crianças sobre o número que está antes e o que vem depois; apresentar várias barras e perguntar qual delas representa um número menor (ou maior); mostrar uma série de barras consecutivas, em que falta uma intermédia, e perguntar de que número se trata; Composição e decomposição de quantidades e realizar as primeiras somas e diferenças. (pp.35-36).

Segundo Moreira e Oliveira (2003), “as operações lógicas de conservação, classificação e ordenação têm constituído a base principal do modelo largamente utilizado para alicerçar o conceito de número e o pensamento aritmético das crianças” (p.41). Nesta aula foi curioso verificar o modo como as crianças aplicaram os sinais de maior, menor e igual, uma vez que no quadro estavam apenas representadas as peças com as cores correspondentes.

sexta-feira, 21 de janeiro de 2011

Este dia foi reservado para a aula programada da minha colega de estágio, que teve a duração de sessenta minutos. Neste dia a estagiária preparou três atividades. A primeira atividade realizada foi na Área do Conhecimento do Mundo, onde mostrou uma apresentação em PowerPoint, que referia as características do cavalo-marinho. Nesta apresentação prevaleceu a cor e as imagens concretas dos conteúdos a abordar. No final a Mafalda exibiu dois exemplares de cavalos-marinhos para as crianças tocarem.

A atividade seguinte foi realizada no Domínio da Matemática. Os conteúdos abordados foram o cálculo mental e a adição. Nesta atividade a Mafalda utilizou o material Cuisenaire. Foi através de situações problemáticas que a Mafalda trabalhou o

conceito de adição. Posteriormente, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contou a história do “Peixe Arco-íris”. Para tal utilizou um placard com imagens, que eram deslocadas ao longo da história.

Inferências/fundamentação teórica

A estagiária utilizou um PowerPoint com imagens bastante apelativas que ilustraram com facilidade o tema abordado. De acordo com Silveira-Botelho (2009), “tal como em relação a outros materiais, também as novas tecnologias e o seu contributo para esta educação multicultural dependem largamente da atitude e das escolhas do educador” (p.120). A mesma autora refere que “para além do papel inicial do educador/professor na familiarização da criança com a tecnologia, o seu apoio continua sempre a ser fundamental, embora assumindo outras vertentes” (p.124).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” (p.72). Neste contexto o papel dos educadores é essencial, na medida em que podem contribuir para uma aproximação das crianças com as novas tecnologias.

segunda-feira, 24 de janeiro de 2011

Neste dia decorreu a minha aula programada. No **Anexo I** encontram-se as planificações referentes a esta aula. Comecei pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita onde construí com o auxílio dos alunos a palavra tartaruga com letras móveis. Após a construção da palavra expus um PowerPoint que continha as ilustrações da história “A tartaruga redondinha”.

Posteriormente realizei uma atividade no Domínio da Matemática. Os conteúdos abordados foram as figuras geométricas, e as situações problemáticas envolviam o cálculo mental, a adição e a subtração. Nesta atividade utilizei o material Tangram e imagens de tartarugas e peixes. Iniciei, colocando algumas questões à turma. De seguida realizei a construção do aquário e a construção da tartaruga (Figura 17). Efetuei perguntas de cálculo mental e, oralmente, resolvi situações problemáticas que envolviam a adição e a subtração.

Por fim, realizei uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo. Aqui abordei os animais répteis, nomeadamente a tartaruga (Figura 18). Apresentei algumas imagens com as quais explorei as características gerais deste animal. Mostrei a tartaruga

viva, solicitei a colaboração das crianças para a descrição da mesma e permiti que todas as crianças tocassem no animal. À tarde com a Educadora as crianças realizaram uma proposta de atividade no âmbito da Expressão Plástica.

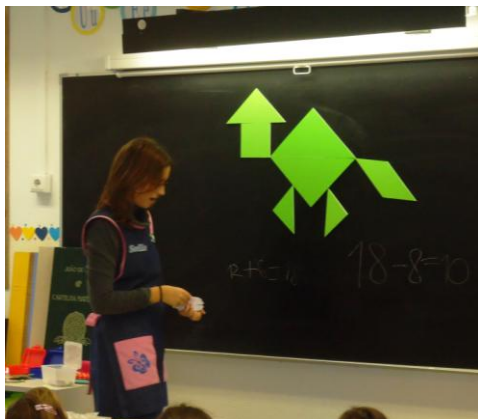


Figura 17 – Tangram: construção da tartaruga



Figura 18 – A tartaruga Guidas

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula um aspeto que me foi apontado na Área da Matemática foi o facto de não ter circulado pela sala de forma a retificar as construções realizadas pelos alunos. Deste modo, não corriji o trabalho realizado pelos mesmos. Segundo Damas *et al* (2010), o Tangram consiste num material manipulativo estruturado que é “constituído por sete peças (figuras geométricas): um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais” (p.137). Neste sentido é fundamental que sejam dadas boas orientações para que as crianças façam os exercícios corretamente.

De acordo com Alsina (2004), “será importante ter em conta que, para além das actividades manipulativas, terá todo o interesse fazer a representação das actividades realizadas através de actividades de expressão plástica” (pp.82-83). A mesma autora salienta que este é um material que pode “apelar à expressão oral ou escrita sobre as actividades realizadas, no sentido de favorecer a sua interiorização” (p.83). Para realizar este tipo de actividades seria necessário ter material específico de expressão plástica, bem como ter mais algum tempo disponível.

terça-feira, 25 de janeiro de 2011

Neste dia todas as crianças do Pré-Escolar do Jardim-Escola João de Deus da Estrela foram ao teatro ver a peça “O quebra-nozes e o rei dos camundongos”. Os vários

autocarros partiram com destino à Casa do Artista. No final da visita, ao regressarmos ao Jardim-Escola fomos recebidos pela diretora. As crianças foram à sala, tiraram os casacos, foram à casa de banho e por fim foram para o refeitório almoçar.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta visita de estudo foi possível verificar que as crianças reagiram de muitas formas diferentes. Ao início estavam bastante entusiasmados, contudo, quando entraram no auditório e no desenrolar da peça, algumas crianças revelaram ter medo.

Segundo Varela (2009), “a utilização dos espaços exteriores à escola, no âmbito das visitas de estudo inseridas no currículo escolar, constitui uma oportunidade para promover a literacia científica dos alunos, porque pode proporcionar aprendizagens diversificadas no domínio cognitivo, afectivo, social e psicomotor” (p.4). A mesma autora menciona que relativamente ao domínio cognitivo, as visitas de estudo podem simplificar a aplicação de conhecimentos, principalmente nas situações do dia-a-dia. No que concerne ao domínio afectivo, a autora refere que as visitas de estudo são um meio de motivar as crianças. A componente afectiva pode ser demonstrada pelo comportamento dos alunos, como por exemplo o seu entusiasmo, a forma como respondem, o modo como desenvolvem valores e atitudes e como narram a experiência vivenciada a outras pessoas.

Monteiro (1995) salienta que “a visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar” (p.188). A mesma autora defende que a visita de estudo é mais do que um simples passeio, pois esta “constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade” (p.188).

Ainda o mesmo autor menciona que “a avaliação dos resultados é uma etapa importante em qualquer acto pedagógico. Deverá ser feita uma avaliação colectiva de todo o processo, identificando-se os aspectos positivos e negativos” (p.194). É a partir de uma “análise crítica do trabalho de organização e concretização da visita que possibilitará a introdução de alterações em experiências futuras” (p.194). Em suma, todos os aspetos referidos anteriormente são extremamente importantes, contudo, para que uma visita de estudo seja bem-sucedida, é imprescindível a adesão por parte das crianças. Noutro dia, ao arrumar os trabalhos que os alunos realizaram da ficha “gostei ou não gostei da visita de estudo”, verifiquei que todos tinham gostado do teatro,

fazendo a representação das personagens principais e também dos cenários que estavam no palco.

sexta-feira, 28 de janeiro de 2011

Neste dia mostrei às crianças uma notícia de um jornal que tinha a imagem de um dragão barbudo. As crianças ouviram o conteúdo da notícia e, por fim, coloquei o recorte do jornal juntamente com o texto no quadro para todos observarem. A Educadora introduziu um material novo denominado por Geoplano.

De seguida, as crianças construíram uma figura com três espaços de largura e três espaços de altura, ou seja o quadrado. Posteriormente, a Educadora pediu que construíssem uma figura com quatro espaços de comprimento e dois espaços de altura, ou seja, um rectângulo. Por último, a Educadora realizou um percurso no Geoplano, recorrendo às imagens de uma tartaruga e de uma alforreca presentes na sala. No final, as crianças brincaram livremente com este material, fazendo diversas representações.

Inferências/fundamentação teórica

É relevante que as crianças tenham contacto com diferentes suportes de informação. O facto de os alunos visualizarem uma notícia referente a um conteúdo já explorado na sala de aula é algo que auxilia no processo de consolidação. Lopes (2006) declaram que um dos objetivos para o final da pré-escolaridade consiste no facto de as crianças demonstrarem “familiaridade com alguns tipos de textos (livros de histórias, textos expositivos, poemas, jornais e formas de escrita do dia-a-dia como sinais, notícias, rótulos)” (p.17).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “são ainda indispensáveis, na educação pré-escolar outro tipo de livros, como dicionários, enciclopédias, e também jornais, revistas, etc. Dispor de uma grande variedade de textos e formas de escrita é uma forma de ir aprendendo as suas diferentes funções” (p.70). No dia a dia as crianças contactam igualmente com diversos suportes de informação, tais como os rótulos ou os outdoors, que possuem também um registo gráfico baseado na imagem e no texto.

segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

Depois da roda, assisti a uma aula programada no Bibe Azul B. O tema desta aula eram as formigas. No Domínio da Matemática a estagiária utilizou o 3.º e 4.º Dons de Fröebel e realizou a construção do poço. No Domínio da Linguagem Oral e

Abordagem à Escrita, a estagiária contou a história da cabra cabrez e da formiga rabiga. Nesta atividade foram utilizadas imagens que representavam as personagens da história. De forma a lecionar a Cartilha a um grupo de crianças, a estagiária colocou os restantes elementos da turma a fazerem um desenho sobre a história. No final, na Área do Conhecimento do Mundo, a estagiária mostrou algumas imagens das formigas, referiu algumas curiosidades deste animal e expôs um filme, onde era possível visualizar as formigas a construir túneis dentro de um gel da cor azul.

Inferências/fundamentação teórica

No que concerne ao facto da estagiária lecionar a cartilha a um grupo constituído por três crianças, esta devia ter dirigido as perguntas. Neste sentido quando a estagiária perguntava alguma coisa, as crianças respondiam e liam as palavras em conjunto. De acordo com Ruivo (2009), “as crianças são sempre questionadas individualmente, respeitando-se o seu ritmo e capacidade de resposta” (p.145). A mesma autora reforça que embora as lições sejam dadas a pequenos grupos de três ou quatro crianças, estas nunca devem responder em coro, pois “cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados na mesma tarefa” (p.133).

Segundo Lopes (2006), “o acto de ler deverá pois ser entendido não só como uma forma de dominar a técnica da leitura mas principalmente como um apelo ao interesse pelo saber e pela capacidade de aceder à informação” (p.66). Assim, é essencial que o docente tenha uma formação consolidada, para que aplique da melhor forma o método aprendido, respeitando as regras implícitas no mesmo.

terça-feira, 1 de fevereiro de 2011

Neste dia as estagiárias do segundo ano mostraram uma apresentação em PowerPoint. Nesta exposição falaram sobre as aves. Para além do PowerPoint, mostraram diversos materiais, tais como: penas, ovos e uma coruja de brincar. Posteriormente à apresentação, os alunos fizeram uma proposta de atividade onde tinham de colar penas, o bico, as patas, o ninho com ovos, o coração e os pulmões e as crianças pintaram o resto do corpo.

Inferências/fundamentação teórica

A educação em ciências nos primeiros anos é essencial, pois desde muito cedo as crianças exploram materiais, constroem explicações para diversos acontecimentos e desenvolvem atividades recheadas de ciência. Desta forma é fundamental desenvolver uma atitude científica perante diversas situações.

O educador deve fornecer às crianças momentos onde estas possam contactar com novas situações de aprendizagem. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) indicam que a curiosidade das crianças é “fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (p.79). O educador deve apoiar as crianças aprofundando as suas questões e independentemente da instituição onde está inserido, deve formar os seus alunos no sentido de serem capazes de analisar situações que, de uma forma ou de outra, nos possam afetar.

sexta-feira, 4 de fevereiro de 2011

Neste dia a roda realizada no salão demorou mais tempo, os alunos que chegaram mais tarde, e que costumam chegar atrasados, tiveram oportunidade de participar. Cantaram-se mais canções do que nas outras manhãs que presenciei e estas também foram mais diversificadas. Quando os alunos foram para a sala, a Educadora utilizou o material estruturado Calculadores Multibásicos. Inicialmente os meninos utilizaram só uma placa e, no domínio da Matemática, realizaram escrita de números e reviram a numeração romana. Seguidamente a Educadora realizou pela primeira vez um exercício que envolvia a subtração.

Inferências/fundamentação teórica

No que remete à atividade desenvolvida no Domínio da Matemática, Spodek e Saracho (1998) defendem que “as atividades de matemática na primeira infância devem incluir muitas experiências práticas com materiais de manipulação”, desta forma, “muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos” (p.224).

De acordo com Caldeira (2009), “é importante trabalhar com as crianças os três conceitos da subtração. A forma como a pergunta é feita induz ao raciocínio para achar o resto, o excesso ou a diferença entre dois valores diferentes” (p.217). É fundamental que sejam introduzidos novos conceitos e conteúdos matemáticos de forma progressiva e gradual. Quando é explorado um conceito abstrato, as crianças devem ter material, estruturado ou não, que possibilite a compreensão dos mesmos.

segunda-feira, 7 de fevereiro de 2011

Depois do acolhimento no salão as crianças dirigiram-se para a sala de aula. Uma aluna distribuiu os estojos e eu e a minha colega de estágio distribuímos os

cadernos de escrita. Seguidamente a Educadora lecionou a Cartilha e as estagiárias auxiliaram as crianças a realizar os trabalhos de escrita.

Após o recreio explorei uma atividade no Domínio da Matemática. Utilizei o material Cuisenaire e explorei exercícios que envolviam a adição, a subtração e a multiplicação. Todas as situações problemáticas foram envolvidas numa história. Para além das peças deste material utilizei também como recurso imagens de tartarugas.

Inferências/fundamentação teórica

Os docentes devem explorar e introduzir conceitos matemáticos que as crianças ainda não tenham aprendido. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “quando alcançam a idade de jardim de infância, as crianças já possuem um considerável conhecimento sobre os conceitos e procedimentos matemáticos” (p.304). Spodek e Saracho (1998), salientam ainda que “as crianças podem passar da comparação, contagem e escrita dos números para as operações” tais como: “soma, subtração, multiplicação e divisão” (p.311).

O Cuisenaire consiste num material que prepara para a compreensão das quantidades, do cálculo e das operações. Segundo Damas *et al* (2010), “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender” (p.65).

Caldeira (2009) defende que “o interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspectos de: iniciação à matemática; desenvolvimento da criatividade; compreensão da noção de número; decomposição de números; relações de grandeza; noção de par e ímpar; manipulação das operações numéricas”, entre outros (p.126). Deste modo é crucial que as crianças explorem os materiais e que a partir destes desenvolvam as suas competências matemáticas.

terça-feira, 8 de fevereiro de 2011

A Educadora pediu para uma criança distribuir os estojos e as estagiárias distribuíram as capas com trabalhos. De seguida, eu e a minha colega de estágio leccionámos a Cartilha a vários grupos. A educadora ia chamando um grupo de alunos para se dirigir até à Cartilha Maternal, estes grupos eram compostos por quatro alunos no máximo. Depois do grupo se reunir, abria-se a Cartilha na lição onde as se encontravam, fazia-se uma pequena revisão dessa lição e introduzia-se uma nova letra

ou valor. Mais tarde, os alunos foram à aula de Educação Física. Depois desta aula leccionámos a Cartilha aos restantes grupos.

Inferências/fundamentação teórica

O ambiente criado em torno da Cartilha Maternal é extremamente importante, uma vez que as crianças se encontram numa situação de aprendizagem. É necessário criar um clima descontraído, mesmo às crianças que têm mais dificuldades é preciso que estas sintam que são capazes de ler. A Cartilha Maternal consiste num método onde a aprendizagem é progressiva, cabendo ao Educador a transmissão de noções claras. É fulcral auxiliar as crianças a ultrapassar as suas dificuldades, estimulando o raciocínio lógico.

Segundo Lopes (2006), estimular e desenvolver a linguagem consiste em “promover o desenvolvimento cognitivo, afectivo, as relações humanas e o bem-estar físico e mental não só do indivíduo como da comunidade em que está inserido” (p.11). Os mesmos autores ainda mencionam que o gosto pela leitura e pela escrita deve ser criado desde muito cedo, desta forma as crianças “quanto mais e melhores palavras ouvirem nestas idades mais aptas estarão para aprender novas e mais exigentes palavras, frases e textos” (p.65).

Sim-Sim (2006) referem que aprender a ler é uma “tarefa para toda a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores de língua materna, mas de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente” (p.99). Os mesmo autores defendem ainda que “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê, a qual tem que ser objecto de uma aprendizagem formal” (p.141). Neste sentido é essencial que o docente possua uma boa formação, uma vez que tem um papel primordial na transmissão de conhecimentos relativos à aprendizagem escrita e da leitura.

sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011

Eu e a minha colega de estágio, neste dia, realizámos uma atividade com as crianças. Inicialmente lemos a história denominada “Cuquedo” e, de seguida, explorámos a mesma com as crianças. Foi através da exploração da história que abordámos a Área do Conhecimento do Mundo, onde falámos sobre os animais que viviam na selva, as suas características, entre outros aspectos.

Posteriormente, as crianças sentaram-se em grupos. Cada grupo tinha um animal e todos realizaram uma técnica de expressão plástica diferente. Estas técnicas basearam-se na colagem de papel de lustro e papel canelado, pintura com pincéis, pintura com dedadas, entre outras.

Após todos terem concluído este trabalho, fomos até ao recreio onde fizemos um jogo com as crianças. Este jogo estava relacionado com os animais da selva. Desta forma, com as crianças numa roda, tivemos de adivinhar os animais que algumas crianças imitavam. No final cantámos algumas canções que envolviam alguns destes animais. Depois deste momento as crianças brincaram livremente no recreio.

Enquanto as crianças almoçavam, eu e a Mafalda retirámos tudo o que estava no quadro de cortiça e forrámos o mesmo com papel de cenário. Por cima deste papel desenhámos o cenário da selva, que posteriormente colorimos também com diferentes técnicas. Depois de seco, colocámos os trabalhos realizados pelas crianças (Figura 19).



Figura 19 – Conclusão da atividade relativa aos animais da selva

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula para além da estimulação à leitura, dos conteúdos abordados ao nível do Conhecimento do Mundo e a realização dos animais com diversas técnicas de Expressão Plástica, foi extremamente indispensável realizar um jogo no espaço exterior. De acordo com Gaspar (1996), “todos os agentes educativos têm que ter consciência que as salas devem ter as portas abertas ao meio e que este as pode substituir com inúmeros benefícios” (p.27). Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-

-Escolar (2007), o recreio, considerado como “um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao “ar livre”, permite uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades” (p.39).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) defendem ainda que “o espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de atividades informais. Esta dupla função exige que a sua organização seja cuidadosamente pensada, devendo os equipamentos e materiais corresponder a critérios de qualidade” (p.39). Desta forma, quando as condições atmosféricas assim o permitem é essencial tirar partido do espaço exterior. Por norma o recreio é considerado um espaço onde as crianças se podem expressar livremente, contudo, neste espaço, elas podem também desenvolver atividades que contribuam para o seu enriquecimento pessoal.

segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Depois das canções de roda no salão, os alunos dirigiram-se para a sala, sentaram-se nos respectivos lugares, vestiram os casacos, formaram um comboio, dirigiram-se para a entrada do Jardim-Escola e entraram no autocarro. Neste dia estava planeada uma visita de estudo ao palácio de Queluz. A esta visita de estudo foram as duas turmas do Bibe Azul do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Quando chegámos ao palácio, fomos recebidos por um senhor da nobreza que nos apresentou o palácio, os criados, o mestre de pintura e a princesa. Este mestre pediu a ajuda das crianças para construírem um quadro de família. Desta forma visitámos as várias salas do palácio, onde pudemos observar diversas pinturas. No final da visita guiada todos os grupos se reuniram num grande salão para ver a princesa. Quando esta chegou, uma criança representante de cada sala entregou as pinturas que as crianças tinham realizado sobre a família. Por último a princesa e o senhor da nobreza despediram-se das crianças com uma dança. Quando chegámos ao Jardim-Escola as crianças foram para a sala onde tiraram os casacos, foram à casa de banho e almoçaram.

Inferências/fundamentação teórica

A visita de estudo foi interessante, existiu uma grande interação com as crianças, contudo a visita guiada foi muito extensa, houve momentos onde as crianças tinham de reter muita informação e algumas coisas não entenderam pois a linguagem por vezes não estava adaptada à faixa etária.

De acordo com a Unesco (1986), referida por Almeida (1998), em qualquer visita de estudo devem ser realizadas algumas paragens, para repouso, alimentação, lazer ou com a finalidade de fazer um ponto da situação “sistematizando o já observado e que se pode traduzir no completar de uma ficha de trabalho ou num registo no livro de campo, ou apenas no relembrar de algumas recomendações” (p.52).

Galvão *et al* (2006) declaram que “uma visita de estudo constitui um processo faseado, envolvendo a preparação prévia na aula, a concretização de várias tarefas no local a visitar e o tratamento da informação recolhida, novamente na escola” (p.10). Os mesmos autores sistematizam que as visitas de estudo são uma boa situação de aprendizagem, que deve permitir ao aluno desenvolver um conjunto de competências. Para além de ser bem planeada, a visita de estudo deve incluir diversos momentos de aprendizagem e formas de avaliação.

terça-feira, 15 de fevereiro de 2011

Depois das canções de roda os alunos foram para a respectiva sala de aula. A Educadora distribuiu as capas com os trabalhos e solicitou a colaboração de algumas crianças para darem os estojos. Os alunos iniciaram os seus trabalhos com o auxílio da Educadora.

Neste dia a turma foi dividida em dois grupos. O primeiro grupo foi para a Cerâmica e o segundo grupo ficou na sala a realizar os trabalhos de escrita. Ulteriormente o primeiro grupo voltou para a sala e o segundo foi para o ateliê de Cerâmica. Quando o segundo grupo voltou para a sala, todos os alunos se prepararam para ir para a aula de ginástica. As crianças, depois da aula de Educação Física, comeram as bolachas, vestiram os bibes e retomaram o trabalho.

Inferências/fundamentação teórica

Relativamente à atividade desenvolvida na Cerâmica, as crianças, neste atelier tiveram a oportunidade de realizar construções livremente, utilizando o barro. De acordo com Rodrigues (2002), “a criança aprende fazendo com as mãos. O prazer de mexer no barro ou na areia molhada leva-a a modelar formas figurativas e abstractas, numa relação directa com a percepção tátil das próprias mãos, que sentem a plasticidade do material” (p.290).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a modelagem pode utilizar materiais diversos desde os mais dúcteis, como a areia molhada até aos mais consistentes como o barro, de preferência, mas também a

plasticina e a pasta de papel, passando eventualmente pela massa de cores” (p.63). Estes materiais referidos anteriormente podem ser utilizados em atividades no interior da sala de aula, de forma a desenvolver novos conteúdos.

sexta-feira, 18 de fevereiro de 2011

Durante toda a manhã eu e a minha colega de estágio leccionámos a Cartilha a todas as crianças. Sempre que uma dava uma lição, a outra assistia; de seguida invertíamos os papéis. No final constatámos que faltava uma criança que tinha saído do grupo onde estava devido ao facto de não se lembrar de muitas letras das lições anteriores. Com esta criança, e a pedido da Educadora, fizemos uma revisão de todas as lições e letras que a criança já tinha dado.

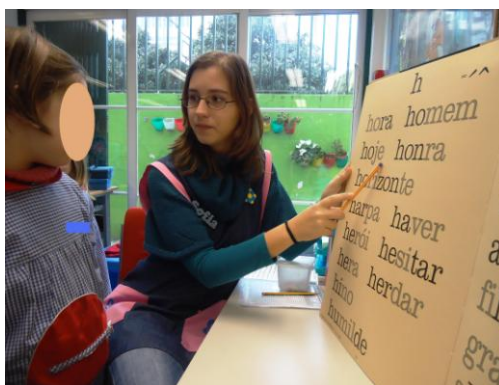


Figura 20 – *Exploração da Cartilha Maternal*

Inferências/fundamentação teórica

Neste dia foi possível explorar mais a Cartilha Maternal com as crianças do Bibe Azul. É fundamental que a criança, nesta faixa etária, desenvolva as suas competências ao nível da escrita e da leitura.

De acordo com Ruivo (2009),

“se por um lado a criança faz a sua aprendizagem começando por identificar o nome e a leitura das diferentes letras, de imediato lhe é solicitado que elabore um discurso oral sobre a palavra lida, inserindo-a em frases de forma a enriquecer o seu vocabulário, a sua linguagem, a sua expressão oral” (p.130).

Ruivo (2009) salienta ainda que o ato de ler é “complexo e mobiliza uma infinidade de capacidades, logo a aprendizagem da leitura não deve ser encarada como uma simples aquisição de mecanismos e regras, mas antes uma actividade criativa e

formativa que favoreça o desenvolvimento integral da criança”, assim o ato de ler contribui para estimular as capacidades metacognitivas das crianças (p.131).

Rigolet (1997) reforça que “o educador deveria preocupar-se não só com a aquisição, pela criança, de regras de comportamento – as “boas maneiras” – e do seu desenvolvimento linguístico oral, mas igualmente do seu desenvolvimento da linguagem escrita” (p.18). A mesma autora refere que “um desenvolvimento cognitivo harmonioso passa por um domínio progressivo das diversas áreas onde a actividade humana é manifestada” (p.18). Neste dia, eu e a minha colega de estágio, tentámos ao máximo motivar a criança que não se lembrava de diversas letras, realizando um apoio individualizado. Com esta criança tentámos ser mais lúdicas pois a criança manifestou algum desconforto quando se dirigiu à Cartilha.

quinta-feira, 3 de março de 2011

Neste dia, embora não estivesse em período de estágio, dirigi-me ao Jardim-Escola com o intuito de desenvolver atividades com as crianças do Bibe Azul durante todo o dia. As planificações destas atividades encontram-se no **Anexo J**. Comecei pela Área do Conhecimento do Mundo, onde explorei a borboleta. Referi algumas curiosidades das borboletas e mostrei uma apresentação em PowerPoint com o ciclo de vida da mesma. Nesta apresentação, as crianças puderam observar as diferentes imagens relativas às fases da metamorfose da borboleta.

No Domínio da Matemática, realizei alguns exercícios de cálculo mental. Nestes exercícios foram explorados alguns conteúdos relativos à geometria. Iniciei a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares, onde já se encontrava o material Geoplano. Coloquei algumas questões relativas a este material.

Depois as crianças executaram um itinerário, segundo as minhas indicações (Figura 21). Após terem realizado o percurso que conduzia a borboleta à flor, as crianças efetuaram a representação de uma borboleta respeitando a simetria escolhida pelas mesmas. Todos os exercícios realizados foram expostos numa tela através de um retroprojector. Desta forma, as crianças puderam visualizar se os exercícios realizados estavam corretos.

Realizei ainda um jogo denominado “Caçadores de borboletas”. Inicialmente formei uma roda, expliquei as regras e dividi a turma em dois grupos (os caçadores e as borboletas). As crianças que permaneceram na roda tinham de ser rápidas a fechar o círculo, de modo a apanhar o maior número de borboletas.

À tarde, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizei uma estimulação à leitura. Primeiro efetuei uma revisão da Área do Conhecimento do Mundo e, para tal, utilizei algumas imagens que mostravam a metamorfose da borboleta. Seguidamente as crianças construíram a palavra borboleta através de letras móveis. Conteí a história “O pintor de borboletas” ao som de uma música de fundo. As crianças fizeram uma dramatização com fantoches e, no final, exploraram as sombras chinesas (Figura 22). Estas sombras tinham a forma de borboletas. As crianças descreveram as borboletas que apareciam numa tela. No final, realizaram uma proposta de atividade.



Figura 21 – Atividade com o Material Geoplano

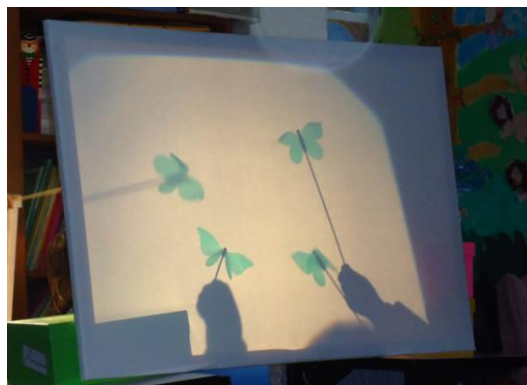


Figura 22 – Atividade de estimulação à leitura

Inferências/fundamentação teórica

Ao fazer uma reflexão crítica da minha aula a Educadora referiu que no Domínio da Matemática deveria ter explorado mais conteúdos e apelar aos conhecimentos que as crianças já possuem. Esta foi a primeira vez que trabalhei com este material, e devido ao facto de as crianças raramente utilizarem este material, a realização dos exercícios foi mais morosa. Alsina (2004) menciona que tanto o Tangram como o Geoplano são materiais que “favorecem a análise das características e propriedades das formas geométricas a duas dimensões, das relações que se estabelecem entre elas e da representação geométrica” (p.69). A mesma autora defende que o Geoplano possibilita “resolver uma infinidade de problemas geométricos, usando a visualização, o raciocínio espacial e a modelização geométrica” (p.69).

Damas *et al* (2010) referem que o Geoplano é igualmente um material manipulativo estruturado composto por “tabuleiros e pregos (pinos), com uma determinada disposição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só mais aliciante como também proporciona uma maior

objectividade na exploração dos conteúdos programáticos” (p.87). Segundo Serrazina e Matos (1988), “é importante notar que a resolução de problemas envolvendo caminhos e labirintos constitui um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora” (p.28).

De acordo com Moreira e Oliveira (2003), “as experiências espaciais que estão relacionadas com deslocamentos no espaço permitem à criança compreender a diferença entre espaço próximo e espaço distante. Percorrer um trajecto, traçar um caminho, e descrevê-lo obriga a criança a tomar pontos de referência” (p.79). Nesta aula a utilização do projetor foi uma forma rápida e eficaz de retificar se os alunos tinham realizado corretamente os exercícios. Este foi também um modo de os alunos se autocorrigirem.

segunda-feira, 14 de março de 2011

A partir deste dia o meu grupo de estágio passou a ser constituído por quatro elementos: a Ana Mafalda Famalicão, a Ana Rita Nunes e a Alexandra Matos. Os meninos entraram na sala, foram à casa de banho e depois sentaram-se nos respetivos lugares. A Educadora acolheu os pais e, com o auxílio das crianças, explicou como iria decorrer a manhã.

Iniciou a aula pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita onde fez a apresentação de uma lição de Cartilha para toda a turma. Aqui realizou uma pequena demonstração para os pais. Posteriormente explicou a proposta de atividade a realizar e os pais foram para junto dos filhos e ajudaram-nos a efetuar o trabalho.

No final da manhã, no Domínio da Matemática foram utilizados os algarismos móveis e objetos de contagem, que consistiam numas tartarugas construídas em musgami. Desta vez os pais não interferiram na aula da Educadora, permanecendo um pouco mais afastados dos meninos.

Inferências/fundamentação teórica

Este foi um dia diferentes para os pais e para as crianças do Bibe Azul. A Educadora quis mostrar como é que as atividades decorrem ao longo da manhã e explorando o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Expressão Motora e o Domínio da Matemática. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “em qualquer programa educacional, a informação deve ser compartilhada entre pais e professores”; desta forma, “os pais podem conhecer o programa e os progressos de seus filhos, além de obterem informações sobre os princípios do crescimento e do desenvolvimento

infantil e de aprenderem coisas específicas que eles podem fazer para ajudar seus filhos” (p.170). Os mesmos autores salientam que os pais “precisam de conhecer a rotina diária de atividades e as regras e padrões de comportamento esperados das crianças nas diferentes áreas da escola e da sala de aula, e também suas responsabilidades específicas” (p.171).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem” (p.45). Quando os pais se foram embora, algumas crianças choraram. Estas não queriam que os mesmos se fossem embora.

Reis (2008) refere que “a relação entre a Escola e a Família, tem vindo a ser alvo de todo um conjunto de atenções: através de notícias nos meios de comunicação, de discursos políticos, da divulgação de projectos de investigação e de nova legislação” (p.28). A mesma autora salienta que “o educador/professor deve ter: vocação para o exercício desta profissão, ser criativo, e, por último, um mestre na relação que consegue estabelecer com os seus alunos e respectivas famílias” (p.271). Este tipo de dias abertos aos pais, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, decorre duas vezes ao longo do ano letivo.

terça-feira, 15 de março de 2011

Assim que os alunos desceram para a sala de aula a Educadora distribuiu os trabalhos para as crianças concluírem. Passado algum tempo a turma foi dividida em dois grupos. O primeiro grupo foi para o ateliê de Cerâmica e os restantes alunos continuaram os seus trabalhos.

Passado algum tempo o primeiro grupo regressou à sala e o segundo grupo foi para o ateliê de cerâmica. Assim que regressaram à sala as crianças comeram o pão e prepararam-se para a aula de Educação Física. Depois desta aula, a mãe de uma aluna juntamente com a filha, mostraram à turma um PowerPoint e falaram sobre um animal, o galo. Exploraram as características deste animal, mostraram algumas imagens de galos e depois deram a ouvir a todos os alunos o som do galo e uma música igualmente relacionada com este animal. Por último, realizaram uma proposta de atividade.

Inferências/fundamentação teórica

Neste dia assisti a uma aula lecionada por uma criança e respetivo familiar. Neste contexto é interessante verificar como os pais podem contribuir para o enriquecimento das crianças, desenvolvendo atividades com as mesmas. Segundo Spodek e Saracho (1998), os pais podem ser solicitados a “ler histórias para as crianças, a orientar grupos pedagógicos, ajudar nas rotinas de sala de aula e servir como recursos, usando seus conhecimentos e habilidades especiais para enriquecer o programa. Eles também podem participar como auxiliares de ensino” (p.170). De acordo com Reis (2008), “o envolvimento parental na educação exige a compreensão das interações complexas entre as estratégias de intervenção, a motivação dos pais, a interação familiar, a aprendizagem dos alunos, a metodologia seguida pelos professores e o próprio clima da escola” (p.36).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “os pais poderão, eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar da sua profissão, colaborar em visitas de estudo e passeios, etc.” (p.45). Esta foi uma aula onde as crianças dispuseram de um material muito apelativo como a apresentação em PowerPoint, as imagens e o som referente ao animal apresentado, o diálogo onde foram transmitidos alguns conhecimentos, a música que também entusiasmou as crianças e por fim, a proposta de atividade que foi uma forma de as crianças consolidarem os conhecimentos adquiridos.

quarta-feira, 16 de março de 2011

Neste dia, embora não fosse dia de estágio, fui da parte da tarde ajudar os alunos do Bibe Azul a realizar os presentes para o dia do pai. Estes presentes consistiam num tapete para o rato que tinha uma abertura para colocar os trabalhos realizados pelas crianças. Numa folha, verde ou azul, os alunos colavam peixes que tinham sido recortados de folhas de jornal. Nesses peixes de formas diferentes as crianças desenhavam os olhos e a boca, depois colavam os peixes na folha na disposição que quisessem. Por último numa etiqueta escreviam dia do pai, o seu nome e o ano.

sexta-feira, 18 de março de 2011

Neste dia a Educadora realizou uma atividade com as crianças no Domínio da Matemática. Nesta atividade utilizou três materiais distintos: o Cuisenaire, os Calculadores Multibásicos e os Blocos Lógicos. Após a atividade de matemática

realizada com os materiais manipulativos mencionados anteriormente, a Educadora leccionou outro conteúdo matemático, a leitura de números. Desta forma os alunos leram vários números por ordens e por classes. A Educadora utilizou como material de apoio um comboio que colocou no quadro com a carruagem das unidades. Esta carruagem tinha três janelas que representavam as ordens pertencentes à classe das unidades, facilitando assim a leitura dos números.

Inferências/fundamentação teórica

A primeira atividade efetuada no Domínio da Matemática foi consolidada em forma de jogo. A Educadora com os três materiais manipulativos estruturados pedia às crianças que realizassem determinados exercícios. Ao longo da aula ia especificando aos alunos que tinham um determinado material para realizarem um exercício específico.

Alsina (2004) define que os 10 mandamentos do jogo na aula de Matemática são:

1. “é parte mais real da vida das crianças”; 2. “as actividades lúdicas são altamente motivadoras”; 3. “abrange diferentes tipos de conhecimentos, habilidades e atitudes acerca da Matemática”; 4. “os alunos podem enfrentar novos conteúdos matemáticos sem medo do fracasso inicial”; 5. “permite aprender a partir do próprio erro e a partir dos erros dos outros”; 6. “respeita a diversidade dos alunos”; 7. “permite desenvolver processos psicológicos básicos necessários à aprendizagem da Matemática”; 8. “facilita o processo de socialização e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da autonomia pessoal”; 9. “os currículos actuais recomendam de forma directa para se ter em conta o aspecto lúdico da Matemática e a aproximação à realidade das crianças”; 10. “promove e conduz, em muitas ocasiões, a uma aprendizagem significativa” (p.7).

De acordo com Damas *et al* (2010), é importante utilizar diversos materiais manipuláveis estruturados no contexto de sala de aula porque estes são facilitadores da compreensão dos conceitos e das ideias matemáticas, desta forma (i) “envolvem os alunos, activamente na aprendizagem”, (ii) “auxiliam o trabalho do professor”, (iii) “beneficiam o ritmo particular da aprendizagem”, (iv) “aumentam a motivação”, (v) “são instrumentos de avaliação” (p.6). Em suma o educador deve proporcionar aos alunos experiências que despertem o gosto pelas atividades matemáticas. Neste sentido os exercícios realizados não são mecanizados, mas sim conduzidos para que as crianças aprendam a resolver problemas e a comunicar matematicamente.

segunda-feira, 21 de março de 2011

Esta manhã foi reservada para a minha segunda manhã de atividades. As planificações referentes a esta aula encontram-se no **Anexo K**. Desta vez falei com as crianças sobre uma ave, o pinguim. Comecei pela Área do Conhecimento do Mundo. Para esta atividade disfarcei-me de pinguim. Fiz uma revisão das características gerais das aves, e de seguida, falei sobre as características do pinguim e revelei algumas curiosidades deste animal. Nesta atividade utilizei um globo terrestre, de forma em que as crianças localizassem o local onde habitam os pinguins (Figura 23); um pinguim construído em esferovite, para que as crianças identificassem as diferentes partes do corpo deste animal; ovos, para que as crianças realizassem uma dança, onde a fêmea pinguim tinha de passar o ovo para o macho pinguim, sem o deixar cair no gelo; um pinguim bebé de peluche, para que as crianças visualizassem as diferenças entre os pinguins crias e os pinguins adultos; uma fita métrica para medir a altura de um pinguim adulto (Figura 24); e, por último, uma geleira com pedras de gelo para que as crianças sentissem a temperatura a que vivem os pinguins.



Figura 23 – *Localização do lugar onde vivem os pinguins*



Figura 24 - *Medição da altura de um pinguim adulto*

Depois realizei um jogo com as crianças. Este jogo chamava-se “Blocos de gelo”. Consistia num jogo de equipa, onde as crianças foram divididas em dois grupos, tendo de fazer um percurso em cima de blocos de gelo. As crianças tinham de pisar apenas os blocos de gelo consistentes. Os blocos de gelo eram pedaços de cartolinas brancas que, no verso eram diferenciadas por uma carinha triste ou contente.

Após o jogo, no Domínio da Matemática, explorei os Calculadores Multibásicos. Explorei duas situações problemáticas, a primeira envolvia a adição e a segunda envolvia a divisão. Representei estas operações no quadro, com o auxílio de imagens de três pinguins e peixes coloridos.

Posteriormente ao recreio, as crianças ouviram uma música que falava sobre o pinguim. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contei a história “Pinguim carteiro”. Nesta atividade solicitei a colaboração das crianças para realizarem gestos e sons e para lerem as moradas presentes no texto. No final as crianças realizaram uma proposta de atividade onde tinham de escrever a morada do pinguim carteiro.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula as crianças demonstraram muito interesse não só pela Área do Conhecimento do Mundo, como também pelo jogo realizado posteriormente. Spodek e Saracho (1998) salientam que

“embora alguns jogos exijam equipamentos e materiais específicos, muitos requerem pouco do professor além de instruções diretas e supervisão. Muitas vezes, uma pedaço de giz ou uma bola é tudo o que é necessário para manter as crianças envolvidas em uma atividade por um longo tempo” (p.223).

Vigotsky (1995), citado por Alsina (2004), salienta que o jogo “promove o conhecimento dos objectos e do seu uso, o conhecimento de si próprio e também dos outros” (p.6). Neste sentido, com um material simples, as crianças tiveram de trabalhar em grupo, envolvendo-se num espírito onde todos imaginavam ser pinguins.

Relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Educadora criticou o facto de as moradas estarem escritas num formato pequeno, onde só as crianças que possuíam o envelope podiam ler. Concordei com a crítica referida anteriormente, uma vez que uma criança ao ler a morada que estava escrita num suporte que só ela via, todas as outras crianças não acompanhavam a leitura efetuada.

Segundo Lopes (2006), “a leitura contribui ainda para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido, reforçando quer as competências básicas quer diversas competências metacognitivas decorrentes ao seu exercício” (p.66). Os mesmos autores salientam que a leitura “contribui ainda para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido, aumentando consequentemente a probabilidade de o sujeito ler ainda mais” (p.66). Desta forma é importante apresentar à turma grandes suportes, onde todos possam acompanhar as leituras efetuadas.

terça-feira, 22 de março de 2011

Esta manhã foi reservada para a minha colega de estágio que explorou o tema das plantas. No Domínio da Matemática, realizou alguns exercícios com o material Blocos Lógicos. Fez a revisão dos quatro atributos das peças deste material e efetuou alguns exercícios que envolviam a teoria de conjuntos. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a estagiária contou a história “A cor dos morangos” e posteriormente apelou à imaginação e criatividade das crianças, fazendo com que estas dissessem frutos e objetos que possuíam a cor encarnada.

Depois da aula de Educação Física as crianças tiveram um workshop de literatura. Neste workshop uma senhora dramatizou uma história para as crianças. Na dramatização apenas utilizou um banco sueco, um livro, um chapéu-de-chuva, um gravador e um pequeno pinguim de plástico.

De regresso à sala a minha colega falou sobre o morangueiro, mostrou a planta e os seus constituintes. Referiu também que esta era uma planta completa. Posteriormente, tocou o morangueiro de vaso e mostrou as raízes às crianças, referindo a importância de cada constituinte da planta. Nesta atividade as crianças ainda conseguiram descobrir uma minhoca que se encontrava no chão, ao lado de um pedaço de terra.

Inferências/fundamentação teórica

No workshop as crianças permaneceram atentas à dramatização da história. A senhora que dramatizou a mesma foi muito expressiva ao nível corporal e facial. Esta utilizou por diversas vezes inflexões de voz.

De acordo com Rigolet (1997), o papel do mediador entre o livro e a criança é extremamente importante, uma vez que “ele representa a pessoa que vai servir de transmissor da mensagem à criança enquanto esta ainda não é capaz de apropriar-se sozinha dos conteúdos do livro” (p.46). A mesma autora realça a importância da atitude global do mediador, “que inclui todos os paraverbais, como, por exemplo: a mímica, os gestos, a expressão corporal, a voz nas suas várias componentes supra-segmentais: altura do tom, entoação dada (a melodia), o débito (velocidade do fluxo verbal), a intensidade, etc.” (p.46).

Segundo Gomes (2000), a hora do conto “ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias” (p.35). Estes tipos de Workshops

são bastante interessantes uma vez que as crianças podem observar uma pessoa a contar a história de uma forma muito diferente da qual estão habituadas. Neste caso, a senhora através da voz, do som, de gestos e de alguns objetos, conseguiu captar por completo a atenção das crianças.

sexta-feira, 25 de março de 2011

Neste dia foi a minha colega Alexandra que orientou a manhã de atividades. Começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde adaptou a história do sapo apaixonado para “A rã apaixonada”. Conforme ia contando a história, mostrava imagens e ia sobrepondo num placard. Dialogou um pouco com as crianças e, de seguida, escreveu no quadro algumas palavras que estavam relacionadas com a história. Depois das crianças lerem as palavras, ordenaram-nas de modo a formar uma frase.

No Domínio da Matemática, a Alexandra trabalhou com o 3.º e o 4.º Dons de Fröebel. Nesta atividade utilizou uma representação deste material com proporções um pouco maiores; desta forma as crianças puderam também realizar as construções no chão da sala. As construções realizadas foram a mobília de quarto e o poço. Conforme a estagiária ia contando uma história, as crianças representavam a mesma com o material disponível (3.º e 4.º Dons de Fröebel, flores em papel e algarismos móveis).

Inferências/fundamentação teórica

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a estagiária não forneceu aos alunos uma boa leitura de imagens, sobrepondo as mesmas. Relativamente ao Domínio da Matemática deveria ter dado mais orientações pois as crianças tinham em cima da mesa muito material. Demorando desta forma mais tempo na realização das atividades. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “o tempo educativo contempla de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de actividade, em diferentes situações”, deste modo é necessário “prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças” (p.40).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) ainda referem que “a organização do grupo, do espaço e do tempo constituem o suporte do desenvolvimento curricular, importa que o educador reflecta sobre as potencialidades educativas que oferece”, ou seja, o educador deve planear esta organização e avaliar o modo como contribui para a educação das crianças, realizando os ajustamentos e

correções necessárias (p.41). Devido à má gestão do tempo a Alexandra não conseguiu realizar todas as atividades que tinha planeado, faltando desta forma a área do Conhecimento do Mundo.

quarta-feira, 30 de março de 2011

Neste dia realizei uma atividade com as crianças no Domínio da Matemática. A planificação desta atividade encontra-se no **Anexo L**. Para tal, utilizei o material Blocos Lógicos. Iniciei a atividade, colocando algumas questões às crianças relativas a este material. Desta forma pude rever os quatro atributos. De seguida, realizei um jogo com as crianças onde, cada uma, pedia a outra, uma peça com um ou dois atributos diferentes. Posteriormente, coloquei no quadro de ardósia uma tabela de dupla entrada de formato A_0 (Figura 25). No quadro utilizei as peças reais dos Blocos Lógicos, enquanto as crianças, no lugar, tinham tabelas de formato A_3 e peças que representavam os Blocos Lógicos, em dimensões mais pequenas. Por último, através de várias estratégias, as crianças iam descobrindo as peças dos Blocos Lógicos a colocar na tabela de dupla entrada, tendo posteriormente de completar a mesma. No quadro a tabela foi preenchida com marcadores em formas de coração, enquanto no lugar as crianças registaram com o lápis de carvão.










































Atributos Peças	Forma				Tamanho		Cor			Espessura	
											
											
											
											
											
											
											

Figura 25 – Tabela de dupla entrada referente aos Blocos Lógicos

Inferências/fundamentação teórica

Este tipo de atividades são extremamente importantes, cabe ao educador orientar as crianças, de modo a que estas participem ativamente e realizem as suas próprias descobertas. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “as crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia a dia” (p.73). Já Moreira e Oliveira (2003) reforçam que a escola e a pré-escola devem contribuir para “que as crianças e os jovens possam desenvolver as suas próprias capacidades e gostos” (p.20).

Segundo Damas *et al* (2010), “o jogo é um tipo de actividade que implica raciocínios, estratégias e reflexões constantes” (p.37). Os mesmos autores salientam que “a prática de jogos que envolvam conteúdos programáticos, poderá ser desenvolvida como prova de avaliação de conhecimentos adquiridos e consolidação dos mesmos” (p.37). Para além dos materiais manipulativos as crianças ficam entusiasmadas com a realização de jogos. O material em grandes dimensões é favorável, no sentido em que todos os alunos conseguem observar o mesmo, independentemente do lugar onde estejam sentados.

sexta-feira, 1 de abril de 2011

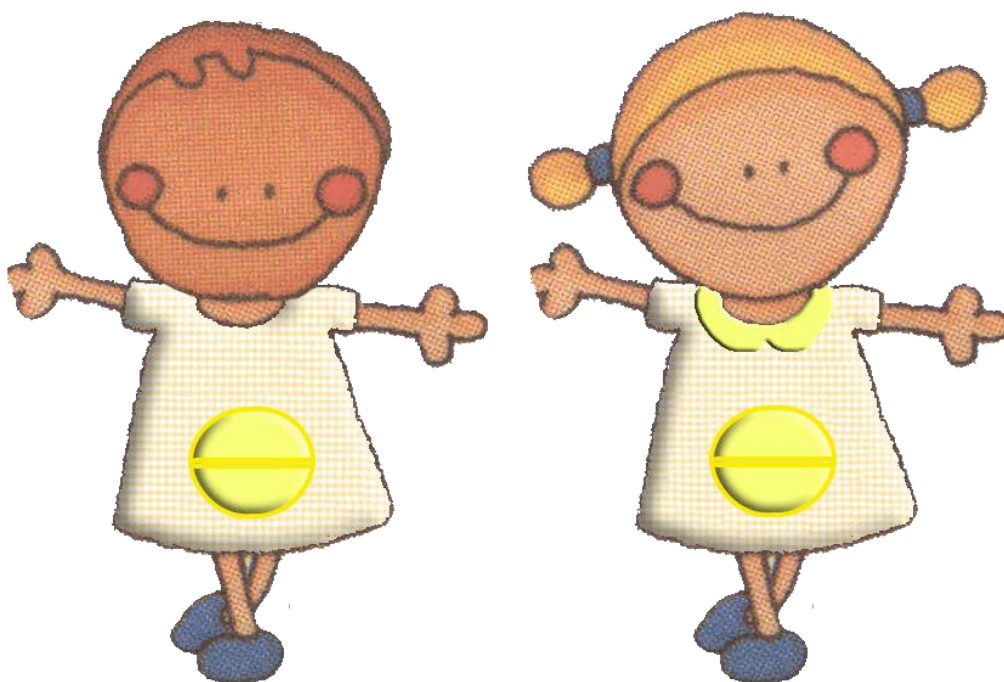
Depois da roda as crianças dirigiram-se para a sala e realizaram uma proposta de atividade no Domínio da Matemática. Para a realização da mesma a Educadora utilizou as peças grandes do Material Cuisenaire. Enquanto a Educadora realizava um percurso no quadro as crianças acompanhavam-na, realizando o mesmo percurso individualmente. De seguida, conforme iam retirando as peças, coloriam as quadrículas com as cores correspondentes. Esta atividade prolongou-se por toda a manhã pois, para além do percurso, a proposta de atividade continha outros exercícios.

À tarde a Educadora tocou algumas músicas com a sua flauta, realizando um retorno à calma. No final deste dia foi realizada a assembleia de turma. A Educadora tinha corações de quatro cores distintas, que dava às crianças, tendo em conta o comportamento tido durante a semana. A Educadora começou por perguntar a uma criança qual era a cor do coração que ela achava que merecia; quando a criança respondeu, a Educadora perguntou ao resto da turma se concordava e nesse momento era discutido o comportamento ao longo da semana. Este procedimento foi repetido com todas as crianças. No final a Educadora tinha sempre a última palavra relativamente às cores dos corações.

Inferências/fundamentação teórica

Neste dia foi interessante assistir à realização da assembleia de turma. As reações das crianças foram díspares. Algumas estavam muito indecisas, outras foram sinceras e disseram a cor que se adequava mais. De acordo com Arends (1995), a assembleia de turma decorre num espaço de 30 minutos, onde “os professores e os alunos discutem e encontram soluções cooperativas para os problemas pessoais e comportamentais”, assim, “os alunos aprendem a assumir responsabilidade pelo seu comportamento e pelo seu desenvolvimento pessoal e social” (p.209). Nesta assembleia de turma os alunos tinham consciência dos comportamentos tidos ao longo da semana. A Educadora elogiou sempre aquelas crianças que tinham tido um comportamento exemplar e solicitava às outras que melhorassem os seus comportamentos na semana seguinte.

1.4. Terceira secção: Bibe Amarelo A



Educadora: Mónica Gonçalves

Período de estágio: 4 de abril de 2011 a 8 de julho de 2011

1.4.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos três anos

De acordo com Cordeiro (2008), as crianças aos três anos, regra geral, apresentam determinados parâmetros de desenvolvimento. Ao nível da motricidade grossa, a criança trepa, consegue subir e descer escadas alternando os pés nos degraus, dá um pontapé numa bola, corre com facilidade, pedala num triciclo e inclina-se para a frente sem cair.

Relativamente à motricidade fina, a criança desenha linhas verticais, horizontais e circulares, com uma caneta ou lápis, volta as páginas de um livro, faz uma torre de seis cubos, pega num lápis corretamente e consegue enroscar e desenroscar.

No que concerne à linguagem, a criança obedece a ordens com duas ou três linhas de ação, reconhece quase todos os objetos e imagens comuns, percebe a maioria das frases, percebe conceitos físicos relacionais como sobre, dentro, debaixo, etc.; usa frases de quatro e cinco palavras, sabe o seu nome, idade e sexo; as pessoas conseguem entender a maior parte do seu discurso e usa pronomes e plurais, mesmo que falhe nas exceções gramaticais.

No campo cognitivo, a criança brinca, facilmente, com brinquedos mecânicos, consegue associar um objeto real com a imagem num livro, brinca ao faz-de-conta com bonecos, animais e pessoas, divide os objetos segundo o formato e a cor, faz puzzles de três e quatro peças e percebe o conceito de dois.

No que diz respeito ao campo social, a criança imita os adultos e amigos, tem manifestações afectivas espontâneas com os familiares e amigos, sabe esperar pela sua vez num jogo e entende o conceito de “meu” e “dele”.

Na área emocional, a criança expressa afetos e sentimentos abertamente, expressa e conhece emoções, sabendo até imitá-las e fingi-las, consegue separar-se dos pais sem ansiedade, quando transita para um ambiente que conhece e habitua-se às rotinas.

1.4.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo A é constituída por vinte e oito crianças, das quais doze são do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Neste grupo existem crianças com algumas dificuldades ao nível da linguagem, na socialização e nas mudanças de rotina.

De acordo com a Educadora, por vezes as crianças revelam ter dificuldades na percepção das tarefas a realizar, assim como em algumas rotinas diárias da sala de aula e do Jardim-Escola. A maioria das crianças revela ter pouca autonomia e uma grande dependência do adulto nas idas à casa de banho, na hora da refeição, em vestir e despir, entre outras tarefas.

Entre as vinte e oito crianças há que destacar uma, que tem acompanhamento de um terapeuta da fala. Neste grupo não foi detectado nenhum caso de criança com Necessidades Educativas Especiais.

1.4.3. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo A tem uma passagem para a sala do Bibe Amarelo B, acesso ao exterior, uma porta que dá acesso à dispensa e, ao lado, a porta principal que dá passagem para o hall de entrada do Jardim-Escola. Esta sala é bastante ampla e existem espaços permanentes para as crianças brincarem, pois nesta faixa etária as crianças possuem uma necessidade muito grande de brincar (Figura 26). As áreas que estão sempre definidas são: a área do tapete, a área da cozinha, a área da fantasia e a área da leitura. Segundo Mendonça (1997), os cantinhos devem possuir objetos tendo em conta “a experiência pessoal e social da criança e a realidade física e social que a rodeia” (p.63). Esta sala tem cinco mesas com a forma hexagonal e, em cada mesa, podem trabalhar, no máximo, seis crianças. As mesas e as cadeiras estão apropriadas à estatura das crianças.



Figura 26 – Sala do Bibe Amarelo A

De acordo com Ferreira e Santos (1994), “a importância crescente atribuída à sala de aula enquanto cenário onde os comportamentos de ensino-aprendizagem têm lugar e, como tal, local por excelência de compreensão e aplicação dos fenómenos de aprendizagem, é recente” (p.36). Esta sala possui diversas entradas de luz natural, o que a torna bastante agradável. Todas as janelas têm cortinados e os estores são elétricos. Os móveis estão dispersos pela sala.

Existe um grande armário com uma divisão para cada criança colocar as suas coisas, desde livros a lençóis, chuchas, brinquedos, entre outros objetos. Existe um móvel com uma prateleira para cada criança, onde são colocados os respectivos trabalhos pela ordem que são feitos. Junto ao tapete encontra-se um móvel com duas funções, de um lado é flanelógrafo e do outro lado estão organizados os dossiês de cada criança.

Para além deste mobiliário, a sala contém mais dois móveis onde são arrumados os materiais necessários para a realização das atividades. De acordo com Amado (2001), o mobiliário classifica-se como sendo um espaço semifixo, uma vez que é “outro elemento material do contexto; mas é mais do que isso, é um suporte imprescindível do processo de ensino-aprendizagem e da vida relacional na aula, uma vez que esta é bastante dependente de decisões acerca do seu uso e disposição” (p.82). A sala tem alguns cabides.

Existe também um placard temático e as paredes são coloridas. As datas de aniversário dos alunos estão afixadas na porta da dispensa. A Educadora não tem nenhuma secretária, utiliza o seu computador pessoal e os trabalhos das crianças não são afixados. As casas de banho e a televisão encontram-se na sala do Bibe Amarelo B.

1.4.4. Rotinas

Segundo Ferreira e Santos (1994), “a importância das rotinas está claramente demonstrada pois constituem momentos estruturantes das actividades e dos comportamentos dos alunos. Muito do tempo perdido numa sala, do cansaço do professor e dos alunos, ocorre na mudança de actividades” (p.43). As turmas do Bibe Amarelo são as primeiras a formar a roda. Neste contexto estas crianças necessitam de uma atividade que sirva de passagem para as restantes atividades.

Desta forma Ferreira e Santos (1994) mencionam que quando a criança chega à escola precisa de um “espaço de passagem, que prepare o aluno para as actividades do

dia. Deverá ser entendido como o «café dos alunos», o espaço para despertar e que marca a transição entre o exterior – casa, rua – e o interior – as tarefas escolares” (p.42). Os mesmos autores defendem que “uma canção, uma história, o espaço das novidades ou um jogo que promova a convivialidade e a coesão do grupo são certamente algumas das formas agradáveis de receber os alunos” (p.42). Depois da roda as crianças iam para a sala e dirigiam-se à casa de banho.

1.4.5. Horário

Durante a manhã, como é possível verificar no horário do Bibe Amarelo A (Quadro 5), as crianças realizavam atividades no âmbito do desenvolvimento verbal, Conhecimento do Mundo, Estimulação à Leitura, grafismos, iniciação à Matemática, entre outras. Com outros docentes, as crianças ainda executavam atividades de Educação Física, Educação Musical, informática e biblioteca. A meio da manhã as crianças iam ao recreio, onde brincavam livremente.

Antes do almoço eram colocados os babetes a todas as crianças. Assim que almoçavam, as crianças iam à casa de banho e depois eram encaminhadas para a sala, onde já se encontravam as camas preparadas para as crianças dormirem a sesta. O ambiente durante a sesta era extremamente calmo, as crianças dormiam no escuro e era colocada uma música de fundo. Segundo Cordeiro (2008), “o que nas escolas (ou em casa) se deve fazer é proporcionar ambientes onde a sesta possa ser feita (luz velada, uma caminha, silêncio) ” (p.306). Quando era hora de acordar, as auxiliares de ação educativa ajudavam as crianças a vestirem-se e a calçarem-se. Depois de acordarem, uma das Educadoras dava bolachas às crianças.

À tarde, as atividades baseavam-se na iniciação à Matemática, nos grafismos, na Estimulação à Leitura, na picotagem, no desenho, nas dobragens, entre outras. Por vezes as crianças brincavam nos cantinhos, ou seja, algumas permaneciam a ver os livros no cantinho da leitura, outras brincavam com os utensílios da cozinha e outras vestiam os disfarces do cantinho da fantasia.

As crianças lanchavam na própria sala e depois do lanche iam até ao recreio, onde aguardavam que as viessem buscar. Foi principalmente neste bibe que pude verificar o trabalho efetuado pelas Educadoras que realizam a permanência.

Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A

Bibe Amarelo A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00 / 9.30	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30 / 10.00	Act. Desenvolv. Verbal	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Act. Desenvolv. Verbal
10.00 / 10.30	Estimulação à Leitura	Informática / Biblioteca	Grafismo	Iniciação à Matemática	Educação Física
10.30 / 11.00	Educação Física		Recreio	Recreio	Recreio
11.00 / 11.30	Recreio	Recreio	Iniciação à Matemática	Estimulação à Leitura	Educação Musical
11.30 / 12.00	Act. Desenvolv. Verbal	Trabalho de Grupo	Desenho	Desenho	Recorte e Colagem
12.00 / 13.00	Almoço				
13.00 / 15.00	Sesta				
15.00 / 15.30	Iniciação à Matemática	Grafismos	Estimulação à Leitura	Picotagem	Modelagem / Barro
15.30 / 16.00	Recorte e Colagem	Pintura	Dobragens	Desenho	Jogos
16.00 / 16.30	Cantinhos	Jogos	Cantinhos	Jogos	Cantinhos
16.30 / 17.00	Lanche e saída				

Educadora: Mónica Gonçalves

Horário sujeito a alterações

1.4.6. Relatos diários

quarta-feira, 6 de abril de 2011

Neste dia, devido ao facto de ter faltado a luz, as crianças permaneceram mais tempo no recreio. Após a roda, os meninos dirigiram-se para a sua sala e a Educadora explicou o trabalho a realizar. Na proposta de atividade as crianças tinham de pintar, com as cores correspondentes, a representação das escadas do material Cuisenaire, até à peça que vale seis unidades. A primeira escada estava representada por ordem crescente e a segunda escada por ordem decrescente.

Eu auxiliei as crianças que estavam sentadas numa mesa. Primeiro realizei algumas perguntas relativas ao material Cuisenaire e, posteriormente, as crianças realizaram as escadas com as peças. Seguidamente coloriram a representação presente na proposta de atividade.

Inferências/fundamentação teórica

Na atividade onde foi utilizado o material Cuisenaire, tanto as estagiárias como a Educadora auxiliaram as crianças individualmente e em pequenos grupos. Moreira e Oliveira (2003) salientam que “constituindo a matemática um património cultural da humanidade e um modo de pensar é desejável que se proporcione a todas as crianças a possibilidade de conhecer e apreciar as ideias e os métodos matemáticos” (p.20).

De acordo com Caldeira (2009), “o material Cuisenaire pode ser utilizado em “demonstrações” feitas pelo professor, mas não será demais lembrar que ele foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos” (pp.126-127). Daí ser tão importante nesta atividade que as crianças manipulassem as barras de cor e realizassem as suas próprias descobertas, de forma a registá-las na proposta de atividade com as cores correspondentes.

sexta-feira, 8 de abril de 2011

A Educadora iniciou a manhã de atividades dando às crianças umas peças para realizarem enfiamentos. Desta forma as crianças fizeram passar em muitos dos furos um cordel. Enquanto as crianças realizavam esta atividade a Educadora ia cantando a seguinte canção: “Enfiei uma agulhinha com um fio de algodão, dei um nó numa pontinha para cozer o meu botão. Agulhinha sobe e desce, puxa o fio de algodão. Coze bem o botãozinho sem picar a minha mão”.

Na aula de Educação Musical, o Professor Paulo realizou uma atividade com as crianças. Primeiro, arranjou um cavalete com pionés, depois um marcador e folhas brancas. Nestas folhas brancas o Professor desenhou uma música e as crianças tinham de adivinhar que música era. Depois de adivinharem, cantavam em conjunto a música desenhada pelo Professor. No final da aula o Professor pediu a todas as crianças para, individualmente, desenharem uma música numa folha branca para ele adivinhar. As crianças realizaram de imediato este trabalho. À tarde, enquanto as crianças faziam construções com as peças dos legos, eu ia chamando uma a uma e registava na respetiva folha que canção é que aquela criança tinha desenhado.

Inferências/fundamentação teórica

Ao realizarem os enfiamentos, as crianças estavam a desenvolver a motricidade fina. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos”; neste sentido é preciso igualmente que sejam originadas “ocasiões em que as crianças possam receber e projectar objectos – atirar e apanhar bolas ou outros materiais de arremesso, utilizando as mãos ou os pés” (p.59). Enquanto a Educadora cantava, realizava o mesmo exercício e circulava entre as mesas, de forma a verificar quem conseguia efetuar os enfiamentos. O facto da Educadora cantar não permitiu que existisse outro barulho e, desta forma, as crianças conseguiram estar focadas na realização do exercício.

quarta-feira, 13 de abril de 2011

Nesta manhã de estágio os alunos do Bibe Azul-escuro prepararam uma peça de teatro para apresentarem a alguns alunos do pré-escolar. Esta peça era baseada na história da “Branca de Neve”. Os alunos utilizaram diversos adereços e instrumentos musicais que encontraram na sala do Bibe Amarelo. Esta apresentação ocorreu no salão e a plateia era composta pelas crianças do Bibe Amarelo e do Bibe Encarnado.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta manhã foi encantador observar as crianças mais velhas a representar para as crianças mais novas. Ao longo de toda a peça existiram diversos momentos de interação entre as crianças das diversas faixas etárias. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais” (p.59).

A dramatização estava muito completa, embora existissem alguns momentos de improviso e discordância entre os atores. Segundo Sousa (2003), “a expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação”, neste sentido, em relação “à criança, ajuda-a eficazmente no seu processo de desenvolvimento bio-psico-sócio-motor, pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade e a sua consciência de valores ético-morais e estéticos” (p.33).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem ainda que “na interacção com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal” (p.59). As crianças que observavam a dramatização, permaneceram animadas e interessadas, fazendo alguns comentários ao longo da apresentação.

sexta-feira, 15 de abril de 2011

Neste dia a estagiária Sara Santos veio ao Bibe Amarelo realizar uma atividade de estimulação à leitura. Inicialmente leu a história da “Zebra Camila”. Ao longo da história as crianças repetiam algumas falas. Posteriormente, a Sara utilizou um fantoche de uma zebra e explicou às crianças o que elas iriam fazer. Desta forma, as crianças realizaram uma proposta de atividade onde tinham de colar as riscas da zebra. Primeiro colaram as riscas pela ordem de cores definida pela estagiária e de seguida concluíram a atividade colando as riscas pela ordem definida por cada criança.

Inferências/fundamentação teórica

É fulcral que as crianças, ao longo do seu dia no jardim de infância, escutem histórias. O momento semanal que estas passam na biblioteca da escola a contactar com os livros não é suficiente. Lopes (2006) referem que a atividade de ler para as crianças é essencial. Os mesmos autores salientam que “esta actividade deve passar de esporádica e casuística, a sistemática, organizada e intencional. Deve pois, na medida do possível, existir um momento do dia que poderá ocupar entre 30 a 60 minutos e que constitui o «momento da leitura»” (p.68).

Posteriormente, o exercício de colar as riscas na zebra foi interessante, notou-se que as crianças se interessaram mais na parte de colocar as riscas aleatoriamente. De acordo com Aguëra (2008), “é maravilhoso que as crianças pequenas gostem de criar. É a melhor forma de contribuir para o desenvolvimento do pensamento, ao mesmo tempo que lhes incentiva a auto-estima e, obviamente, se aumentam destrezas e habilidades”

(p.103). Neste sentido para além das crianças colocarem as riscas pela ordem estabelecida inicialmente, puderam colocá-las ao seu gosto, contribuindo com o seu toque pessoal na realização da proposta de atividade.

quarta-feira, 27 de abril de 2011

Neste dia, embora me encontrasse num período de férias, dirigi-me ao meu local de estágio com o intuito de desenvolver uma atividade com as crianças. O plano de aula desta atividade encontra-se no **Anexo M**. Esta atividade baseou-se numa estimulação à leitura. Depois de organizar o espaço da sala, iniciei a atividade com as crianças sentadas em várias filas. contei a história “Mamã maravilha”, as crianças fizeram a interpretação de algumas imagens presentes no livro e, no final, pedi às crianças para caracterizarem a sua mãe. Depois de explorar a história, as crianças realizaram uma proposta de atividade. Esta também se encontra no **Anexo M**.

Inferências/fundamentação teórica

Assim que terminei a exploração da história disse às crianças o que elas tinham de fazer na proposta de atividade. Comecei por escrever uma mensagem para a minha mãe, numa folha de formato A₃, e depois pedi para as crianças escreverem uma mensagem para a sua mãe. Algumas crianças, conforme escreviam, iam dizendo o que estavam a escrever, outras solicitaram a minha ajuda para escrever e apenas algumas crianças referiram que não conseguiam escrever. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) reforçam que “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas deverão ser valorizadas e incentivadas” (p.69).

Na proposta de atividade as crianças tiveram de desenhar o retrato da mãe. Algumas desenharam garatujas enquanto outras representaram a mãe com mais detalhes. Uma criança, enquanto realizava o retrato da mãe, mencionou que a mesma estava despenteada. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente” (p.69).

No final, as crianças sentaram-se no tapete e eu mostrei as propostas de atividades realizadas e pedi para as crianças dizerem o que tinham escrito. Na mensagem, algumas crianças fizeram pedidos à mãe, outras disseram que gostavam

muito da mãe e de outros membros da família e uma criança disse que tinha escrito: “mamã, adoro-te”. Segundo Gonçalves (1991), nesta faixa etária “a criança começa a fazer grafismos mais minuciosos e controlados, designadamente quando imita a escrita do adulto, apresentando a estrutura, a direcção e o aspecto global da nossa escrita ocidental”, assim a criança “não só escreve como lê ou pede ao adulto mais próximo que leia o que escreveu” (p.48). Neste exercício está presente a pré-escrita como a pré-leitura.

quarta-feira, 4 de maio de 2011

Neste dia, as crianças do Bibe Amarelo começaram por realizar uma proposta de atividade onde tinham de realizar o grafismo de vários prédios. Posteriormente, a Educadora realizou uma atividade com as crianças no âmbito da Matemática. Inicialmente todas as crianças imaginaram que estavam a comer uma estrela e depois todos se sentaram à volta do tapete, juntamente com a Educadora. De seguida, a Educadora pediu a uma criança para fingir que ia buscar a caixa do 1.º Dom de Fröebel e para a colocar no meio do tapete.

Depois, a Educadora fingia que retirava uma bola e pedia a uma criança para dizer a cor da respetiva bola. Através da imaginação, a Educadora realizou diversos exercícios que envolveram a exploração da cor, a orientação espacial, a lateralização, a memória e a criatividade. Nesta atividade a Educadora apelou sempre aos conhecimentos que as crianças já possuíam.

No final, a Educadora pediu para as crianças se sentarem em várias filas de modo a realizarem o jogo do “Quim Visual”. Fingiu que colocou a caixa do 1.º Dom de Fröebel em cima da mesa e sentou-se numa cadeira. Realizou os gestos de como quem coloca a caixa na vertical e indicou às crianças as cores das bolas e as suas posições. De seguida pediu para as crianças fecharem os olhos e realizou os gestos como se tivesse a trocar a ordem das bolas. Depois pediu para as crianças abrirem os olhos e para indicarem as bolas que tinham sido trocadas. Ulteriormente, a Educadora pediu para uma criança arrumar a caixa e para a colocar em cima de um móvel.

Inferências/fundamentação teórica

O facto de a educadora ter criado um ambiente de imaginação suscitou a curiosidade e o interesse por parte das crianças. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a diversidade de materiais para desenvolver as mesmas noções através de diferentes meios e processos, constitui um

estímulo para a aprendizagem da matemática” (p.76). Segundo Moreira e Oliveira (2003), “a escola tem de criar ambientes educativos que permitam o desenvolvimento da capacidade de analisar e resolver situações problemáticas, bem como saber raciocinar e comunicar matematicamente” (p.20).

Relativamente ao material utilizado, as mesmas autoras referem que “o primeiro Dom era um conjunto de seis bolas de cores diferentes” (p.33). Caldeira (2009) diz que o 1.º Dom é composto por “seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de crochet, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo” (p.243).

Mesmo sem o material do 1.º Dom de Fröebel, para que as crianças o pudessem manusear e visualizar, as mesmas aderiram de imediato quando a Educadora solicitou que se colocassem em filas para realizar o jogo do “Quim Visual”. De acordo com Caldeira (2009), neste jogo posiciona-se “a caixa na vertical e coloca-se 2 bolas em cima (fazendo lembrar os olhos do “Quim”) e outras duas bolas, uma em cada lado da caixa. Pede-se às crianças que tapem os olhos enquanto se altera a posição das bolas”, posteriormente, “quando as crianças destapam os olhos, pede-se a uma delas que identifique a diferença, fazendo-a relacionar espacialmente a troca” (p.245). Quando as crianças abriram os olhos, auxiliaram a Educadora a colocar as bolas nos locais iniciais.

sexta-feira, 6 de maio de 2011

Este dia foi destinado à minha manhã de atividades, as planificações referentes a esta aula encontram-se no **Anexo N**. Devido ao facto de as crianças do Bibe Amarelo terem aula de Educação Física e de Educação Musical a meio da manhã, tive de realizar as atividades propostas ao longo de todo o dia. Comecei pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde li o poema “Frutos” de Eugénio de Andrade. Inicialmente não disse o nome do poema e, depois de o ler, pedi para as crianças descobrirem o nome do mesmo. Depois descrevi o meu fruto preferido às crianças e, no final, deixei que estas falassem sobre os frutos que mais gostam.

Depois das atividades de Educação Física e Educação Musical, realizei a atividade referente à Área do Conhecimento do Mundo, onde explorei os frutos. Com as crianças sentadas nos lugares, conversei com as mesmas sobre a temática a abordar. Dispus em cima de um móvel uma cesta com diversos frutos, tais como: maçãs, peras, laranjas, bananas, entre outros. Explorei com as crianças as características gerais dos

frutos apresentados e solicitei a colaboração das crianças para descreverem alguns frutos. Deste modo explorei as cores, os tamanhos e as formas. No final, realizei um jogo que envolvia o sentido da visão, do olfacto e do paladar, através de jogos de memória, do cheiro e do sabor dos frutos (Figura 27).

À tarde realizei uma atividade no Domínio da Matemática, onde explorei a teoria de conjuntos através de representações de frutos. Com as crianças sentadas nos lugares distribuí o material. Pedi para as crianças identificarem os frutos distribuídos e com os mesmos efetuei contagens. Seguidamente, com a folha da linha fronteira, pedi para as crianças realizarem alguns conjuntos e representarem, com os algarismos móveis, o número de elementos que possuía cada conjunto (Figura 28). No final, realizei uma atividade de expressão plástica, onde as crianças tinham de executar o carimbo de um fruto no centro da folha. O fruto escolhido para esta atividade foi a pera.



Figura 27 – Atividade do Conhecimento do Mundo

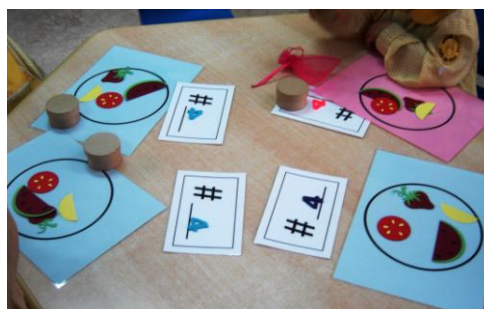


Figura 28 – Atividade do Domínio da Matemática

Inferências/fundamentação teórica

Cabe ao educador dar sentido e esclarecer todas as dúvidas que possam surgir por parte dos alunos. Quando o educador planeia algumas actividades para os seus alunos, estas devem ser progressivamente mais complexas. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) mencionam que “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador” (p.83). Cabe ao educador sensibilizar as crianças para as ciências, aproveitando o que elas já sabem, indo de encontro com os seus interesses e despertar a sua curiosidade e desejo de saber mais.

Relativamente ao Domínio da Matemática, as crianças conseguiram realizar os exercícios propostos com a representação dos frutos. De acordo com Moreira e Oliveira (2003), todas as experiências matemáticas que se proporcionam às crianças na Educação Pré-Escolar são essenciais para “o seu crescimento matemático, não só em termos dos

futuros conhecimentos escolares mas também porque no jardim de infância as crianças começam a construir e a desenvolver sentimentos sobre o que é a matemática e sobre si próprios” (p.57). É essencial que o educador proporcione momentos que envolvam este tipo de atividades.

quarta-feira, 11 de maio de 2011

Devido ao facto de a Educadora da sala ter de se ausentar por alguns minutos, eu e as restantes estagiárias orientámos as crianças na execução de um trabalho. Este consistia em colorir a locomotiva do comboio. Depois de colorir, as crianças tinham de a picotar, destacar e colar na respetiva folha de trabalho. Depois tinham de colorir as carruagens do comboio.

Após a realização deste trabalho, e já com a Educadora na sala de aula, a estagiária Rita Cardoso, do terceiro ano, desenvolveu uma atividade com as crianças. Esta atividade consistiu numa estimulação à leitura, onde a estagiária explorou a história “A que sabe a lua?”. Ao longo da história as crianças tinham de colocar os animais num tapete pela ordem correspondente.

Inferências/fundamentação teórica

As atividades realizadas no início desta manhã são essenciais para estimular e desenvolver a motricidade fina. Pois, ao pintar, picotar e colar as crianças estão a realizar movimentos minuciosos. De acordo com a Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p.61).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) ainda referem que “o desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na educação pré-escolar” (p.61). Neste contexto, ainda podem ser realizados exercícios, tais como os grafismos, as dobragens, os entrelaçamentos, a modelagem do barro/massa de modelar, entre outros.

sexta-feira, 13 de maio de 2011

Durante a manhã as estagiárias do Bibe Amarelo A, juntamente com a Educadora, construíram um material de feltro que representava as peças dos Blocos Lógicos. À tarde, a Educadora realizou uma demonstração, onde explorou a teoria de conjuntos. Eu, juntamente com a minha colega Mafalda, colaborámos com a Educadora

nesta exposição. Vestimos uma camisola de feltro branca, onde as crianças vinham colar as peças com os atributos solicitados anteriormente. De seguida, algumas crianças vestiram também camisolas de feltro brancas, sendo estas os próprios conjuntos. Realizaram-se diversos exercícios onde se construíram conjuntos singulares, conjuntos vazios e conjuntos com alguns elementos.

Inferências/fundamentação teórica

As crianças do Bibe Amarelo A nunca tinham realizado esta atividade e demonstraram querer participar na realização dos diversos exercícios. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “no quotidiano da educação pré-escolar, a aprendizagem da matemática implica que: o educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas” (p.74).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) salientam que “a utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais” (p.75). Nos exercícios realizados ao longo da demonstração, com a representação das peças dos Blocos Lógicos, foram apenas explorados três atributos: a cor, a forma e o tamanho. O atributo da espessura não foi trabalhado, pois as peças construídas em feltro não apresentavam diferenças a este nível.

quarta-feira, 18 de maio de 2011

Neste dia realizei uma atividade com as crianças. Esta atividade foi uma continuação da manhã de atividades, que decorreu no dia 6 de maio de 2011. Nesta sequência de ideias, o tema explorado, foi de novo, os frutos. Comecei por colocar três adivinhas às crianças, cujas respostas eram nomes de frutos. Seguidamente, dividi a turma em dois grupos. O primeiro grupo colocou as máscaras dos frutos e eu permaneci com o segundo grupo, sentada no tapete (Figura 29). O grupo que tinha as máscaras escolheu uma canção relacionada com o tema dos frutos, posteriormente cantaram a canção para os colegas. As crianças, que permaneciam no tapete a ouvir a música, acompanhavam o ritmo batendo palmas.

De seguida os grupos inverteram: o primeiro grupo retirou as máscaras e sentou-se no tapete, enquanto as outras crianças se levantavam e colocavam as máscaras. Com este grupo realizei exercícios distintos. Pedi a cada fruto para executar um movimento diferente, como por exemplo: as maçãs tinham de saltar, as peras de levantar os braços, entre outros. Por último, pedi às crianças que estavam no tapete para fecharem os olhos

enquanto eu retirava alguns frutos do grupo. Depois, as crianças tiveram de dizer que frutos é que tinham saído. No final realizei uma proposta de atividade, onde as crianças tinham de fazer a correspondência entre as cores e os frutos e pintar os frutos com as cores corretas. Esta proposta de atividade encontra-se no **Anexo O**.



Figura 29 – Atividade “os frutos”

Inferências/fundamentação teórica

Nesta atividade foi necessário ter em conta aquilo que as crianças já sabiam, de modo a fazer uma exploração diferente do tema. O educador deve tirar partido daquilo que as crianças já sabem, de modo a fazer uma exploração mais contextualizada. Conforme é referido pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar” (p.80).

A proposta de atividade realizada posteriormente foi uma forma de consolidar os conhecimentos adquiridos. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) ainda defendem que o educador deve escolher “criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança” (p.83). Nesta atividade foi possível verificar que as crianças se recordavam das atividades realizadas anteriormente sobre a temática dos frutos.

sexta-feira, 20 de maio de 2011

Neste dia a Mafalda dirigiu as atividades do Bibe Amarelo A. Começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde contou uma adaptação da

história “O soldadinho de chumbo”. Enquanto a estagiária contava a história ao som de uma música de fundo, as crianças desenhavam os elementos da história solicitados.

Na Área do Conhecimento do Mundo a minha colega explorou os meios de transporte marítimos, terrestres e aéreos. Dispôs as cadeiras em semicírculo e introduziu o tema fazendo algumas perguntas às crianças. Foi através do diálogo que referiu os diferentes meios de transporte, nomeando a sua função. Seguidamente mostrou a maquete de uma cidade, que colocou no chão. No final as crianças tiveram de colocar os meios de transporte nos locais corretos.

À tarde a estagiária desenvolveu uma atividade no Domínio da Matemática. Aqui utilizou o 3.º Dom de Fröebel, com o qual realizou a construção do muro baixo, do muro alto e do comboio. As crianças acompanharam os exercícios propostos e a Mafalda colocou algumas situações problemáticas que envolveram o cálculo mental e a lateralidade.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula, a Mafalda utilizou uma história tradicional denominada “O soldadinho de chumbo”. É extremamente importante narrar os contos tradicionais, pois são histórias de tradição oral que passam de geração em geração. De acordo com Barros (2008), “os contos tradicionais são exemplo de uma herança cultural colectiva, focalizada nas vivências humanas. Mediante uma linguagem própria, recorrendo ao «maravilhoso», grandes emoções são experimentadas nestas histórias, onde estão simbolizados conflitos humanos universais. Nomeadamente conflitos comuns no pensamento da criança”, como por exemplo as rivalidades, a rejeição e a luta pela independência. A mesma autora salienta que “o bem e o mal estão presentes, mas ao serem representados simbolicamente (em personagens do maravilhoso) e afastados temporalmente (“Era uma vez...”; “Há muito, muito tempo...”), permitem que a criança encontre significados que lhe serão úteis”, sem que se trace uma linha direta com as suas vivências reais.

De acordo com Agüera (2008), “nas pequenas histórias deve destacar-se a moral, o valor que está implícito, para que as crianças o reconheçam e interiorizem” (p.35). Já Barros (2008) salienta que “a literatura de expressão oral incita à criação de um palco imaginário, onde é possível integrar significados, encorajando ainda o acto criativo”.

Relativamente à atividade realizada no Domínio da Matemática, a Mafalda conseguiu captar ainda mais o interesse e a atenção das crianças, quando lhes distribuiu uma personagem. Esta personagem era uma boneca que, na realização dos exercícios, se

colocava em cima das construções. Segundo Moreira e Oliveira (2003), “um ambiente apropriado e materiais bem escolhidos podem ajudar as crianças a explorar as características e as propriedades dos objectos bi e tridimensionais, levando-as a compará-los, agrupá-los e descrevê-los, usando o seu próprio vocabulário” (p.91). Esta foi uma estratégia diferente que a estagiária utilizou, fazendo proveito das construções realizadas com o 3.º Dom de Fröebel.

quarta-feira, 25 de maio de 2011

Neste dia a Educadora contou a história da casa da mosca fosca. Ao longo desta estimulação à leitura, a Educadora utilizou rolhas de cortiça coloridas e a tampa de uma caixa, de forma a representar a mesa e os lugares de cada personagem. Através das rolhas de cor a Educadora realizou algumas contagens e exercícios que envolveram a soma e da subtração.

À tarde, as crianças, com as indicações dadas pela Educadora, realizaram a dobragem do cone. Eu e as estagiárias do terceiro ano auxiliámos as crianças em alguns procedimentos mais complexos da dobragem. Posteriormente, colámos a dobragem na respetiva folha de trabalho. Depois da dobragem colada, a Educadora, com uma caneta de cor, desenhou três bolas de gelado em cima de cada cone. No final, as crianças coloriram as bolas de gelado com as cores correspondentes aos seus sabores preferidos.

Inferências/fundamentação teórica

As rolhas de cortiça, utilizadas para acompanhar e representar as ações da história, podem ser consideradas como um material manipulativo não estruturado, uma vez que auxilia conceitos matemáticos. De acordo com Caldeira (2009), “os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas” (p.15). Segundo Reis (1996), citado por Caldeira (2009), os materiais manipuláveis são “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular, e movimentar. Podem ser objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia” (p.16).

No que concerne à dobragem, inicialmente foi necessário auxiliar muitas crianças, contudo, no final, já quase todos conseguiram fazer os últimos passos. Segundo Moreira e Oliveira (2003), “as dobragens também podem ser usadas para investigar eixos e planos de simetria” (p.93). Este é um exercício que exige algum controlo da motricidade fina, bem como uma boa orientação espacial.

sexta-feira, 27 de maio de 2011

Durante a manhã assisti a uma aula programada, que decorreu no Bibe Encarnado B. Esta aula foi dirigida pela estagiária Denise. No salão, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir uma história, cuja personagem principal era um carro. Posteriormente à história, a estagiária explorou alguns sinais de trânsito, dizendo sempre às crianças o seu nome e a sua função. Entre estas atividades a Denise inseriu um jogo, onde as crianças realizaram diversos movimentos. De seguida, mostrou uma apresentação em PowerPoint, onde as crianças tinham de levantar o sinal encarnado se vissem uma atitude errada, e o sinal verde caso observassem um comportamento correto. No final as crianças sentaram-se nos respetivos lugares, onde já tinham a proposta de atividade de um itinerário. Foi com as peças do material Cuisenaire que as crianças realizaram o itinerário, que posteriormente coloriram com as respectivas cores. Depois da aula da Denise houve uma reunião, onde se comentaram as diversas aulas programadas.

À tarde, eu e a minha colega Mafalda realizámos uma atividade com as crianças do Bibe Amarelo A. Começámos por organizar a sala e o material e depois demos início a uma estimulação à leitura. A história apresentada foi “Pequeno azul e o pequeno amarelo”, contudo não mostrámos o livro às crianças. Explorámos esta história através da pintura das diversas ações (Figura 30). No final as crianças, com plasticina, realizaram a representação da sua família, onde o pedaço de plasticina maior era azul e correspondia ao pai, a plasticina amarela era a mãe e com a junção da plasticina amarela e azul, deram origem à sua própria representação com a cor verde.



Figura 30 – Atividade “pequeno azul e pequeno amarelo”

Inferências/fundamentação teórica

É extremamente importante a realização das reuniões relativas às aulas lecionadas. Uma vez que somos observados por um elemento da equipa de supervisão, é fundamental realizar uma reflexão crítica, no sentido de melhorarmos as nossas prestações. De acordo com Alarcão (1996), recorre-se “a estratégias de formação de professores que constituem um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática” (p.100).

A estimulação à leitura realizada à tarde, foi algo que saiu do rotineiro das crianças. Em primeiro lugar, a história não foi apresentada com o livro, nem com o PowerPoint, nem mesmo com imagens, fantoches ou sombras chinesas. Neste caso as diversas ações da história eram representadas através da pintura. Esta pintura foi realizada ao mesmo tempo que era contada a história. De acordo com Agüera (2008), “nas narrações para crianças destas idades não deve haver muitas personagens, de forma a que possam reconhecê-las e não as esquecer” (p.35). A mesma autora salienta que “uma das características destas idades é a animação” porque “os mais pequenos animam tanto uma folha de papel como a cadeira onde se sentam. Portanto, os elementos da narração, para eles, adquirem vida e devem escolher-se cuidadosamente” (p.35).

Relativamente à proposta de atividade aplicada posteriormente, foi mais um momento de consolidação de conhecimentos. Nesta atividade, as crianças tiveram de trabalhar com a plasticina. Por norma, as crianças exploram livremente a plasticina, contudo, neste exercício, tinham de respeitar determinados procedimentos. Agüera (2008) defende que as crianças “umas vezes dirigidas pelo educador e outras vezes livremente, fazem muitas coisas que são autênticos trabalhos manuais” (p.103). A mesma autora refere ainda que “o educador não deve esquecer-se de que qualquer coisa que tenha entre mãos deve transformar-se em objectivo e actividades para as suas crianças” (p.106). Nesta atividade, quase todas as crianças conseguiram representar a mãe de amarelo, o pai de azul e elas próprias de verde, através da junção da plasticina amarela com a plasticina azul.

quarta-feira, 1 de junho de 2011

Neste dia, as estagiárias do terceiro ano organizaram as atividades a desenvolver no recreio, de forma a celebrar o Dia da Criança. Eu permaneci junto da educadora da sala. Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, realizámos uma atividade onde as crianças, numa folha, tinham de realizar uma composição escrita, referente a um dia

na praia. Após este momento de escrita criativa, as crianças brincaram livremente no cantinho da cozinha. Enquanto isto, eu e a Educadora chamávamos as crianças uma a uma, para realizar a tradução do que elas tinham “escrito”.

Inferências/fundamentação teórica

A condução do exercício de escrita criativa foi interessante, uma vez que cada criança “escreveu” uma composição sobre um dia na praia. De acordo com Gonçalves (1991), os grafismos que constituem a pré-escrita “são um excelente exercício para desenvolver a psicomotricidade, antes da aprendizagem da escrita convencional das palavras e dos números, aos 6 anos de idade” (p.48).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a oportunidade de “imitar” a escrita e a leitura da vida corrente pode fazer parte do material de faz de conta, onde as crianças poderão dispor de folhas, cadernos, agendas ou blocos, de uma lista telefónica, de revistas ou jornais...” (p.69). Nesta atividade nenhuma criança pediu ajuda e todas permaneceram focadas na realização da composição.

sexta-feira, 3 de junho de 2011

Este dia foi destinado à manhã de atividades da estagiária Mafalda. Nesta manhã o tema explorado foi a prevenção rodoviária. Inicialmente, a Mafalda conduziu as crianças até ao ginásio, onde estava montado um pequeno circuito. Numa primeira fase a Mafalda mostrou às crianças como é que elas teriam de andar e indicou os sinais destinados aos peões e aos automóveis. De seguida, algumas crianças foram peões e outras foram automóveis, todas tiveram de circular pelo percurso respeitando os sinais de trânsito.

Depois do recreio, as crianças sentaram-se nos respectivos lugares e a Mafalda distribuiu o material Blocos Lógicos pelas diversas mesas. Nesta atividade a estagiária relacionou os vários atributos das peças com as formas e as cores dos sinais de trânsito apresentados. No final as crianças puderam realizar construções livremente.

Inferências/fundamentação teórica

Nesta manhã de atividades, a Mafalda não teve oportunidade de realizar uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Relativamente ao tema abordado, considero que é uma temática que deve ser explorada com algum cuidado. Uma vez que as crianças atravessam a estrada e andam de carro com a família, é fulcral que estas conheçam as regras básicas de segurança. Cabe ao educador dar

sentido e esclarecer todas as dúvidas que possam surgir por parte dos alunos. Quando o educador planeia algumas atividades para os seus alunos, estas devem ser progressivamente mais complexas. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) mencionam que “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador” (p.83).

Neste sentido o educador deve fornecer às crianças momentos onde estas possam contactar com novas situações de aprendizagem. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) indicam que a curiosidade das crianças é “fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (p.79). Martins *et al* (2007b) defendem que, numa visão de responsabilidade partilhada, é necessário que cada indivíduo disponha de “um conjunto de saberes do domínio científico-tecnológico que lhe permita compreender alguns fenómenos importantes do mundo em que vive e tomar decisões democráticas de modo informado” (p.16). Neste contexto, é essencial que as crianças possuam conhecimentos sólidos relativos a alguns aspetos da prevenção rodoviária.

quarta-feira, 8 de junho de 2011

Durante esta manhã de atividades a estagiária Joana Amor desenvolveu uma atividade com as crianças na Área do Conhecimento do Mundo. Esta foi uma aula assistida pela Educadora Mónica e pela professora da equipa de supervisão Cristina Viana. Durante vinte minutos a estagiária explorou os meios de transporte aquáticos. Deu início à sua atividade, com as crianças sentadas nos lugares, e foi dando indicações para que estas construíssem a dobragem do barco. Após todos terem construído a dobragem do barco; as crianças sentaram-se no tapete, onde a Joana mostrou imagens referentes a diversos meios de transporte, colocando apenas no flanelografo aquelas que correspondiam aos meios de transporte aquáticos. A estagiária disse o nome dos diferentes barcos e fez a distinção entre marina e porto. No final desta aula houve uma reunião, onde foram discutidas as aulas das estagiárias do terceiro ano.

Devido ao facto de durante a manhã existirem aulas assistidas, leccionei a minha segunda manhã de atividades na parte da tarde. As planificações desta aula encontram-se no **Anexo P**. Nesta aula explorei o tema da praia durante toda a tarde, apenas não

realizei o jogo como estava estipulado. Comecei pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde realizei uma estimulação à leitura através de uma apresentação em PowerPoint. Esta apresentação tinha apenas imagens. Foi com a colaboração das crianças que contei a história denominada “Onda”. As crianças ouviram o som do mar, interpretaram as imagens expostas e criaram o final da história (Figura 31).

De seguida, no Domínio da Matemática as crianças trabalharam com o 3.º Dom de Fröebel. Envolvi as crianças numa história que deu continuidade à atividade realizada anteriormente e as crianças efetuaram a construção do comboio, o muro baixo e das cadeiras e mesa. Coloquei diversas situações problemáticas, de forma a explorar o cálculo mental. Na resolução das situações problemáticas as crianças tinham pequenos bonecos e borboletas que auxiliavam nos cálculos (Figura 32).

Por último, na Área do Conhecimento do Mundo, conversei com as crianças sobre as suas vivências na praia e relembrei os cuidados a ter com o sol e com o mar. De forma a explorar este tema, fui retirando do interior de uma mala objetos que são utilizados na praia, tais como a toalha, os óculos de sol, o protetor solar, a bola, a garrafa de água, entre outros. Conversei com as crianças sobre cada objecto e explorei atitudes corretas e incorretas. No final, realizei um jogo onde cada criança tinha de dizer um objecto que era importante levar para a praia. Foi através deste pequeno jogo que os conhecimentos foram consolidados.



Figura 31 – Atividade de estimulação à leitura



Figura 32 – Atividade de matemática

Inferências/fundamentação teórica

Nesta aula utilizei, pela primeira vez, imagens de um livro denominado “Onda”. Este livro não possui mais nenhuma palavra a não ser o título, desta forma, para contar a história é necessário realizar a leitura e interpretação de imagens. Para a apresentação em PowerPoint utilizei apenas algumas imagens do livro. Neste sentido, as crianças

auxiliaram-me a caracterizar as personagens e a narrar o desenrolar de acontecimentos que se visualizavam nas imagens.

De acordo com Rodrigues (2011), “as imagens dos livros ganham novo protagonismo, estimulam a atenção e desenvolvem a capacidade de interpretação, e mais importante: acordam a imaginação” (p.88). A mesma autora menciona que “ler histórias sem palavras é tarefa para os nossos olhos, mas também para a nossa bagagem de vivências que nos permite interpretar as imagens que vemos. Os hábitos que contribuem para uma sólida cultura visual começam a construir-se desde cedo” (p.91).

Neste contexto, é essencial que, desde cedo, as crianças contactem com diferentes livros. Não interessa apenas a narração da história, a criança pode contribuir também para a leitura e descoberta da mesma. Rodrigues (2011) salienta ainda que “o uso frequente dos livros sem palavras tem, assim, todas as indicações. Tornam as crianças mais confiantes na sua capacidade de ler imagens, mais livres na sua imaginação, além de melhores espectadores de artes”; neste sentido, “o leque de informação visual que proporcionam, acorda-as para o novo e para o mundo” (p.91).

Posteriormente à história “Onda”, as crianças realizaram uma atividade no Domínio da Matemática. Esta atividade deu continuidade à história, existindo desta forma um momento de interdisciplinaridade. De acordo com Pombo, Guimarães e Levy (1994), “ninguém sabe exactamente o que é a interdisciplinaridade” (p.10).

Para Palmade (1979), citado por Pombo, Guimarães e Levy (1994), a interdisciplinaridade é “a integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas, com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber” (p.10). Já Piaget (1972), citado por Pombo, Guimarães e Levy (1994), refere que “a interdisciplinaridade aparece como intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...tendo) como resultado um enriquecimento recíproco” (p.10).

Relativamente ao facto de dar continuidade à história na exploração do 3.º Dom, Moreira e Oliveira (2003), referem que “Froebel procurava, deste modo, a integração de histórias e jogos com as explorações matemáticas e artísticas e incentivava as mães e os educadores a participarem nas brincadeiras das crianças” (p.33). Neste sentido é essencial que na exploração das várias áreas de conteúdo sejam realizados alguns momentos de interdisciplinaridade.

quinta-feira, 9 de junho de 2011

Embora este não fosse dia de estágio, dirigi-me à sala do Bibe Amarelo A com o intuito de concluir a minha manhã de atividades. Desta forma, realizei um jogo com as crianças, que fazia referência à praia. Com as crianças sentadas em filas no tapete, eu entrei na sala disfarçada de nadadora salvadora. Comecei por me apresentar e, de seguida, revi o significado de três bandeiras, a verde, a amarela e a encarnada (Figura 33). Após esta revisão, dividi a turma em dois grupos. Coloquei no centro da sala um plástico amarelo e azul, que representava a areia e o mar. De seguida, pedi às crianças do primeiro grupo para virem até à areia da praia brincar com o balde, as pás e a bola. Sempre que utilizava o apito do nadador salvador, as crianças tinham de olhar para a bandeira que eu levantava e realizar um comportamento adequado face à mesma. Posteriormente, realizei o mesmo exercício com o segundo grupo de crianças. No final, algumas crianças auxiliaram-me a guardar o material utilizado neste jogo.



Figura 33 – Jogo “A praia”

Inferências/fundamentação teórica

Inicialmente no jogo, nem todas as crianças estavam a ter comportamentos que respeitassem a bandeira mostrada pelo nadador salvador. Contudo, mesmo com algumas regras para respeitar, as crianças tiveram um comportamento exemplar, mostrando interesse e entusiasmo pelo jogo a realizar.

De acordo com Caldeira (2009), “brincar é uma actividade universal” (p.39). A mesma autora defende que “brincar é um direito fundamental de todas as crianças e qualquer uma deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas de modo a satisfazer as suas necessidades básicas de aprendizagem”; desta forma “na

escola, as crianças devem ter oportunidades para a construção do conhecimento, através da descoberta, e invenção, elementos indispensáveis para a participação activa no seu meio” (p.39). Neste caso o jogo foi um elemento muito importante da aula, pois foi aqui que as crianças, ao jogar e ao respeitar as regras, consolidaram conhecimentos.

quarta-feira, 15 de junho de 2011

Nesta manhã de estágio, realizei uma estimulação à leitura com as crianças onde cantámos uma canção. De seguida, a estagiária Rita Nunes efetuou um itinerário, onde utilizou o material Cuisenaire para a execução do mesmo. Enquanto a Rita desenvolvia esta atividade com as crianças, todas as outras estagiárias colaboravam com as Educadoras do Bibe Amarelo na construção dos placardes da sala. Na sala do Bibe Amarelo B a temática do placard foi a fruta, desta forma as estagiárias colocaram garfos construídos em cartolina de diferentes cores e tamanhos, juntamente com diversas frutas, construídas também em cartolina. Na sala do Bibe Amarelo A, o objectivo era a representação do céu azul, com nuvens brancas, que possuíam diversas formas.

À tarde, a estagiária do terceiro ano, Ana Patrícia Deus, realizou uma estimulação à leitura com as crianças. Começou por ler um livro de António Torrado, intitulado de “História de uma nuvem”. Ao longo desta história a nuvem ia alterando a sua forma. Posteriormente, as crianças realizaram uma proposta de atividade onde tinham de transformar a nuvem apresentada naquilo que elas quisessem. No final da tarde concluímos a construção do placard, que também se relacionava com a atividade anteriormente descrita (Figura 34).



Figura 34 – Placard relacionado com a história de uma nuvem

Inferências/fundamentação teórica

No final deste dia de estágio verifiquei que todas as atividades realizadas acabaram por se interligar, nomeadamente a leitura da “História de uma nuvem”, com a realização do placard que representava o céu, composto por nuvens de várias formas. De acordo com Jensen (2002), embora “as salas muito centradas na decoração tenham um valor de enriquecimento discutível, elas servem outros objectivos valiosos. Podem ser uma fonte de inspiração, afirmação e conteúdo. Podem ajudar os alunos a sentirem-se seguros, confortáveis e a acompanharem a aprendizagem” (p.65). O mesmo autor defende que “um ambiente rico na sala de aula, cheio de cartazes, estruturas móveis, mapas, desenhos e gráficos será razoavelmente bem aceite pela maior parte dos alunos” (p.66). Enquanto as crianças lanchavam, questionaram por diversas vezes a Educadora de forma a conseguirem saber para que é que iriam servir aqueles elementos. No final, a reação das crianças foi muito positiva.

sexta-feira, 17 de junho de 2011

Neste dia decorreu a minha Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional. Os planos que remetem a esta aula encontram-se no **Anexo Q**. Nesta prova tive de desenvolver atividades com as crianças do Bibe Encarnado A, durante 75 minutos. Comecei pelo Domínio da Matemática, onde as crianças exploraram o material Cuisenaire. Com o auxílio de dois fantoches, envolvi as crianças numa história e, segundo as indicações dadas por mim, construímos um itinerário. Este itinerário conduzia as crianças do Bibe Encarnado até a um comboio.

Após todos terem terminado a construção do itinerário, realizei um comboio com as crianças e encaminhei-as para o outro extremo do salão. Neste espaço, as crianças sentaram-se nas almofadinhas e foi então que desenvolvi a atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Figura 35). Nesta atividade, as crianças tinham de encontrar as pistas (adivinhas, sonos, fantoches e objetos) que remetiam a animais que pertenciam à quinta do Miguel. Após terem descoberto todos os animais, cantámos a canção “A quinta do Miguel” acompanhando com sons e gestos.

Posteriormente, solicitei às crianças para se sentarem nas cadeiras que se encontravam no centro do salão e desenvolvi uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo. Como tinha havido um vendaval na quinta do Miguel, os animais tinham todos saído dos seus lugares. Foi aqui que as crianças colocaram os animais na maquete da quinta do Miguel. De seguida, revi com as crianças as características dos mamíferos

e das aves, uma vez que, nesta quinta, só se encontravam mamíferos e aves. Depois mostrei um pato e um coelho vivos (Figura 36). As crianças puderam tocar nos dois animais e verificaram as diferenças existentes entre os mesmos. No final distribui máscaras que consistiam em orelhas e bicos, de forma a dividir a turma em duas equipas.

Após conduzir as crianças até ao ginásio, expliquei as regras do jogo a realizar. Exemplifiquei todos os procedimentos para ambas as equipas e, em grupo, cada equipa construiu o puzzle referente ao animal da sua equipa. No final, ganhou a equipa dos patos, pois foi a equipa que conseguiu construir o puzzle em menos tempo.



Figura 35 – Atividade de estimulação à leitura: a quinta do Miguel



Figura 36 – Área do Conhecimento do Mundo: o pato Tété

Inferências/fundamentação teórica

A realização da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional, tal como nas aulas programadas para a equipa de supervisão e as aulas surpresa da equipa de supervisão, constitui mais um elemento de avaliação. De acordo com Jacinto (2004), “a orientação prática na formação inicial de professores pressupõe a acção reflexiva sobre a prática” (p.45).

Segundo Alarcão e Roldão (2008), “a relevância do processo supervisivo é muito grande e quase unanimemente reconhecida. A supervisão tem um papel securizante. É mesmo considerada fulcral no processo de formação” (p.56).

Nesta aula, assim como nas restantes, tive uma pequena reunião com a Educadora da sala e os elementos da equipa de supervisão, onde tive de fazer uma reflexão. Alarcão e Roldão (2008) referem que a “reflexão é considerada como promotora do conhecimento profissional, porque radica numa “atitude de questionamento permanente – de si mesmo e das suas práticas – em que a reflexão vai

surgindo como instrumento de auto-avaliação reguladora do desempenho” e geradora de novas questões” (p.30). É fundamental que sejam debatidos os aspetos negativos, tal como os aspetos positivos, de modo a que seja melhorado o desempenho.

quarta-feira, 22 de junho de 2011

Este dia foi passado a ajudar nos preparativos para a festa de finalistas dos alunos do quarto ano. As minhas colegas do terceiro ano desenvolveram atividades com as crianças do Bibe Amarelo A, contudo não tive oportunidade de observar as mesmas, pois permaneci muito tempo fora da sala. Neste dia foi possível verificar que muitos dos docentes ocuparam parte do seu tempo a auxiliar nos preparativos para a festa.

Inferências/fundamentação teórica

O trabalho em equipa deve ser prezado, no sentido de fornecer à instituição um bom funcionamento. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “qualquer que seja a modalidade organizacional, trata-se de um contexto que permite o trabalho em equipa dos adultos que, na instituição ou instituições, têm um papel na educação das crianças” (p.41). Ainda segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “cabe ao director pedagógico de cada estabelecimento ou estabelecimentos, em colaboração com os educadores, encontrar as formas e os momentos de trabalho em equipa” (p.41). Desta forma é fundamental que todos os elementos da instituição trabalhem em equipa.

sexta-feira, 24 de junho de 2011

Neste dia a Educadora Mónica não esteve presente. Desta forma, juntaram-se as duas turmas do Bibe Amarelo e o meu dia de estágio foi passado a auxiliar a Educadora Paula. Inicialmente a estagiária Mafalda contou a história do Elmer e a Rosa, depois as crianças realizaram uma pintura livre. Enquanto algumas crianças pintavam as outras permaneciam a fazer construções com os legos.

Depois do recreio, todas as crianças do Pré-Escolar tiveram música com o Professor Paulo. Da parte da tarde foram realizados jogos na sala do Bibe Amarelo B.

Inferências/fundamentação teórica

Muitas vezes não existem oportunidades para que a criança se exprima livremente. Por norma a Educadora, ao explorar um tema, pede que a criança retrate algo relativo a essa temática. Contudo, é fundamental que a criança se exprima livremente.

De acordo com Gonçalves (1991), quando a criança “se exprime livremente, ninguém melhor do que ela pode responder pelo que faz, porque faz o que quer, e é, por conseguinte, a autora dos seus próprios actos, por aí desenvolvendo, além da auto-confiança, um elevado grau de responsabilização” (p.12). O mesmo autor salienta que é através da expressão livre que a criança desenvolve, não só a imaginação e a sensibilidade, “como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações” (p.12). Neste contexto, é essencial que o docente respeite a evolução de cada criança e que crie condições para que ela se expresse livremente.

Relativamente às construções com os legos, as crianças mostraram grande interesse por esta atividade, realizando construções, individualmente, e em pequenos grupos. Segundo Moreira e Oliveira (2003), as crianças executam “construções com blocos, pedras, areia ou outros materiais e, nestas explorações vão aprendendo a distinguir, encaixar, comparar e transformar formas, bem como representá-las e a classificá-las e, ao fazerem isto, estão a aprender conceitos e a desenvolver capacidades espaciais” (p.40). Desta forma as crianças, ao realizarem construções com os legos, estão igualmente a explorar noções matemáticas.

quarta-feira, 29 de junho de 2011

Nesta manhã de estágio as crianças que se encontravam no salão do Jardim-Escola foram para o recreio. Neste espaço interagiram crianças do Ensino Pré-Escolar e crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Passado algum tempo, as crianças do Bibe Amarelo foram para as suas salas. A Educadora solicitou às crianças para se sentarem nos respetivos lugares e distribuiu uma proposta de atividade.

Esta proposta de atividade consistia em colorir algumas peças referentes ao material Cuisenaire. As primeiras peças, que valiam apenas uma unidade, as crianças não pintaram, de seguida pintaram de encarnado três peças que valiam duas unidades cada. Posteriormente retiraram-se os lápis encarnados e a Educadora prosseguiu com o exercício. As peças seguintes possuíam quatro e cinco valores e as crianças pintaram-nas de cor-de-rosa e de amarelo. No final, a Educadora perguntou às crianças o que é que parecia aquela construção, realizada com as peças do Cuisenaire. As crianças deram diversas respostas e, posteriormente, concluíram que se tratava de um bolo de

aniversário com três velas. Desta forma, cantaram em conjunto os parabéns aos meninos do Bibe Amarelo.

Inferências/fundamentação teórica

Esta foi uma proposta de atividade que relacionou o Domínio da Expressão Plástica e o Domínio da Matemática, uma vez que as crianças tiveram de colorir as peças desenhadas de acordo com as cores das peças do material Cuisenaire. Neste sentido, para poderem colorir, tiveram de descobrir quantas unidades valiam as peças representadas. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a expressão plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo” (p.62). As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) ainda referem que a resolução de problemas “constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir no como e no porquê” (p.78).

Já Moreira e Oliveira (2003) salientam que “a educação matemática tem um papel significativo e insubstituível, ao ajudar os alunos a tornarem-se indivíduos competentes, críticos e confiantes nas participações sociais que se relacionem com a matemática” (p.20). Na realização desta atividade as crianças não precisaram de manipular o material Cuisenaire, pois já sabiam as cores e os valores da maioria das peças.

Capítulo 2

Planificações

Este capítulo abrange algumas das planificações construídas ao longo do Estágio Profissional. Começo por fazer um enquadramento teórico relativamente à temática das planificações, depois, são apresentados sete planos de aula que correspondem às aulas que preparei ao longo do Estágio Profissional. Todas as planificações foram realizadas no contexto da Educação Pré-Escolar: as primeiras três foram selecionadas por mim, para as introduzir neste capítulo e, as restantes quatro, remetem para a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional. As planificações são apresentadas por ordem cronológica, fazendo à posteriori uma reflexão que inclui inferências e fundamentação teórica, relativa aos procedimentos/estratégias aplicados.

A primeira planificação aborda a Área do Conhecimento do Mundo. A segunda planificação refere-se à Área de Expressão e Comunicação, concretamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O terceiro plano de aula diz respeito à Área de Expressão e Comunicação, especificamente ao Domínio da Matemática. O primeiro plano de aula foi dirigido às crianças do Bibe Encarnado A, enquanto os dois planos de aula seguintes foram direcionados às crianças do Bibe Azul A.

Todas as planificações elaboradas no âmbito da Prova Prática da Avaliação da Capacidade Profissional foram destinadas às crianças do Bibe Encarnado A. Primeiramente é apresentado o plano referente à Área de Expressão e Comunicação, precisamente ao Domínio da Matemática. De seguida, encontra-se o plano alusivo à Área de Expressão e Comunicação, especificamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Posteriormente é exposto a planificação da Área do Conhecimento do Mundo. Por último, apresento a planificação que remete à Área de Expressão e Comunicação, concretamente ao Domínio da Expressão Motora.

Todas as planificações foram construídas segundo o Modelo T de Aprendizagem, concebido por Martiniano R. Pérez. Foi realizada uma adaptação deste modelo, porque estes planos de aula são referentes a pequenas unidades de aprendizagem.

2.1. Planificações

Braga (2001) defende que o exercício de planificação consiste num ato de reflexão. Clark y Yinger (1979), mencionados por Braga (2001), “assinalam que no processo de planificação se misturam elementos de pensamento, juízos e tomada de decisões” (p.34). Já Clark y Peterson (1986), referidos por Braga (2001), mencionam

que na planificação estão contidos “os processos de pensamento que o professor leva a cabo antes da interacção com a turma” (p.34). Arends (1995) defende que “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor” (p.44). O mesmo autor diz que “a planificação de qualquer tipo de actividades melhora os seus resultados”, desta forma “o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionados” (p.45).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), é fulcral planificar a sequência e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma a planificação “trata-se de seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos” (p.433). Assim, é necessário planificar situações, ambientes e meios propícios à ocorrência da aprendizagem por parte dos alunos.

De acordo com Zabalza (1992b), quando planificamos convertemos uma ideia ou um propósito num curso de ação. Clark e Peterson, mencionados por Zabalza (1992b), referem que existe dois modos distintos de tratar a planificação que os professores realizam. O primeiro visa uma concepção cognitiva, segundo a qual a planificação é uma atividade mental interna do professor: “o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções” (p.48). O segundo incide sobre uma concepção mais externa, na qual é referida todos os passos concretos que o professor vai dando quando desenvolve a planificação: “as coisas que os professores fazem quando dizem que estão planificando” (p.48). Na primeira situação, o pensamento do docente é o centro da atenção. Enquanto na segunda situação, o centro das atenções está na sucessão de condutas e nos passos que se vão dando.

Clark e Yinger (1979), referidos por Zabalza (1992b), agruparam os motivos que levam os professores a planificar em três tipos de categorias:

- (i) “os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.”;
- (ii) “os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.”;
- (iii) “os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc.” (pp.48-49).

Bullough (1989), citado por Braga (2001), “diz-nos que quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro” (p.34). O mesmo autor defende que “a planificação deve ser realizada com o objectivo de manter os alunos interessados e intelectualmente despertados”, recorrendo desta forma a actividades que “exigem muito esforço e outras que o poupem, actividades de grande e pequeno grupo, actividades que convidam ao barulho e ao movimento e actividades que apelam ao sossego” (p.35). De acordo com Clark e Yinger (1979), citados por Arends (1995), salientam que os professores gastam entre 10 e 20% do seu tempo de trabalho semanal em actividades de planificação.

Segundo Zabalza (1992b), a planificação realiza-se através de mediadores da planificação, ou seja, “a escola e os professores não abordam a partir dos seus conhecimentos teóricos, nem improvisam, a tarefa de esboçar o ensino, fazendo-o, sim, através de tipos diversos de materiais didácticos que oferecem, desde logo, esboços de programação” (p.49). Sintetizando, os docentes não se confrontam directamente com o programa nem partem dos seus postulados, eles regem-se através de mediadores que atuam como guias. Os mediadores mais frequentes são: livros de texto, materiais comerciais, guias curriculares, revistas e experiências.

Clark e Lampert (1986), citados por Arends (1995), descrevem que a planificação do professor é “a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas. O currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase” (p.44). Os mesmos autores analisam que outras funções da planificação do professor abarcam “a decisão do tempo de instrução atribuída a alunos individualmente ou em grupos, a constituição dos grupos, a organização de horários diários, semanais e trimestrais, a compensação de interrupções alheias à sala de aula e a comunicação com professores substitutos” (p.44).

Peterson, Marx e Clark (1978), citados por Zabalza (1992b), referem alguns aspectos aos quais os docentes dão importância quando planificam, contradizendo o esquema habitual de começar pelos objectivos e passar para os conteúdos. Estes investigadores constataram que: “– os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; – depois, concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e actividades se vão realizar; – finalmente, dedica uma escassa proporção de tempo aos objectivos” (p.54).

Braga (2001) defende que “quer quando adquire uma forma escrita, quer quando corresponde a um processo mental, planificar consiste num contínuo esforço para conseguir uma aprendizagem mais eficaz” (p.34). Mayor Ruiz (1990), citado por Braga (2001), afirma que planificar é “temporizar e preparar conteúdos e também pensar a organização da sala de aula, a fixação do tipo de avaliação mais adequada, a consideração do contexto, a previsão da dinâmica e do ambiente em que o ensino se levará a cabo” (p.35). O mesmo autor indica que a planificação deve ser: dinâmica, criativa, prospectiva, realista e objectiva. Arends (1995) defende que os processos de planificação iniciados pelos professores podem dar uma orientação “tanto a alunos como a professores e ajudar os alunos a tornar-se mais conscientes das metas implícitas nas tarefas de aprendizagem que têm de cumprir” (p.46).

Jackson (1968), citado por Braga (2001), salienta que as decisões tomadas quando os professores planificam são consideradas de decisões pré-ativas. Contudo, durante o ato de ensino, quando algo que se planificou não funciona como previsto, devido a uma conduta não satisfatória dos alunos, a uma pergunta, a factores ambientais ou a características momentâneas relacionadas com o próprio professor, são tomadas novas decisões denominadas por interativas, ou seja, que resultam da interação.

Zabalza (1992b) defende que a principal função desempenhada pela planificação na escola é a de transformar e alterar o currículo para o ajustar às características particulares de cada situação de ensino. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a planificação pressupõe o conhecimento das características e situação dos alunos a quem se dirige o processo de ensino. Os mesmos autores defendem que “o professor organiza e sequencia o ensino, estabelecendo estratégias ou métodos, actividades ou situações de aprendizagem, seleccionando meios e materiais que facilitem a consecução dos objectivos em vista” (p.433). Assim, a planificação do ensino executa-se em diversos âmbitos temáticos ou diferentes segmentos temporais ao longo do programa que o docente leciona.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “qualquer plano organizado e sequencial de ensino-aprendizagem deve, em termos genéricos, incluir três passos principais, servindo intenções diferentes”: - estratégias de abertura ou actividades introdutórias; - estratégias e actividades de desenvolvimento ou estudo; - estratégias e actividades de conclusão (p.440).

Fisher (2004) defende que “os educadores podem aperfeiçoar o planeamento, de modo a ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos pelos quais são

responsáveis” (p.26). A mesma autora salienta três fases do planeamento, onde podemos encontrar: o planeamento a longo prazo, o planeamento a médio prazo e o planeamento a curto prazo (semanal).

Segundo Fisher (2004), o planeamento a longo prazo é “efectuado semanas ou meses antes de o planeamento ser posto em prática”, é a lista das capacidades, dos conhecimentos e das atitudes que serão apropriados a um grupo de crianças dentro de um contexto e durante um determinado período de tempo. Esta autora salienta que “o planeamento a longo prazo está relacionado com o facto de a criança ter direito a um currículo abrangente e equilibrado” (p.26).

Relativamente ao planeamento a médio prazo, Fisher (2004) diz que, “o planeamento a médio prazo tem a ver com a continuidade e a progressão entre um determinado estágio de cada área de aprendizagem e o estado que se lhe segue” (p.26). “É nesta fase que se pode considerar que o currículo está organizado de uma forma mais eficaz se se associarem diferentes áreas de aprendizagem através de temas ou tópicos” (p.26).

No que concerne ao planeamento a curto prazo, Fisher (2004) defende que este é “realizado no próprio dia ou no instante imediatamente anterior àquele em que o planeamento é posto em prática” (p.26). Isto sucede quando é necessário realizar alterações, de forma a ir ao encontro das características particulares de crianças individuais. Este tipo de planeamento faculta “pormenores relativos às actividades, experiências, recursos, grupos e estratégias de ensino, que são identificados através da observação contínua e da avaliação das crianças em acção” (p.26). Os planos de longo e médio prazo estão relacionados com a organização do currículo, enquanto os planos a curto prazo se executam tendo em conta a criança. É nesta altura que se tomam decisões relativamente aos conceitos, capacidades, conhecimentos e atitudes a serem apresentados às crianças de uma forma significativa e relevante. Desta forma o planeamento a curto prazo deve abordar: a experiência prévia, a aprendizagem pretendida, a atividade selecionada, a localização, os recursos, os grupos, o apoio por parte dos adultos, as evidências da aprendizagem e a avaliação.

De acordo com Arends (1995), existem cinco níveis de planificação: a planificação diária, a planificação semanal, a planificação da unidade, a planificação do período e a planificação anual. Mayor Ruiz (1990), referido por Braga (2001), indica que as planificações devem possuir:

(i) “conceitos e princípios, que integram o domínio do saber”; (ii) “procedimentos, isto é: todo o conjunto de acções ordenadas que o indivíduo mobiliza para conseguir atingir uma meta – representam o domínio do saber fazer”; (iii) “valores, normas e atitudes, os quais, ainda que tradicionalmente façam parte do currículo oculto, devem ser explicitados nas planificações, constituindo o âmbito do saber ser e do saber estar” (p.37).

As planificações que eu realizei foram planificações diárias, ou seja, a curto prazo. Arends (1995) indica que, “normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação” (p.59).

Pérez (s.d.a) refere que o ensino centrado em processos é um modelo de ensino que trata de “desenvolver os processos cognitivos (capacidades, destrezas e habilidades) e afectivos (valores e atitudes) do aprendiz” (p.7). Os planos de aula construídos foram baseados no modelo T. Segundo Pérez (s.d.a), este modelo “trata de agrupar os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica” (p.7). De acordo com Pérez (s.d.b), “numa só folha integram-se todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p.40). O mesmo autor reforça que este modelo se denomina por modelo T, porque a sua estrutura possui a forma de um duplo T. Conforme se pode verificar no Anexo 1, no primeiro T, do lado esquerdo estão os conteúdos a serem abordados e, do lado direito, os procedimentos/métodos. No segundo T estão, do lado esquerdo as capacidades/destrezas e, do lado direito, os valores/atitudes.

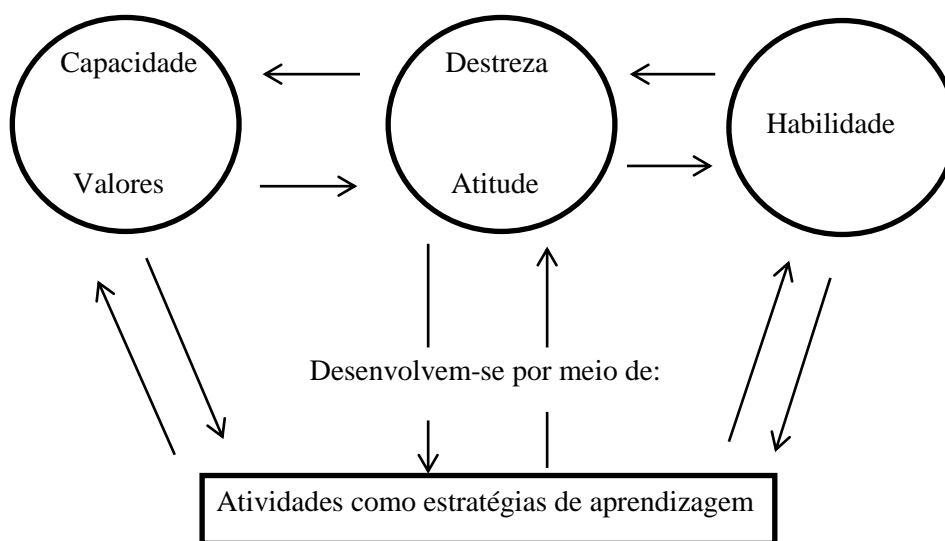
Pérez (s.d.a) define os conteúdos como formas de saber. O mesmo autor revela que os saberes básicos escolares têm os mesmos componentes que o curriculum: capacidades e valores (objectivos) e conteúdos e métodos/procedimentos como meios. Relativamente aos métodos/procedimentos, este autor diz que o método é um caminho para alcançar um objectivo. O método também é uma forma de fazer, enquanto o procedimento têm a mesma designação que método ou forma de fazer.

No que diz respeito às capacidades/destrezas, estas são objectivos cognitivos fundamentais e complementares. Este autor define capacidade como “uma habilidade geral, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo” (p.8). Já a destreza é definida como “uma habilidade

específica, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo” (p.8). Em suma, um conjunto de destrezas constitui uma capacidade. Pérez (s.d.a) salienta que “uma capacidade actua sempre como fim e uma destreza como meio” (p.8).

Os valores e as atitudes são considerados como objectivos afectivos gerais e complementares. Os valores, ao nível didático, são considerados conjuntos de atitudes. “Os seus componentes são os mesmos que os de uma atitude, cognitivos, afectivos e comportamentais, ainda que o componente fundamental seja afectivo” (p.8). Desta forma a atitude é uma predisposição estável para algo, cujo componente fundamental é afectivo. “As atitudes desenvolvem-se na aula sobretudo por intermédio de técnicas metodológicas e condutas práticas” (p.8). Pérez (s.d.a) reforça que “um valor actua sempre como fim e uma atitude actua como meio” (p.8).

Como já referi anteriormente este é um modelo de ensino centrado em processos e desenvolve-se da seguinte forma:



Adaptado de Pérez (s.d.b)

Figura 37 – Um modelo de ensino centrado em processos, como desenvolvimento de capacidades e valores

A planificação é um suporte que organiza e norteia a atividade pedagógica do educador/professor. Planificar é organizar, encaminhar e orientar para fins. A planificação envolve um conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, construindo um marco de referência que guia as suas ações. Neste contexto, a planificação evita a rotina, existências de dúvidas e afasta um ensino

de aprendizagens desordenado e ineficaz. Um docente, quando planifica, deve ter em conta aquilo que as crianças já sabem e o que lhes pretende transmitir.

2.2. Planificação do Bibe Encarnado A

Quadro 6 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Faixa Etária: 4 anos

Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 26/11/2010

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"> Os membros da família. 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo. <ul style="list-style-type: none"> - Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar. - Referir a importância da família. Montar uma família, num placar, através da sobreposição de imagens. <ul style="list-style-type: none"> - Conversar com os alunos sobre os membros da família. Rever cada membro da família construída.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio - lógico <ul style="list-style-type: none"> - Identificar - Compreender - Relacionar Expressão oral <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o léxico - Enunciar ideias 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir - Saber dialogar - Participar de forma ordenada Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Motivação
<p>Material: Placar com imagens sobrepostas que constituem os membros de uma família.</p>	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Inferências/fundamentação teórica

- **Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo**

De acordo com Arends (1995), “os professores devem ser flexíveis e experimentar diferentes arranjos”, contudo é importante referir “que cada configuração tem as suas próprias regras de participação, e estas necessitam de ser claramente explicitadas aos alunos” (p.95).

- **Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), é necessário “criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interacção e a aprendizagem das crianças” (p.66).

- **Referir a importância da família**

A família possui um papel educativo essencial. De acordo com Gervilla (2001), citado por Reis (2008), a função “mais significativa para o bem-estar e futuro desenvolvimento da criança, é a sua capacidade para gerar uma rede de relações baseadas nos afectos e no apoio” (p.38).

- **Montar uma família, num placar, através da sobreposição de imagens**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem que “o desenho de um objecto pode substituir uma palavra, um série de desenhos permite “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento...” (p.69).

- **Conversar com os alunos sobre os membros da família**

Posteriormente à sobreposição de imagens foi necessário dialogar com os alunos sobre os membros apresentados. Desta forma, foram exploradas as características “físicas” de cada um. É com os diversos elementos da família que as crianças vivem, aprendem e iniciam o processo de consciencialização dos valores sociais, relativos à sociedade onde estão inseridos.

- **Rever cada membro da família constituída**

Para Fernandez (2001), mencionada por Reis (2008), a família é um termo que não é possível definir, sendo apenas possível a sua descrição” (p.49). Foi através da revisão de cada membro da família que foi possível relacionar os diversos elementos da mesma.

2.3. Planificação 1 do Bibe Azul A

Quadro 7 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus da Estrela Plano de aula	
Duração: 30 minutos Faixa Etária: 5 anos Educadora: Rita Durão	Ana Sofia Pires N.º3 Mestrado em Educação Pré-Escolar Data: 3/3/2011
Área da Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"> Estimulação à leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula com os alunos sentados em semicírculo. - Construir a palavra borboleta com letras móveis. Contar a história: O pintor de borboletas. - Solicitar a colaboração das crianças para executar a dramatização com fantoches. Pedir às crianças para, através de sombras chinesas, exemplificarem os movimentos das borboletas e descreverem as mesmas. - Realizar uma proposta de atividade.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> Expressão oral <ul style="list-style-type: none"> - Fluidez mental - Agilidade de expressão - Uso da voz Expressão escrita <ul style="list-style-type: none"> - Ortografia - Caligrafia 	<ul style="list-style-type: none"> Criatividade <ul style="list-style-type: none"> - Espontaneidade - Imaginação - Originalidade Convivência <ul style="list-style-type: none"> - Participação - Entreajuda
Material: Letras móveis, fantoches, tela, foco de luz, sombras chinesas e proposta de atividade.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	Planificação sujeita a alterações

Inferências/fundamentação teórica

- **Iniciar a aula com os alunos sentados em semicírculo**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) defendem que “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida o que as crianças podem fazer e aprender” (p.37). Arends (1995) salienta que “a disposição em círculo é útil para a discussão e para o trabalho independente no lugar”, contudo quando “o professor lê para os alunos, estes devem sentar-se em semicírculo em vez de se sentarem ao acaso num tapete” (p.94).

- **Construir a palavra borboleta com letras móveis**

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objectivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as situações para que as crianças aprendam” (p.66).

- **Contar a história: O pintor de borboletas**

Aguêra (2008) diz que “o acto de contar ou ler é de maior importância” e que “nem todos os pais e nem todos os educadores têm habilidade para ler histórias” (p.35).

- **Solicitar a colaboração das crianças para executar a dramatização com fantoches**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “o domínio da expressão dramática será ainda trabalhado através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p.60).

- **Pedir às crianças para, através de sombras chinesas, exemplificarem os movimentos das borboletas e descreverem as mesmas**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem que “as “sombras chinesas” constituem outro suporte para actividades de dramatização” (p.61).

- **Realizar uma proposta de atividade**

A proposta de atividade realizada foi uma forma de consolidar os conhecimentos adquiridos.

2.4. Planificação 2 do Bibe Azul A

Quadro 8 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus da Estrela Plano de aula	
Duração: 30 minutos	Ana Sofia Pires N.º3
Faixa Etária: 5 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar
Educadora: Rita Durão	Data: 30/3/2011
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Matemática	
CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"> Formas geométricas. Cores. Tamanhos. Espessuras. Tabela de dupla entrada. 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula com os alunos sentados nos respectivos lugares. Colocar questões relativas ao material Blocos Lógicos. Rever os quatro atributos dos Blocos Lógicos: forma, cor, tamanho e espessura. Realizar um jogo com as peças dos Blocos Lógicos onde cada criança pede a outra uma peça com um ou dois atributos diferentes. Completar a tabela de dupla entrada com peças que representam os Blocos Lógicos.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio lógico <ul style="list-style-type: none"> - Comparar - Diferenciar - Fluidez mental Classificação <ul style="list-style-type: none"> - Observar - Identificar 	<ul style="list-style-type: none"> Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Empenho - Esforço Rigor <ul style="list-style-type: none"> - Precisão - Expressão clara
Material: Blocos Lógicos, tabela de dupla entrada e caixa com seis peças que representam os Blocos Lógicos.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	Planificação sujeita a alterações

Inferências/fundamentação teórica

- **Iniciar a aula com os alunos sentados nos respectivos lugares**

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais” (p.37).

Arends (1995) refere que “a forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções” (p.94). O mesmo autor salienta que a disposição em filas e colunas é a mais tradicional, pois é a formação “mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direcção” (p.94).

- **Colocar questões relativas ao material Blocos Lógicos**

O National Council of Teachers of Mathematics (2000), mencionado por Fernandes e Cardoso (s.d.), “salienta a importância da Matemática como uma linguagem capaz de provocar comunicação de muitas e variadas formas”, destacando assim os seguintes aspetos: (i) “relacionar materiais físicos, figuras e diagramas com as ideias matemáticas”; (ii) “reflectir e clarificar o seu próprio pensamento sobre ideias e situações matemáticas”; (iii) “relacionar a linguagem comum com a linguagem matemática e com os símbolos” (p.7).

- **Rever os quatro atributos dos Blocos Lógicos: forma, cor, tamanho e espessura**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) salientam que a classificação constitui a base para “– agrupar os objectos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto” (p.74).

- **Realizar um jogo com as peças dos Blocos Lógicos onde cada criança pede a outra uma peça com um ou dois atributos diferentes**

Alsina (2004) menciona que “o jogo é um recurso de aprendizagem indispensável no ensino da Matemática” (p.6). Bettelheim (1987), citado por Alsina

(2004), diz que “o mundo lúdico das crianças é tão real e importante para elas como é, para o adulto, o mundo do trabalho e, conseqüentemente, dever-se-á conceder-lhe a mesma dignidade” (p.7).

- **Completar a tabela de dupla entrada com peças que representam os Blocos Lógicos**

Fernandes e Cardoso (s.d.) referem que as tabelas e os gráficos auxiliam as crianças a organizar e a apresentar as informações de uma forma clara. As mesmas autoras defendem que “a importância das aprendizagens matemáticas reside na representação da informação de muitas formas, não só por meio de algarismos e letras, mas também mediante o uso de desenhos, tabelas, esquemas, diagramas e gráficos” (p.7).

De acordo com Waits (1993), citado por Fernandes e Cardoso (s.d.), “as crianças e os jovens adquirem uma melhor compreensão dos conceitos quando estes são apresentados através de esquemas concretos, quer simbólicos, quer gráficos” (p.7).

2.5. Planificação 1 da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional

Quadro 9 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus da Estrela	
Plano de aula	
Área de Expressão e Comunicação	
Domínio da Matemática	
CONTEÚDOS <ul style="list-style-type: none"> Itinerário. Cálculo mental. 	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS <ul style="list-style-type: none"> Organizar o espaço da sala. Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares. Colocar questões relativas ao material Cuisenaire. Envolver as crianças numa história. Executar um itinerário segundo as indicações dadas. Substituir as peças do itinerário estimulando o cálculo mental.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS <ul style="list-style-type: none"> Raciocínio-lógico <ul style="list-style-type: none"> - Fluidez mental - Interpretar - Aplicar Orientação espacial <ul style="list-style-type: none"> - Situar - Noção de tamanho e distância 	VALORES / ATITUDES <ul style="list-style-type: none"> Rigor <ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Precisão - Expressão clara Respeito <ul style="list-style-type: none"> - Escutar - Participar de forma ordenada
Material: Cuisenaire, proposta de atividade para realizar o itinerário, placard com a proposta de atividade em dimensões maiores e cartolinas de cor que representem as peças do Cuisenaire.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	Planificação sujeita a alterações

Inferências/fundamentação teórica

- **Organizar o espaço da sala**

Segundo Ferreira e Santos (1994), a organização da sala de aula tem como objectivo “a rentabilização do tempo de ensino, especialmente o tempo de supervisão directa do professor (evitando as perdas de ritmo nas transições das mudanças de actividades escolares e estabelecendo rotinas de trabalho associadas a uma programação prévia do ensino)” (p.56).

- **Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares**

Dei início à minha atividade com as crianças sentadas nos respectivos lugares, uma vez que tinham de executar um trabalho individual. As crianças ao estarem sentadas possuíam um espaço para trabalhar e conseguiam manipular o material Cuisenaire, bem como executar os exercícios que eram solicitados.

- **Colocar questões relativas ao material Cuisenaire**

Segundo Alsina (2004), o material manipulativo Cuisenaire pode auxiliar os alunos “a entender os números, as maneiras de os representar e as relações que se estabelecem entre eles” (p.33). A mesma autora refere, para além deste aspeto, que “o trabalho sistemático com este tipo de materiais facilita a compreensão tanto do significado das operações numéricas como das relações que existem entre essas operações” (p.33).

- **Envolver as crianças numa história**

Stein e Bovalino (2001), mencionados por Caldeira (2009), referem que “há factores associados ao sucesso da matemática no uso dos materiais manipulativos. Assim os educadores devem ter tempo e espaço para pensar, descobrir formas que as actividades façam sentido, em vez de produzirem situações meramente rotineiras e mecanizantes” (p.34).

- **Executar um itinerário segundo as indicações dadas**

Ao construir um itinerário as crianças treinam a sua capacidade de orientação espacial. De acordo com Moreira e Oliveira (2003), mencionadas por Caldeira (2009),

as situações problemáticas que abrangem a escolha de caminhos “são susceptíveis de serem trabalhadas com as crianças mais pequenas, desde que devidamente inseridas em contextos quotidianos e com níveis de complexidade adoptados a estas idades” (p.173). Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas” (p.73).

- **Substituir as peças do itinerário estimulando o cálculo mental**

De acordo com Alsina (2004), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas” (p.34). Segundo a mesma autora, o material Cuisenaire auxilia o cálculo mental, neste sentido, “as barras são muito úteis para introduzir e praticar as operações aritméticas, mas que devem ser retiradas no momento adequado, para que os alunos passem a calcular mentalmente” (p.34).

2.6. Planificação 2 da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional

Quadro 10 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

<p style="text-align: center;"><i>Jardim-Escola João de Deus da Estrela</i></p> <p style="text-align: center;"><u>Plano de aula</u></p> <p style="text-align: center;">Área de Expressão e Comunicação</p> <p style="text-align: center;">Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	
<p style="text-align: center;">CONTEÚDOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimulação à leitura: <ul style="list-style-type: none"> - Leitura de imagens; - Adivinhas; - Elaboração de uma canção. 	<p style="text-align: center;">PROCEDIMENTOS / MÉTODOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Organizar o espaço da sala. • Começar a aula com os alunos sentados em várias filas. • Iniciar a canção “A quinta do Miguel”. • Solicitar a colaboração das crianças para descobrirem as pistas (adivinhas, sons, fantoches e objetos) que se encontram dentro de caixas numeradas. • Juntar o animal descoberto à canção iniciada anteriormente. • No final cantar a canção completa com sons e gestos.
<p style="text-align: center;">COMPETÊNCIAS</p>	
<p style="text-align: center;">CAPACIDADES / DESTREZAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão oral <ul style="list-style-type: none"> - Fluidez mental - Agilidade de expressão - Utilização da voz • Raciocínio-lógico <ul style="list-style-type: none"> - Observar - Relacionar 	<p style="text-align: center;">VALORES / ATITUDES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Convivência <ul style="list-style-type: none"> - Participação - Colaboração - Entreajuda • Criatividade <ul style="list-style-type: none"> - Ser curioso - Interpretar
<p>Material: Caixas numeradas com pistas sobre os animais, rádio, CD com os sons dos animais, adivinhas, fantoches, objetos que remetem a um animal e livro com a sequência dos animais.</p>	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	Planificação sujeita a alterações

Inferências/fundamentação teórica

- **Organizar o espaço da sala**

De acordo com Emmer (1985), mencionado por Ferreira e Santos (1994), “a organização da sala inclui o conjunto de comportamentos e de actividades do professor que estão primariamente direccionados para obter a cooperação e envolvimento activo dos estudantes nas tarefas escolares” (p.39).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) reforçam que “a reflexão permanente sobre a funcionalidade e a adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo” (p.38).

- **Começar a aula com os alunos sentados em várias filas**

Coloquei as crianças sentadas em várias filas, pois foi a melhor disposição encontrada para realizar a atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Arends (1995) diz que uma alteração na disposição em filas e colunas “é a formação em filas horizontais na qual os alunos se sentam muito perto uns dos outros num número reduzido de filas. Este arranjo é útil para demonstrações, porque os alunos se sentam muito perto do professor” (p.94).

- **Iniciar a canção “A quinta do Miguel”**

De acordo com Agüera (2008), “a rima e o ritmo estão totalmente vinculados ao processo psico-evolutivo da infância”, desta forma, “os pequenos poemas, as canções, as lengalengas, etc. têm, pois, um enorme valor significativo do qual deveríamos tirar partido se queremos uma educação de infância criativa, que tenha como ponto de partida os interesses dos mais pequenos” (p.23).

- **Solicitar a colaboração das crianças para descobrirem as pistas (adivinhas, sons, fantoches e objetos) que se encontram dentro de caixas numeradas**

Pedi a colaboração das crianças para encontrarem as pistas referentes aos animais presentes na quinta do Miguel, pois quis que estas desempenhassem um papel ativo. Sem a colaboração das mesmas a atividade tornar-se-ia muito expositiva. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “admitir que

a criança desempenha um papel activo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objecto do processo educativo” (p.19).

- **Juntar o animal descoberto à canção iniciada anteriormente**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem que a exploração das particulares “dos sons pode passar, também, por escutar, identificar e reproduzir sons e ruídos da natureza – água a correr, vento, “vozes” dos animais, etc. – e da vida corrente como o tic-tac do relógio, a campainha do telefone ou motor do automóvel” (p.64).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) ainda referem que explorar as letras das canções relaciona o “domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original” (p.64).

- **No final cantar a canção completa com sons e gestos**

Aguêra (2008) reforça que “um bom recurso para que o educador acompanhe a narração são os gestos, as encenações, as entoações diante das crianças durante a narração” (p.35). A mesma autora menciona que “as crianças em idade pré-escolar encontram na música, nas canções e nos trabalhos manuais um recurso educativo muito importante, com o qual se sentem identificados” (p.97).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a relação entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é uma atividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo” (p.64).

2.7. Planificação 3 da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional

Quadro 11 – Plano de aula da Área do Conhecimento do Mundo

<p><i>Jardim-Escola João de Deus da Estrela</i></p> <p><u>Plano de aula</u></p> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	
<p>CONTEÚDOS</p> <ul style="list-style-type: none"> Os animais: <ul style="list-style-type: none"> - As aves; - Os mamíferos. 	<p>PROCEDIMENTOS / MÉTODOS</p> <ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo. Solicitar a colaboração das crianças para colocarem os animais na maquete da quinta. Relembrar as características gerais das aves e dos mamíferos. Apresentar duas cercas, uma que pertence a uma ave e outra que pertence a um mamífero. Mostrar um pato e um coelho vivos. Conversar com as crianças sobre algumas particularidades destes animais.
<p>COMPETÊNCIAS</p>	
<p>CAPACIDADES / DESTREZAS</p> <ul style="list-style-type: none"> Classificação <ul style="list-style-type: none"> - Observar - Caracterizar - Distinguir Expressão oral <ul style="list-style-type: none"> - Enunciar ideias - Fluidez mental 	<p>VALORES / ATITUDES</p> <ul style="list-style-type: none"> Respeito <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir - Dialogar - Participar de forma ordenada Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Motivação
<p>Material: Maquete da quinta, representações dos animais da quinta, duas cercas, um coelho e um pato vivos.</p>	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	Planificação sujeita a alterações

Inferências/fundamentação teórica

- **Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo**

Arends (1995) defende que a disposição em semicírculo “encoraja mais a participação, mas pode levar a comportamentos fora da tarefa” (p.97).

- **Solicitar a colaboração das crianças para colocarem os animais na maquete da quinta**

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), é importante que a criança desempenhe “um papel activo na sua interacção com o meio que, por seu turno, lhe deverá fornecer condições favoráveis para que se desenvolva e aprenda” (p.19).

- **Relembrar as características gerais das aves e dos mamíferos**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), é importante “partir do que as crianças já sabem, da sua cultura e saberes próprios” (p.19).

- **Apresentar duas cercas, uma que pertence a uma ave e outra que pertence a um mamífero**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) defendem que na escolha dos materiais “o educador atenderá a critérios tais como variedade, funcionalidade, durabilidade, segurança e valor estético” (p.38).

- **Mostrar um pato e um coelho vivos**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interacção com o mundo que os rodeia”, neste sentido “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber” (p.79).

- **Conversar com as crianças sobre algumas particularidades destes animais**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem ainda que “a multiplicidade de aspectos englobados pelo Conhecimento do Mundo, a diversidade de possibilidades que oferece, exige que o educador escolha criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas”, bem como a articulação com outros saberes e as oportunidades de ampliar os interesses do grupo e de cada criança (p.83).

2.8. Planificação 4 da Prova Prática da Avaliação da Capacidade Profissional

Quadro 12 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Motora

<p><i>Jardim-Escola João de Deus da Estrela</i></p> <p><u>Plano de aula</u></p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da Expressão Motora</p>	
<p>CONTEÚDOS</p>	<p>PROCEDIMENTOS / MÉTODOS</p>
<ul style="list-style-type: none">• Ações motoras básicas.• Jogo Infantil.	<ul style="list-style-type: none">• Dividir a turma em duas equipas.• Distribuir os bicos às crianças do grupo dos patos e as orelhas aos membros da equipa dos coelhos.• Explicar as regras do jogo.• Sempre que as crianças se dirigirem ao placar para completar o puzzle devem imitar o animal referente à sua equipa.• Executar a construção dos puzzles.• Ganha a equipa que conseguir construir o puzzle corretamente no menor espaço de tempo.
<p>COMPETÊNCIAS</p>	
<p>CAPACIDADES / DESTREZAS</p>	<p>VALORES / ATITUDES</p>
<ul style="list-style-type: none">• Expressão corporal<ul style="list-style-type: none">- Coordenação- Equilíbrio- Criatividade• Socialização<ul style="list-style-type: none">- Observar- Conviver	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Empenho- Interesse- Respeito• Solidariedade<ul style="list-style-type: none">- Ajudar- Colaborar
<p>Material: Orelhas para a equipa dos coelhos, bicos para a equipa dos patos, puzzle de um coelho, puzzle de um pato.</p>	
<p>Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem</p> <p>Planificação sujeita a alterações</p>	

Inferências/fundamentação teórica

- **Dividir a turma em duas equipas**

Ferreira e Santos (1994) referem que “o trabalho de grupo pode criar um ambiente menos ansiógeno, mais descontraído, tornando-se mais fácil suportar em conjunto do que individualmente as exigências escolares” (pp.78-79).

- **Distribuir os bicos às crianças do grupo dos patos e as orelhas aos membros da equipa dos coelhos**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) mencionam que “o domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar”, deste modo a criança toma consciência de si própria na relação com os objetos (p.57).

- **Explicar as regras do jogo**

Alsina (2004) defende que “aprender através do jogo é um direito de todas as crianças” (p.7). A mesma autora refere que “o jogo, quer seja livre quer seja estruturado, é uma fase necessária, que faz a ponte entre a fantasia e a realidade e promove, por isso, em simultâneo, o desenvolvimento social e intelectual, numa fase eminentemente lúdica do desenvolvimento infantil” (p.6).

- **Sempre que as crianças se dirigirem ao placar para completar o puzzle devem imitar o animal referente à sua equipa**

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e alargamento da linguagem” (p.59).

- **Executar a construção dos puzzles**

Ainda segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “os “puzzles” e os dominós têm também uma utilização determinada” (p.76). As

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) ainda referem que os puzzles simples são “uma forma de divisão e distribuição que permite a reconstituição do todo”, enquanto os puzzles mais complexos “assentam na semelhança e complementaridade de cores e formas” (p.76).

- **Ganha a equipa que conseguir construir o puzzle corretamente no menor espaço de tempo**

De acordo com Ferreira e Santos (1994), “também em grupo a responsabilidade individual pelo resultado das tarefas é mais repartido, o que em si faz diminuir o medo do fracasso” (p.79).

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

Este capítulo compreende a apresentação de três dispositivos de avaliação, de acordo com as três propostas de trabalho avaliadas. O primeiro dispositivo de avaliação refere-se à avaliação de uma atividade realizada no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O segundo dispositivo de avaliação diz respeito ao Domínio da Matemática. Por último, o terceiro dispositivo de avaliação aborda a avaliação da Área do Conhecimento do Mundo. Os dois primeiros dispositivos de avaliação foram realizados com as crianças do Bibe Azul A, enquanto o terceiro dispositivo de avaliação foi concretizado com as crianças do Bibe Amarelo A.

Todos os dispositivos de avaliação correspondem a avaliações formativas e respeitam uma determinada ordem de organização. Inicialmente é apresentada uma breve introdução. De seguida, são descritos os parâmetros, os critérios e as respetivas cotações definidas para a avaliação da atividade. Sucessivamente, num quadro, é apresentada a grelha de avaliação da atividade. Posteriormente, é apresentado um gráfico com os resultados obtidos, juntamente com a análise/leitura do mesmo.

A avaliação é uma importante componente curricular. Esta pode estar presente em diversos momentos de aprendizagem do aluno, tendo sempre como objectivo principal melhorar os resultados obtidos através deste processo. Neste sentido considero pertinente fazer uma breve contextualização sobre a avaliação, os tipos de avaliação e a avaliação na Educação Pré-Escolar.

3.1. Avaliação

A avaliação é um pré-requisito do próprio ato de ensino. Sem a avaliação, os docentes não poderiam apreciar os resultados dos alunos. Zabalza (1992b) defende que um professor, à altura da época, “tem que ser capaz de proceder a boas avaliações e dispor de um amplo repertório de técnicas para as efectuar” (pp.219-220). O mesmo autor refere que a avaliação possui uma natureza processual e sistemática, ou seja, é “um conjunto de passos que se condicionam mutuamente” (p.222). Zabalza (1992b) salienta ainda que toda a avaliação contém: um propósito, uma técnica, questões, aplicação, resposta ou conduta dos alunos, correção, classificação e consequências.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades” (p.337).

Ferreira (2007) refere que “na educação escolar, a avaliação assume diferentes funções, resultantes das exigências e papéis que lhe são destinados socialmente” (p.17). Arends (1995) menciona que “os professores são responsáveis pela avaliação dos alunos” (p.227). Este autor ainda indica que a avaliação tem como objetivo a recolha de informação precisa para a tomada de decisões acertadas.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação tem as seguintes vantagens:

(i) “motiva os alunos, ao informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, isto é, do sucesso que obtiveram relativamente a certas aprendizagens”; (ii) “fornece, também aos alunos, do mesmo passo, informação que lhes permite orientar os seus esforços, com o apoio do professor, no sentido de ultrapassar dificuldades relativas às aprendizagens não conseguidas”; (iii) “permite ao professor identificar pontos onde o plano delineado não resultou, conceber estratégias alternativas de remediação, reorganizar a planificação feita à luz dos resultados reais obtidos”; (iv) “proporciona, por fim, em sistemas escolares onde são atribuídas notas aos alunos uma base indispensável à classificação de resultados” (pp.337-338).

Ferreira (2007) diz que o processo de avaliação pressupõe três etapas: a recolha de informação, a análise da informação recolhida e a emissão de um juízo de valor. O mesmo autor defende ainda que, seja qual for a finalidade ou função de uma avaliação, esta emite sempre um juízo de valor, o que conjetura uma tomada de decisões. No processo de avaliação, o aluno é sempre o foco da atenção.

Arends (1995) menciona que a avaliação é um processo de recolha de um grande leque de informações sobre os alunos e as salas de aula, com o objetivo de tomar decisões sobre a instrução. O mesmo autor defende ainda que a avaliação é um processo de fazer julgamentos, onde se atribui um valor ou se decide algo sobre um determinado programa ou abordagem ou trabalho do aluno.

Ferreira (2007) sistematiza que “a avaliação das aprendizagens permite a verificação do que se passa nos processos de ensino e de aprendizagem com vista à sua regulação” (p.15). Ribeiro e Ribeiro (1990) mencionam que a avaliação possui uma intenção formativa, em situações “onde o objectivo fundamental é descrever aprendizagens conseguidas, identificar dificuldades, proporcionar informação relevante para um maior sucesso na tarefa em vista” (p.341).

De acordo com Fisher (2004), “a avaliação que é feita após o planeamento e a aprendizagem avalia não somente a aprendizagem das crianças, mas também a qualidade de ensino” (p.35). A mesma autora refere que não vale a pena realizar qualquer tipo de avaliação, se não for efetuado nada com os resultados obtidos. Neste contexto, os resultados de uma avaliação apenas têm sentido se influenciarem algo ou

alguém. Gipps (1994), mencionado por Fisher (2004), “sugere que a avaliação tem duas funções: fornecer informação fora da sala de aula e fornecer informação dentro da sala de aula” (p.35).

Méndez (2001), citado por Ferreira (2007), defende que a avaliação assume uma função reguladora do processo de ensino-aprendizagem, através da intervenção face às dificuldades dos alunos e através da análise efetuada pelo docente das estratégias de ensino aplicadas. Ribeiro e Ribeiro (1990) ainda mencionam que a avaliação é uma operação que “prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem” (p.338).

Ferreira (2007) sistematiza que a avaliação das aprendizagens acarreta um grupo de passos sequenciados que se condicionam e atuam integradamente, “tendo por finalidade a tomada de decisões, que podem ser de diagnóstico das necessidades, interesses e pré-requisitos para as novas aprendizagens, de orientação durante o processo de ensino-aprendizagem e ainda de hierarquização e de certificação dos alunos” (p.23).

Bartolomeis (1999) defende que quem avalia faz um levantamento de “presenças e ausências, de semelhanças e diferenças, de características estáveis e de características variáveis; controla e confronta; indica o lugar que a coisa avaliada ocupa numa série ordenada segundo determinados critérios; atribui um grau de significado àquilo que considera; faz previsões” (p.29). O mesmo autor refere que a atividade de avaliação é “uma característica intrínseca do conhecimento e das decisões práticas”, assim, conhecer algo equivale a “avaliá-lo, a atribuir-lhe um valor, um significado, a explicá-lo” (p.38).

A avaliação das aprendizagens, dependendo das suas finalidades e das suas funções, circunscrevem vários momentos de avaliação, onde se pode identificar o antes, o durante e o depois. Existem três tipos fundamentais de avaliação. São estes: a diagnóstica, a formativa e a sumativa.

3.2. Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica, quando efetuada antes da instrução, possui como função principal a localização do aluno. Através desta avaliação é possível determinar que pré-requisitos tem o aluno, de forma a dar início a uma nova aprendizagem. Ferreira

(2007) menciona que se pretende “com esta avaliação averiguar o domínio dos pré-requisitos necessários ao início do processo de ensino-aprendizagem do aluno” (p.24). O mesmo autor refere ainda que a principal finalidade da avaliação diagnóstica é determinar o grau de preparação do aluno antes que este inicie uma unidade de aprendizagem. Já Ribeiro e Ribeiro (1990) salientam que a avaliação diagnóstica pode averiguar se os alunos já sabem as matérias que fazem parte de novas unidades de ensino, “o que permite ao professor proceder a ajustamentos na planificação feita e começar, por exemplo, mais à frente do que inicialmente planeava” (p.344).

Ainda de acordo com os mesmos autores, a avaliação diagnóstica “tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (p.342). Segundo os mesmos autores, esta avaliação vai permitir ao docente executar um diagnóstico da situação e estabelecer as medidas que se adequam face aos objetivos traçados. Ferreira (2007) define que a avaliação diagnóstica “é aquela avaliação que visa recolher informações sobre cada aluno no sentido da tomada de decisões sobre o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem” (p.26). Estas decisões consistem na adequação de estratégias, atividades, conteúdos e objetivos, de forma a serem estipuladas condições pedagógicas iniciais que facultem o sucesso educativo nos alunos.

Santos Guerra (1993), mencionado por Ferreira (2007), reforça que a avaliação diagnóstica “permite ao professor averiguar os conhecimentos prévios dos alunos, as suas expectativas, as suas concepções sobre o tema a leccionar, sobre a escola, sobre a aprendizagem e, ainda, conhecer as atitudes dos alunos, os seus interesses e necessidades” (p.25). Ferreira (2007) sistematiza que a avaliação diagnóstica “permite conhecer os interesses e a disposição dos alunos para a aprendizagem, bem como os seus conhecimentos prévios sobre um determinado assunto” (p.25). Também Hadji (1994), referido por Ferreira (2007), declara que a avaliação diagnóstica “permite explorar ou identificar algumas características do aluno para a decisão da sequência de formação mais adequada a essas características” (p.25). Desta forma o docente obtém um ponto de partida, através do qual ajusta a sua ação, seleciona atividades e objetivos adequados às particularidades dos alunos, criando situações onde os mesmos possam realizar aprendizagens relevantes e significativas.

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que “a avaliação diagnóstica tem lugar, geralmente, no início de uma unidade ou segmento de ensino, sendo por vezes utilizada,

ainda que menos frequentemente, no decorrer do próprio processo de aprendizagem” (p.342).

A avaliação diagnóstica pode não acontecer somente antes do processo ensino-aprendizagem, mas também durante o mesmo. Ferreira (2007) menciona que a avaliação diagnóstica também é considerada “uma avaliação que visa aprofundar o conhecimento das causas de determinados problemas ao longo do ensino” de modo a se adoptarem medidas de intervenção. Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que os testes de diagnóstico incidem sobre “um núcleo restrito de objectivos em volta dos quais se organizam grupos de perguntas, muitas vezes várias perguntas sobre o mesmo objectivo. Tem, assim, uma estrutura de malha apertada, que pretende analisar pouco mas em profundidade” (p.345). Os mesmos autores salientam que “os testes diagnósticos não se classificam” (p.346).

3.3. Avaliação Formativa

Relativamente à avaliação formativa, esta tem uma finalidade pedagógica que está inserida no processo de ensino-aprendizagem. Ribeiro e Ribeiro (1990) salientam que a avaliação formativa “desempenha um papel paralelo ao da avaliação diagnóstica” (p.348). Ferreira (2007) revela que a avaliação formativa possui como funções principais “a informação dos vários intervenientes no acto educativo sobre o processo de ensino-aprendizagem, o feedback sobre os êxitos conseguidos e as dificuldades sentidas pelo aluno na aprendizagem e, ainda, a regulação da mesma, com a intervenção atempada” de forma a orientar o processo efectuado pelo aluno (p.27).

Hadji (2001), referido por Ferreira (2007), considera que a avaliação formativa possui como principal função “a de informar”. O mesmo autor menciona que a “avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve num projecto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende” (p.27). Ribeiro e Ribeiro (1990) sistematizam que a avaliação formativa “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam” (p.348). Os mesmos autores reforçam que este tipo de avaliação é aplicada no decorrer das unidades de ensino, “devendo ser aplicada sistematicamente, de acordo com o plano de avaliação estabelecido” (p.348).

Segundo Hadji (2001), citado por Ferreira (2007), “o professor, assim como o aluno, deve poder corrigir a sua acção, modificando, se necessário, o seu dispositivo pedagógico, com o objectivo de obter melhores efeitos” (p.28). Nesta perspetiva a avaliação formativa possui uma função pedagógica que, segundo Ferreira (2007), “não visa a sanção e a punição do aluno, porque os seus erros são considerados normais no percurso de aprendizagem, devendo, por isso, ser objecto de exploração e de análise” (p.28). Alves (2004), referido por Ferreira (2007), “integra na avaliação formativa uma dimensão diagnóstica. Pois, o professor procura detectar as dificuldades, os erros dos alunos e as suas causas, para que possa intervir com estratégias adequadas à sua resolução” (p.28). Sacristán (1993), mencionado por Ferreira (2007), “afirma que se trata de uma avaliação que propicia a tomada de consciência e a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, de modo a fazer correcções, a procurar estratégias alternativas e a reforçar os êxitos dos alunos” (p.28).

Ferreira (2007) acentua que são muitas as vantagens de uma avaliação formativa, tais como: a regulação do processo de aprendizagem, a análise do processo didático e a adoção atempada de medidas de intervenção. Fisher (2004) menciona que a avaliação formativa possui as seguintes características:

- (i) “é parte integrante do ensino e da aprendizagem”; (ii) “é uma acumulação contínua de registos efectuados ao longo de todo o dia”; (iii) “aceita contributos de pais, crianças e de outros adultos que trabalham com a criança”; (iv) “fornece evidência na qual se pode basear o planeamento futuro”; (v) “incorpora análise e acção planeadas” (p.36).

Ribeiro e Ribeiro (1990) declaram que “um teste formativo incide sobre um núcleo restrito de objectivos de uma unidade de ensino, avaliando em profundidade e não em extensão” (p.349). Bloom (1971), citado por Ribeiro e Ribeiro (1990), defende que “os testes formativos, por seu lado, são elaborados, especificamente, para uma dada unidade de ensino e pretendem averiguar onde é que, exactamente, o aluno está a ter dificuldades” (p.349).

3.4. Avaliação Sumativa

No que concerne à avaliação sumativa, Ribeiro e Ribeiro (1990) defendem que esta avaliação “complementa, assim, um ciclo de avaliação em que foram já utilizadas a avaliação diagnóstica e formativa” constituindo desta forma “um instrumento valioso na tomada de decisões sobre opções curriculares ou sobre inovações educativas” (p.359).

Hadji (1994), citado por Ferreira (2007), refere que a função sumativa da avaliação se realiza “no final do processo de ensino-aprendizagem – quer se trate de um trimestre, de um semestre, de um ano ou ciclo de estudos” (p.30). Esta avaliação, segundo o mesmo autor, consiste num balanço das aprendizagens dos alunos após uma ou várias sequências de ensino-aprendizagem.

Segundo Ferreira (2007), a avaliação sumativa mede os resultados das aprendizagens, que são publicados através de notas e através de expressões qualitativas (como por exemplo: não satisfaz, bom e muito bom), no final de um trabalho ou de um período de ensino-aprendizagem. Ribeiro e Ribeiro (1990) salientam que “a avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado” (p.359).

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem ainda que a avaliação sumativa “é utilizada habitualmente, no final de um segmento de ensino já longo, isto é, com uma extensão que justifique o balanço global que se pretende realizar” (p.359). Os mesmos autores defendem que “é uma avaliação de malha larga que pretende uma visão geral e não uma análise em profundidade” (p.359). De acordo com Arends (1995), a avaliação sumativa é uma avaliação que se realiza após a instrução, com o intuito de determinar a eficácia do programa ou o valor do trabalho realizado pelos alunos.

Segundo Fisher (2004), a avaliação sumativa pretende informar outras pessoas, neste sentido as pessoas exteriores necessitam de um resumo que lhes comunique em que ponto de desenvolvimento se encontra a criança. A mesma autora salienta que a avaliação sumativa possui as seguintes características:

- (i) “proporciona frases curtas que resumem a informação relativa àquilo que as crianças aprenderam”; (ii) “é extraída da informação formativa”; (iii) “assume a forma de uma lista de itens previamente definidos e que vão sendo assinalados à medida que são conferidos”; (iv) “resume a informação vital e que é mais relevante acerca do que a criança sabe, compreende e consegue fazer”; (v) “é efectuada nos momentos de mudança”; (vi) “é concebida para informar as outras pessoas” (p.36).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), os testes sumativos “incidem sobre um conjunto vasto de objectivos, avaliando aprendizagens representativas dentro desse conjunto e proporcionando, assim, um quadro final de resultados conseguidos” (p.360). Os mesmos autores mencionam que “os testes formativos prestam-se à classificação” contudo, “a finalidade da avaliação somativa não é classificar os alunos mas sim

acrescentar mais um elemento de informação àqueles já recolhidos pelas avaliações diagnóstica e formativa” (p.361).

3.5. Avaliação na Educação Pré-Escolar

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo à sua evolução” (p.27). Segundo a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007 do Ministério da Educação, a avaliação é “um elemento integrante e regulador da prática educativa que implica procedimentos adequados à especificidade da actividade educativa no Jardim de infância, tendo em conta a eficácia das respostas educativas”. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) salientam que a avaliação efetuada com as crianças é “uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador” (p.27).

É a partir da reflexão desta atividade que vai ser possível ao Educador estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste contexto a avaliação é considerada o suporte do planeamento.

Considero relevante expor as finalidades da Educação Pré-Escolar, uma vez que a avaliação possibilita a recolha de sistemática de dados e de informações que, quando analisada e interpretada, suporta a tomada de decisões ajustadas, promovendo assim a qualidade das aprendizagens.

A Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 do Ministério da Educação define a finalidade da avaliação, sendo esta:

(i) “contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planear a ação”; (ii) “refletir sobre os efeitos da ação educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens”; (iii) “recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual”; (iv) “promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma”; (v) “envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando”; (vi) “conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo”.

A Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007 refere que a avaliação na Educação Pré-Escolar assenta nos seguintes princípios:

(i) “coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar”; (ii) “utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados”; (iii) “carácter marcadamente formativo da avaliação”; (iv) “valorização dos progressos da criança”.

De acordo com o mesmo documento, são intervenientes no processo de avaliação: o educador, a(s) criança(s), a equipa e os encarregados de educação.

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, “a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem”; desta forma a criança toma consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando. O mesmo documento defende que “avaliar assenta na observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como a forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens”.

De acordo com a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação é um processo contínuo onde se procede aos registos das evoluções de cada criança, ao longo do tempo. Deste modo a avaliação necessita de utilizar procedimentos de natureza descritiva e narrativa, centrados no modo como a criança aprende, como processa a informação, como constrói o conhecimento ou resolve problemas. Segundo o mesmo documento, todos os procedimentos de avaliação devem ter em conta a faixa etária e as características desenvolvimentais das crianças.

A Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007 menciona que, numa avaliação final, o Educador deve elaborar o Relatório de Avaliação do Projeto Curricular de Grupo/Turma, produzir um documento escrito com a informação global das aprendizagens mais significativas de cada criança, realçando o seu percurso, evolução e progressos, comunicar aos pais/encarregados de educação, bem como aos educadores/professores o que as crianças sabem e são capazes de fazer.

Concluindo, a avaliação é uma área importantíssima e complexa. É preciso avaliar as crianças de uma forma criteriosa, reflexiva e crítica. Para tal é fulcral a procura de informações e apoio de profissionais mais experientes, de forma a promover o sucesso escolar, pessoal e emocional das crianças. Sendo a avaliação considerada um

elemento determinante no processo de ensino/aprendizagem, é preciso que esta seja justa e coerente, para que os educadores/professores consigam corrigir e reajustar o processo educativo à evolução da criança.

Por todos estes motivos, é essencial que o docente esteja preparado para realizar várias avaliações ao longo do processo de aprendizagem das crianças. Neste sentido, estruturei grelhas de avaliação com vários critérios, seguindo uma escala de classificação. Nas escalas de classificação encontram-se registos formados por um grupo de características/qualidades que são avaliadas através de uma escala que mostra o grau de apresentação de cada parâmetro. Para as avaliações que efetuei empreguei uma adaptação da escala de Likert. A escala de avaliação utilizada vai de 0 a 10, com os seguintes critérios:

Fraco (de 0 a 2,9 valores)

Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)

Suficiente (de 5 a 6,9 valores)

Bom (de 7 a 8,9 valores)

Muito Bom (de 9 a 10 valores)

3.6. Primeiro dispositivo de avaliação:

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta avaliação diz respeito a uma atividade realizada no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A atividade foi executada no dia 3 de março de 2011, com as crianças do Bibe Azul A. No início desta atividade fiz uma breve revisão dos conteúdos explorados na área do Conhecimento do Mundo e, para tal, utilizei imagens com as várias fases da metamorfose da borboleta. Seguidamente as crianças construíram, através de palavras móveis, a palavra borboleta. Posteriormente contei a história denominada “O pintor de borboletas”. Ao longo da história as crianças colaboraram realizando uma dramatização com fantoches. Depois exploraram as sombras chinesas. Estas sombras tinham a forma de borboletas e possuíam cores distintas. Aqui as crianças tiveram de descrever as borboletas. No final as crianças realizaram a proposta de atividade presente no **Anexo J**. Foi esta proposta de atividade que foi avaliada.

Neste dia todas as crianças estiveram presentes no contexto de sala de aula, assim os dispositivos de avaliação avaliados foram vinte e oito.

- **Descrição dos parâmetros e critérios**

1 – Escrever o nome e a data.

Pretende-se que a criança identifique o seu trabalho, escrevendo o nome e a data. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve o nome com caligrafia legível e regular;
- Escreve a data corretamente com algarismos regulares;
- Escreve o nome com caligrafia legível e irregular;
- Escreve a data corretamente com algarismos irregulares;
- Escreve o nome no local errado;
- Escreve a data no local errado;
- Escreve a data incorretamente;
- Não escreve o nome nem a data.

2 – Recortar e colar as palavras.

Pretende-se que a criança recorte e cole as quatro palavras, de forma a legendar as imagens presentes na proposta de atividade. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Recorta quatro etiquetas pelas linhas;
- Recorta três etiquetas pelas linhas;
- Recorta duas etiquetas pelas linhas;
- Recorta uma etiqueta pelas linhas;
- Não consegue recortar nenhuma etiqueta de palavras pelas linhas;
- Cola quatro etiquetas no espaço limitado;
- Cola três etiquetas no espaço limitado;
- Cola duas etiquetas no espaço limitado;
- Cola uma etiqueta no espaço limitado;
- Não consegue colar nenhuma etiqueta no espaço limitado;
- Não recorta nem cola nenhuma etiqueta.

3 – Copiar as palavras com letra manuscrita.

Pretende-se que a criança copie as quatro palavras das legendas, no local destinado a esse efeito. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve corretamente quatro palavras;
- Escreve corretamente três palavras;
- Escreve corretamente duas palavras;
- Escreve corretamente uma palavra;
- Não escreve corretamente nenhuma das palavras;
- Não responde.

4 – Pintar as imagens.

Pretende-se que a criança pinte as quatro imagens, referentes à metamorfose da borboleta, preenchendo os espaços delimitados. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta quatro imagens respeitando os espaços;

- Pinta três imagens respeitando os espaços;
- Pinta duas imagens respeitando os espaços;
- Pinta uma imagem respeitando os espaços;
- Pinta quatro imagens de forma irregular (não preenchendo o espaço na sua totalidade);
- Não pinta nenhuma imagem.

5 – Copiar a frase.

Pretende-se que a criança copie a frase que foi escrita no quadro. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Copia a frase corretamente com caligrafia legível;
- Copia a frase corretamente com caligrafia legível, sem o sinal de pontuação;
- Copia a frase completa, mas só algumas palavras têm uma caligrafia legível;
- Copia a frase de forma incompleta;
- Copia a frase com caligrafia ilegível;
- Não copia a frase.

De seguida, no quadro 13, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido. No quadro 14 podemos observar a grelha de avaliação do parâmetro 1, no quadro 15 a grelha de avaliação do parâmetro 2, no quadro 16 a grelha de avaliação dos parâmetros 3 e 4, no quadro 17 a grelha de avaliação do parâmetro 5 e no quadro 18 a grelha de avaliação final que inclui as cotações obtidas por aluno em cada um dos parâmetros.

Quadro 13 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotações
1 – Escrever o nome e a data.	Escreve o nome com caligrafia legível e regular.	1	2
	Escreve a data corretamente com algarismos regulares.	1	
	Escreve o nome com caligrafia legível e irregular.	0,5	
	Escreve a data corretamente com algarismos irregulares.	0,5	
	Escreve o nome no local errado.	0,2	
	Escreve a data no local errado.	0,2	
	Escreve a data incorretamente.	0	
	Não escreve o nome nem a data.	0	
2 – Recortar e colar as palavras.	Recorta quatro etiquetas pelas linhas.	1	2
	Cola quatro etiquetas no espaço limitado.	1	
	Recorta três etiquetas pelas linhas.	0,8	
	Cola três etiquetas no espaço limitado.	0,8	
	Recorta duas etiquetas pelas linhas.	0,6	
	Cola duas etiquetas no espaço limitado.	0,6	
	Recorta uma etiqueta pelas linhas.	0,4	
	Cola uma etiqueta no espaço limitado.	0,4	
	Não consegue recortar nenhuma etiqueta de palavras pelas linhas.	0,2	
	Não consegue colar nenhuma etiqueta no espaço limitado.	0,2	
	Não recorta nem cola nenhuma etiqueta.	0	
3 – Copiar as palavras com letra manuscrita.	Escreve corretamente quatro palavras.	2	2
	Escreve corretamente três palavras.	1,5	
	Escreve corretamente duas palavras.	1	
	Escreve corretamente uma palavra.	0,5	
	Não escreve corretamente nenhuma das palavras.	0,2	
	Não responde.	0	
4 – Pintar as imagens.	Pinta quatro imagens respeitando os espaços.	2	2
	Pinta três imagens respeitando os espaços.	1,5	
	Pinta duas imagens respeitando os espaços.	1	
	Pinta quatro imagens de forma irregular (não preenchendo o espaço na sua totalidade).	0,8	
	Pinta uma imagem respeitando os espaços.	0,5	
	Não pinta nenhuma imagem.	0	
5 – Copiar a frase.	Copia a frase corretamente com caligrafia legível.	2	2
	Copia a frase corretamente com caligrafia legível, sem o sinal de pontuação.	1,5	
	Copia a frase completa, mas só algumas palavras têm uma caligrafia legível.	1	
	Copia a frase de forma incompleta.	0,5	
	Copia a frase com caligrafia ilegível.	0,2	
	Não copia a frase.	0	

Quadro 14 – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem
Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1 – Escrever o nome e a data.								Soma das cotações
	Alunos	Nome c/ caligrafia legível e regular	Data corret. c/ algarismos regulares	Nome c/ caligrafia legível e irregular	Data corret. c/ algarismos irregulares	Nome no local errado	Data no local errado	Data incorret.	
1		1	1	0,5	0,5	0,2	0,2	0	1
2				0,5	0,5				1
3				0,5	0,5				1
4				0,5	0,5				1
5				0,5	0,5				1
6				0,5				0	0,5
7		1	1						2
8			1	0,5					1,5
9				0,5	0,5				1
10			1	0,5					1,5
11				0,5	0,5				1
12		1	1						2
13				0,5	0,5				1
14				0,5	0,5				1
15				0,5	0,5				1
16		1	1						2
17			1	0,5					1,5
18				0,5	0,5				1
19		1	1						2
20			1	0,5					1,5
21				0,5	0,5				1
22		1	1						2
23				0,5	0,5				1
24						0,2	0,2		0,4
25				0,5	0,5				1
26				0,5	0,5				1
27		1	1						2
28		1			0,5				1,5

Quadro 15 – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem
Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros Critérios	2 – Recortar e colar as palavras.											Soma das cotações
	Recorta as etiquetas pelas linhas:						Cola as etiquetas no espaço limitado:				Não recorta nem cola etiquetas	
	Recorta quatro	Recorta três	Recorta duas	Recorta uma	Não recorta as etiquetas pelas linhas	Cola quatro	Cola três	Cola duas	Cola uma	Não cola as etiquetas espaço limitado		
Alunos	1	0,8	0,6	0,4	0,2	1	0,8	0,6	0,4	0,2	0	1
	2		0,6						0,4			0,4
	3			0,6		0,2		0,6		0,2		1,2
	4					0,2				0,2		0,4
	5					0,2				0,2		0,4
	6		0,8					0,6				1,4
	7	1					1					2
	8					0,2		0,6				0,8
	9					0,2				0,2		0,4
	10			0,6				0,6				1,2
	11					0,2				0,2		0,4
	12			0,6				0,8				1,4
	13				0,4					0,2		0,6
	14			0,6				0,8				1,4
	15					0,2				0,2		0,4
	16	1							0,6			1,6
	17				0,4					0,2		0,6
	18		0,8					0,8				1,6
	19			0,6				0,8				1,4
	20		0,8						0,6			1,4
	21				0,4			0,8				1,2
	22		0,8					0,8				1,6
	23		0,8					0,8				1,6
	24					0,2				0,4		0,6
	25	1						0,8				1,8
	26		0,8					0,8				1,6
	27					0,2			0,6			0,8
	28					0,2					0,2	0,4

Quadro 16 – Grelha de avaliação dos parâmetros 3 e 4 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	3 – Copia as palavras com letra manuscrita.						4 – Pintar as imagens.						Soma das cotações	
	Critérios	Escreve corretamente as palavras:				Não escreve corret. nenhuma palavra	Não responde	Pinta as imagens respeitando os espaços:				Pinta 4 imagens de forma irregular		Não pinta nenhuma imagem
		Escreve quatro	Escreve três	Escreve duas	Escreve uma			Pinta quatro	Pinta três	Pinta duas	Pinta uma			
Alunos													0 a 4 pontos	
1							0	2	1,5	1	0,5	0,8	0	3,5
2						0,2								0,2
3		2						2						4
4												0,8		2,3
5		2						2						4
6								2						3,5
7		2						2						4
8		2										0,8		2,8
9		2						2						4
10		2						2						4
11								2						3,5
12								2						3,5
13					1			2						3
14					1,5			2					0	3,5
15						0,2							0	0,2
16					1,5								0	1,5
17		2						2						4
18					1,5			2						3,5
19		2									0,5			2,5
20					1,5							0,8		2,3
21		2						2					0	4
22		2											0	2
23		2						2						4
24		2							1,5					3,5
25		2						2						4
26		2											0	2
27		2						2						4
28		2						2						4

Quadro 17 – Grelha de avaliação do parâmetro 5 do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	5 – Copiar a frase.						Soma das cotações
	Cópia a frase corretamente com caligrafia legível	Cópia a frase corretamente com caligrafia legível, sem o sinal de pontuação	Cópia a frase, mas só algumas palavras têm uma caligrafia legível	Cópia a frase de forma incompleta	Cópia a frase com caligrafia ilegível	Não copia a frase	
Critérios							
Alunos							
1	2	1,5	1	0,5	0,2	0	2
2	2		1				1
3	2						2
4			1				1
5	2						2
6						0	0
7	2						2
8	2						2
9	2						2
10	2						2
11			1				1
12	2						2
13				0,5			0,5
14		1,5					1,5
15			1				1
16				0,5			0,5
17	2						2
18	2						2
19	2						2
20					0,2		0,2
21				0,5			0,5
22	2						2
23	2						2
24		1,5					1,5
25	2						2
26		1,5					1,5
27	2						2
28	2						2

Quadro 18 – *Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

Parâmetros	1	2	3 e 4	5	Soma total
Alunos	Cotação de 0 a 2 pontos	Cotação de 0 a 2 pontos	Cotação de 0 a 4 pontos	Cotação de 0 a 2 pontos	0 a 10 pontos
1	1	1	3,5	2	7,5
2	1	0,4	0,2	1	2,6
3	1	1,2	4	2	8,2
4	1	0,4	2,3	1	4,7
5	1	0,4	4	2	7,4
6	0,5	1,4	3,5	0	5,4
7	2	2	4	2	10
8	1,5	0,8	2,8	2	7,1
9	1	0,4	4	2	7,4
10	1,5	1,2	4	2	8,7
11	1	0,4	3,5	1	5,9
12	2	1,4	3,5	2	8,9
13	1	0,6	3	0,5	5,1
14	1	1,4	3,5	1,5	7,4
15	1	0,4	0,2	1	2,6
16	2	1,6	1,5	0,5	5,6
17	1,5	0,6	4	2	8,1
18	1	1,6	3,5	2	8,1
19	2	1,4	2,5	2	7,9
20	1,5	1,4	2,3	0,2	5,4
21	1	1,2	4	0,5	6,7
22	2	1,6	2	2	7,6
23	1	1,6	4	2	8,6
24	0,4	0,6	3,5	1,5	6
25	1	1,8	4	2	8,8
26	1	1,6	2	1,5	6,1
27	2	0,8	4	2	8,8
28	1,5	0,4	4	2	7,9

De seguida, na figura 38, apresento os resultados obtidos num gráfico.

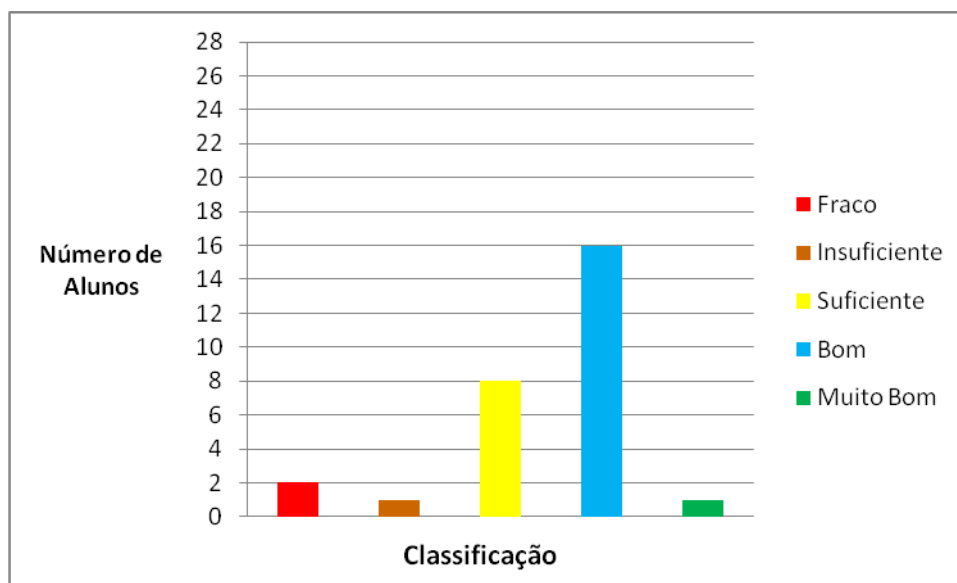


Figura 38 – *Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

- Descrição e análise dos resultados

Através desta avaliação foi possível verificar que mais de metade da turma teve uma classificação entre o Bom e o Muito Bom, especificando dezasseis crianças tiveram a classificação de Bom e uma teve a classificação de Muito Bom. Enquanto onze crianças tiveram classificações entre o Suficiente, o Insuficiente, e o Fraco. Talvez estes resultados se devam ao facto de algumas crianças apresentarem dificuldades ao nível da escrita. Apenas uma criança obteve a classificação máxima, ou seja, dez valores, enquanto três crianças tiveram uma classificação negativa.

3.7. Segundo dispositivo de avaliação:

Domínio da Matemática

Esta avaliação diz respeito a uma atividade realizada no Domínio da Matemática. A atividade foi executada no dia 30 de março de 2011, com as crianças do Bibe Azul A. Para esta atividade utilizei o material estruturado Blocos Lógicos e uma tabela de dupla entrada de formato A_0 . Este material foi exposto no quadro de ardósia. Cada criança, no seu lugar, tinha uma caixa com peças que representavam as peças dos Blocos Lógicos e uma tabela de dupla entrada de formato A_3 . Esta proposta de atividade, encontra-se no **Anexo L** e, foi avaliada.

A turma do Bibe Azul A é constituída por vinte e oito crianças. Contudo, neste dia, não estava, em contexto de sala de aula, uma criança. Desta forma, os dispositivos de avaliação analisados foram vinte e sete.

- **Descrição dos parâmetros e critérios**

1 – Colar a primeira peça e assinalar os seus atributos.

Pretende-se que a criança cole a peça no respetivo local e assinale corretamente os quatro atributos da mesma. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente um atributo;

- Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos;
- Não responde.

2 – Colar a segunda peça e assinalar os seus atributos.

Pretende-se que a criança cole a peça no respetivo local e assinale corretamente os quatro atributos da mesma. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente um atributo;
- Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos;
- Não responde.

3 – Colar a terceira peça e assinalar os seus atributos.

Pretende-se que a criança cole a peça no respetivo local e assinale corretamente os quatro atributos da mesma. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente um atributo;
- Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos;
- Não responde.

4 – Colar a quarta peça e assinalar os seus atributos.

Pretende-se que a criança cole a peça no respetivo local e assinale corretamente os quatro atributos da mesma. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente um atributo;
- Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos;
- Não responde.

5 – Colar a quinta peça e assinalar os seus atributos.

Pretende-se que a criança cole a peça no respetivo local e assinale corretamente os quatro atributos da mesma. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente um atributo;
- Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos;
- Não responde.

6 – Colar a sexta peça e assinalar os seus atributos.

Pretende-se que a criança cole a peça no respetivo local e assinale corretamente os quatro atributos da mesma. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos;
- Cola a peça e assinala corretamente um atributo;
- Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos;
- Não responde.

De seguida, no quadro 19, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido. No quadro 20 podemos observar a gelha de avaliação dos parâmetros 1 e 2, no quadro 21 a grelha de avaliação dos parâmetros 3 e 4, no quadro 22 a grelha de avaliação dos parâmetros 5 e 6 e no quadro 23 a grelha de avaliação final que reúne a cotação obtida por aluno em cada um dos parâmetros.

Quadro 19 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações
1 – Colar a primeira peça e assinalar os seus atributos.	Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos.	2	2
	Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos.	1	
	Cola a peça e assinala corretamente um atributo.	0,5	
	Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos.	0,2	
	Não responde.	0	
2 – Colar a segunda peça e assinalar os seus atributos.	Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos.	2	2
	Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos.	1	
	Cola a peça e assinala corretamente um atributo.	0,5	
	Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos.	0,2	
	Não responde.	0	
3 – Colar a terceira peça e assinalar os seus atributos.	Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos.	2	2
	Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos.	1	
	Cola a peça e assinala corretamente um atributo.	0,5	
	Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos.	0,2	
	Não responde.	0	
4 – Colar a quarta peça e assinalar os seus atributos.	Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos.	2	2
	Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos.	1	
	Cola a peça e assinala corretamente um atributo.	0,5	
	Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos.	0,2	
	Não responde.	0	
5 – Colar a quinta peça e assinalar os seus atributos.	Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos.	2	2
	Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos.	1	
	Cola a peça e assinala corretamente um atributo.	0,5	
	Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos.	0,2	
	Não responde.	0	
6 – Colar a sexta peça e assinalar os seus atributos.	Cola a peça e assinala corretamente quatro atributos.	2	2
	Cola a peça e assinala corretamente três/dois atributos.	1	
	Cola a peça e assinala corretamente um atributo.	0,5	
	Cola a peça e assinala incorretamente todos os atributos.	0,2	
	Não responde.	0	

Quadro 20 – Grelha de avaliação dos parâmetros 1 e 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	1 – Colar a primeira peça e assinalar os seus atributos.					2 – Colar a segunda peça e assinalar os seus atributos.					Soma das cotações		
	Critérios	Cola a peça e assinala:				Não responde	Cola a peça e assinala:						Não responde
		Corret.4 atributos	Corret. 3/2 atributos	Corret. 1 atributo	Incorret. todos os atributos		Corret. 4 atributos	Corret. 3/2 atributos	Corret. 1 atributo	Incorret. todos os atributos			
Alunos		2	1	0,5	0,2	0	2	1	0,5	0,2	0	0 a 4 pontos	
1		2					2					4	
2		2					2					4	
3		2					2					4	
4		2					2					4	
5		2						1				3	
6		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
7		2					2					4	
8		2					2					4	
9			1					1				2	
10		2					2					4	
11			1					1				2	
12		2					2					4	
13		2					2					4	
14		2						1				3	
15		2						1				3	
16		2						1				3	
17		2					2					4	
18		2					2					4	
19		2					2					4	
20		2					2					4	
21		2					2					4	
22		2						1				3	
23		2					2					4	
24		2					2					4	
25		2					2					4	
26		2					2					4	
27		2					2					4	
28		2					2					4	

Quadro 21 – Grelha de avaliação dos parâmetros 3 e 4 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	3 – Colar a terceira peça e assinalar os seus atributos.						4 – Colar a quarta peça e assinalar os seus atributos.						Soma das cotações
Critérios	Cola a peça e assinala:				Não responde	Cola a peça e assinala:				Não responde	0 a 4 pontos		
	Corret.4 atributos	Corret. 3/2 atributos	Corret. 1 atributo	Incorret. todos os atributos		Corret.4 atributos	Corret. 3/2 atributos	Corret. 1 atributo	Incorret. todos os atributos				
Alunos													
1	2	1	0,5	0,2	0	2	1	0,5	0,2	0	3		
2	2					2					4		
3	2					2					4		
4	2					2					4		
5	2					2					4		
6	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
7	2					2					4		
8	2					2					4		
9	2					2					4		
10		1					1				2		
11				0,2			1				1,2		
12	2					2					4		
13	2					2					4		
14			0,5				1				1,5		
15	2					2					4		
16	2						1				3		
17	2					2					4		
18	2					2					4		
19	2					2					4		
20	2					2					4		
21	2					2					4		
22	2					2					4		
23	2						1				3		
24	2						1				3		
25	2						2				4		
26	2					2					4		
27	2					2					4		
28		1				2					3		

Quadro 22 – Grelha de avaliação dos parâmetros 5 e 6 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros Critérios	5 – Colar a quinta peça e assinalar os seus atributos.					6 – Colar a sexta peça e assinalar os seus atributos.					Soma das cotações	
	Cola a peça e assinala:					Cola a peça e assinala:						Não responde
	Corret.4 atributos	Corret. 3/2 atributos	Corret. 1 atributo	Incorret. todos os atributos	Não responde	Corret.4 atributos	Corret. 3/2 atributos	Corret. 1 atributo	Incorret. todos os atributos			
Alunos	2	1	0,5	0,2	0	2	1	0,5	0,2	0	0 a 4 pontos	
1	2							0,5			2,5	
2		1				2					3	
3	2					2					4	
4		1				2					3	
5	2					2					4	
6	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
7	2					2					4	
8	2					2					4	
9		1				2					3	
10		1				2					3	
11			0,5						0,2		0,7	
12	2					2					4	
13			0,5				1				1,5	
14	2					2					4	
15		1				2					3	
16	2					2					4	
17		1					1				2	
18	2					2					4	
19	2					2					4	
20		1				2					3	
21	2					2					4	
22	2					2					4	
23		1								0	1	
24		1				2					3	
25	2					2					4	
26		1				2					3	
27	2					2					4	
28	2					2					4	

Quadro 23 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	1 e 2	3 e 4	5 e 6	Soma	Soma total
Alunos	Cotações de 0 a 4 pontos	Cotações de 0 a 4 pontos	Cotações de 0 a 4 pontos	0 a 12 pontos	0 a 10 pontos
1	4	3	2,5	9,5	7,9
2	4	4	3	11	9,2
3	4	4	4	12	10
4	4	4	3	11	9,2
5	3	4	4	11	9,2
6	x	x	x	x	x
7	4	4	4	12	10
8	4	4	4	12	10
9	2	4	3	9	7,5
10	4	2	3	9	7,5
11	2	1,2	0,7	3,9	3,3
12	4	4	4	12	10
13	4	4	1,5	9,5	7,9
14	3	1,5	4	8,5	7,1
15	3	4	3	10	8,3
16	3	3	4	10	8,3
17	4	4	2	10	8,3
18	4	4	4	12	10
19	4	4	4	12	10
20	4	4	3	11	9,2
21	4	4	4	12	10
22	3	4	4	11	9,2
23	4	3	1	8	6,7
24	4	3	3	10	8,3
25	4	4	4	12	10
26	4	4	3	11	9,2
27	4	4	4	12	10
28	4	3	4	11	9,2

Na figura 39 são apresentados os resultados em gráfico.

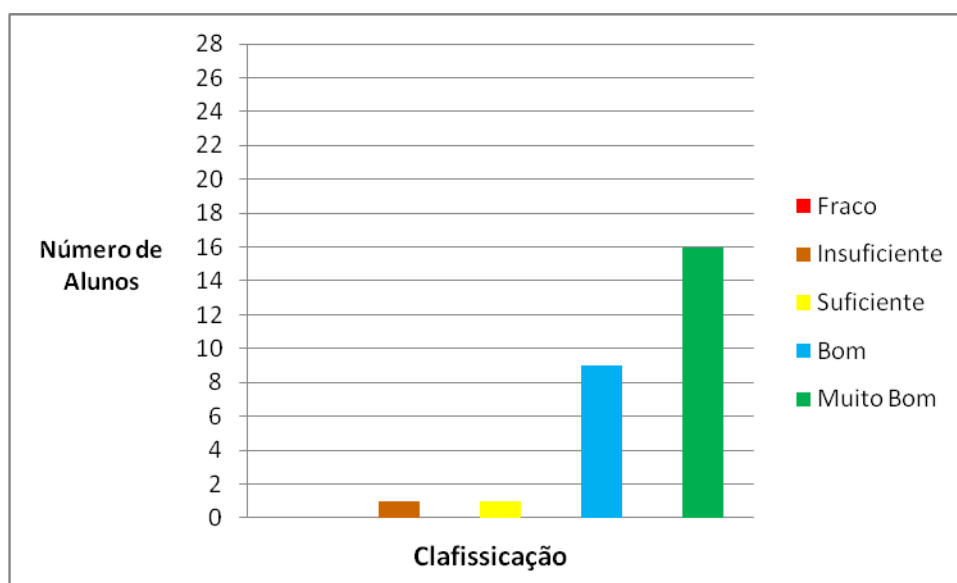


Figura 39 – Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

- Descrição e análise dos resultados

Neste dispositivo de avaliação é possível verificar, através da figura 39, que vinte e cinco elementos da turma obtiveram resultados entre o Bom e o Muito Bom. Uma criança teve a classificação de Suficiente e, apenas um elemento da turma obteve uma classificação negativa, neste caso Insuficiente. Nesta avaliação nenhuma criança teve uma classificação de Fraco. Nove crianças tiveram a cotação máxima, ou seja, dez valores.

Comparando o dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o dispositivo de avaliação referente ao Domínio da Matemática, é possível aferir que mais alunos obtiveram uma classificação de Muito Bom no dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática. Enquanto no dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita houve duas classificações de Fraco, no dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática nenhuma criança teve uma classificação de Fraco.

As duas crianças que tiveram a classificação de Insuficiente e Suficiente, no dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática, obtiveram melhores resultados no dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Apenas uma criança obteve a classificação máxima nos dois dispositivos de avaliação.

Em suma, as classificações foram mais diversificadas no dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, do que no dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática.

3.8. Terceiro dispositivo de avaliação:

Área do Conhecimento do Mundo

Esta avaliação diz respeito a uma atividade realizada na Área do Conhecimento do Mundo. A atividade foi executada no dia 18 de maio de 2011, com as crianças do Bibe Amarelo A. Esta aula foi uma continuidade da manhã de atividades, que decorreu no dia 6 de maio de 2011, onde os conteúdos abordados faziam referência aos frutos. Inicialmente coloquei três adivinhas às crianças, cujas respostas eram nomes de frutos.

De seguida, dividi a turma em dois grupos. O primeiro grupo colocou as máscaras dos frutos e eu permaneci com o segundo grupo, sentada no tapete. O grupo

que tinha as máscaras escolheu uma canção relacionada com os frutos e cantaram para os colegas. Todas as crianças, que estavam sentadas no tapete, acompanhavam a canção batendo palmas ao ritmo da mesma. De seguida os grupos inverteram-se. O primeiro grupo retirou as máscaras e sentou-se no tapete, enquanto as outras crianças se levantavam e colocavam as máscaras.

Com este grupo realizei um exercício diferente. Ia pedindo a cada fruto para executar um movimento diferente, como por exemplo: as maçãs tinham de saltar, as peras tinham de levantar os braços, entre outros. Por último, pedi às crianças que estavam no tapete para fechar os olhos e eu retirava alguns frutos do grupo, depois as crianças tinham de dizer o nome dos frutos que tinham saído. No final, as crianças realizaram a proposta de atividade presente no **Anexo O**. Foi esta proposta de atividade que avaliei.

A turma do Bibe Amarelo A é composta por vinte e oito crianças. Contudo, neste dia, não estava, em contexto de sala de aula, uma criança. Desta forma, os dispositivos de avaliação avaliados foram vinte e sete.

- **Descrição dos parâmetros e critérios**

1 – Ligar a cor ao respectivo fruto.

Pretende-se que a criança identifique as cores, e que as corresponda aos respectivos frutos. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Liga corretamente três cores aos respectivos frutos;
- Liga corretamente duas cores aos respectivos frutos;
- Liga corretamente uma cor ao respetivo fruto;
- Não liga corretamente as cores aos frutos/não responde.

2 – Pintar o fruto com a cor correspondente.

Pretende-se que a criança pinte o fruto com a cor correspondente. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta três frutos com as cores correspondentes;
- Pinta dois frutos com as cores correspondentes;
- Pinta um fruto com a cor correspondente;

- Pinta os frutos com outras cores/não responde.

3– Preencher o fruto respeitando o espaço limitado.

Pretende-se que a criança pinte o fruto respeitando os espaços. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Preenche os frutos respeitando o espaço;
- Preenche os frutos ultrapassando o espaço;
- Não preenche a totalidade dos frutos e ultrapassa o espaço;
- Não responde.

De seguida, no quadro 24, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido.

Quadro 24 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios		Cotações
1 – Ligar a cor ao respectivo fruto.	Liga corretamente três cores aos respectivos frutos.	3	3
	Liga corretamente duas cores aos respectivos frutos.	2	
	Liga corretamente uma cor ao respetivo fruto.	1	
	Não liga corretamente as cores aos frutos/não responde.	0	
2 – Pintar o fruto com a cor correspondente.	Pinta três frutos com as cores correspondentes.	3	3
	Pinta dois frutos com as cores correspondentes.	2	
	Pinta um fruto com a cor correspondente.	1	
	Pinta os frutos com outras cores/não responde.	0	
3 – Preencher o fruto respeitando o espaço limitado.	Preenche os frutos respeitando o espaço.	4	4
	Preenche os frutos ultrapassando o espaço.	3	
	Não preenche a totalidade dos frutos e ultrapassa o espaço.	2	
	Não responde.	0	

No quadro 25 encontra-se a grelha de avaliação que reúne a cotação obtida por aluno em cada um dos parâmetros.

Quadro 25 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1- Ligar a cor ao respectivo fruto.				2- Pintar o fruto com a cor correspondente.				3- Preencher o fruto respeitando o espaço limitado.				Soma das cotações
Critérios	Liga corretamente as cores aos respectivos frutos:				Pinta os frutos com as cores correspondentes:				Preenche os frutos:				
	Liga três	Liga duas	Liga uma	Não liga corret./Não responde	Pinta três	Pinta dois	Pinta um	Pinta com outras cores/Não responde	Respeitando o espaço	Ultrapassando o espaço	Não preenche a totalidade e ultrapassa o espaço	Não responde	
Alunos													
1	3	2	1	0	3	2	1	0	4	3	2	0	8
2	3				3						2		8
3	3				3					3			9
4	3				3						2		8
5	3				3					3			9
6	3				3					3			9
7	3				3						2		8
8	3				3					3			9
9	3				3					3			9
10		2			3						2		7
11		2				2			4	3			7
12	3				3								10
13		2			3						2		7
14		2			3						2		7
15	3					2					2		7
16		2					1			3			6
17		2					1				2		5
18	3				3					3			9
19			1		3						2		6
20	3				3				4				10
21	3						1			3			7
22	3				3				4				10
23	3				3					3			9
24			1		3						2		6
25	3				3					3			9
26	3				3					3			9
27	3				3				4				10
28	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Seguidamente encontra-se os resultados em gráfico.

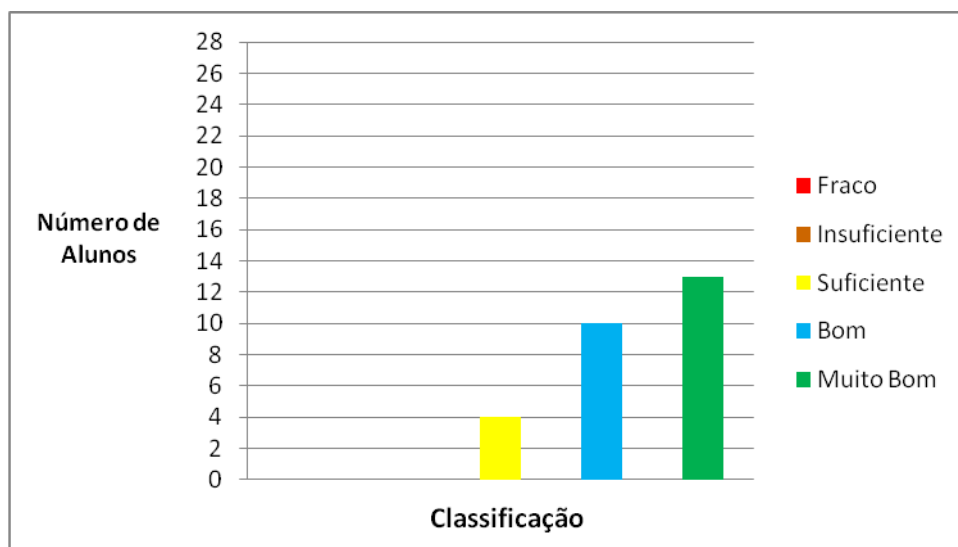


Figura 40 – Avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

- Descrição e análise dos resultados

Neste dispositivo de avaliação vinte e três crianças obtiveram uma classificação entre o Bom e o Muito Bom, apenas quatro elementos da turma tiveram uma classificação de Suficiente. Nenhuma criança obteve uma classificação negativa.

Através desta classificação é possível concluir que as crianças consolidaram os seus conhecimentos fazendo corretamente a correspondência entre as cores e os frutos.

Capítulo 4

Reflexão Final

Neste capítulo é essencial fazer um balanço de todo o trabalho realizado ao longo destes meses. De seguida apresento a reflexão final, bem como as limitações ao trabalho realizado e sugestões de novas pesquisas. O Relatório de Estágio Profissional consiste num instrumento de registo importantíssimo, uma vez que ilustra o trabalho desenvolvido ao longo do mestrado.

4.1. Reflexão final

As Unidades Curriculares que mais me motivaram foram sem dúvida o Estágio Profissional I e II. Pois foi aqui que pude realizar aprendizagens constantes, essenciais para o meu crescimento como futura profissional da Educação.

Segundo Galveias (2008), “o estágio pedagógico ou a prática pedagógica parece ser, também na perspectiva dos formandos, uma das componentes mais valorizadas na sua formação” (p.7).

Devido ao facto de já conhecer tanto a instituição, como as Educadoras e os grupos de crianças com quem ia estagiar, não tive de realizar nenhuma adaptação. Desta forma, desde muito cedo, a ida ao estágio, o estar com as crianças e o realizar atividades com as mesmas tornaram-se momentos de prazer e de alegria.

Segundo Freire (1972), citado por Alarcão (1996), “a formação é um fazer permanente (–) que se faz constantemente na acção. Para se ser, tem de se estar sendo” (p.187).

Fávero (2002), citado por Guimarães e Lopes (2007), “propõe que a teoria e prática sejam consideradas como um núcleo articulador no processo de formação a partir do trabalho desenvolvido com esses dois elementos de forma integrada, indissociável e complementar” (p.3661). Desta forma, Guimarães e Lopes (2007) referem que “a prática, sendo reflexiva, remete-nos a uma busca teórica para melhor análise e compreensão desta própria prática” (p.3661).

De acordo com Altet (2000), “a dialéctica teoria-prática deve ser substituída por um vaivém entre prática-teoria-prática e que o professor se deve tornar num profissional reflexivo, capaz de analisar as suas práticas, de resolver problemas, de inventar estratégias” (p.28). Segundo a mesma autora “a formação apoia-se nos contributos dos profissionais e dos investigadores que procuram articular uma abordagem de tipo acção-saber-problema” (p.28).

Neste sentido a prática pedagógica pode tornar-se um dos elementos essenciais no processo de formação de professores e deverá ser vista como um fator de aprendizagem e de crescimento do próprio sujeito. Para que tal aconteça é necessário que exista uma boa equipa ao nível da supervisão.

Alarcão e Roldão (2008) defendem que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional” (p.54). As mesmas autoras mencionam que “a supervisão como actividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas. Na diversidade estratégica é possível detectar uma tendência alinhada com uma abordagem reflexiva” (p.56).

Galveias (2008) refere que a supervisão é um processo “em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (p.7). O mesmo autor salienta que “para que o processo de supervisão se desenrole nas melhores condições é necessário criar um clima favorável, uma atmosfera afectivo-relacional positiva, de entreajuda, recíproca, aberta, espontânea, autêntica, cordial, empática entre o supervisor e o professor em formação” (p.13).

Em tudo aquilo que realizei ao longo deste estágio depus algo de mim, com amor e dedicação pelo trabalho efetuado. Foi através da dedicação, pelo gosto da profissão e pela vontade de aprender que todas as dificuldades foram superadas.

As atividades propostas devem ser pensadas em função das crianças, assim é fundamental verificar como estas se sentem, observar o modo como se comportam, para que seja possível realizar as alterações necessárias, ajustando as atividades ao grupo de crianças em questão. Só pondo em prática as nossas ideias é que percebemos se estas são realmente adequadas.

De acordo com Sousa (1996), citado por Guimarães e Lopes (2007), para formar o professor de educação infantil competente “do ponto de vista do conhecimento (competência técnica), da atitude e do compromisso (competências humana e político-social) os formadores de educadores precisam capacitá-lo a desempenhar a sua função competentemente e a refletir sobre os pressupostos que subjazem à sua prática educativa” (pp. 3664-3665).

A formação facultada nesta instituição foi uma formação humana e científica, visando deste modo sempre a articulação entre a teoria e a prática. Desta forma, ao

longo do estágio foi possível integrar as aprendizagens consolidadas na licenciatura em Educação Básica, bem como as do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e ainda as minhas aprendizagens pessoais.

Algo que considerei essencial neste estágio foi o facto de poder aplicar o Método João de Deus. Ao longo da Licenciatura, para além de ter uma Unidade Curricular que me auxiliou a compreender esta metodologia, foi possível observar no estágio algumas Educadoras a explorarem a Cartilha Maternal com as suas crianças. Apenas no mestrado é que pude praticar o mesmo e verifiquei que este é um método que não despreza o aspeto lúdico, baseando-se no raciocínio lógico. Foi aqui que constatei a eficácia da Cartilha Maternal, e o modo como as crianças do Bibe Azul aprendem a ler e a escrever. Foi através da prática que consegui auxiliar as crianças com mais dificuldades, utilizando sempre a metodologia João de Deus.

Outro aspeto que considero relevante é a aplicação dos materiais no Domínio da Matemática. Devido ao facto de as crianças não possuírem as bases necessárias para efetuar os cálculos, entre outros exercícios que envolvem noções matemáticas, cabe ao Educador estimular as crianças, aplicando materiais manipulativos estruturados e não estruturados. De acordo com Caldeira (2009), devem-se apresentar às crianças “actividades com materiais de forma adequada a cada idade, fomentar a motivação, valorizando o aluno, com os seus conhecimentos e valores, respeitando as suas diferenças, de modo a que possam, com aqueles elementos de mediação, construir ideias e conceitos” (p.36). Neste sentido é essencial introduzir noções matemáticas e utilizar materiais que promovam a resolução de situações problemáticas. É igualmente importante que as crianças manipulem os materiais de forma a efetuar cálculos concretos, para que mais tarde consigam calcular mentalmente.

Para Develay (1996), citado por Pacheco e Flores (1999), “o processo formativo resulta da confrontação entre o modelo pedagógico de referência do formador e o modelo pedagógico implícito do formando, dando origem ao modelo pedagógico personalizado do formando” (p.138).

Segundo Guimarães e Lopes (2007), “o estágio é também imprescindível para a construção da identidade profissional do docente, porque permite a integração entre conhecimentos teóricos e procedimentos e a necessária aproximação às situações em que decorre o exercício profissional” (p. 3668).

De acordo com Alarcão e Roldão (2008), “a construção e o desenvolvimento da identidade profissional é um processo individual, personalizado, único, com forte

influência contextual, mobilizado por referentes do passado e expectativas relativas ao futuro”; deste modo, “a realização de actividades diversificadas, a experiencição de diferentes papéis, a sistemática observação crítica, problematização e pesquisa, a partilha e o trabalho conjuntos são componentes do processo” (p.34).

Com a elaboração do Relatório de Estágio Profissional tornei-me uma pessoa ainda mais organizada e responsável. Aprendi a refletir de forma crítica e fundamentada, o que fez com que melhorasse bastante o meu desempenho e as minhas observações.

Assimilei que planear e avaliar é indispensável, implica que o Educador reflita sobre as suas ações e que é difícil fazê-lo. É importante que se realize um planeamento do ambiente educativo, dos materiais a utilizar, tendo sempre em conta as diversas áreas de conteúdo. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) reforçam que “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (p.27). Assim a avaliação pode ser considerada um alicerce do planeamento.

Em suma, é fundamental que o Educador articule e aborde as diferentes áreas de conteúdos e os respetivos domínios, para que o processo de ensino aprendizagem seja um processo flexível e que corresponda às necessidades das crianças. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), cabe ao educador apoiar cada criança para que esta atinja níveis a que não chegaria por si só, facilitando uma aprendizagem cooperada.

4.2. Limitações

Com a realização deste relatório muito ficou por dizer e explorar. Desta forma torna-se difícil conseguir falar de todos eles de um modo completo e científico. Assim, de acordo com aquilo que foi observado dia a dia no estágio e com os aspetos mais relevantes encontrei fundamentação para justificar as situações destacadas.

Para mim uma limitação deste trabalho foi ter de cumprir com o número de páginas estipuladas. Deste modo, para todos os relatos e fundamentações teóricas, tive de fazer uma seleção muito específica para colocar no corpo de texto. Se não me tivesse sido colocado um limite de páginas certamente que teria explorado mais alguns assuntos e até mesmo introduzido outros autores. Não quero deixar de referir que teria sido mais pertinente e adequado ter consultado certos autores em fonte primária.

Relativamente ao horário do Estágio Profissional, este, inicialmente, foi composto por três manhãs por semana. Considero que não é favorável o facto de não serem observadas as atividades realizadas à tarde com as crianças. Posteriormente, e devido a uma situação particular, os meus dias de estágio foram alterados. A partir deste momento pude realizar um dia inteiro de estágio, o que foi bastante proveitoso para mim. Considero ser essencial a realização do estágio tanto no período da manhã, como no período da tarde, uma vez que no futuro profissional a educadora permanece com as crianças e prepara atividades para as mesmas ao longo de todo o dia.

Outro aspeto ao nível do Estágio Profissional é o facto de não se realizar, no mestrado, nenhum período referente às valências de creche. Assim, para uma melhor preparação e qualidade ao nível da atividade docente, considero que seria uma mais valia para as estagiárias, enquanto futuras educadoras, contactar com crianças destas faixas etárias. Deste modo seria possível verificar as necessidades das mesmas, pois estas possuem igualmente competências a desenvolver e a avaliar.

A maior limitação deste trabalho foi a gestão do tempo. Com as Unidades Curriculares, com o Estágio Profissional, e ainda a trabalhar em dois locais, foi mais complicado conseguir algum tempo disponível para a realização do Relatório de Estágio Profissional. Contudo, com bastante esforço e dedicação esta dificuldade foi superada.

4.3. Novas pesquisas

Como já referi anteriormente, muito ficou por escrever. Contudo todas as leituras realizadas contribuíram para a ampliação dos meus conhecimentos. Tudo aquilo que não consegui expressar neste relatório ficou de alguma forma gravado em mim.

Foi através de todas as pesquisas que realizei durante este processo que tive consciência de tudo aquilo que ainda há para estudar e aprender no âmbito da educação. Desta forma, um dos meus objetivos é estar em constante formação e reflexão. Só assim poderei ser uma profissional competente, pois a vida consiste num ciclo de aprendizagens sucessivas.

Medina (2006), citado por Silveira-Botelho (2009), refere que após analisar vários modelos de formação de professores destaca três dimensões importantes: “os desafios da sociedade tecnológica e a necessidade de situar a escola em lugar adequado; a aquisição de um estilo inovador e aberto; e por fim, a simulação e construção de uma concepção educativa” (p.392).

Algo que gostaria muito de realizar no futuro seria investir na formação pela arte. Desde muito cedo que a veia artística se revelou em mim, desta forma penso que só assim a minha formação ficará mais completa.

Termino citando Vítor Hugo: “cada criança que se ensina é um Homem que se conquista”. Espero e desejo ajudar a formar muitas crianças em Homens do amanhã.

Referências Bibliográficas

- **Referências bibliográficas**

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A.

Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras, LDA.

Alarcão, I. (Org.). (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.

Altet, M. (2000). *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. Porto: Porto Editora.

Amado, J. S. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições Asa.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Horizonte.

Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos (3.ª ed.)*. Lisboa: Esfera dos Livros.

Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.

Dolto, F. (1999). *As etapas da infância*. Lisboa: Editora Pergaminho.

Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, M. S. & Santos, M. R. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.

Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.

Flores, M. A. & Veiga Simão, A. M. (Ed.). (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Galvão, C. Reis, P. Freire, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências*. Porto: Edições Asa.

García, C. M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

Gaspar, M. P. (1996). *Dar a vida à escola: manual de actividades*. Lisboa: IIE.

Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz (2.ª ed.)*. Lisboa: Editorial Caminho.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Jacinto, M. (2004). *Formação inicial de professores: concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens: um guia para pais e educadores*. Porto: Edições Asa.

Korthagen, F. (2009). *A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida*. In M. A. Flores & A. M. Veiga Simão (Ed.), *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro (Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar).

Lopes, J. A. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores, S.A.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Magalhães, V. F. (2008). *Sobressalto e espanto: narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Literaturas Românicas.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. (2007a). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. (2007b). *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Mendonça, M. (1997). *A educadora de infância: traço de união entre a teoria e a prática (2.ª ed.)*. Porto: Edições Asa.

Ministério da Educação (2007). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar (3.ª ed.)*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e visitas de estudo*. In A. D. Carvalho (Org.). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pacheco, J. A. & Flores, M. A. (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.

Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança (8.ª ed.)*. Lisboa: McGraw-Hill.

Pérez, M. R. (s.d.a). *Estratégias de aprendizagem na aula desenho e avaliação*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pérez, M. R. (s.d.b). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência (2.ª ed.)*. Lisboa: Texto Editora.

Postic, M. (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais* (2.^a ed.). Lisboa: Editora Gradiva.

Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rigolet, S. A. N. (1997). *Leitura do mundo, leitura de livros: da estimulação precoce da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

Rodrigues, A. S. (2011). Com olhos de ler. *Pais & Filhos*, 243, 88-91.

Rodrigues, D. D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: Edições Asa.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Silveira-Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA Editores, S.A.

Serrazina, L. & Matos, J. M. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação: drama e dança*. Lisboa: Piaget.

Spodek, B. & Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Varela, C. M. R. C. (2009). *As visitas de estudo e o ensino aprendizagem das ciências naturais: um estudo sobre representações de professores e alunos do 9.º ano de escolaridade*. Minho: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (1992a). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (1992b). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

- **Referências eletrónicas**

Barros, C. (2008). *Era uma vez... sobre os contos tradicionais na literatura infantil*. Recuperado em 2011, julho 5, de <http://sociedadepsicologia.wordpress.com/2008/07/18/era-uma-vez-sobre-os-contos-tradicionais-na-literatura-infantil/>

Fernandes, D. M. & Cardoso, A. C. (s.d.). *Experienciar a cidadania com tabelas e gráficos no jardim-de-infância*. Recuperado em 2011, junho 25, de http://www.apm.pt/files/_CO_Fernandes_Cardoso_4a28b37c1a215.pdf

Galveias, M. F. C. (2008). *Prática pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2011, fevereiro 4, de [http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1\(1\).pdf](http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1(1).pdf)

Guimarães, C. M. & Lopes, C. C. G. P. (2007). *As práticas educativas-formativas na formação inicial do profissional da educação infantil*. Recuperado em 2011, fevereiro 4, de <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-451-04.pdf>

Lucas, A. G. (2006). *A técnica da observação participante*. Recuperado em 2011, fevereiro 4, de <http://entreduesterras.blogspot.com/2006/01/tcnica-da-observao-participante.html>

Ministério da Educação. (2007). Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. *Gestão do currículo na educação pré-escolar*. Recuperado em 2011, abril 30, de http://sitio.dgicd.min-edu.pt/pescolar/documents/circular17_dsdcdpeb_2007.pdf

Ministério da Educação. (2011). Circular n.º 4/DGICD/DSDC/2011. *Avaliação na educação pré-escolar*. Recuperado em 2011, maio 10, de <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/pescolar/Documents/CircularAvaliacaoEPEdocumentofinal.pdf>

Anexos

Anexo A – Regulamento: ano letivo 2010/2011

Anexo B – Plano de aula e proposta de atividade “um bicho estranho”

Anexo C – Planificação da atividade “o céu está a cair”

Anexo D – Planos de aula da manhã de atividades e proposta de atividade “a casa”

Anexo E – Planificação da manhã de atividades e proposta de atividade “a família”

Anexo F – Plano de aula da atividade “a que sabe a lua?”

Anexo G – Planificação da aula de 60 minutos alusiva ao “Natal”

Anexo H – Planificação da manhã de atividades “o dragão barbudo”

Anexo I – Planificação da aula programada “a tartaruga”

Anexo J – Planificação da aula de dia inteiro e proposta de atividade “a borboleta”

Anexo K – Planificação da manhã de atividades e proposta de atividade “o pinguim”

Anexo L – Plano de aula e proposta de atividade “Blocos Lógicos”

Anexo M – Plano de aula e proposta de atividade “mamã maravilha”

Anexo N – Planificação da manhã de atividades e proposta de atividade “os frutos”

Anexo O – Proposta de atividade referente à Área do Conhecimento do Mundo

Anexo P – Planificação da manhã de atividades “a praia”

Anexo Q – Planificação da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional

Anexo A

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

**Estágio Profissional
MODELO DE BOLONHA**

2.º Ciclo de Estudos



REGULAMENTO

ANO LETIVO 2010/2011

Supervisores da Prática de Ensino Supervisionada:	Professores que colaboram na Prática de Ensino Supervisionada:
Dr. António Ponces de Carvalho	Prof.ª Doutora Diana Boaventura
Dra. Ana Maria Virtuoso	Prof. Doutor Horácio Saraiva
Dra. Cristina Viana	Prof. Doutor José Maria de Almeida
Dra. Margarida Dias	Prof. Doutor Luís Larcher
Dra. Sandra Ramalhinho	Prof.ª Doutora Mariana Cortez
Prof.ª Doutora Filomena Caldeira	Prof. Doutor Pedro Fidalgo
Prof.ª Doutora Isabel Ruivo	Prof.ª Doutora Violante Magalhães
Prof.ª Doutora Paula Colares Pereira	Corpo Docente
Prof.ª Doutora Teresa Silveira Botelho	



*"A experiência não garante uma interpretação correcta mas a sua ausência é quase uma garantia para uma interpretação incorrecta."
(sic)*

(Stake, 2006, p.411)

REGULAMENTO

O Estágio Profissional na Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD) realiza-se em diferentes realidades educativas: 50 Centros Educativos pertencentes à entidade instituidora, bem como nas escolas cooperantes. Este estágio visa uma forte articulação entre a teoria e a prática, e decorre ao longo do ano curricular com a carga horária fixada para cada semestre, e é preferencialmente realizada nos Jardins - Escola João de Deus (Estrela, Alvalade, Olivais e Albarraque), e nas seguintes escolas cooperantes com quem estabelecemos protocolo: Agrupamento Padre Bartolomeu de Gusmão; Agrupamento de Escolas EB1 Maria da Luz de Deus Ramos; Agrupamento de Escolas de Carnaxide - Portela; Colégio Valsassina; Colégio São João de Brito; Colégio Manuel Bernardes; Externato Marista de Lisboa; Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique.

Compete às **escolas cooperantes** envolver e integrar os alunos estagiários no Projecto Educativo da Escola e proporcionar-lhes um bom ambiente pedagógico e relacional num contexto de responsabilização progressiva, de modo a que a autonomia se construa através de experiência e estágio graduados.

Os **orientadores cooperantes** registam, em folhas próprias para o efeito, as atividades/aulas dos alunos estagiários, assim como todas as informações que considerem importantes sobre o seu desempenho. Devem ainda preencher, uma grelha de avaliação sobre o estágio profissional. Esta grelha, após análise e reflexão, será fotocopiada e entregue aos alunos nas reuniões marcadas para o efeito.

Os **alunos estagiários** devem constituir-se em grupos de estágio.

As atividades/aulas a programar pretendem promover o seu desenvolvimento profissional, implementando estratégias educativas numa perspetiva multidisciplinar em todas as áreas curriculares.

Em cada momento de estágio, o aluno deve preparar duas manhãs de aulas (**deve mostrar as planificações de todas as atividades, até uma semana antes da mesma**). O orientador cooperante poderá também solicitar-lhes outras atividades/aulas que não necessitem ser previamente planeadas.

Por mestrado, os supervisores da equipa da Prática de Ensino Supervisionada irão assistir a atividades/aulas realizadas pelos alunos estagiários:

- Cada aluno deve programar uma atividade/aula, integrando todas as áreas curriculares, com a duração de 60 minutos (o plano desta aula deve ser mostrado a um dos elementos da equipa de supervisão).



Regulamento do Estágio Profissional – 2.º Ciclo de Estudos

- Duas aulas serão solicitadas sem o conhecimento antecipado do aluno, de acordo com os conteúdos planificados pelo orientador cooperante, nas áreas da Matemática e da Língua Portuguesa, com a duração de 25 / 30 minutos.

Sempre que a equipa de supervisores assista às atividades dos alunos estagiários dessa escola, estes devem estar presentes nas atividades dos colegas, distribuindo-se pelas várias salas onde as mesmas decorrem.

Após o término dessas aulas haverá uma reunião de reflexão e análise com a equipa de supervisão, os orientadores, os alunos do mestrado em estágio e sempre que possível pelo diretor da escola cooperante.

Efetuar-se-ão, durante o curso, pelo menos sete reuniões com os orientadores cooperantes, os supervisores da prática e o Diretor da ESEJD.

Realizar-se-ão reuniões na ESEJD com os alunos estagiários, de forma a promover a análise aprofundada de questões fundamentais, que estimulem o pensamento sobre os fundamentos do ato educativo, de forma a que os alunos estagiários reflitam sobre o papel do professor e a educação em geral; coloquem questões; analisem conceitos; promovam e desenvolvam atitudes e sentimentos; resolvam problemas; executem tarefas e apresentem, discutam e reflitam sobre as aulas.

Esta capacidade de reflexão, que se pretende crítica relativamente à sua prática, vai sendo gradualmente desenvolvida ao longo do estágio, de forma a abranger os saberes do ato de ensinar, estruturantes e mapeadores do campo do conhecimento profissional. O aluno deve ser capaz de usar estratégias e recursos próprios que o conduzam a ser progressivamente um participante reflexivo, em que a observação e a prática têm de ser vividas e reais. Este processo inclui várias **sessões de tutoria**.

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

1.º/2.º SEMESTRES

As horas das Unidades Curriculares de **Estágio Profissional I e II** serão vivenciadas nos Jardins-Escola João de Deus, num total de 16 semanas por semestre. No final de cada semestre será efetuada a respetiva avaliação. Os alunos estagiários deverão realizar o seu estágio profissional, às **segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras**, das **9h às 13h**, nos três níveis do ensino Pré-escolar: Bibe Amarelo, Bibe Encarnado e Bibe Azul.

Divisão dos grupos de estágio (1.º/2.º semestres)			
	1.º momento 12/10 a 17/12	2.º momento 3/1 a 1/4	3.º momento 4/4 a 6/7
Grupo 1 PE	Bibe Amarelo A	Bibe Encarnado A	Bibe Azul A
Grupo 2 PE	Bibe Amarelo B	Bibe Encarnado B	Bibe Azul B
Grupo 3 PE	Bibe Encarnado A	Bibe Azul A	Bibe Amarelo A
Grupo 4 PE	Bibe Encarnado B	Bibe Azul B	Bibe Amarelo B
Grupo 5 PE	Bibe Azul A	Bibe Amarelo A	Bibe Encarnado A
Grupo 6 PE	Bibe Azul B	Bibe Amarelo B	Bibe Encarnado B



Regulamento do Estágio Profissional – 2.º Ciclo de Estudos

Realizar-se-ão com os alunos, as seguintes **reuniões semestrais**, na ESEJD, para acompanhar e analisar a forma como está a decorrer o estágio profissional:

1.º SEMESTRE

11 de outubro – Reunião no Museu – 11h
3 de janeiro – Reunião no Museu – 9h 30m

2.º SEMESTRE

4 de abril – Reunião no Museu – 9h 30m

Nota: O limite de faltas que os alunos podem dar é 24h por semestre.

MESTRADO EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1.º/2.º SEMESTRES

As horas das Unidades Curriculares de **Estágio Profissional I e II** serão vivenciadas nos Jardins - Escola João de Deus, num total de 32 semanas, 16 em cada semestre. No final de cada semestre será efetuada a respectiva avaliação. Os alunos estagiários deverão realizar o seu estágio profissional, às **segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras**, das **9h às 13h**, nos quatro níveis do 1.º Ciclo: 1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano.

Divisão dos grupos de estágio (1.º/2.º semestres)				
	1.º momento 12/10 a 26/11	2.º momento 29/11 a 11/2	3.º momento 14/2 a 15/4	4.º momento 2/5 a 6/7
Grupo 1PC	1.º ano A	2.º ano A	3.º ano A	4.º ano A
Grupo 2PC	1.º ano B	2.º ano B	3.º ano B	4.º ano B
Grupo 3PC	2.º ano A	3.º ano A	4.º ano A	1.º ano A
Grupo 4PC	2.º ano B	3.º ano B	4.º ano B	1.º ano B
Grupo 5PC	3.º ano A	4.º ano A	1.º ano A	2.º ano A
Grupo 6PC	3.º ano B	4.º ano B	1.º ano B	2.º ano B
Grupo 7PC	4.º ano A	1.º ano A	2.º ano A	3.º ano A
Grupo 8PC	4.º ano B	1.º ano B	2.º ano B	3.º ano B

Realizar-se-ão com os alunos, as seguintes **reuniões semestrais**, na ESEJD, para acompanhar e analisar a forma como está a decorrer o estágio profissional:

1.º SEMESTRE

11 de outubro – Reunião no Museu – 11h
29 de novembro – Reunião no Museu – 9h 30m
14 de fevereiro – Reunião no Museu – 11h

2.º SEMESTRE

2 de maio – Reunião no Museu – 9h 30m

Nota: O limite de faltas que os alunos podem dar é 24h por semestre.



MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1.º/2.º/3.º SEMESTRES

As horas das Unidades Curriculares de **Estágio Profissional I, II e III** serão vivenciadas nos Jardins - Escola João de Deus, num total de 32 semanas, 16 em cada semestre. No final de cada semestre será efetuada a respetiva avaliação. Os alunos estagiários deverão realizar o seu estágio profissional, às **segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras**, das **9h às 13h**, nos quatro níveis do 1.º Ciclo: 1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano e nos três níveis do Pré-escolar.

Divisão dos grupos de estágio (1.º semestre)				
	1.º momento 12/10 a 12/11	2.º momento 15/11 a 7/1	3.º momento 10/1 a 25/2	
Grupo 1 PIC	Bibe Amarelo A	Bibe Encarnado A	Bibe Azul A	
Grupo 2 PIC	Bibe Amarelo B	Bibe Encarnado B	Bibe Azul B	
Grupo 3 PIC	Bibe Encarnado A	Bibe Azul A	Bibe Amarelo A	
Grupo 4 PIC	Bibe Encarnado B	Bibe Azul B	Bibe Amarelo B	
Grupo 5 PIC	Bibe Azul A	Bibe Amarelo A	Bibe Encarnado A	
Grupo 6 PIC	Bibe Azul B	Bibe Amarelo B	Bibe Encarnado B	
Divisão dos grupos de estágio (2.º/3.º semestres)				
	1.º momento 14/3 a 13/5	2.º momento 16/5 a 6/7	3.º momento 3/10 e nov	4.º momento dez, jan, fev
Grupo 1 MPIC	1.º ano A	3.º ano A	3.º ano A	4.º ano A
Grupo 2 MPIC	2.º ano A	4.º ano A	3.º ano B	4.º ano B
Grupo 3 MPIC	3.º ano A	1.º ano A	4.º ano A	1.º ano A
Grupo 4 MPIC	4.º ano B	2.º ano A	4.º ano B	1.º ano B
Grupo 5 MPIC	4.º ano A	2.º ano B	1.º ano A	2.º ano A
Grupo 6 MPIC	3.º ano B	1.º ano B	1.º ano B	2.º ano B

Realizar-se-ão com os alunos, as seguintes **reuniões semestrais**, na ESEJD, para acompanhar e analisar a forma como está a decorrer o estágio profissional:

1.º SEMESTRE

11 de outubro – Reunião no Museu – 11h
15 de novembro – Reunião no Museu – 9h 30m
10 de janeiro – Reunião no Museu – 9h 30m

2.º SEMESTRE

14 de março – Reunião no Museu – 11h
16 de maio – Reunião no Museu – 9h 30m
8 de julho – Reunião no Museu – 11h

3.º SEMESTRE

3 de outubro de 2011 – Reunião no Museu – 9h 30m

Nota: O limite de faltas que os alunos podem dar é 24h por semestre.



MESTRADO EM ENSINO DOS 1.º E 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

1.º/2.º/3.º/4.º SEMESTRES

As horas das Unidades Curriculares de **Estágio Profissional I, II, III e IV** serão vivenciadas nos Jardins - Escola João de Deus e nas escolas cooperantes num total de 64 semanas, 16 semanas por semestre. No final de cada semestre será efetuada a respetiva avaliação. Os alunos estagiários deverão fazer o seu estágio profissional, às **segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras**, das **9h às 13h**, nos quatro níveis do 1.º Ciclo: 1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano e no 2.º ciclo.

Divisão dos grupos de estágio (1.º/2.º semestres)				
	1.º momento 12/10 a 26/11	2.º momento 29/11 a 11/2	3.º momento 14/2 a 15/4	4.º momento 2/5 a 6/7
Grupo A M12C	1.º ano A	2.º ano A	3.º ano A	4.º ano A
Grupo B M12C	1.º ano B	2.º ano B	3.º ano B	4.º ano B
Grupo C M12C	2.º ano A	3.º ano A	4.º ano A	1.º ano A
Grupo D M12C	2.º ano B	3.º ano B	4.º ano B	1.º ano B
Grupo E M12C	3.º ano A	4.º ano A	1.º ano A	2.º ano A
Grupo F M12C	3.º ano B	4.º ano B	1.º ano B	2.º ano B
Grupo G M12C	4.º ano A	1.º ano A	2.º ano A	3.º ano A
Grupo H M12C	4.º ano B	1.º ano B	2.º ano B	3.º ano B

3.º/4.º semestres:

- 2.º Ciclo

Realizar-se-ão com os alunos, as seguintes **reuniões semestrais**, na ESEJD, para acompanhar e analisar a forma como está a decorrer o estágio profissional:

1.º SEMESTRE

11 de outubro – Reunião no Museu – 11h
29 de Novembro – Reunião no Museu – 9h 30m
14 de fevereiro – Reunião no Museu – 11h

2.º SEMESTRE

2 de maio – Reunião no Museu – 9h 30m
8 de julho – Reunião no Museu – 11h

3.º SEMESTRE

3 de outubro de 2011 – Reunião no Museu – 9h 30m

4.º SEMESTRE

Datas a combinar

Nota: O limite de faltas que os alunos podem dar é 24h por semestre.



RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Cada aluno deverá elaborar um **Relatório de Estágio Profissional**, baseado na prática e na reflexão, ligado à essência do currículo, com o respectivo enquadramento científico, onde integre e aplique os conhecimentos, desenvolva situações e seja capaz de comunicar as suas conclusões, os conhecimentos e raciocínios subjacentes, de uma forma clara e sem ambiguidades.

Os relatos devem ser redigidos de acordo com a pertinência e relevância das situações observadas, desde o primeiro ao último dia de estágio.

O **Relatório de Estágio Profissional** deve ser editado em computador e impresso em papel A4, encadernado (sem espiral) e com capa transparente. O tipo de letra deve ser Arial 11 ou Times New Roman 12 com espaçamento 1,5 e paginado A sua impressão deve ser frente e verso.

O relatório deverá ser composto por:

Páginas pré-textuais:

- **Página de rosto**

Nome da Escola;
Nome do Mestrado;
Título do relatório;
Nome completo do aluno;
Nome do(s) professor(es) Orientador(es);
Local, mês e ano de entrega do relatório.

- **Parecer do(s) Orientador(es)** – deve conter o nome da Escola, a designação do mestrado, o nome do aluno, o título do relatório, o parecer, seguido do nome e da assinatura do(s) Orientador(es).
- **Agradecimentos** (opcional)
- **Índice**

Texto:

- **Introdução** – deve referir o local onde realizou o estágio, a duração, a metodologia utilizada para a sua elaboração e a sua importância, deve contextualizar a prática do Estágio Profissional;
- **Relatos Diários** - descrição das práticas observadas mais pertinentes, e análises críticas das mesmas cientificamente orientadas;
- **Planificações** – de todas as atividades/aulas elaboradas pelos estudantes estagiários fundamentadas cientificamente;
- **Dispositivos de avaliação** - das três áreas curriculares e respectiva análise cientificamente fundamentada;
- **Reflexão final;**
- **Referências Bibliográficas** – é imprescindível que toda a bibliografia citada no texto conste nas referências bibliográficas e vice versa. As normas em vigor são as da American Psychological Association (APA).



Anexos

Nota: Não é permitido a divulgação do nome verdadeiro de qualquer criança bem como fotografias que as possam identificar.

O relatório terá início no primeiro dia de estágio e termina no último dia previsto para o mesmo. O Relatório de Estágio Profissional deve ser entregue em suporte digital e encadernado, em A4, frente e verso, paginado, espaçamento 1,5, tipo de letra Arial 11 ou Times New Roman 12. O número de páginas do relatório dependerá do Mestrado a realizar e deverá ter no máximo:

200 páginas – Mestrado em Educação Pré-Escolar.

200 páginas – Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

250 páginas – Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

300 páginas – Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Cada aluno deverá entregar pelo menos quatro exemplares do seu Relatório de Estágio Profissional na ESEJD (um para cada membro do júri e um para a biblioteca).

O Relatório de Estágio Profissional é avaliado e discutido por, pelo menos, três docentes, nomeados pelo Conselho Científico da ESEJD, um dos quais é o Orientador do mesmo. Será apresentado em ato público perante um júri. A discussão e duração não deve exceder os 60 minutos. O candidato dispõe de um período de 15 minutos para a apresentação liminar do Relatório de Estágio Profissional.

A classificação da discussão do relatório de estágio é obtida pela média das classificações aritméticas atribuídas por cada elemento do júri, sendo lavrada uma ata na qual pode constar a fundamentação das classificações atribuídas.

Acresce à realização do Estágio Profissional do último semestre de cada um dos Mestrados, a realização da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional, a efetuar na escola cooperante onde decorreu o estágio, avaliada e discutida por três docentes (o orientador cooperante e dois supervisores da Prática de Ensino Supervisionada).



AValiação DA UNIDADE CURRICULAR ESTÁGIO PROFISSIONAL

Considerando que o Estágio Profissional é formativo e contínuo ao longo de todo o processo de desenvolvimento e formação profissional, a classificação final do Estágio Profissional resulta: da média ponderada da classificação de frequência do Estágio Profissional (40%) na qual intervêm os orientadores cooperantes e os supervisores da equipa da Prática de Ensino Supervisionada; da classificação da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP) (20%); e da classificação do Relatório de Estágio Profissional (40%).

A classificação final do Estágio Profissional só é atribuída após a conclusão do Mestrado.

Se o aluno não concluir o Estágio Profissional pode requerer que lhe seja atribuída exclusivamente a classificação de frequência da respetiva Unidade Curricular.

Mestrado em Educação Pré-Escolar ou Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Classificação da frequência do Estágio Profissional I e II

Avaliação dos Orientadores Cooperantes - 55%

Aulas assistidas pela Equipa da Prática de Ensino Supervisionada – 40%

Assiduidade e Pontualidade – 5%

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Classificação da frequência do Estágio Profissional I, II e III -

Avaliação dos Orientadores Cooperantes - 55%

Aulas assistidas pela Equipa da Prática de Ensino Supervisionada – 40%

Assiduidade e Pontualidade – 5%

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Classificação da frequência do Estágio Profissional I, II, III e IV

Avaliação dos Orientadores Cooperantes - 55%

Aulas assistidas pela Equipa da Prática de Ensino Supervisionada – 40%

Assiduidade e Pontualidade – 5%

(Este documento foi redigido com o Novo Acordo Ortográfico e impresso a 7 de outubro de 2010)

Anexo B

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Mafalda Famalicão N.º1

Faixa Etária: 4 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 22/10/2010

Área de Expressão e Comunicação

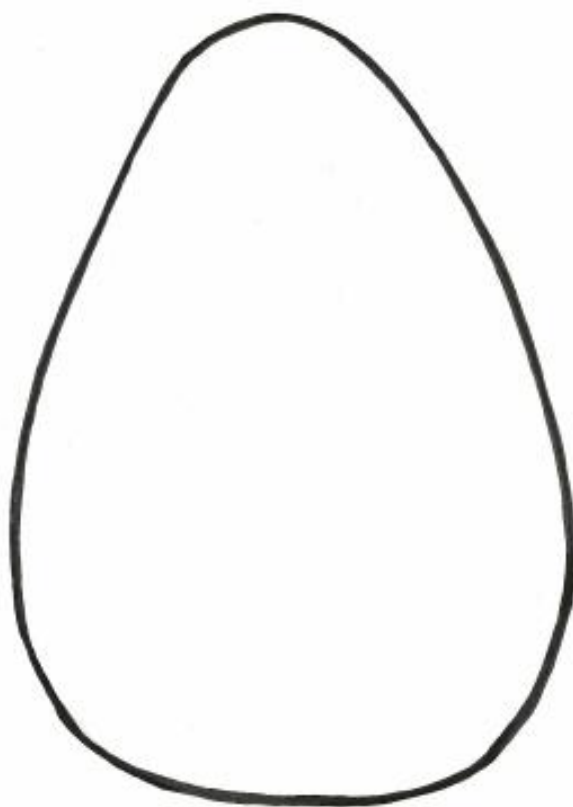
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Estimulação à Leitura.	<ul style="list-style-type: none">Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Iniciar a aula com as crianças sentadas em várias filas.Contar a história: <u>Um bicho estranho</u>.<ul style="list-style-type: none">- Explorar a história com os alunos.- Solicitar a colaboração das crianças para a realização de gestos.Efetuar a proposta de atividade.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Analisar- Identificar- CaracterizarExpressão oral e escrita<ul style="list-style-type: none">- Enunciar ideias- Exposição gráfica	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Participar de forma ordenadaCriatividade<ul style="list-style-type: none">- Habilidade- Originalidade
Material: Livro e proposta de atividade.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Leitura do livro Um bicho estranho de Mon Daporta e Óscar Villán.

- Desenha um animal a partir do ovo.
- Pinta-o.



Nome:

Data:

Proposta de actividade realizada por: Ana Mafalda Famalicão e Ana Sofia Pires

Anexo C

Jardim Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Faixa Etária: 4 anos

Educadora: Ana Rita Costa

Ana Mafalda Famalicão N.º1

Ana Sofia Pires N.º 3

Data: 29/10/10

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">Pedir às crianças que se sentem em semicírculo no chão.<ul style="list-style-type: none">- Contar a história “O céu está a cair” através de um livro grande.Pedir, ao longo da história, a colaboração das crianças para fazerem sons, gestos...<ul style="list-style-type: none">- Sentar as crianças nos seus lugares, formando grupos de seis elementos cada;Realizar um trabalho de grupo (pintar um animal da história para os “colocar na cama”).
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/DESTREZAS	VALORES/ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Expressão corporal<ul style="list-style-type: none">- Expressar- CoordenarExpressão Oral<ul style="list-style-type: none">- Compreensão- Interpretação	<ul style="list-style-type: none">Solidariedade<ul style="list-style-type: none">- Colaborar- CompreenderCooperação<ul style="list-style-type: none">- Trabalhar em equipa- Partilhar
Material: Livro grande com a história “O céu está a cair”, imagens, lápis de cor e folhas com as imagens.	

Anexo D

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação da manhã de atividades

Faixa Etária: 4 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Ana Rita Costa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 2/11/2010

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 9.45	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<u>Os Três Terríveis Porquinhos</u>	Salão
9.45 – 10.00	Domínio da Expressão Motora	Jogo: As Casinhas	Salão
10.00 – 10.30	Conhecimento do Mundo	A construção de uma casa	Salão
10.30 – 11.00	Recreio	Bolacha Jogos orientados Expressão livre	Salão
11.00 – 11.30	Domínio da Matemática	Figuras geométricas: Tamanho, cor e lateralidade	Salão
11.30 – 13.00	Almoço e Recreio	Higiene Almoço Jogos orientados	Salão e Pátio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Duração: 15 minutos
Faixa Etária: 4 anos
Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Data: 2/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Iniciar a aula com as crianças sentadas em várias filas.• Contar a história: <u>Os Três Terríveis Porquinhos</u>.<ul style="list-style-type: none">- Interagir com os alunos ao longo da leitura.• Explorar a história com as crianças.<ul style="list-style-type: none">- Colocar questões à turma.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Compreender- Relacionar• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o léxico- Expressar ideias	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Saber dialogar- Participar de forma ordenada• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Livro.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

Duração: 15 minutos

Faixa Etária: 4 anos

Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 2/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Jogo das Casinhas.	<ul style="list-style-type: none">Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">Espalhar pelo salão “almofadas” que representam as casinhas.Iniciar o jogo com cada criança sentada numa casinha.<ul style="list-style-type: none">Ir retirando as casinhas, até restar apenas uma.Objectivo:<ul style="list-style-type: none">Ao som da música dançar à volta das casinhas. Quando a música parar, saltar para a casinha mais próxima.Ganha a criança que conseguir entrar na última casinha.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Velocidade de reacção<ul style="list-style-type: none">Controlo do corpoSentido de paragem	<ul style="list-style-type: none">Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">RespeitoEmpenho
Material: “Almofadas”, CD de música.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área do Conhecimento do Mundo

Duração: 30 minutos
Faixa Etária: 4 anos
Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Data: 2/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">A construção de uma casa.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em várias filas.<ul style="list-style-type: none">- Explorar a definição de casa.Montar uma casa, num placar, através da sobreposição de imagens.<ul style="list-style-type: none">- Conversar com os alunos sobre as profissões que contribuem para a construção de uma casa.Terminar a aula fazendo uma revisão do tema leccionado.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Compreender- RelacionarExpressão oral<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o léxico- Expressar ideias	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Saber dialogar- Participar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Placar com imagens sobrepostas que formam a fachada de uma casa.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

Duração: 30 minutos
Faixa Etária: 4 anos
Educadora: Ana Rita Costa

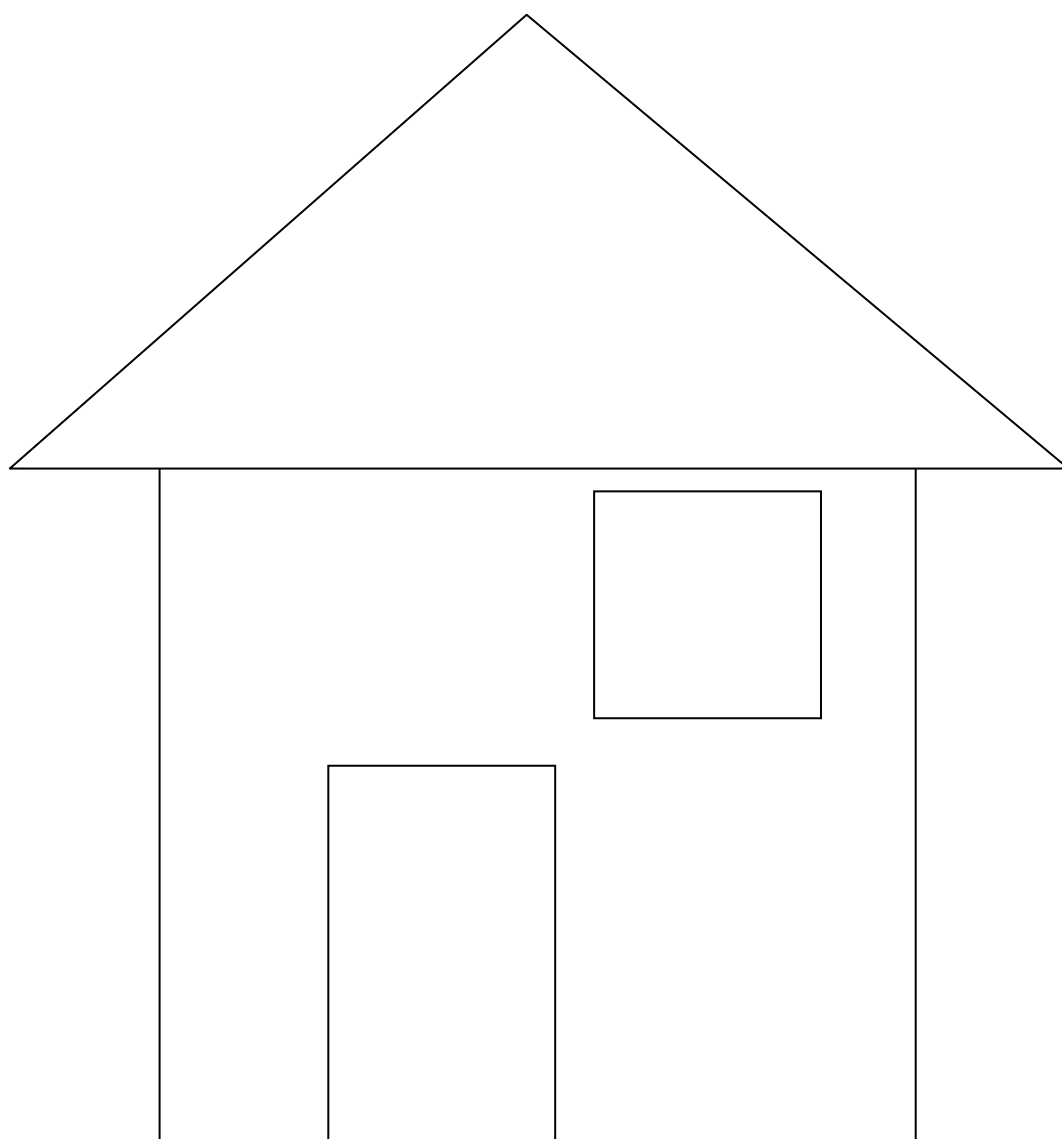
Ana Sofia Pires N.º 3
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Data: 2/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Figuras geométricas:<ul style="list-style-type: none">Tamanho, cor e lateralidade.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas nas respectivas mesas de trabalho.<ul style="list-style-type: none">Permitir que as crianças explorem e identifiquem o material apresentado.Trabalhar com este material as figuras geométricas, o tamanho e a cor.<ul style="list-style-type: none">Solicitar às crianças que construam uma casa, através de indicações dadas.Realizar uma proposta de atividade.<ul style="list-style-type: none">Colar a construção realizada anteriormente.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">AnalisarIdentificarCaracterizarExpressão oral<ul style="list-style-type: none">Desenvolver o léxicoEnunciar ideias	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">OuvirSaber dialogarParticipar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">InteresseAutonomia
Material: Cartolinas e proposta de atividade.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Matemática

🌀 Cola, dentro das linhas, a construção que acabas-te de fazer com as cartolinas.



Nome:

Data:

Proposta de atividade realizada pela estagiária: Ana Sofia Pires N.º 3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Matemática

- Cola, dentro das linhas, a construção que acabas-te de fazer com as cartolinas.



Nome:

Data: 2/11/10

Proposta de actividade realizada pela estagiária: Ana Sofia Pires Nº 3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Matemática

- Cola, dentro das linhas, a construção que acabas-te de fazer com as cartolinas.



Nome:

Data: 2/11/10

Proposta de actividade realizada pela estagiária: Ana Sofia Pires Nº 3 MPE

Anexo E

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação da manhã de atividades

Faixa Etária: 4 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Ana Rita Costa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 26/11/2010

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 10.00	Conhecimento do Mundo	Os membros da família	Salão
10.00 – 10.30	Domínio da Matemática	Lateralidade, contagens e cálculo mental	Sala multiusos
10.30 – 10.50	Recreio	Bolacha Jogos orientados Expressão livre	Salão
10.50 – 11.00	Domínio da Expressão Motora	Jogo: Quem falta na roda?	Salão
11.00 – 11.30	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	O Livro da Família	Salão
11.30 – 13.00	Almoço e Recreio	Higiene Almoço Jogos orientados	Salão e Pátio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º 3

Faixa Etária: 4 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 26/11/2010

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Os membros da família.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">- Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar.- Referir a importância da família.Montar uma família, num placar, através da sobreposição de imagens.<ul style="list-style-type: none">- Conversar com os alunos sobre os membros da família.Rever cada membro da família construída.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Compreender- RelacionarExpressão oral<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o léxico- Enunciar ideias	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Saber dialogar- Participar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Placar com imagens sobrepostas que constituem os membros de uma família.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

Duração: 30 minutos
Faixa Etária: 4 anos
Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Data: 26/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Lateralidade, contagens e cálculo mental (adição e subtração).	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Permitir que as crianças explorem e identifiquem o material apresentado.• Utilizar flores de papel para realizar cálculos que envolvam a adição e a subtração.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar às crianças que contem quantas flores a mãe recebeu.• Deixar os alunos brincar livremente com o material.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Interpretar- Identificar- Comparar• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Enunciar ideias- Fluidez mental	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Participar- Conviver• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Ser interessado- Ser ordenado
Material: Caixas, flores de papel e tabuleiros.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

Duração: 10 minutos

Faixa Etária: 4 anos

Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 26/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Jogo do quem falta na roda?	<ul style="list-style-type: none">Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">Iniciar o jogo com as crianças sentadas em roda.Pedir a uma criança que feche os olhos.<ul style="list-style-type: none">Solicitar a outro aluno que se retire da roda e se esconda.Perguntar à criança que tinha os olhos fechados quem falta na roda.Os alunos devem memorizar onde estão sentados os colegas.<ul style="list-style-type: none">Ganham as crianças que conseguirem responder acertadamente à pergunta.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">ObservarIdentificar	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">Participar de forma ordenadaDialogar
Material: Objetos que pertencem e que caracterizam alguns alunos da turma.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Duração: 30 minutos

Faixa Etária: 4 anos

Educadora: Ana Rita Costa

Ana Sofia Pires N.º 3

Mestrado em Educação Pré-Escolar

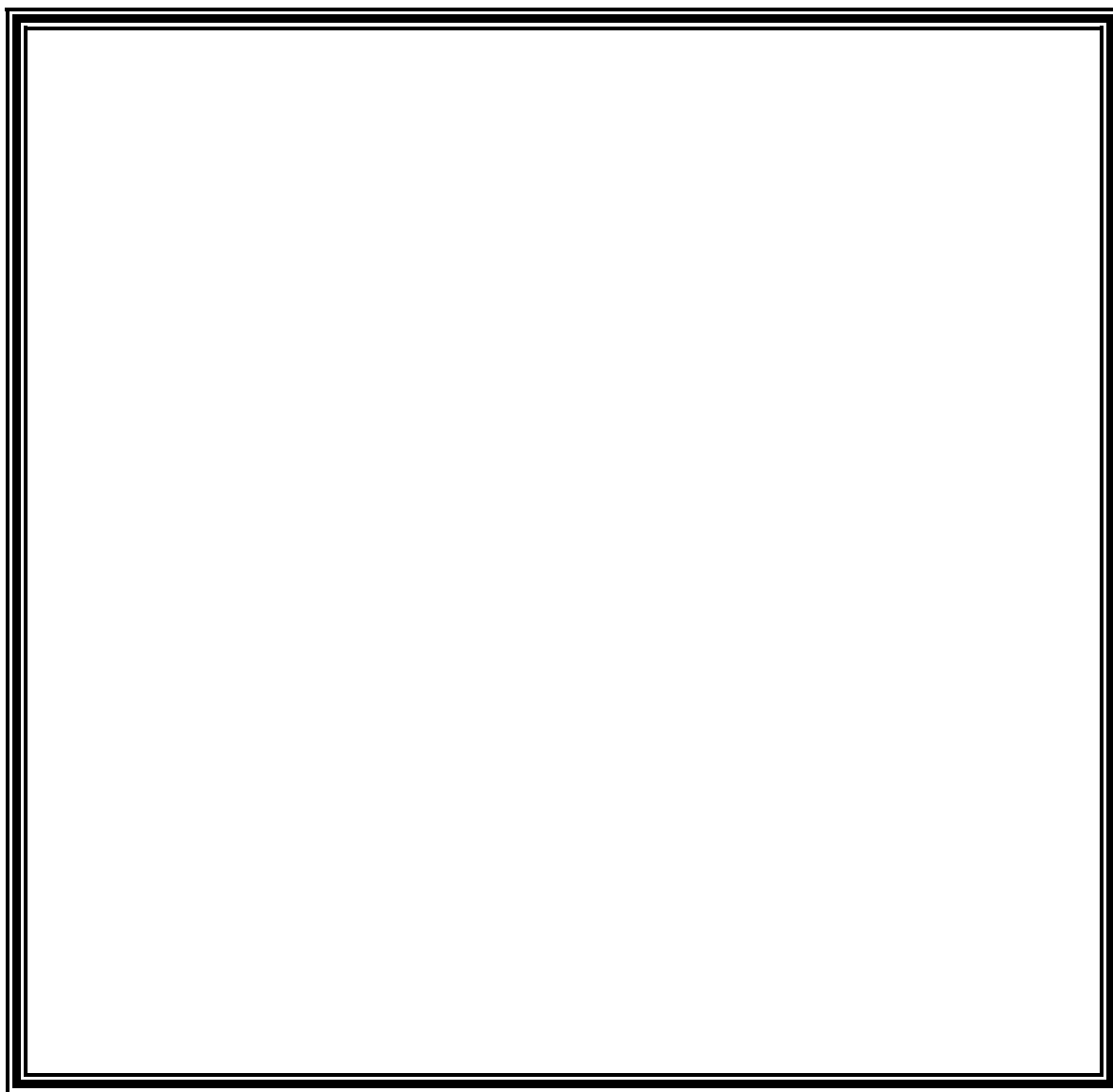
Data: 26/11/2010

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Iniciar a aula com as crianças sentadas em várias filas.• Contar a história: <u>O Livro da Família</u>.<ul style="list-style-type: none">- Colocar questões sobre a família de cada aluno.• Realizar uma proposta de atividade.<ul style="list-style-type: none">- Desenhar e pintar a respectiva família.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Compreender- Relacionar• Expressão oral e escrita<ul style="list-style-type: none">- Interpretação- Representação gráfica	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Conviver• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Livro e proposta de atividade.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Estimulação à Leitura - "O Livro da Família"

Domínio da Expressão Plástica - Desenha e pinta a tua família dentro da moldura.



Nome:

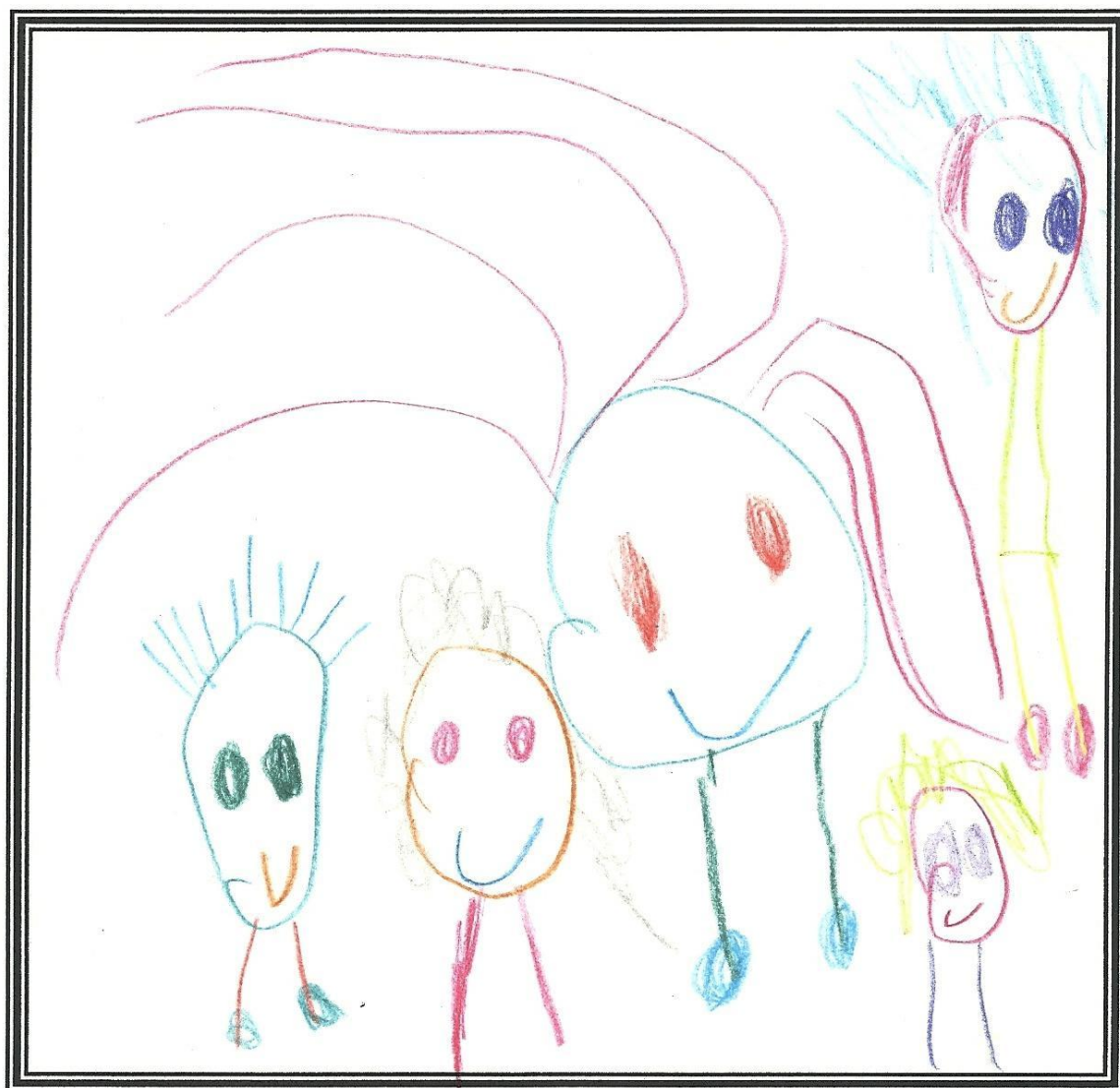
Data:

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires N.º 3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Estimulação à Leitura - "O Livro da Família"

Domínio da Expressão Plástica - Desenha e pinta a tua família dentro da moldura.



Nome:

Data: 29/11/10

Proposta de actividade realizada por: Ana Sofia Pires Nº 3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Estimulação à Leitura - "O Livro da Família"

Domínio da Expressão Plástica - Desenha e pinta a tua família dentro da moldura.



Nome:

Data: 29 / 11 / 10

Proposta de actividade realizada por: Ana Sofia Pires Nº 3 MPE

Anexo F

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 25 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 4 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 6/12/2010

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">- Contar a história: <u>A que sabe a lua?</u> de Michael Grejniec.Explorar a história com os alunos.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para colocar no chão as imagens dos animais que vão aparecendo na história.Efectuar jogos de memória através das imagens apresentadas.<ul style="list-style-type: none">- Ensinar e cantar uma música referente à lua.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Observação<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Analisar- DescobrirRelacionar<ul style="list-style-type: none">- Memorizar- Distinguir	<ul style="list-style-type: none">Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Interesse- MotivaçãoTolerância<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Aceitar
Material: Livro e imagens das personagens da história.	

Anexo G

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação de uma aula de 60 minutos

Faixa Etária: 4 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Ana Rita Costa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 14/12/2010

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 9.45	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Poema: <u>Menino Jesus</u> de Luísa Ducla Soares	Salão
9.45 – 10.00	Conhecimento do Mundo	O Natal	Salão
10.00 – 10.20	Domínio da Matemática	Sequências: Cores e formas	Salão
10.20 – 10.30	Domínio da Expressão Motora	Jogo: Presentes de Natal	Salão

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 15 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 4 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 14/12/2010

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">Ler o poema: <u>Menino Jesus</u> de Luísa Ducla Soares.Explorar o poema com os alunos.<ul style="list-style-type: none">Solicitar a colaboração das crianças para a interpretação do poema.Comparar o Natal do menino Jesus com o Natal vivenciado pelo grupo.<ul style="list-style-type: none">Construir um presépio de Natal.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Compreender<ul style="list-style-type: none">InterpretarCompararIdentificarExpressão oral<ul style="list-style-type: none">Desenvolver o vocabulárioEnunciar ideias	<ul style="list-style-type: none">Solidariedade<ul style="list-style-type: none">ApreçoAceitaçãoPartilharRespeito<ul style="list-style-type: none">EscutarDialogar
Material: Poema e presépio de Natal.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 15 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 4 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 14/12/2010

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• O Natal.	<ul style="list-style-type: none">• Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar.<ul style="list-style-type: none">- Referir como é celebrado o meu Natal.-Solicitar às crianças que partilhem as suas vivências.• Retirar de dentro de uma caixa objectos utilizados na quadra natalícia.<ul style="list-style-type: none">- Explorar cada objecto com as crianças.- Dar aos alunos um doce tradicional do Natal.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Relacionar<ul style="list-style-type: none">- Conhecer- Associar- Memorizar• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Interpretação- Simbolismo	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Cooperação- Autonomia• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Expressão clara
Material: Caixa com objectos utilizados na quadra natalícia e doce tradicional do Natal.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 4 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 14/12/2010

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Sequências de cores e formas.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas nas respectivas mesas de trabalho.<ul style="list-style-type: none">- Permitir que as crianças explorem e identifiquem o material apresentado.Trabalhar com este material trabalhar as sequências de cores e formas.<ul style="list-style-type: none">- Realizar exercícios com crescente grau de dificuldade.Solicitar às crianças que sugiram uma nova sequência.<ul style="list-style-type: none">- Indicar oralmente as sequências.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">- Observar- Interpretar- AplicarOrientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Sequenciar	<ul style="list-style-type: none">Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Empenho- Cooperação- RespeitoConvivência<ul style="list-style-type: none">- Participação- Entreajuda
Material: Caixas, formas de várias cores alusivas ao Natal e tabuleiros.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 10 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 4 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Ana Rita Costa

Data: 14/12/2010

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Jogo dos presentes de Natal.	<ul style="list-style-type: none">Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Espalhar pelo chão presentes de Natal.Iniciar o jogo com as crianças sentadas.<ul style="list-style-type: none">- Quando a música tocar os alunos têm de recolher o maior número de presentes de Natal.Objectivo:<ul style="list-style-type: none">- As crianças devem ser rápidas na recolha dos presentes.- Ganha o aluno que conseguir apanhar mais presentes de Natal.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Identificar- LocalizarVelocidade de reacção<ul style="list-style-type: none">- Coordenação óculo manual- Coordenação motora	<ul style="list-style-type: none">Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Respeito- EmpenhoTolerância<ul style="list-style-type: none">- Calma- Valorização
Material: CD com músicas de Natal e presentes de Natal.	

Anexo H

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação da manhã de atividades

Faixa Etária: 5 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Rita Durão

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 14/1/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 10.00	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Poema: <u>O dragão</u>	Sala
10.00 – 10.30	Conhecimento do Mundo	Os répteis	Sala
10.30 – 10.45	Domínio da Expressão Motora	Jogo: Os animais	Pátio
10.45 – 11.00	Recreio	Bolacha Jogos orientados Expressão livre	Pátio
11.00 – 11.30	Domínio da Matemática	3º e 4º Dons de Fröebel	Sala
11.30 – 12.00	Domínio da Expressão Musical	Canções	Sala
12.00 – 13.00	Almoço e recreio	Higiene Almoço Jogos orientados	Refeitório e pátio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 14/1/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Ler o poema: <u>O dragão</u> de Luísa Ducla Soares.• Solicitar a colaboração das crianças para a leitura de imagens;<ul style="list-style-type: none">- Pedir às crianças para lerem algumas palavras.• Explorar o poema colocando questões à turma.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Distinguir- Interpretar• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o léxico- Expressar ideias	<ul style="list-style-type: none">• Tolerância<ul style="list-style-type: none">- Apoiar- Aceitar- Ser receptivo• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Poema, palavras móveis e imagens.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 14/1/2011

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Os répteis:<ul style="list-style-type: none">O dragão barbudo.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar.Mostrar o dragão barbudo vivo.<ul style="list-style-type: none">Pedir às crianças para descreverem o animal.Apresentar imagens alusivas ao tema.Explorar as características gerais do animal (habitat, alimentação e reprodução).<ul style="list-style-type: none">Conversar sobre alguns comportamentos do dragão barbudo.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">ObservarIdentificarDistinguirExpressão oral<ul style="list-style-type: none">Desenvolver o vocabulárioEnunciar ideias	<ul style="list-style-type: none">Convivência<ul style="list-style-type: none">ParticipaçãoColaboraçãoEntreajudaSolidariedade<ul style="list-style-type: none">RespeitoPartilha
Material: Dragão barbudo vivo, imagens, alimentação do animal e terrário portátil.	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 15 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 14/1/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Jogo de exploração:<ul style="list-style-type: none">- Utilização do corpo e da voz.	<ul style="list-style-type: none">• Formar uma roda com as crianças.<ul style="list-style-type: none">- Explicar as regras do jogo.• Iniciar o jogo com os alunos sentados no chão.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar às crianças que representem um animal através de gestos ou sons.• Os alunos que permanecem na roda têm de ser rápidos a adivinhar qual é o animal que os colegas estão a imitar.<ul style="list-style-type: none">- Ganham os alunos que conseguirem identificar corretamente o animal.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Socialização<ul style="list-style-type: none">- Observar- Dialogar- Reconhecer• Expressão corporal<ul style="list-style-type: none">- Improvisar- Expressar	<ul style="list-style-type: none">• Convivência<ul style="list-style-type: none">- Participação- Colaboração- Entreajuda• Criatividade<ul style="list-style-type: none">- Espontaneidade- Originalidade

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 14/1/2011

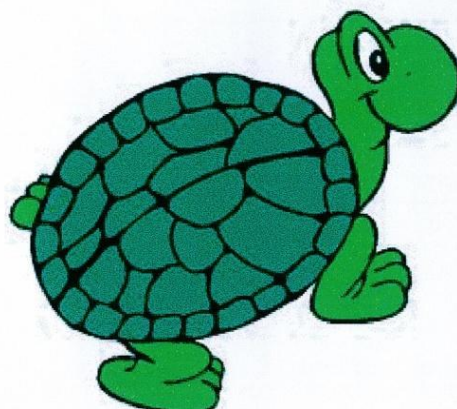
Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Sólidos geométricos.• Algoritmos:<ul style="list-style-type: none">- Adição e subtração.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Colocar questões relativas ao material (3º e 4º Dons de Fröebel).• Realizar a construção do poço.<ul style="list-style-type: none">- Expor uma situação problemática que envolva a adição.- Representar o algoritmo no quadro.• Executar a construção da camioneta.<ul style="list-style-type: none">- Enunciar uma situação problemática que envolva a subtração.- Reproduzir o algoritmo no quadro.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Observar- Diferenciar- Resolver problemas• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Ordenar- Situar	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Dialogar- Saber participar• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Empenho
Material: 3º e 4º Dons de Fröebel.	

Anexo I

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação da aula programada

(60 minutos)

Faixa Etária: 5 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Rita Durão

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 24/1/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 9.50	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<u>A tartaruga redondinha</u>	Sala
9.50 – 10.10	Domínio da Matemática	Tangram	Sala
10.10 – 10.30	Conhecimento do Mundo	Os répteis	Sala

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 24/1/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura:<ul style="list-style-type: none">- Leitura de palavras.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">- Construir a palavra tartaruga com letras móveis.• Apresentar um PowerPoint com as ilustrações da história: <u>A tartaruga redondinha</u>.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para a realização de sons e gestos;• Explorar a história colocando questões.<ul style="list-style-type: none">- Pedir às crianças para lerem algumas palavras.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Interpretar- Relacionar• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o vocabulário- Enunciar ideias	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Participar de forma ordenada• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Imagem de uma tartaruga, letras móveis, PowerPoint, palavras móveis e imagens.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 24/1/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Figuras geométricas.• Situações problemáticas:<ul style="list-style-type: none">- Cálculo mental.- Adição e subtração.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.- Colocar questões relativas ao material.• Realizar a construção do aquário.- Efectuar perguntas de cálculo mental.• Executar a construção da tartaruga.- Oralmente resolver situações problemáticas que envolvam a adição e a subtração.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">- Observar- Aplicar- Interpretar• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Situar	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Cooperação- Autonomia• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Expressão clara
Material: Tangram, quadro, giz e imagens de apoio (tartarugas, camarões e peixes de várias cores).	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 24/1/2011

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Os répteis:<ul style="list-style-type: none">- A tartaruga.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com os alunos sentados em várias filas.<ul style="list-style-type: none">- Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar.Mostrar a tartaruga viva.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para a descrição do animal.- Apresentar imagens alusivas ao tema.Explorar as características gerais do animal (habitat, alimentação e reprodução).<ul style="list-style-type: none">- Conversar sobre algumas curiosidades das tartarugas.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">- Observar- Caracterizar- DistinguirExpressão oral<ul style="list-style-type: none">- Aumentar o léxico- Fluidez mental	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Participar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Tartaruga viva, imagens, alimentação do animal e aquário portátil.	

Anexo J

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação de um dia completo de atividades

Faixa Etária: 5 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Rita Durão

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 3/3/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 10.00	Conhecimento do Mundo	Os insectos	Sala
10.00 – 10.30	Domínio da Matemática	O Geoplano	Sala
10.30 – 11.00	Recreio	Bolachas Expressão livre	Pátio
11.00 – 11.30	Domínio da Expressão Motora	Exercícios e jogos orientados	Ginásio
11.30 – 12.00	Domínio da Expressão Motora	Jogo: Caçadores de borboletas	Pátio
12.00 – 14.30	Almoço e recreio	Higiene Almoço Jogos orientados	Refeitório e pátio
14.30 – 15.30	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	O pintor de borboletas	Sala
15.30 – 16.30	Domínio da Expressão Plástica	Carimbagem de mãos e dedos	Sala
16.30 – 17.00	Lanche e saída	Higiene Lanche Expressão livre	Refeitório e pátio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 3/3/2011

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Os insectos:<ul style="list-style-type: none">A borboleta.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com os alunos sentados em várias filas.<ul style="list-style-type: none">Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar.Explorar as características gerais da borboleta.<ul style="list-style-type: none">Conversar sobre algumas curiosidades das borboletas.Mostrar um PowerPoint com o ciclo de vida da borboleta.<ul style="list-style-type: none">Solicitar a colaboração das crianças para ordenar imagens relativas às várias fases da metamorfose.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">ObservarInterpretarAplicarExpressão oral<ul style="list-style-type: none">Desenvolver o léxicoFluidez mental	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">EscutarDialogarParticipar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">InteresseMotivação
Material: Imagens de borboletas, PowerPoint, imagens com as várias fases da metamorfose.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 3/3/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Cálculo mental.• Geometria:<ul style="list-style-type: none">- Simetria.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com os alunos sentados nos respectivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Colocar questões relativas ao material Geoplano.• Executar um itinerário segundo as indicações dadas.<ul style="list-style-type: none">- Efectuar perguntas de cálculo mental.• Representar uma borboleta no Geoplano.<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o sentido da simetria.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">- Fluidez mental- Observar- Comparar• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Situar- Representar	<ul style="list-style-type: none">• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Precisão- Expressão clara• Solidariedade<ul style="list-style-type: none">- Partilhar- Colaborar
Material: Geoplano, elásticos coloridos, borboletas, flores e retroprojektor.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 3/3/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Jogo dos caçadores de borboletas.	<ul style="list-style-type: none">Formar uma roda com as crianças.<ul style="list-style-type: none">- Explicar as regras do jogo.Dividir a turma em dois grupos: caçadores e borboletas.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar às crianças que representem uma borboleta.Os alunos que permanecem na roda (caçadores) devem ser rápidos a fechar o círculo, de modo a apanhar o maior número de borboletas.<ul style="list-style-type: none">- Ganham os alunos que conseguirem permanecer fora do círculo.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Velocidade de reacção<ul style="list-style-type: none">- Controlo do corpo- Sentido de paragemExpressão corporal<ul style="list-style-type: none">- Improvisar- Expressar	<ul style="list-style-type: none">Convivência<ul style="list-style-type: none">- Participação- EntreajudaCriatividade<ul style="list-style-type: none">- Espontaneidade- Originalidade

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 3/3/2011

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com os alunos sentados em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">- Construir a palavra borboleta com letras móveis.• Contar a história: O pintor de borboletas.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para executar a dramatização com fantoches.• Pedir às crianças para, através de sombras chinesas, exemplificarem os movimentos das borboletas e descreverem as mesmas.<ul style="list-style-type: none">- Realizar uma proposta de atividade.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Fluidez mental- Agilidade de expressão- Uso da voz• Expressão escrita<ul style="list-style-type: none">- Ortografia- Caligrafia	<ul style="list-style-type: none">• Criatividade<ul style="list-style-type: none">- Espontaneidade- Imaginação- Originalidade• Convivência<ul style="list-style-type: none">- Participação- Entreajuda
Material: Letras móveis, fantoches, tela, foco de luz, sombras chinesas e proposta de atividade.	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

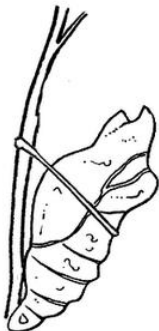
1- Cola as palavras debaixo das imagens correspondentes.

Copia as palavras com letra manuscrita.

Pinta as imagens.









2- Copia a frase que está escrita no quadro.

Nome: _____ Data: _____

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires n.º3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

1- Cola as palavras debaixo das imagens correspondentes.

Copia as palavras com letra manuscrita.

Pinta as imagens.



ovo

ovo



larva

larva



casulo

casulo



borboleta

borboleta

2- Cópia a frase que está escrita no quadro.

A borboleta está na flor.

Nome: _____

Data: 3.3.2011

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE

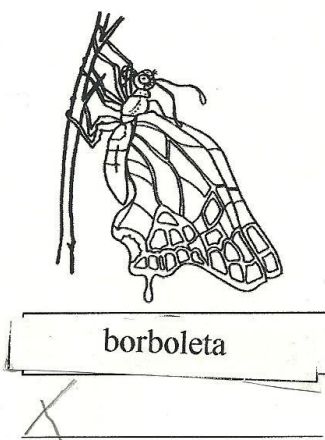
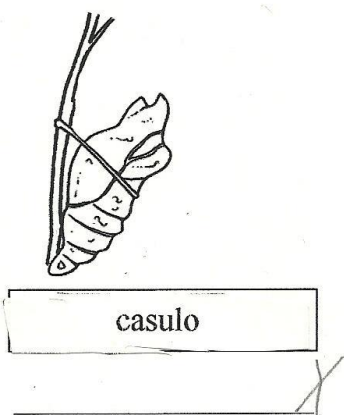
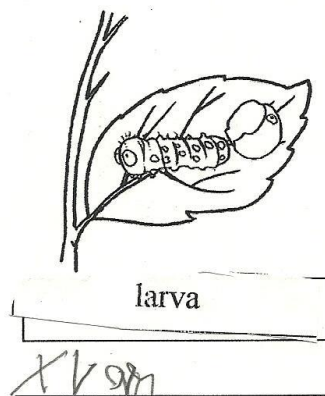
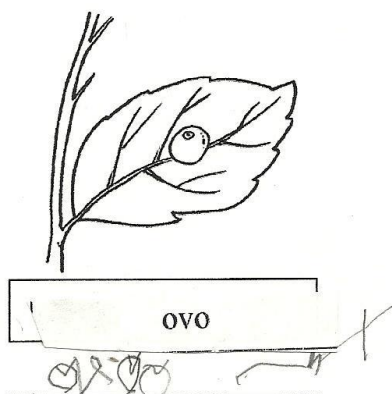
Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

1- Cola as palavras debaixo das imagens correspondentes.

Copia as palavras com letra manuscrita.

Pinta as imagens.



2- Copia a frase que está escrita no quadro.

no jardim da escola João de Deus da Estrela

Nome: _____

Data: _____

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE

Anexo K

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação de uma manhã de atividades

Faixa Etária: 5 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Rita Durão

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 21/3/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Atividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 10.00	Conhecimento do Mundo	As aves	Sala
10.00 – 10.15	Domínio da Expressão Motora	Jogo: Blocos de gelo	Sala
10.15 – 10.45	Domínio da Matemática	Calculadores Multibásicos	Sala
10.45 – 11.00	Recreio	Bolacha Jogos orientados Expressão livre	Pátio
11.00 – 12.00	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<u>Pinguim Carteiro</u>	Sala
12.00 – 13.00	Almoço e recreio	Higiene Almoço Jogos orientados	Refeitório e pátio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 21/3/2011

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">As aves:<ul style="list-style-type: none">O pinguim.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com os alunos sentados em várias filas.<ul style="list-style-type: none">Colocar o disfarce de pinguim e conversar com as crianças sobre a temática a abordar.Explorar as características gerais das aves.<ul style="list-style-type: none">Explorar as características gerais dos pinguins (habitat, alimentação e reprodução).Dialogar sobre algumas curiosidades dos pinguins.<ul style="list-style-type: none">Solicitar a colaboração das crianças para descreverem um pinguim bebé.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">ObservarIdentificarCaracterizarExpressão oral<ul style="list-style-type: none">Fluidez mentalAgilidade de expressão	<ul style="list-style-type: none">Tolerância<ul style="list-style-type: none">InteresseSaber escutarSaber ouvirCriatividade<ul style="list-style-type: none">EspontaneidadeCuriosidade
Material: Globo terrestre, geleira com pedras de gelo, disfarce de pinguim, ovos, pinguim construído em esferovite e peluche de um pinguim bebé.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 15 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 21/3/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Jogo de equipa:<ul style="list-style-type: none">- Blocos de gelo.	<ul style="list-style-type: none">• Dividir a turma em dois grupos.<ul style="list-style-type: none">- Explicar as regras do jogo.• Iniciar o jogo com a primeira equipa.<ul style="list-style-type: none">- Verificar o tempo utilizado até à conclusão do percurso e realizar o mesmo procedimento com a segunda equipa.• Os alunos da mesma equipa devem conseguir realizar um percurso pisando apenas os blocos de gelo consistentes.<ul style="list-style-type: none">- Ganha a equipa que conseguir atravessar os blocos de gelo em menos tempo.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Situar- Identificar- Noção de tamanho• Expressão corporal<ul style="list-style-type: none">- Explorar- Coordenar	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Empenho- Respeito- Honestidade• Cooperação<ul style="list-style-type: none">- Colaborar- Trabalhar em equipa
Material: Cartolinas brancas de vários tamanhos que representem blocos de gelo, no verso das cartolinas devem constar carinhas que indiquem se o bloco de gelo é consistente ou não.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 21/3/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Cálculo mental.• Adição e divisão.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com os alunos sentados nos respetivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Colocar questões relativas ao material Calculadores Multibásicos.• Explorar uma situação problemática que envolva a adição.<ul style="list-style-type: none">- Representar no quadro com o auxílio de imagens de peixes.• Realizar uma situação problemática que compreenda a divisão.<ul style="list-style-type: none">- Efetuar perguntas de cálculo mental.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">- Analisar- Fluidez mental- Resolução de problemas• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Interpretar- Representar	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Compreender- Participar de forma ordenada• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Precisão
Material: Calculadores Multibásicos, imagens de três pinguins e um bloco de gelo, imagens de apoio (peixes).	

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 21/3/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura:<ul style="list-style-type: none">- Leitura e escrita de moradas.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com os alunos sentados em várias filas.<ul style="list-style-type: none">- Ler a história <u>Pinguim Carteiro</u>.• Pedir às crianças para lerem as moradas presentes no texto.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para a identificação das personagens que vão aparecendo ao longo da história.• Realizar uma proposta de atividade.<ul style="list-style-type: none">- Escrever a morada do pinguim carteiro.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Leitura compreensiva- Vocalização- Entoação• Expressão escrita<ul style="list-style-type: none">- Ortografia- Caligrafia	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Dialogar- Participar de forma ordenada• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: História, envelopes com moradas e proposta de atividade.	

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

-

Nome: _____ **Data:** _____

K7

Jardim-Escola João de Deus da Estrela


Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

- Escreve a morada do pinguim carteiro.

Mila

Rua do gelo n.º 10

Rio Norte

A drawing of two penguins wearing green suits and pink bowties, dancing. The penguin on the left is in a dynamic pose with one leg raised and arms outstretched. The penguin on the right is also in a similar pose, facing the first penguin. They are both smiling and appear to be having fun.

Nome: _____ Data: *21.3.2011*

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela


Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

- Escreve a morada do pinguim carteiro.

Maib

Rua do gelo n.º 10

Pólo Norte



Nome: _____

Data: 21.3.2011

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE

Anexo L

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 30 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 5 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Rita Durão

Data: 30/3/2011












Área de Expressão e Comunicação **Domínio da Matemática**

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Formas geométricas.• Cores.• Tamanhos.• Espessuras.• Tabela de dupla entrada.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com os alunos sentados nos respectivos lugares.• Colocar questões relativas ao material Blocos Lógicos.• Rever os quatro atributos dos Blocos Lógicos: forma, cor, tamanho e espessura.• Realizar um jogo com as peças dos Blocos Lógicos onde cada criança pede a outra uma peça com um ou dois atributos diferentes.• Completar a tabela de dupla entrada com peças que representam os Blocos Lógicos.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">- Comparar- Diferenciar- Fluidez mental• Classificação<ul style="list-style-type: none">- Observar- Identificar	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Empenho- Esforço• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Precisão- Expressão clara
Material: Blocos Lógicos, tabela de dupla entrada e caixa com seis peças que representam os Blocos Lógicos.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Matemática

- Cola as peças que representam os Blocos Lógicos e completa a tabela de dupla entrada.

Atributos Peças	Forma				Tamanho		Cor			Espessura	
											

Nome: _____ Data: _____

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires n.º3 MPE

Anexo M

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

Data: 27/4/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

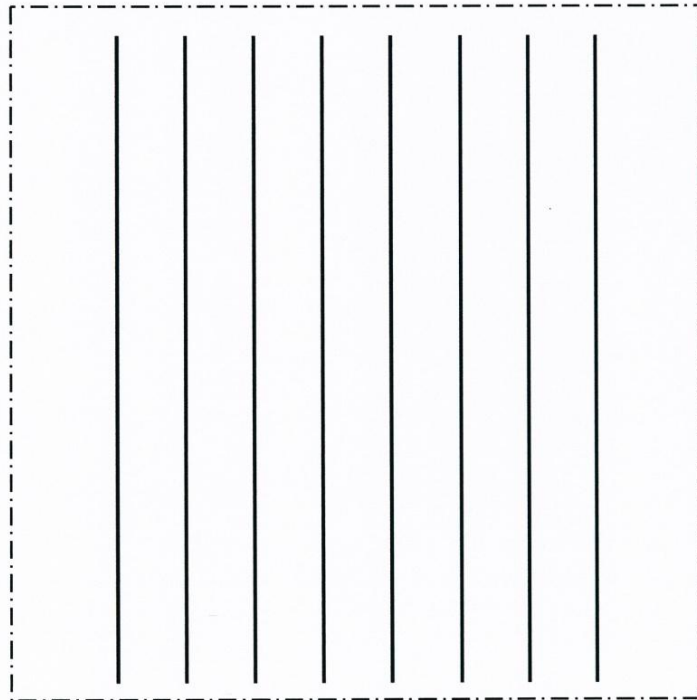
CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura:<ul style="list-style-type: none">- Interpretação de imagens- Escrita criativa	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Iniciar a aula com as crianças sentadas em várias filas.• Contar a história: <u>Mamã Maravilha</u>.<ul style="list-style-type: none">- Pedir às crianças para caracterizarem a sua mãe.• Explorar a história com os alunos.<ul style="list-style-type: none">- Realizar uma proposta de atividade.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral e escrita<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver o vocabulário- Produção de mensagens- Representação gráfica• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Situar- Representar	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Participar de forma ordenada• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Livro, cartolina de formato A₃ e proposta de atividade.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

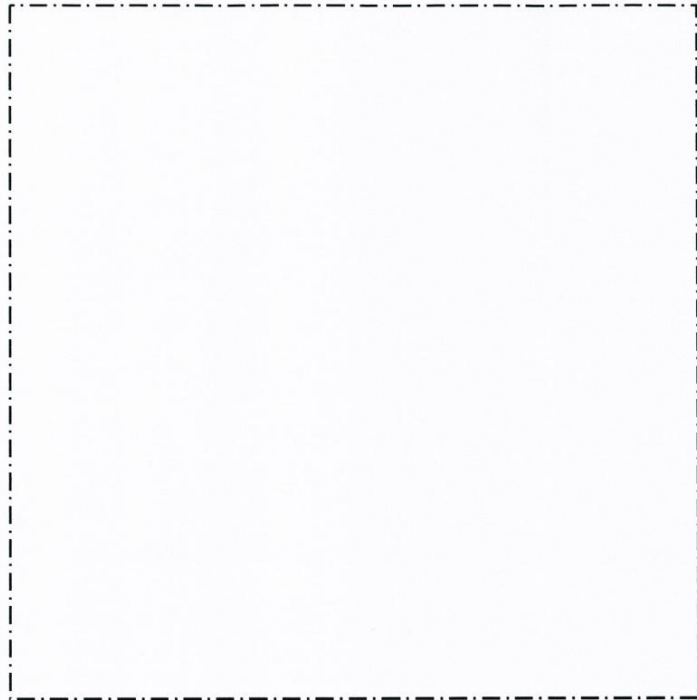
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

“Dia da mãe”

- Escreve uma mensagem para a tua mãe.



- Desenha o seu retrato.



Nome: _____

Data: _____



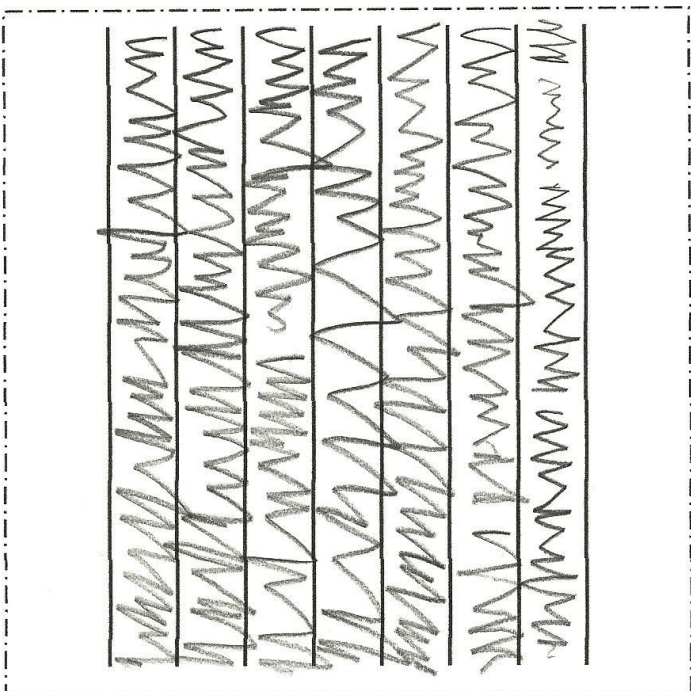
Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires n.º3 MPE

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

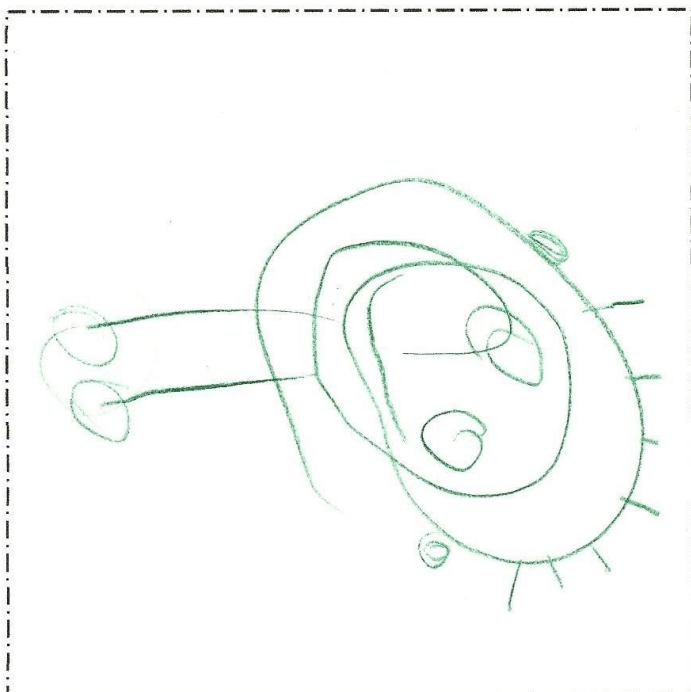
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

“Dia da mãe”

- Escreve uma mensagem para a tua mãe.



- Desenha o seu retrato.



Nome: _____

Data: 27.4.2011

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE



Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

“Dia da mãe”

- Escreve uma mensagem para a tua mãe.

TELEFONE

1000 4 40 10 10 10

1000 4 40 10 10 10

1000 4 40 10 10 10

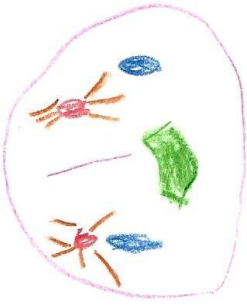
1000 4 40 10 10 10

1000 4 40 10 10 10

1000 4 40 10 10 10

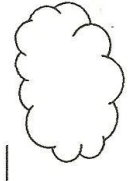
1000 4 40 10 10 10

- Desenha o seu retrato.



Nome: _____

Data: 27.4.2011



Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE

Anexo N

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Planificação de uma manhã de atividades

Faixa Etária: 3 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Mónica Gonçalves

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 6/5/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Actividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Salão
9.30 – 10.00	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Poema – <u>Frutos</u> de Eugénio de Andrade	Sala
10.00 – 10.30	Educação Física	Exercícios e jogos orientados	Ginásio
10.30 – 11.00	Recreio	Expressão livre	Pátio
11.00 – 11.30	Educação Musical	Canções	Sala
11.30 – 12.00	Conhecimento do Mundo	Os frutos	Sala
12.00 – 15.00	Almoço e sesta	Higiene Almoço Sesta	Refeitório e sala
15.00 – 15.30	Domínio da Matemática	Teoria de conjuntos	Sala
15.30 – 16.30	Expressão Plástica	Carimbos com frutos	Sala
16.30 – 17.00	Lanche e saída	Higiene Lanche Expressão livre	Refeitório e pátio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

Data: 6/5/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Poema.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.<ul style="list-style-type: none">Ler o poema <u>Frutos</u> de Eugénio de Andrade.Pedir às crianças para descobrirem o nome do poema.<ul style="list-style-type: none">Solicitar a colaboração das mesmas para a realização de gestos, apelando aos seus sentidos.Descrever às crianças o meu fruto preferido.<ul style="list-style-type: none">Levar as crianças a falarem sobre os frutos que mais gostam.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Expressão oral<ul style="list-style-type: none">InterpretaçãoFluidez mentalEnunciar ideiasParticipar<ul style="list-style-type: none">IniciativaImprovisação	<ul style="list-style-type: none">Convivência<ul style="list-style-type: none">ParticipaçãoColaboraçãoPartilhaCriatividade<ul style="list-style-type: none">EspontaneidadeImaginação
Material: Poema de Eugénio de Andrade - <u>Frutos</u>.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

Data: 6/5/2011

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Os frutos.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Dialogar com as crianças sobre a temática a abordar.Explorar as características gerais dos frutos.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para a descrição dos mesmos.Realizar alguns jogos que envolvam os sentidos dos alunos (tacto, olfacto, paladar e visão).
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">- Observar- Identificar- CaracterizarRelacionar<ul style="list-style-type: none">- Distinguir- Memorizar	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Participar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Atenção- Motivação
Material: Frutos, vendas, taças, colheres e guardanapos.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

Data: 6/5/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Contagens;• Teoria de conjuntos:<ul style="list-style-type: none">- Conjunto singular;- Conjunto vazio;- Representação de conjuntos.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Distribuir o material.• Solicitar a colaboração das crianças para identificarem os frutos distribuídos.<ul style="list-style-type: none">- Efetuar contagens com os frutos.• Pedir às crianças para realizarem alguns conjuntos.<ul style="list-style-type: none">- Representar com os algarismos móveis o número de elementos que constitui cada conjunto.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio - lógico<ul style="list-style-type: none">- Identificar- Relacionar- Diferenciar• Classificação<ul style="list-style-type: none">- Analisar- Selecionar	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Autonomia- Atenção- Esforço• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Precisão- Expressão clara
Material: Sacos, frutos construídos em cartolina, linhas fronteiras, cartão, algarismos móveis e instrumento musical.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

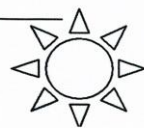
Domínio da Expressão Plástica

“Os frutos”

- Carimba o fruto no centro da folha.

Nome: _____ Data: _____

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires n.º3 MPE

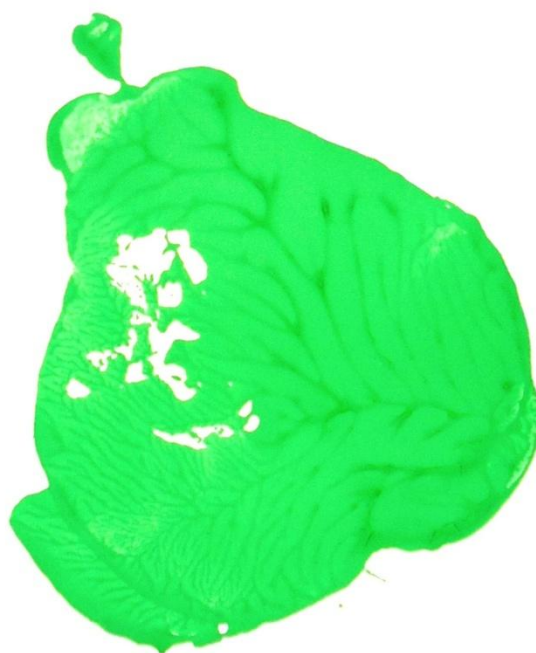


Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Domínio da Expressão Plástica

“Os frutos”

- Carimba o fruto no centro da folha.



Nome: _____

Data: 6/5/2011

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires nº3 MPE



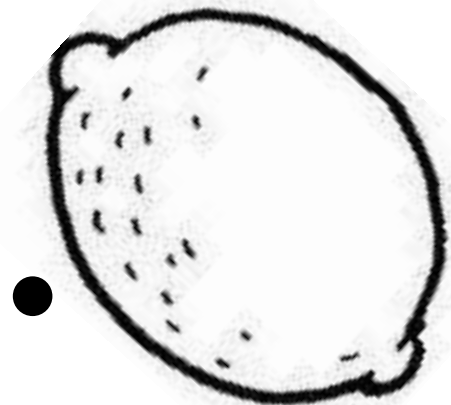
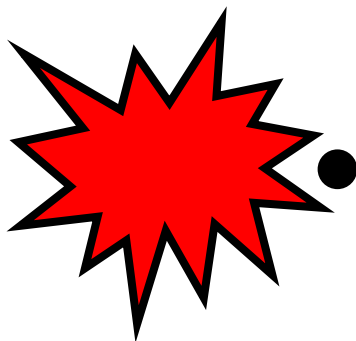
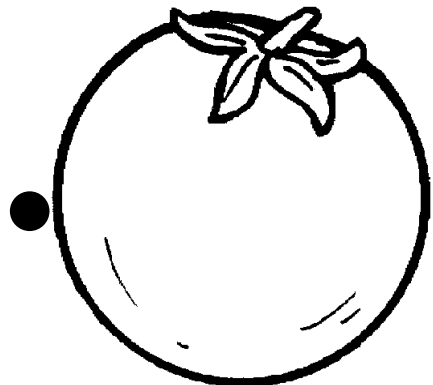
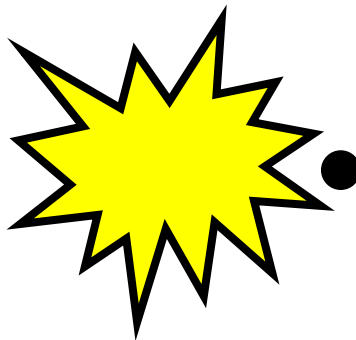
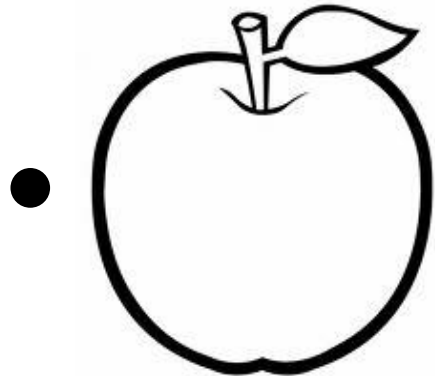
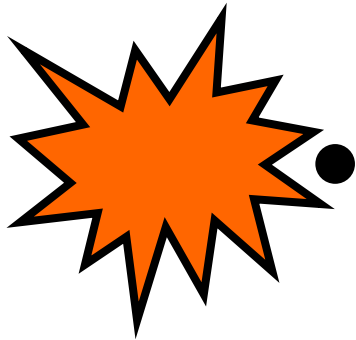
Anexo O

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Área do Conhecimento do Mundo

“Os frutos”

- Faz a correspondência entre as cores e os frutos.
- Pinta os frutos com as cores correspondentes.



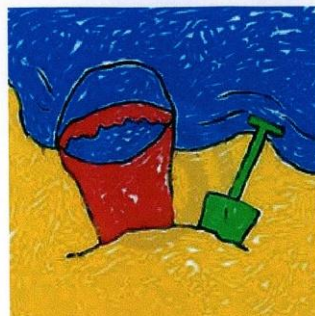
Nome: _____ Data: _____

Proposta de atividade realizada por: Ana Sofia Pires n.º3 MPE



Anexo P

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Planificação de uma manhã de atividades

Faixa Etária: 3 anos

Ana Sofia Pires N.º 3

Educadora: Mónica Gonçalves

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 8/6/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Atividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Pátio
9.30 – 10.00	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	"Onda"	Sala
10.00 – 10.30	Domínio da Matemática	3º Dom de Fröebel	Sala
10.30 – 10.45	Recreio	Expressão livre	Pátio
10.45 – 11.00	Jogo	"Mergulhos no mar"	Pátio
11.00 – 11.45	Conhecimento do Mundo	A praia	Sala
11.45 – 15.00	Almoço e sesta	Higiene Almoço Sesta	Refeitório e sala

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

Data: 8/6/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura:<ul style="list-style-type: none">- Leitura e interpretação de imagens.	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Levar as crianças a ouvir o som das ondas do mar, para que descubram o nome da história.• Mostrar uma apresentação em PowerPoint.<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração das crianças para contarem a história denominada “Onda”, através da leitura e interpretação das imagens expostas.• Pedir às crianças para criarem o final da história.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Interpretação- Enunciar ideias- Fluidez mental• Raciocínio-lógico<ul style="list-style-type: none">- Observar- Relacionar	<ul style="list-style-type: none">• Criatividade<ul style="list-style-type: none">- Imaginação- Espontaneidade- Originalidade• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Dialogar- Participar de forma ordenada
Material: CD com o som das ondas do mar, computador, projetor e PowerPoint.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

Data: 8/6/2011

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Contagens;• Cálculo mental:<ul style="list-style-type: none">- Concreto e abstrato.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.<ul style="list-style-type: none">- Distribuir o material.• Envolver as crianças numa história.<ul style="list-style-type: none">- Executar três construções com o 3º Dom de Fröebel: o comboio, o muro baixo, as cadeiras e a mesa.• Colocar diversas situações problemáticas que explorem o cálculo mental.<ul style="list-style-type: none">- Realizar uma construção livremente.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio-lógico<ul style="list-style-type: none">- Fluidez mental- Observar- Interpretar• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Organizar a informação- Mencionar ideias	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Dialogar- Participar de forma ordenada• Criatividade<ul style="list-style-type: none">- Imaginação- Espontaneidade
Material: 3º Dom de Fröebel, bonecos e borboletas.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Duração: 20 minutos

Ana Sofia Pires N.º3

Faixa Etária: 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora: Mónica Gonçalves

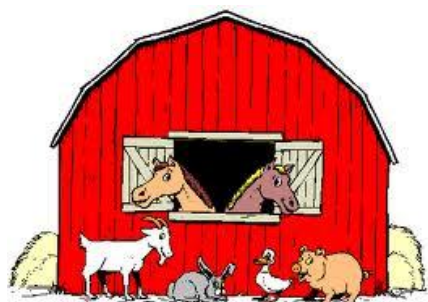
Data: 8/6/2011

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• A praia:<ul style="list-style-type: none">- Cuidados a ter com o sol;- Cuidados a ter com o mar;- As bandeiras.	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.<ul style="list-style-type: none">- Cantar a canção "O mar enrola na areia".• Conversar com as crianças sobre as suas vivências na praia.<ul style="list-style-type: none">- Relembrar os cuidados a ter com o sol e com o mar.• Retirar de dentro de uma mala alguns objetos que utilizamos na praia, tais como: a toalha, o protetor solar, os óculos de sol.• Dialogar com as crianças sobre a utilidade e importância destes objetos.<ul style="list-style-type: none">- Explorar atitudes corretas e incorretas.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Interpretação- Enunciar ideias- Fluidez mental• Raciocínio-lógico<ul style="list-style-type: none">- Observar- Relacionar	<ul style="list-style-type: none">• Criatividade<ul style="list-style-type: none">- Imaginação- Espontaneidade- Originalidade• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Dialogar- Participar de forma ordenada
Material: Mala com objetos que se utilizam na praia, disfarce de nadador salvador, bandeira verde, amarela e encarnada, tapete para o jogo.	

Anexo Q

Jardim-Escola João de Deus da Estrela



Proposta de planificação

Faixa Etária: 4 anos

Ana Sofia Pires N.º3

Educadora: Ana Rita Costa

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Data: 17/6/2011

Horas	Área/Domínio	Tema da Atividade	Local
9.00 – 9.30	Acolhimento	Canções de roda Higiene	Pátio
9.30 – 9.50	Domínio da Matemática	Itinerário e cálculo mental	Salão
9.50 – 10.10	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	A quinta do Miguel	Salão
10.10 – 10.30	Área do Conhecimento do Mundo	Os mamíferos e as aves	Salão
10.30 – 10.45	Domínio da Expressão Motora	Puzzle	Ginásio

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Itinerário.• Cálculo mental.	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos respectivos lugares.• Colocar questões relativas ao material Cuisenaire.• Envolver as crianças numa história.• Executar um itinerário segundo as indicações dadas.• Substituir as peças do itinerário estimulando o cálculo mental.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio-lógico<ul style="list-style-type: none">- Fluidez mental- Interpretar- Aplicar• Orientação espacial<ul style="list-style-type: none">- Situar- Noção de tamanho e distância	<ul style="list-style-type: none">• Rigor<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Precisão- Expressão clara• Respeito<ul style="list-style-type: none">- Escutar- Participar de forma ordenada
Material: Cuisenaire, proposta de atividade para realizar o itinerário, placard com a proposta de atividade em dimensões maiores e cartolinas de cor que representem as peças do Cuisenaire.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Estimulação à leitura:<ul style="list-style-type: none">- Leitura de imagens;- Adivinhas;- Elaboração de uma canção.	<ul style="list-style-type: none">• Organizar o espaço da sala.• Começar a aula com os alunos sentados em várias filas.• Iniciar a canção “A quinta do Miguel”.• Solicitar a colaboração das crianças para descobrirem as pistas (adivinhas, sons, fantoches e objetos) que se encontram dentro de caixas numeradas.• Juntar o animal descoberto à canção iniciada anteriormente.• No final cantar a canção completa com sons e gestos.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral<ul style="list-style-type: none">- Fluidez mental- Agilidade de expressão- Utilização da voz• Raciocínio-lógico<ul style="list-style-type: none">- Observar- Relacionar	<ul style="list-style-type: none">• Convivência<ul style="list-style-type: none">- Participação- Colaboração- Entreatuda• Criatividade<ul style="list-style-type: none">- Ser curioso- Interpretar
Material: Caixas numeradas com pistas sobre os animais, rádio, CD com os sons dos animais, adivinhas, fantoches, objetos que remetem a um animal e livro com a sequência dos animais.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">Os animais:<ul style="list-style-type: none">- As aves;- Os mamíferos.	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com as crianças sentadas em semicírculo.Solicitar a colaboração das crianças para colocarem os animais na maquete da quinta.Relembrar as características gerais das aves e dos mamíferos.Apresentar duas cercas, uma que pertence a uma ave e outra que pertence a um mamífero.Mostrar um pato e um coelho vivos.Conversar com as crianças sobre algumas particularidades destes animais.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">- Observar- Caracterizar- DistinguirExpressão oral<ul style="list-style-type: none">- Enunciar ideias- Fluidez mental	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- Ouvir- Dialogar- Participar de forma ordenadaResponsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Interesse- Motivação
Material: Maquete da quinta, representações dos animais da quinta, duas cercas, um coelho e um pato vivos.	

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Plano de aula

Área de Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS / MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none">• Ações motoras básicas.• Jogo Infantil.	<ul style="list-style-type: none">• Dividir a turma em duas equipas.• Distribuir os bicos às crianças do grupo dos patos e as orelhas aos membros da equipa dos coelhos.• Explicar as regras do jogo.• Sempre que as crianças se dirigirem ao placar para completar o puzzle devem imitar o animal referente à sua equipa.• Executar a construção dos puzzles.• Ganha a equipa que conseguir construir o puzzle corretamente no menor espaço de tempo.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES / DESTREZAS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none">• Expressão corporal<ul style="list-style-type: none">- Coordenação- Equilíbrio- Criatividade• Socialização<ul style="list-style-type: none">- Observar- Conviver	<ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">- Empenho- Interesse- Respeito• Solidariedade<ul style="list-style-type: none">- Ajudar- Colaborar
Material: Orelhas para a equipa dos coelhos, bicos para a equipa dos patos, puzzle de um coelho, puzzle de um pato.	